



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL



FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ECONOMIA

CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

DISCIPLINA DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO



SEMESTRE 2015/01

PROF. WILSON MARCHIONATTI

Sumário

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL	1
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ECONOMIA	1
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS.....	1
DISCIPLINA DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO	1
SEMESTRE 2015/01.....	1
PROF. WILSON MARCHIONATTI.....	1
APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA.....	10
PLANO DE ENSINO.....	11
BIBLIOGRAFIA	12
REGRAS DA DISCIPLINA	13
A HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO.....	14
O que é pensamento?	15
História econômica?.....	15
Perspectiva ampla da história do pensamento econômico	18
DA AUTORIDADE E TRADIÇÃO À ORDEM DE MERCADO	19
Retrospectiva histórica	20
.....	21
Definindo o capitalismo.....	22
Capitalismo segundo Hunt	22
Questionando as 4 características básicas de Hunt.....	22
.....	22
Sistemas e sobrevivência humana	22
A difícil arte de sobreviver	23
Passagens do livro de Heilbroner (página 22).....	23
O homem é bom por natureza?.....	23
A sociedade primitiva.....	23
Como chegamos até aqui?.....	23
Passagens do livro de Heilbroner (página 22).....	24
Sociedade ainda autoritária	24

Uma terceira solução	24
Passagens do livro de Heilbroner (página 24).....	25
Questionário.....	26
MERCANTILISTAS	27
Contexto da fase inicial (bulionismo).....	30
O que motivava o pensamento mercantilista?	30
Entendendo os preços.....	30
Separação entre Estado e Igreja.....	30
Protestantismo – Século XVII e XVIII	31
Lidando com a mudança de espírito	31
O fortalecimento do capitalista.....	32
Individualismo	32
Autores mercantilistas	32
Análise final do mercantilismo	32
O desafio mercantilista atual	32
FISIOCRATAS	35
Fisiocracia	38
Receituário	38
Modelo econômico fisiocrata.....	38
Três classes sociais	38
Implicações do quadro econômico de Quesnay para a teoria econômica	38
Pensamento econômico da época	39
Questionário.....	40
ADAM SMITH.....	41
Vida.....	48
Contexto histórico	48
Visão histórica	48
A mão invisível.....	49
Tipos de renda.....	49
Como crescer economicamente?	49

Conflito de classes	50
A divisão do trabalho.....	50
A noção de bem-estar	50
O governo	50
Teoria do Valor	51
As urgências do desejo e suas dívidas	52
Questionário.....	55
Malthus	56
Vida.....	59
Duas preocupações	59
Em defesa dos trabalhadores.....	59
Leis naturais.....	59
O que mantém a pobreza?.....	59
Um mundo de bilhões é inevitável, mas a catástrofe talvez não seja	59
Artigo, Valor Econômico, por Clive Cookson.....	59
A essência do pensamento de Malthus	62
Teoria da superprodução	62
Como contornar a superprodução	62
Malthus revelado	62
Questionário.....	63
Ricardo	64
Vida.....	69
Teoria da renda e do lucro	69
Situação para exemplificar a teoria.....	69
Funcionamento econômico.....	71
Conclusão	71
Comércio internacional	72
Ganhadores e perdedores	73
Teoria do valor-trabalho.....	75
Determinação dos Preços com diferentes composições do Capital	76

Lei de Say	77
Questionário.....	78
Karl Marx.....	80
Vida.....	87
O capital.....	87
Discussões sobre valor	87
Trabalho útil VS trabalho abstrato	88
Produto = mercadoria?	88
Produção em diferentes sistemas	88
Mais-valia	88
Matemática da mais-valia	89
Essência do capitalismo.....	89
Acumulação primitiva.....	89
Contextualizando a mais-valia.....	89
Fetichismo da mercadoria.....	90
Alienação	90
Coletivismo vs Socialismo vs Comunismo	90
Acumula de capital e suas consequências	91
Marx atrai jovens em busca de explicações para crises urbanas	92
Questionário.....	97
Liberalismo (Utilitarismo e marginalismo)	99
Período e contexto	112
A empresa moderna.....	112
A mão-invisível	112
Mais mudanças.....	112
Necessidade de aprimoramento da ciência	113
Neoclássicos	113
Microeconomia	113
Teoria do consumidor	113
Curvas de indiferença.....	114

Restrição orçamentária	114
Teoria da firma - produção.....	115
Maximização do produtor	115
Equilíbrio	115
Desequilíbrios.....	115
Conclusão	116
Equilíbrio no lado monetário.....	116
Conclusão dos neoclássicos sobre política monetária	116
Racionalidade	117
Críticas	117
Premissas.....	117
Externalidades.....	118
Caso dos bens públicos	118
Ineficiência de produção	118
Filosofia política sobre a redistribuição (livro Introdução à economia, Mankiw).....	118
Questionário.....	120
Crescimento e desenvolvimento econômico (Oded Galor).....	122
Crescimento econômico.....	123
Desenvolvimento econômico.....	123
Crescimento econômico historicamente	123
Causas do crescimento econômico	123
PIB per capita	123
População VS crescimento econômico	124
Transição de pré para pós-malthusiano.....	125
Redução da população	125
Resposta	125
Reação tardia.....	126
Questionário.....	131
Keynes.....	132
Vida.....	139

Seu legado	140
Keynes sobre seus ensinamentos	140
Os clássicos, segundo Keynes.....	140
Relembrando o equilíbrio de mercado segundo os neoclássicos	141
Pleno emprego	141
Como aumentar o emprego segundo os clássicos.....	141
Conclusão de Keynes sobre os clássicos	141
A crise de 1929	142
O princípio da demanda agregada	142
Demanda e oferta agregada.....	143
Propensão marginal a consumir.....	144
Propensão a consumir.....	145
Características da propensão a consumir	145
Hiato entre consumo e produção	148
Investimentos.....	148
Eficácia marginal do capital.....	148
Os juros.....	149
Preferência pela liquidez	149
Oferta de moeda	149
Resumo dos efeitos dos instrumentos do BACEN sobre a liquidez do mercado.....	151
✓ BACEN, a dívida e a economia	151
Poupança e investimento.....	152
Determinação do nível de emprego.....	152
Amostra do receituário keynesiano	152
O que Keynes faria em 2014?	153
Questionário.....	155
Grandes economistas do século XX.....	157
Pós-Keynes	158
Paul Samuelson (1915-2009).....	158
Friederich Hayek (1899 – 1992)	163

Joseph Schumpeter (1883 – 1950).....	166
Kenneth Galbraith (1908-2006).....	166
Milton Friedman (1912 - 2006)	171
Robert Lucas (1937 -).....	176
Amartya Sen (1933 -).....	179
Questionário.....	180
Escolas do pensamento macroeconômico.....	181
Escolas macroeconômicas.....	182
Economia clássica.....	182
Economia clássica - receituário	183
Economia keynesiana.....	183
Economia keynesiana - Receituário	183
Monetaristas	183
Monetaristas - Receituário.....	184
Novo clássicos	184
Novo clássicos - Receituário.....	184
Nekeynesianos	184
Keynesianos - Receituário	185
Conclusões – pontos de consenso	185
Conclusões - discordâncias.....	185
Quem está em voga?.....	185
Consenso de Washington.....	186
Receituário de Washington	186
Consenso de Beijing	186
Questionário.....	187
Qual é o papel do economista?.....	190
A universidade e o economista	190
✓ Definição da American Economic Association:.....	190
✓ Ambiente de formação do economista	190
Trecho de Olavo de Carvalho	191

Trecho de Olavo de Carvalho	191
Trecho de Olavo de Carvalho	192
O economista e o interesse geral.....	193
Economia normativa (ética) VS economia positiva (engenharia)	193
Trecho de Amartya Sen.....	193
O economista e o poder	193
Rediscutindo o bem.....	194
FUTURO DA CIÊNCIA E ABORDAGENS ALTERNATIVAS.....	196
Perspectiva ampla da história do pensamento econômico	197
Estabilidade e ciclos econômicos	198
Finanças corporativas e investimentos	198
Desenvolvimento econômico.....	198
Felicidade interna bruta	199
Exemplo de abordagem alternativa – Economia espiritual dos Vedas	205
Entrevista com Amit Goswami.....	205
Revista Planeta, Dezembro de 2007, por Inês Castilho.....	205
Economia budista	208
Doutrina social da Igreja.....	209
Caridade em números.....	210
Ranking de países em caridade.....	210
Variações dos índices de caridade	210
.....	210
Com foco empresarial, grupo de bilionários redefine a filantropia nos EUA	211
Matéria, O Globo, 15/01/2011, por Fernanda Godoy	211
SIMULADO G2.....	213

APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

Semestre 2015 - 01				
CODICRED	DISCIPLINA	SALA	TURMA	HORÁRIO
25186-04	HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO	714	569	6LMNP
Ementa	Estudo e interpretação de fenômenos históricos, sociais e da análise crítica e propositiva da idéias dos principais pensadores que influenciaram o pensamento das ciências sociais, sobretudo, a economia. Trabalha a cultura econômica ao trazer para o debate as escolas do pensamento diante das realidades sociais de seu tempo.			
Objetivo da Disciplina	Ao final do semestre, o aluno deverá compreender a evolução do pensamento econômico a partir da modificações das realidades sociais ao longo do tempo.			
Metodologia	A Disciplina será ministrada, essencialmente, através de aulas expositivas com a participação direta dos alunos.			
Professor		E-mail:		
Currículo Resumido				

PLANO DE ENSINO

Aula/Data		Atividades	Procedimentos	
1	6-mar	Apresentação A história do pensamento econômico		
2	13-abr	Linha do tempo Da autoridade e tradição à ordem de mercado		
3	20-mar	Mercantilistas Fisiocratas		
4	27-mar	Adam Smith		
5	3-abr	Semana Santa - Feriado Escolar		
6	10-abr	P1		
7	17-abr	Malthus Ricardo		
8	24-abr	Karl Marx		
9	1-mai	Dia do Trabalho - Feriado Nacional		
10	8-mai	Liberalismo (utilitarismo e marginalismo)		
11	15-mai	Liberalismo (continuação) Crescimento e Desenvolvimento econômico (Oded Galor)		
12	22-mai	P2		
13	29-mai	Keynes		
14	5-jun	Samuelson Schumpeter Hayek Galbreith Friedman Lucas Amartya Sen		
15	12-jun	Modernas escolas do pensamento econômico		
16	19-jun	A economia no presente e no futuro Solução de dúvidas Discussão livre		
17	26-jun	P3		
18	3-jul	Prova Especial		
19	10-jul	G2		

AE - Aula Expositiva AD - Aula distância LI - Laboratório de Informática TG - Trabalho em Grupo TI - Trabalho Individual

BIBLIOGRAFIA

Referências	
Básica	HUNT, E. K. História do Pensamento Econômico. 9ª ed. Petrópolis: Campus, 1991.
Básica	DUDLEY, DILLARD. A teoria econômica de John Maynard Keynes.
Básica	JOCHER, Torsten. An Introduction to Competing Macroeconomic School of Thoughts. Artigo.
Complementar	Textos especiais do CFE, sobre Grandes Economistas.
Complementar	GALOR, Oded. Teoria unificada do crescimento econômico. World Economics, vol.9, n.2.
Complementar	SKYDELSKY, Robert. Keynes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
Complementar	LESSA, Carlos. Conceito de política econômica.
Complementar	Livro da economia. São Paulo: Globo Livros, 2013.

REGRAS DA DISCIPLINA

O que o aluno deve esperar do professor:

- 1) Daremos prioridade a um conteúdo amplo, com objetivo de desenvolvimento intelectual e visão crítica.
- 2) Vou cobrar o domínio do conteúdo exposto.
- 3) Estarei sempre disponível para ajudar vocês com o conteúdo. Entrem em contato pelo email wilson.marchionatti@pucri.br, a resposta será sempre rápida.
- 4) Respeito e solidariedade às necessidades de vocês.

Como serão as aulas:

- 1) Aulas expositivas com material eletrônico, que deve ser acompanhado pela apostila.

Como serão as avaliações:

- 1) São 3 blocos de conteúdo, 3 provas.
- 2) Há a possibilidade de PS somente para quem perdeu alguma prova, sem exceções.
- 3) O conteúdo da PS é cumulativo.

O que o professor espera do aluno:

- 1) Compreensão da importância do conteúdo e consciência de que dominá-lo vai ajudar na evolução profissional e humana de vocês.

Sobre arredondamentos:

- 1) A média final do semestre é arredondada para 7.0 somente se o aluno tirar 6.8 ou 6.9. Não há arredondamento de 0.3 ou mais.

A HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO

O que é pensamento?

- ✓ Descartes:

"A essência do homem é pensar".

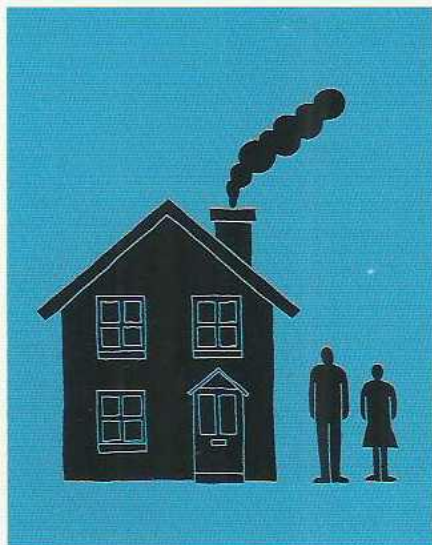
"Sou uma coisa que pensa, isto é, que duvida, que afirma, que ignora, que ama, que odeia, que quer e não quer, que também imagina e que sente".

"Penso, logo existo."

- ✓ Por meio de processos mentais, criamos formas de compreender e modificar o mundo em que vivemos.
- ✓ É o pensamento que nos permite avaliar.

História econômica?

- ✓ Pensamos sobre diversas realidades.
- ✓ E poucas realidades são tão importantes em nossas vidas quanto à realidade material, econômica, financeira.
- ✓ O pensamento econômico nos permite avaliar nossa realidade material:
 - Escassez:
 - Precisamos de coisas para viver que não são facilmente alcançadas, e são finitas.
 - Produtividade.
 - Nosso tempo e recursos são escassos, precisamos produzir bastante com o que temos.
 - Segurança.
 - A busca por sobrevivência é uma preocupação comum da vida terrestre. Os seres são geneticamente desenhados para sobreviver.
 - Ao passo que intelectualizamos essa busca pela sobrevivência, tornamos isso um processo mais complexo, e passamos a buscar uma sobrevivência assegurada no longo prazo.
 - Nível de bem-estar.
 - O ser humano após ultrapassar o obstáculo da sobrevivência, cada vez mais se preocupa como sua qualidade de vida, essa associada ao conforto material.



A PROPRIEDADE DEVE SER PRIVADA

DIREITOS DE PROPRIEDADE

EM CONTEXTO

FOCO

Sociedade e economia

PRINCIPAL PENSADOR

Aristóteles (384-322 A.C.)

ANTES

423-347 A.C. Platão afirma em *A república* que, pelo bem comum, os governantes devem manter a propriedade coletiva.

DEPOIS

1-250 Na lei romana clássica a soma dos direitos e poderes de uma pessoa sobre uma coisa chama-se *dominium*.

1265-74 Tomás de Aquino diz que ter posses é natural e bom, mas a propriedade privada é menos importante que o bem público.

1689 John Locke diz que o que você cria com o próprio trabalho é seu de direito.

1848 Karl Marx escreve o *Manifesto comunista*, defendendo a total abolição da propriedade privada.

Começamos a aprender sobre propriedade e pertences pessoais ainda nas disputas por brinquedos na tenra infância. Muitas vezes nem se dá atenção a esse conceito, mas não há nada inevitável nele. A propriedade privada é fundamental para o capitalismo. Karl Marx (p. 105) observou que a riqueza gerada pelo capitalismo dá às sociedades “uma imensa coleção de mercadorias” que são privadas e podem ser comercializadas para dar lucro. As empresas também são propriedade privada e têm fins lucrativos em um mercado livre. Sem a ideia de



A proteção da propriedade privada é importante nos países capitalistas. Esta casa em Varsóvia, Polônia, é a mais segura já construída: vira um cubo de aço ao toque de um botão.

propriedade privada, não há possibilidade de ganho pessoal – não há nem razão para entrar no mercado. Na verdade, não existe mercado.

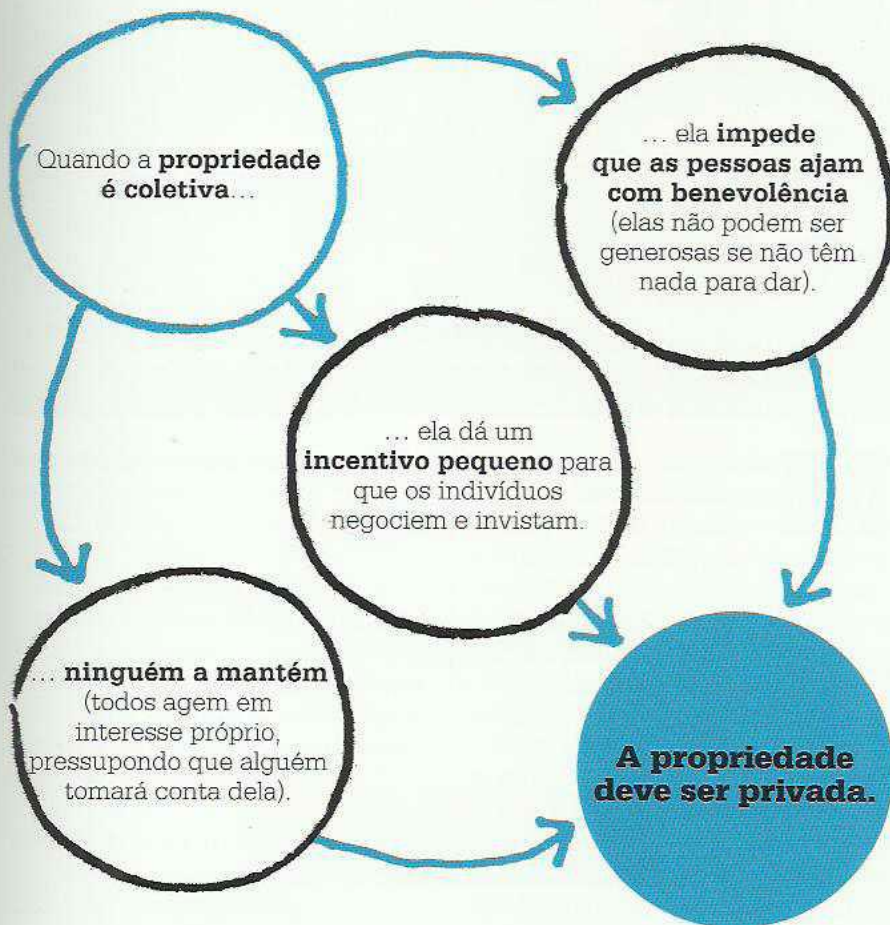
Tipos de propriedade

“Propriedade” abrange uma ampla gama de coisas, de bens materiais a propriedade intelectual (como patentes ou texto escrito). Ela faz parte de áreas que nem os economistas do livre mercado defendem, como a escravidão, em que as pessoas são mercadoria.

Do ponto de vista histórico, a propriedade material se organizou de três modos diferentes. Primeiro, tudo pode ser coletivo e usado por quem desejar, com base na confiança mútua e no costume. Foi assim nas economias tribais e ainda é para os huoranis da Amazônia. Segundo, a propriedade pode ser mantida e utilizada coletivamente – a essência do sistema comunista. Terceiro, a propriedade pode ser particular, e cada pessoa é livre para fazer com ela o que quiser. Este é o conceito central do capitalismo.

Os economistas modernos tendem a justificar a propriedade privada pragmaticamente, com o argumento de que o mercado não pode funcionar sem alguma divisão de recursos. Os primeiros pensadores encaravam a propriedade de uma perspectiva

Veja também: Mercados e moralidade 22-23 ■ Fornecimento de bens e serviços públicos 46-47 ■ Economia marxista 100-05 ■ Definições de economia 171



Privado até onde?

Em toda sociedade moderna, algumas coisas são compartilhadas como propriedade coletiva, como ruas e parques. Outras, como carros, são propriedade privada. Os direitos de propriedade, ou posse legítima, em geral conferem ao dono direitos exclusivos sobre dado recurso, mas nem sempre é assim. O dono de uma casa em um bairro histórico, por exemplo, não pode demoli-la para construir uma fábrica ou um arranha-céu, nem mesmo alterar o uso do prédio atual. Os governos de todos os países do mundo reservam-se o direito de ignorar a propriedade privada quando achar necessário, por motivos que vão de necessidade de infraestrutura a questões de segurança nacional. Mesmo nos EUA, ferrenhos capitalistas, o governo pode obrigar um proprietário a abrir mão de seus direitos. Porém, a 14ª emenda à Constituição suaviza o golpe ao afirmar que o proprietário deve ser recompensado com o preço de mercado.

moral. O filósofo grego Aristóteles afirmou que “a propriedade deve ser privada”. Ressaltou que, quando a propriedade é coletiva, ninguém assume a responsabilidade de mantê-la e melhorá-la. Além disso, as pessoas só podem ser generosas se tiverem algo para dar.

O direito à propriedade

No século XVII, toda a terra e as moradias na Europa pertenciam de fato aos monarcas. O filósofo inglês John Locke (1632-1704), porém, defendeu os direitos individuais, dizendo que, como Deus nos deu o domínio sobre o próprio corpo,

também temos domínio sobre as coisas que fazemos. O filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) declarou depois que a propriedade privada é uma expressão legítima do indivíduo.

Outro filósofo alemão, no entanto, rejeitou inteiramente a propriedade privada. Karl Marx insistiu que o conceito de propriedade privada nada mais é que um meio pelo qual o capitalista expropria o trabalho do proletário, deixa-o na escravidão e o exclui. O proletariado é, na verdade, apartado do grupo seletivo que controla toda a riqueza e poder. ■



Sem dúvida é melhor a propriedade ser privada, mas o seu uso, comum; e a função especial do legislador é criar nos homens um temperamento benevolente.

Aristóteles



Perspectiva ampla da história do pensamento econômico

Surgem pensamentos embrionários sobre a organização política

Ausência de pensamento amplo e sistemático sobre a economia

3,5 bilhões a.C

Surgimento da vida na Terra

Cerca de 200.000 a.C

Primeiras evidências de surgimento do Homo Sapiens

Cerca de 50.000 a.C

Homem domina o fogo e começa a ter maior controle sobre a natureza.

Cerca de 10.000 a.C

Domínio da agricultura e gradual consolidação de organizações políticas baseadas em tradição e autoridade

Pensamento político evolui junto com o surgimento de impérios

1000 a.C a 1500 d.C

Surgem grandes impérios, como o grego, romano, chinês, britânico, espanhol, português

Surge a figura do economista ou filósofo da economia para explicar o capitalismo

Cerca de 1600 d.C

Início do capitalismo e da ordem de mercado

Desenvolvimento econômico e bem-estar tornam-se objetivos predominantes

Entre 1800 e 2000 d.C

Busca por bem-estar social é acelerada.

Pensamentos sobre Desenvolvimento econômico

Terceiro mundo

Alguns países ainda não conseguiram vencer o problema básico da sobrevivência e bem-estar material

Macroeconomia

Milênio III

Crises econômicas

Países (incluindo os desenvolvidos) ainda buscam formas de manter a estabilidade econômica

Abordagens alternativas como Neuroeconomics, economia da felicidade e outras

Bem-estar

Mesmo os países mais desenvolvidos (norte-europeu, Japão, Canadá) ainda não garantiram que bem-estar material = bem-estar (felicidade). Depressão é a doença do século XXI. Há algo errado em nós, ou algo errado no sistema?

DA AUTORIDADE E TRADIÇÃO À ORDEM DE MERCADO

- ✓ Heilbroner, pág 15 a 42
- ✓ Hunt, Introdução

Retrospectiva histórica

	Antigüidade Clássica	Idade Média
Economia	<p>Sec. V</p> <p>Esclavidão</p> <p>Economia Agrícola</p> <p>Baixo nível da Produtividade</p> <p>Baixo desenvolvimento Comercial</p>	<p>Alta I. M. V – XI</p> <p>Primórdios</p> <p>I. M. Central XII – XIII</p> <p>Expansão e Auge</p> <p>Feudalismo</p> <p>Servidão</p> <p>Desenvolvimento do Comércio e dos Bancos</p> <p>Baixa I. M. XIV – XV</p> <p>Crise</p> <p>Sec. XV</p>
Política	<p>Império Romano (Map)</p>	<p>Descentralização do Poder</p> <p>Relação de Suserania e Vassalagem</p> <p>Senhorio</p>
Geografia	<p>Mediterrâneo</p> <p>Grécia e Roma</p>	<p>Deslocamento do núcleo dinâmico do Mediterrâneo para o Noroeste e Nordeste da Europa (Map)</p>
Pensamento Econômico		<p>Usura</p> <p>Preço Justo</p>

Mercantilismo

	Sec. XVI	Sec. XVIII
Economia	<p>Mercantilismo e Desenvolvimento do Capital Mercantil</p> <p>Desenvolvimento do Capital Industrial</p> <p>Formação do Trabalho Assalariado</p> <p>Acumulação Primitiva</p> <p>Colonização das Américas</p>	
Política	<p>Centralização do Poder</p> <p>Absolutismo – Estado Absolutista</p> <p>Mercantilismo</p> <p>Guerras Inglesas (1640 – 1689)</p>	
Geografia	<p>Oceano Atlântico</p>	
Pensamento Econômico	<p>Pensamento Mercantilista</p> <p>Teoria Monetária da Inflação</p>	

Capitalismo

Economia	Sec. XVIII	Revolução Industrial Inglaterra (1780 – 1830)	Ciclo Ferroviário (1840 – 1870)	Grande Depressão (1873 – 1895)	2ª Revolução Industrial	Sec. XX
HEGEMONIA INGLESA						
Política		Revolução Francesa (1789)	Guerras Napoleônicas (1802 – 1815)	Guerra de Secessão – EUA (1860 – 1865)	Revolução Industrial EUA e Europa	Imperialismo Concentração e Centralização do Capital
Geografia	ECONOMIA MUNDIAL					
Pensamento Econômico		1758 – França François Quesnay Escola Fisiocrata	1776 – Inglaterra Adam Smith	1815 – Inglaterra David Ricardo	1867 – Inglaterra Karl Marx	1870 – Europa Escola Neoclássica

	Era das Catástrofes		Era de Ouro		Anos de Crise	
Economia	1900	1914	1929	1939-45	1973	2000
	Expansão Econômica	Expansão Norte-Americana Instabilidade Européia Crise do Padrão-Ouro	Grande Depressão	Prosperidade da Economia Mundial Novos Países Industrializados	Crise do Petróleo	Globalização
HEGEMONIA NORTE-AMERICANA HEGEMONIA SOVIÉTICA (1945 – 1985)						
Política	Primeira Guerra Mundial	Revolução Russa	Nazi-Fascismo	Segunda Guerra Mundial	Guerra Fria	
Geografia	ECONOMIA MUNDIAL					
Pensamento Econômico			Inglaterra John Keynes	Domínio do Pensamento Keynesiano	Neoliberalismo	

Definindo o capitalismo

- ✓ Diversas e variadas definições de diferentes autores
 - Não há uma definição consensual
 - Nós economistas definimos um sistema econômico de acordo com seu modo de produção

- ✓ O que é modo de produção?
 - Tecnologias e forças produtivas + formas como essas tecnologias e forças se organizam para produzir

Capitalismo segundo Hunt

- ✓ 4 características básicas:
 - Produção de mercadorias orientada para o mercado
 - Propriedade privada dos meios de produção
 - Existência de pessoas que precisam vender sua mão-de-obra em troca da sobrevivência
 - Comportamento aquisitivo pela maioria da população

Questionando as 4 características básicas de Hunt

- ✓ Questionando as 4 características básicas de Hunt:
 - Se antigamente a produção não era orientada para o mercado, se produzia para quem?
 - Todos os meios de produção eram públicos?
 - Não havia trabalhadores?
 - A população não precisava fazer compras?

Sistemas e sobrevivência humana

“Desde que desceu das árvores o homem encarou o problema da sobrevivência, não como indivíduo, mas como membro de um grupo social. A continuidade de sua existência é testemunho de que ele conseguiu resolver o problema; mas a continuidade também da carência e da miséria, até mesmo nas mais ricas nações, é evidência de que essa solução foi, no mínimo, parcial” (Heilbroner).

A difícil arte de sobreviver

- ✓ Necessidades básicas (água, comida)
- ✓ Produção de bens (roupas, materiais para construção, medicamentos)
- ✓ Respeito à unidade familiar (a casa com seus pais e filhos)
- ✓ Segurança (garantia de não violência)
- ✓ Educação (passagem do conhecimento e cultura)

Passagens do livro de Heilbroner (página 22)

Uma comunidade moderna encontra-se à mercê de milhares de perigos: seus fazendeiros podem não produzir colheitas suficientes, seus ferroviários podem enfiar na cabeça de se tornar guarda-livros ou seus guarda-livros podem resolver tornar-se ferroviários; se poucos puderem oferecer seus préstimos como mineiros, como peritos na pudlagem do aço, como candidatos a vários cursos de engenharia — em uma palavra, se algumas das milhares das entrelaçadas tarefas a serem desempenhadas pela sociedade não forem realizadas —, a vida industrial se tornará desesperadamente desorganizada. A cada dia a comunidade encara a possibilidade de um colapso — não das forças da natureza, mas dos imprevisíveis desvios humanos.

O homem é bom por natureza?

“O homem não é uma formiga, convenientemente equipada com instintos sociais já ao nascer. Ao contrário, ele parece fortemente inclinado a ter uma natureza egocêntrica. Se suas forças físicas, relativamente fracas, o forçam a procurar cooperação, seus impulsos íntimos ameaçam o tempo todo romper o trabalho em conjunto com seus companheiros”. (Heilbroner)

A sociedade primitiva

- ✓ Trecho do filme “2001: uma odisseia no espaço”

Como chegamos até aqui?

- ✓ Tradição:
 - Famílias presas às terras.
 - Homens seguindo os ofícios dos pais.
 - O status de nobreza era passada de uma geração à outra.

- ✓ Autoridade:
 - Todos os aspectos econômicos eram controlados por uma autoridade.

Passagens do livro de Heilbroner (página 22)

Ao longo dos séculos o homem encontrou apenas três caminhos para evitar essa calamidade (colapso da sociedade).

Assegurou sua continuidade organizando a sociedade em torno de tradição, transmitindo as várias e necessárias tarefas de geração a geração, de acordo com os usos e costumes: os filhos substituem os pais, e, assim, o padrão foi sendo preservado. “No antigo Egito”, diz Adam Smith, “por um princípio religioso, todo homem era levado a desempenhar a mesma ocupação que seu pai, e cometeria o mais terrível sacrilégio se mudasse para outra”.² Da mesma maneira, até bem recentemente, na Índia, algumas ocupações eram tradicionalmente atribuídas de acordo com as castas; de fato, em boa parte do mundo não industrializado cada qual nasce para uma determinada tarefa.

Pois bem, a sociedade pode resolver o problema de maneira diferente. Pode usar o chicote das regras autoritárias para garantir que as tarefas sejam realizadas. As pirâmides do antigo Egito não foram construídas porque um empreiteiro empreendedor enfiou na cabeça que iria construí-las, nem os Planos Quinquenais da União Soviética foram feitos porque concordavam por acaso com o costume do toma-lá-dá-cá ou do interesse individual. Tanto a União Soviética quanto o Egito eram sociedades autoritárias; política à parte, eles asseguravam a sobrevivência *econômica* por meio dos decretos de uma autoridade e por castigos que a suprema autoridade aplicava em cada caso.

Por incontáveis séculos o homem lidou com o problema da sobrevivência de acordo com uma ou outra dessas soluções. Quer o problema fosse resolvido por tradição, quer por imposição, jamais chegou a esse campo especial de estudos denominado “economia”.

Sociedade ainda autoritária

- ✓ Vídeo com exemplo de país autoritário.

Uma terceira solução

- ✓ Um arranjo social em que não a autoridade ou tradição ditam as regras, mas que a livre interação de vontades seja capaz de manter o sistema produzindo os bens necessários para a sobrevivência da sociedade.
- ✓ Essa seria a ordem de mercado, um conceito complexo que vulgarmente chamamos Capitalismo.

Passagens do livro de Heilbroner (página 24)

Pois, ao contrário da simplicidade dos costumes e do comando, não era totalmente óbvio que se cada pessoa se preocupasse apenas com o próprio ganho a sociedade poderia subsistir. Também não estava muito claro que todos os trabalhos sociais — tanto os sujos quanto os refinados — tinham que ser feitos mesmo que os costumes e o comando já não regessem o mundo. Quando uma sociedade não mais obedece à regra imposta, quem poderá dizer como as coisas irão terminar?

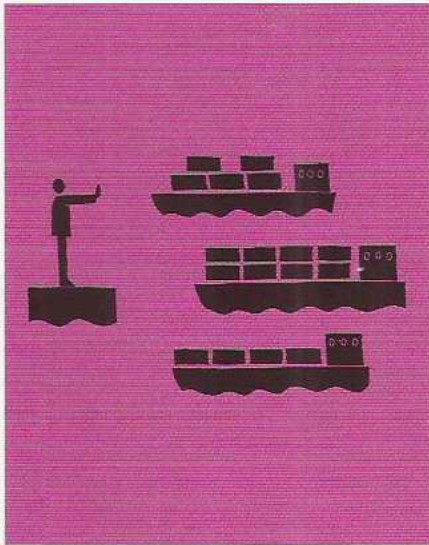
Caberia aos economistas esclarecer esse enigma. Mas até que a idéia do sistema de mercado em si mesma ganhasse aceitação, não havia qualquer enigma a esclarecer. E até poucos séculos atrás, nem todos os homens ainda tinham certeza de que o sistema de mercado era viável sem suspeitas, desgostos e desconfianças. O mundo avançara durante séculos pelo confortável caminho da tradição e da imposição; para abandonar essa segurança pelas desconcertantes operações do sistema de mercado, fazia-se necessária uma espécie de revolução. (Heilbroner).

Questionário

- 1) Quando nós economistas definimos um sistema pelo seu modo de produção, o que isso significa?
- 2) Descreva as 4 características que definem o sistema capitalista segundo Hunt.
- 3) O que Heilbroner quer dizer quando indica que antes do capitalismo a sociedade se organizava através da autoridade e tradição? Como funcionaria a terceira solução?

MERCANTILISTAS

- ✓ Hunt, capítulo mercantilismo e fisiocratas



LIVRAI-NOS DOS PRODUTOS ESTRANGEIROS

PROTECIONISMO E COMÉRCIO

EM CONTEXTO

FOCO

Economia mundial

PRINCIPAL PENSADOR

Thomas Mun (1571-1641)

ANTES

c.1620 Gerard de Malynes afirma que a Inglaterra deve regular o comércio exterior para conter a saída de ouro e prata do país.

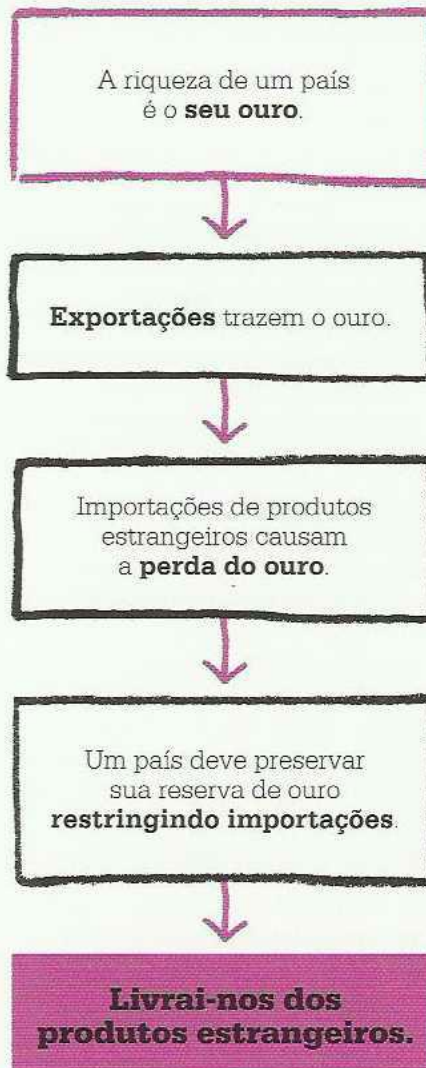
DEPOIS

1691 O comerciante inglês Dudley North diz que consumo é o maior incentivo à riqueza nacional ampliada.

1791 O secretário do Tesouro dos EUA, Alexander Hamilton, defende a proteção de setores econômicos recentes.

1817 O economista britânico David Ricardo diz que o comércio exterior pode beneficiar todas as nações.

Anos 1970 O economista americano Milton Friedman insiste que livre comércio ajuda países em desenvolvimento.



Nos últimos 50 anos, muitos economistas defenderam o livre comércio. Dizem que só sem restrições ao comércio (como as tarifas) os produtos e a moeda podem girar livremente pelo mundo e os mercados globais, crescer sem inibição. Alguns discordam, argumentando que, se há um desequilíbrio enorme no comércio entre dois países, isso pode prejudicar os empregos e a riqueza.

Visão mercantilista

O debate sobre o livre comércio remonta à era mercantilista, que se iniciou na Europa no século XVI e prosseguiu até o fim do século XVIII. Com a ascensão do comércio marítimo holandês e inglês, a riqueza passou a migrar do sul da Europa para o norte.

Ainda nessa época começaram a surgir os Estados, junto com a ideia da riqueza de uma nação, que se media pelo volume do "tesouro" (ouro e prata) que ela possuía. Os mercantilistas acreditavam que o mundo bebia de um "pote limitado", de modo que a riqueza de cada nação dependia de se garantir uma "balança comercial" favorável, na qual mais ouro entra no país do que sai. Se sai ouro em excesso, a prosperidade da nação diminui,

Veja também Vantagem comparativa 80-85 ■ Comércio internacional e Bretton Woods 186-87 ■ Integração de mercados 226-31 ■ Teoria da dependência 242-43 ■ Desequilíbrios na poupança mundial 322-25

caem os salários, perdem-se empregos. A Inglaterra tentou conter a saída de ouro com a imposição de leis suntuárias – de contenção do consumo de produtos estrangeiros. Por exemplo, foram aprovadas leis que restringiam os tecidos que podiam ser usados em roupas, reduzindo a demanda de algodão e seda importados.

Malynes e Mun

Gerard de Malynes (1586-1641), perito inglês em comércio exterior, pensava que a saída de ouro deveria ser restringida. Se muito ouro saísse, dizia ele, o valor da moeda inglesa cairia.

Contudo, o maior teórico mercantilista do século, o inglês Thomas Mun, insistiu que o importante não era os pagamentos serem feitos no exterior, mas como o comércio e os pagamentos equilibravam-se no final. Mun queria incentivar as exportações e cortar as importações por meio de um consumo mais frugal de produtos nacionais. Todavia, ele não via problema em gastar ouro no exterior se este fosse usado para adquirir bens que seriam exportados por preço mais alto, obtendo afinal um retorno maior de ouro do que aquele que o país gastara. Isso promoveria o comércio, propiciaria trabalho para o setor de transportes e aumentaria o tesouro da Inglaterra.

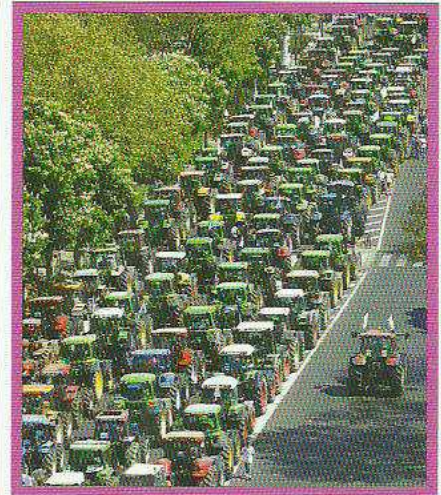
Acordos de livre comércio

No século XVIII, Adam Smith (p. 61) discordaria desse ponto de vista. O que importa, frisou ele em *A riqueza das nações*, não é a riqueza de cada nação, mas de todas as nações. E o pote também não é fixo; pode crescer com o tempo – mas apenas se o comércio entre as nações for irrestrito. Liberado, disse

Smith, o mercado sempre crescerá para enriquecer todas as nações.

Durante os últimos 50 anos, a visão de Smith predominou, pois a maioria dos economistas ocidentais afirmou que as restrições ao comércio entre as nações entravam a economia de cada um. Hoje, zonas de livre comércio como a União Europeia (UE), a Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean) e o Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta) são a norma, enquanto órgãos mundiais como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) instam os países a reduzir tarifas e outras barreiras comerciais para permitir que empresas estrangeiras entrem nos mercados nacionais. Hoje, a criação de barreiras ao comércio é considerada protecionismo.

No entanto, certos economistas preocupam-se com a possibilidade de essa abertura a poderosas empresas multinacionais prejudicar os países em desenvolvimento, incapazes de nutrir setores novos com barreiras protecionistas, como



Agricultores franceses protestam com tratores em Paris, em 2010, contra a queda nos preços dos cereais após a liberalização das cotas de importação.

fizeram a Grã-Bretanha, os EUA, o Japão e a Coreia do Sul antes de se tornarem economicamente poderosos. A China, nesse ínterim, segue uma política que reflete de várias maneiras o pensamento de Mun, realizando grandes superávits comerciais e acumulando uma enorme reserva de moeda estrangeira. ■

Thomas Mun

Nascido em 1571, Thomas Mun cresceu numa família de ricos comerciantes de Londres. O pai morreu quando ele tinha três anos, e sua mãe se casou com Thomas Cordell, que seria diretor da Companhia das Índias Orientais, maior empresa de comércio britânica. Mun entrou para o comércio como mercador no Mediterrâneo. Em 1615, tornou-se diretor da Companhia das Índias Orientais. De início ele defendeu a exportação pela

companhia de grande volume de prata, com o argumento de que geraria um comércio de reexportação. Em 1628, a companhia pediu ao governo britânico que a protegesse da concorrência holandesa. Mun defendeu a causa no Parlamento. Ele havia feito enorme fortuna na época de sua morte, em 1641.

Obras-chave

1621 *A discourse of trade*
c.1630 *England's treasure by foreign trade*

Contexto da fase inicial (bulionismo)

- ✓ Escassez de ouro e prata, o que fazia definhar o comércio.
- ✓ Políticas para atrair, manter e proibir a saída desses metais.
- ✓ Produção ainda baseada sistema de trabalho doméstico.
- ✓ A Espanha, país que absorvia os altos fluxos de metais preciosos das Américas, impunha a morte como punição à saída de ouro ou prata.
- ✓ Estímulo para exportações, desestímulo para importações.
- ✓ Resultado: longo período de inflação.
- ✓ Monopólios comerciais.
- ✓ Regulamentos ao comércio internacional (subsídio, devolução de impostos).
- ✓ Altos impostos sobre saída de matérias primas, sobretudo na Inglaterra, para beneficiar a indústria têxtil local.
- ✓ Ver trecho do filme “A conquista do paraíso”.

O que motivava o pensamento mercantilista?

- ✓ Aumentar o poder do Estado ou promover o interesse dos capitalistas?
- ✓ Os dois, pois acreditava-se que o poder do estado e os lucros dos mercadores-capitalistas andavam de mãos dadas.
- ✓ Criava-se assim uma temática econômica digna de análise:
 - Qual é a origem do lucro?
 - Como compreender os determinantes dos preços?
 - E de que forma o lucro beneficiava o Estado e diferentes classes?

Entendendo os preços

- ✓ Entendimento do valor das mercadorias conforme seu preço de mercado, e não de suas condições de produção.
- ✓ Diferenças de preços determinada pela vontade de comprar.
- ✓ Noção de que a oferta influenciava fortemente o preço final.
- ✓ Primeiros mercantilistas acreditavam que o controle das condições de venda, como manutenção de monopólios comerciais, era a melhor forma para a manutenção de altos lucros.

Separação entre Estado e Igreja

- ✓ Substituição gradual da ética cristã pelos conceitos econômicos ditados pelos mercantilistas.

- ✓ A ética cristã justificava a desigualdade com base no argumento que Deus escolhe os ricos como guardiões do bem-estar material das massas.
- ✓ Os escritos mercantilistas começam a substituir a Igreja pelo Estado como a instituição responsável pelo bem-estar público.

Protestantismo – Século XVII e XVIII

- ✓ Capitalistas buscavam a liberdade econômica e política para busca do lucro.
- ✓ Faltava a liberdade ética, espiritual.
- ✓ Sob a Igreja medieval, eram as obras durante a vida que poderiam salvar a alma.
- ✓ Obras incluíam cerimônias religiosas, rituais, confissão obrigatória, penitência e ainda o poder de excomunhão dado aos padres.
- ✓ A Igreja julgava quem iria ao paraíso, e os seguidores acreditavam.
- ✓ Lucro e comportamento capitalistas eram condenáveis.
- ✓ O protestantismo libertou-os da culpa, e transformou em virtude motivos egoístas que a Igreja medieval condenava.
- ✓ A nova doutrina enfatizava que conquistas materiais e trabalho agradam a Deus.

- ✓ Henrique VIII é um ponto de inflexão na história.
 - Rompimento com o catolicismo romano (filme bolina).
 - Secularização das funções da Igreja medieval.
 - O Estado, no papel de monarquia divina, assume o papel e as funções da Igreja medieval.
 - A pobreza, ao invés de pecado pessoal, era um resultado do funcionamento do sistema econômico.

Lidando com a mudança de espírito

- ✓ A mudança ocorria durante um período complicado
 - Cercamentos
 - Desemprego
 - Inquietação social

- ✓ Rainha Elizabeth: “há mendigos por toda parte!”

- ✓ A população não podia mais recorrer à Igreja para remediar seus problemas
- ✓ O Estado inglês inicia um programa coordenado para reorganização industrial e comercial, visando estimular o comércio e aliviar o problema do desemprego.
- ✓ Grande ênfase ao comércio exterior, porque segundo os mercantilistas contribuía mais para o

emprego, riqueza e poder da nação.

O fortalecimento do capitalista

- ✓ Apesar de esforços para manter monopólios comerciais, concorrência diminuía as diferenças de preços e os lucros dos mercadores
- ✓ Esse movimento estimulava a integração da cadeia de produção, ou seja, se antes havia uma clara divisão entre o artesão, mestre da corporação de ofício, mercador, gradualmente um capitalista se apropriava da cadeia como um todo, tornado-se dono da matéria-prima, empregando o produtor e levando a mercadoria ao comércio.
- ✓ Chegava a esse posto de novo capitalista o mestre da corporação de ofício.
- ✓ O interesse desses novos capitalistas ia contra o interesse dos mercadores.

Individualismo

- ✓ Negação da visão paternalista do Estado.
- ✓ Todo ato humano está relacionado à autopreservação e por isso é egoísta.

Autores mercantilistas

- ✓ Quem são os autores mercantilistas?
 - Capitalistas ou empregados privilegiados de capitalistas.

Análise final do mercantilismo

- ✓ Associação com as novas classes de capitalistas. Primeiro mercadores, depois capitalistas participantes de toda a cadeia de produção
- ✓ Mas seu pensamento ainda era nitidamente influenciado pelos interesses da época, e a análise de elementos da economia, como a determinação de preços e os resultados sociais do capitalismo seguiam vagamente definidos.

O desafio mercantilista atual

Artigo, Valor Econômico, por Dani Rodrik

A história da economia é, em larga medida, uma briga entre duas escolas opostas de pensamento, o "liberalismo" e o "mercantilismo". O liberalismo econômico, com sua ênfase na iniciativa privada e no livre mercado, é hoje a doutrina dominante. Mas a sua vitória intelectual nos cegou para o grande apelo - e frequente sucesso - de práticas mercantilistas. Na verdade, o mercantilismo continua vivo e bem, e seu

contínuo conflito com o liberalismo provavelmente será a força que influenciará o futuro da economia mundial.

Atualmente, o mercantilismo é normalmente desconsiderado, taxado de conjunto arcaico e errôneo de ideias sobre política econômica. Em seu auge, os mercantilistas defendiam algumas noções muito estranhas - a principal delas: a visão segundo a qual a política nacional deveria ser norteadada pelo acúmulo de metais preciosos - ouro e prata.

"A Riqueza das Nações", o tratado de Adam Smith de 1776, demoliu magistralmente muitas dessas ideias. Em especial, Smith mostrou que dinheiro não deve ser confundido com riqueza. Em suas palavras, "a riqueza de um país consiste não apenas em seu ouro e sua prata, mas em suas terras, casas e bens de consumo de todo tipo".

Mas é mais preciso pensar o mercantilismo como uma forma diferente de organizar a relação entre o Estado e a economia - uma visão não menos importante hoje do que no século XVIII. Teóricos mercantilistas como Thomas Mun eram, na realidade, grandes defensores do capitalismo, apenas propunham um modelo diferente do liberalismo.

O modelo liberal vê o Estado como necessariamente predatório e o setor privado como focado apenas em maximização de lucros, sem quaisquer preocupações de caráter social. Por isso, o modelo liberal defende uma separação rigorosa entre o Estado e o setor privado. O mercantilismo, por outro lado, oferece uma visão corporativista segundo a qual o Estado e as empresas privadas são aliadas e cooperam na busca de objetivos comuns, como o crescimento econômico doméstico ou o poder nacional.

O modelo mercantilista pode ser criticado como sendo capitalismo de Estado ou de compadrio. Mas quando funciona, como tão frequentemente na Ásia, o modelo de "colaboração governo-empresa" ou "Estado incentivador do setor privado" rapidamente acumula elogios entusiásticos. Economias menos desenvolvidas não deixaram de notar que o mercantilismo pode ser seu amigo. Mesmo no Reino Unido, o liberalismo clássico chegou apenas em meados do século XIX - ou seja, depois que o país já havia se tornado a potência industrial dominante do mundo.

Uma segunda diferença entre os dois modelos reside em quais interesses são privilegiados: os do consumidor ou os do produtor? Para os liberais, os consumidores devem reinar. O objetivo último da política econômica é aumentar o potencial de consumo das famílias, o que exige dar a elas livre acesso a bens e serviços os mais baratos possíveis.

Os mercantilistas, em contraste, enfatizam o lado produtivo da economia. Para eles, uma economia sólida requer sólida estrutura de produção. E o consumo precisa se basear em elevados níveis de emprego e salários adequados.

Esses modelos distintos têm implicações previsíveis para as políticas econômicas internacionais. A lógica da abordagem liberal é que os benefícios econômicos do comércio surgem das importações: quanto mais baratas as importações, melhor, mesmo que o resultado seja um déficit comercial. Para os mercantilistas, porém, o comércio é um meio de apoiar a produção nacional e o emprego, e preferem estimular as exportações, e não as importações.

A China é hoje o principal porta-bandeira do mercantilismo, embora os líderes chineses nunca o admitam - o

termo ainda é muito estigmatizado. Grande parte do milagre econômico chinês é produto de um governo ativista que tem apoiado, estimulado e subsidiado abertamente produtores industriais - tanto nacionais como estrangeiros.

Embora a China tenha eliminado gradualmente muitos de seus subsídios explícitos à exportação, como condição de aderir à Organização Mundial do Comércio (OMC), o sistema de apoio ao mercantilismo persiste. Em especial, o governo administrou a taxa de câmbio para manter a lucratividade dos fabricantes, o que produziu um superávit comercial de considerável dimensão (que, recentemente, encolheu, mas em grande parte como resultado de uma desaceleração econômica). Além disso, as empresas focadas em exportações continuam a beneficiar-se de uma série de incentivos fiscais.

Da perspectiva liberal, esses subsídios à exportação empobrecem os consumidores chineses, beneficiando os consumidores no resto do mundo. Um recente estudo dos economistas Fabrice DeFever e Alejandro Riaño ¹, da Universidade de Nottingham, estima as "perdas", para a China, em cerca de 3% da renda chinesa, e os ganhos, para o resto do mundo, em torno de 1% da renda mundial. Da perspectiva mercantilista, porém, esses são simplesmente os custos de construção de uma economia moderna e da preparação do palco para prosperidade no longo prazo.

Como mostra o exemplo dos subsídios à exportação, os dois modelos podem coexistir harmoniosamente na economia mundial. Os liberais deveriam ficar felizes por terem seu consumo subsidiado pelo mercantilistas.

Com efeito, essa, em resumo, é a história das últimas seis décadas: uma sucessão de países asiáticos conseguiram crescer a passos largos mediante a aplicação de diferentes variantes de mercantilismo. Os governos dos países ricos, em larga medida, mantiveram uma atitude indiferente, enquanto o Japão, a Coreia do Sul, Taiwan e a China protegeram seus mercados domésticos, apropriaram-se de "propriedade intelectual", subsidiaram seus produtores e administraram seus câmbios.

Chegamos agora ao fim dessa feliz coexistência. O modelo liberal é hoje duramente questionado devido ao crescimento da desigualdade e à situação da classe média no Ocidente, juntamente com a crise financeira produzida pela desregulamentação. As perspectivas de crescimento das economias americana e europeia no médio prazo vão de moderadas a sombrias. O desemprego continuará a ser uma grande dor de cabeça e motivo de preocupação para as autoridades econômicas. Assim, as pressões mercantilistas provavelmente se intensificarão nos países avançados.

Em consequência, o novo ambiente econômico produzirá mais tensão do que acomodação entre países que trilham os caminhos liberal e mercantilista. Isso também poderá renovar os dormentes debates sobre o tipo de capitalismo que produz maior prosperidade.

FISIOCRATAS

- ✓ Hunt, capítulo mercantilismo e fisiocratas

42 O FLUXO CIRCULAR DA ECONOMIA

EM CONTEXTO

FOCO

Macroeconomia

PRINCIPAL PENSADOR

François Quesnay
(1694-1774)

ANTES

1664-76 O economista inglês William Petty apresenta os conceitos de receita e gastos públicos.

1755 *Ensaio*, do banqueiro mercantil irlandês Richard Cantillon, publicado na França, debate a circulação da moeda da cidade para a zona rural.

DEPOIS

1885 *O capital*, de Karl Marx, descreve a circulação do capital com um modelo inspirado por Quesnay.

Anos 1930 O economista russo-americano Simon Kuznets elabora a contabilidade da moderna renda nacional.

Em economia, pode-se pensar pequeno – microeconomia – ou pensar grande, no sistema inteiro: este é o estudo da macroeconomia. Na França do século XVIII, um grupo chamado de fisiocratas tentou pensar grande – queriam entender e explicar toda a economia como um sistema. Suas ideias são os fundamentos da macroeconomia moderna.

Os fisiocratas

Fisiocracia é uma antiga palavra grega que significa “poder sobre a natureza”. Para os fisiocratas, as nações tiravam riqueza da natureza, por meio do setor agrícola. O líder,



A madame de Pompadour (amante de Luís XV) instalou Quesnay em Versalhes como seu médico. Seu estilo de vida deve ter resumido para ele o luxo excessivo dos ricos latifundiários.

François Quesnay, era cirurgião e médico da amante do rei Luís XV, madame de Pompadour. Seu modelo complexo da economia espelhava, segundo alguns, a circulação do sangue no corpo humano.

O enfoque mercantilista (pp. 34-35) dominava o pensamento econômico na época. Os mercantilistas achavam que o Estado deveria se comportar como um comerciante, ampliando os negócios, comprando ouro e interferindo na economia com impostos, subsídios e privilégios monopolistas. Os fisiocratas adotaram a visão contrária: afirmavam que a economia regulava-se naturalmente e precisava apenas de proteção contra más influências. Eles defendiam o livre comércio, impostos baixos, direitos de propriedade garantidos e dívida pública baixa. Se os

mercantilistas diziam que a riqueza vinha do entesouramento, Quesnay e seus seguidores achavam que provinha do que os economistas modernos chamam de economia “real” – os setores que criam bens e serviços reais. Para eles, a agricultura era o mais produtivo dos setores.

Os fisiocratas foram influenciados pelo pensamento de um antigo proprietário rural francês, Pierre de Boisguilbert. Ele dissera que a agricultura é superior à manufatura, e os bens de consumo valem mais do que ouro. Quanto mais bens consumidos, mais dinheiro circula no sistema, tornando o consumo a força motriz da economia. Ele afirmou também que pouco dinheiro nas mãos dos pobres (que o gastam) vale muito mais para a economia do que nas mãos dos ricos (que o acumulam). O movimento, a circulação do dinheiro é que importa.

O Quadro econômico

O sistema fisiocrático de circulação foi apresentado no *Quadro econômico* de Quesnay, publicado e revisado várias vezes de 1758 a 1767. Trata-se de um diagrama que ilustra, com uma série de linhas cruzadas e ligadas, o fluxo de dinheiro e bens entre três grupos sociais: proprietários de terras, agricultores e artesãos. Os bens são produtos agrícolas e manufaturados (produzidos por agricultores e artesãos). Embora tenha usado o milho como exemplo de produto agrícola, Quesnay disse que essa categoria poderia incluir qualquer coisa produzida na terra, inclusive minérios.

Entende-se melhor o modelo de Quesnay com um exemplo. Imagine que cada um dos três grupos comece com \$2 milhões. Os proprietários de terra não produzem

Veja também O cálculo da riqueza 36-37 ■ Agricultura na economia 39 ■ Economia de livre mercado 54-61 ■ Economia marxista 100-05 ■ Equilíbrio econômico 118-23 ■ O multiplicador keynesiano 164-65

nada. Gastam seus \$2 milhões igualmente com produtos agrícolas e artesanais e os consomem todos. Recebem \$2 milhões de aluguel dos agricultores – que estes podem pagar, visto que são o único grupo que produz um excedente –, de modo que os proprietários voltam para onde começaram. Os agricultores são o grupo produtivo. De um ponto inicial de \$2 milhões, eles produzem produtos agrícolas no valor de \$5 milhões, acima do que eles próprios consomem. Desses, \$1 milhão é vendido aos proprietários para seu consumo. Eles vendem \$2 milhões aos artesãos, metade para consumo e metade como matéria-prima para os bens que os artesãos produzem. Isso lhes deixa \$2 milhões para ser usados no cultivo no ano seguinte. Quanto à produção, eles voltaram ao ponto inicial. Todavia, eles também têm \$3 milhões das vendas, dos quais gastam \$2 milhões em aluguel e \$1 milhão nos produtos artesanais (ferramentas,



TABLEAU ECONOMIQUE.
Objet de ce tableau: 1° Voir l'état de dépenses; 2° leur source; 3° leur destination; 4° leur répartition; 5° leur effet; 6° leur reproduction; 7° leur rapport avec la population; 8° avec l'Agriculture; 9° avec l'Industrie; 10° avec le Commerce; 11° avec le Manège.

DEPENSES	REVENUS DU MANÈGE	DEPENSES
Produits de l'agriculture	Produits de l'industrie	Produits de l'agriculture
1. 100,000	100,000	100,000
2. 100,000	100,000	100,000
3. 100,000	100,000	100,000
4. 100,000	100,000	100,000
5. 100,000	100,000	100,000
6. 100,000	100,000	100,000
7. 100,000	100,000	100,000
8. 100,000	100,000	100,000
9. 100,000	100,000	100,000
10. 100,000	100,000	100,000
11. 100,000	100,000	100,000
12. 100,000	100,000	100,000
13. 100,000	100,000	100,000
14. 100,000	100,000	100,000
15. 100,000	100,000	100,000
16. 100,000	100,000	100,000
17. 100,000	100,000	100,000
18. 100,000	100,000	100,000
19. 100,000	100,000	100,000
20. 100,000	100,000	100,000
21. 100,000	100,000	100,000
22. 100,000	100,000	100,000
23. 100,000	100,000	100,000
24. 100,000	100,000	100,000
25. 100,000	100,000	100,000
26. 100,000	100,000	100,000
27. 100,000	100,000	100,000
28. 100,000	100,000	100,000
29. 100,000	100,000	100,000
30. 100,000	100,000	100,000
31. 100,000	100,000	100,000
32. 100,000	100,000	100,000
33. 100,000	100,000	100,000
34. 100,000	100,000	100,000
35. 100,000	100,000	100,000
36. 100,000	100,000	100,000
37. 100,000	100,000	100,000
38. 100,000	100,000	100,000
39. 100,000	100,000	100,000
40. 100,000	100,000	100,000
41. 100,000	100,000	100,000
42. 100,000	100,000	100,000
43. 100,000	100,000	100,000
44. 100,000	100,000	100,000
45. 100,000	100,000	100,000
46. 100,000	100,000	100,000
47. 100,000	100,000	100,000
48. 100,000	100,000	100,000
49. 100,000	100,000	100,000
50. 100,000	100,000	100,000
51. 100,000	100,000	100,000
52. 100,000	100,000	100,000
53. 100,000	100,000	100,000
54. 100,000	100,000	100,000
55. 100,000	100,000	100,000
56. 100,000	100,000	100,000
57. 100,000	100,000	100,000
58. 100,000	100,000	100,000
59. 100,000	100,000	100,000
60. 100,000	100,000	100,000
61. 100,000	100,000	100,000
62. 100,000	100,000	100,000
63. 100,000	100,000	100,000
64. 100,000	100,000	100,000
65. 100,000	100,000	100,000
66. 100,000	100,000	100,000
67. 100,000	100,000	100,000
68. 100,000	100,000	100,000
69. 100,000	100,000	100,000
70. 100,000	100,000	100,000
71. 100,000	100,000	100,000
72. 100,000	100,000	100,000
73. 100,000	100,000	100,000
74. 100,000	100,000	100,000
75. 100,000	100,000	100,000
76. 100,000	100,000	100,000
77. 100,000	100,000	100,000
78. 100,000	100,000	100,000
79. 100,000	100,000	100,000
80. 100,000	100,000	100,000
81. 100,000	100,000	100,000
82. 100,000	100,000	100,000
83. 100,000	100,000	100,000
84. 100,000	100,000	100,000
85. 100,000	100,000	100,000
86. 100,000	100,000	100,000
87. 100,000	100,000	100,000
88. 100,000	100,000	100,000
89. 100,000	100,000	100,000
90. 100,000	100,000	100,000
91. 100,000	100,000	100,000
92. 100,000	100,000	100,000
93. 100,000	100,000	100,000
94. 100,000	100,000	100,000
95. 100,000	100,000	100,000
96. 100,000	100,000	100,000
97. 100,000	100,000	100,000
98. 100,000	100,000	100,000
99. 100,000	100,000	100,000
100. 100,000	100,000	100,000

REPRODUCTION TOTALE: 100,000

implementos agrícolas etc.). Quesnay chamava de “estéril” qualquer grupo, exceto o dos agricultores e o dos proprietários de terras, por crer que não podiam produzir um excedente líquido. Os artesãos, nesse caso, usam sua quantia inicial de \$2 milhões para produzir bens manufaturados no valor de \$2 milhões, além do que eles consomem. Esses produtos são vendidos igualmente a proprietários e agricultores. Mas eles gastam toda a sua renda em produtos

O “Quadro econômico” de Quesnay mostra a circulação da riqueza entre agricultores, proprietários e artesãos. Foi a primeira tentativa de explicar como funciona uma economia nacional.

agrícolas: \$1 milhão para o seu consumo e \$1 milhão em matérias-primas. Consumiram tudo que têm. O modelo de Quesnay faz mais que apresentar resultados anuais: mostra também como o dinheiro e os bens circulam ao longo do ano e comprova por que isso é importante. A venda de produtos entre os vários grupos continua para gerar receita, que é então usada para comprar mais produtos, que geram ainda mais receita. Ocorre um “efeito multiplicador” (no esquema de Quesnay ele aparece como uma série de linhas em zigue-zague), parecido com o apresentado por John Maynard Keynes (p. 161) »

Fisiocracia

- ✓ Fisiocracia, Físio = natural, cracia = governo
- ✓ França, século XVIII.
- ✓ Desordem econômica.
- ✓ Agricultura ainda sob ordem feudal.
- ✓ Caos social que culminaria na Revolução Francesa 1789.

Receituário

- ✓ François Quesnay formula um modelo simples de como a sociedade deve ser estruturada:
- ✓ Abolição das corporações de ofício.
- ✓ Remoção de qualquer tarifa, imposto ou regulamentação sobre indústria e comércio.
- ✓ Substituir agricultura de pequena escala pela capitalista em larga escala.
- ✓ Único imposto sobre agricultura.
- ✓ Laissez-faire, laissez-passer, expressão que significa “deixe fazer, deixe passar”.

Modelo econômico fisiocrata

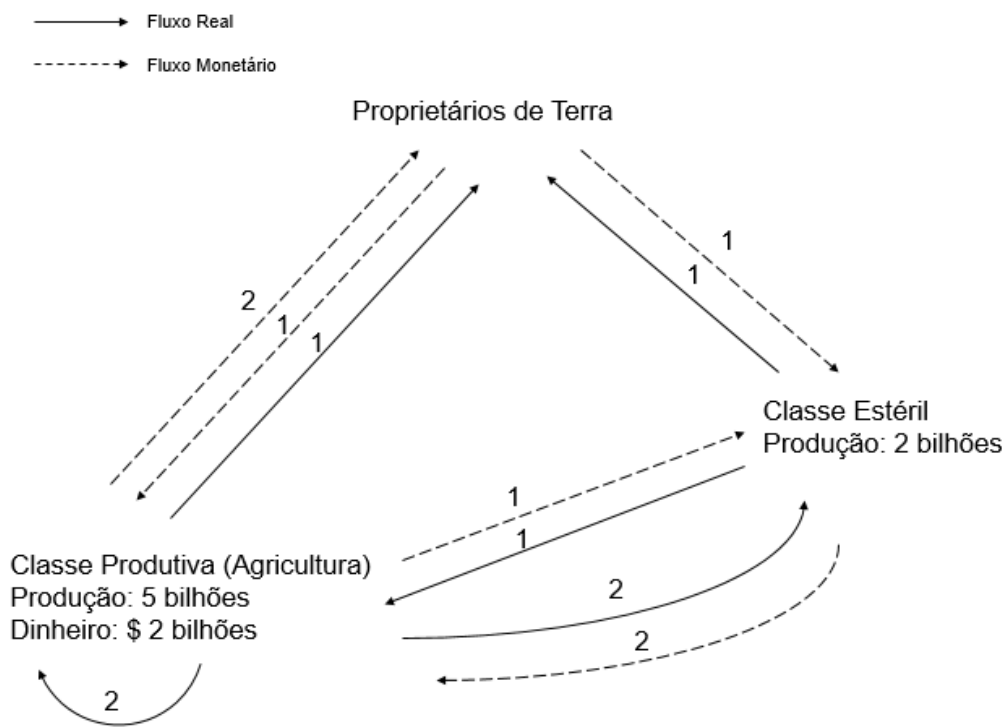
- ✓ Quesnay dizia que a sociedade devia ser governada por uma ordem natural.
- ✓ A passagem de uma ordem divina para uma ordem natural está relacionada com a perda de poder da Igreja e da nobreza, a qual surge com o desenvolvimento do comércio.

Três classes sociais

- ✓ Proprietários de Terra, que vivem de renda ou arrendamento.
- ✓ Produtores Agrícolas, que em sua definição são a classe produtiva.
- ✓ Produtores de manufaturas, que seriam uma classe estéril.

Implicações do quadro econômico de Quesnay para a teoria econômica

- ✓ Modelo de funcionamento da economia
- ✓ Relação entre os setores: modelo de insumo-produto
- ✓ Proporção entre os setores da economia
- ✓ Classes Sociais
- ✓ Excedente Econômico: Valor Adicionado
- ✓ Circulação de Moeda
- ✓ Equilíbrio



- ✓ Dos \$5 bilhões produzidos pelo setor agrícola
 - \$ 1 é destinado ao consumo dos proprietários de terra
 - \$ 2 é destinado ao consumo da classe estéril
 - \$ 2 é destinado ao auto-consumo dos produtores rurais

- ✓ Dos \$2 bilhões produzidos pela indústria
 - \$ 1 é destinado ao consumo dos proprietários de terra
 - \$ 1 é destinado ao auto-consumo dos produtores rurais

- ✓ O valor da Produção desta economia é de \$ 7 bilhões
 - \$ 5 é utilizado como consumo intermediário pela agricultura (3) e indústria (2)
 - O valor adicionado – produto – (excedente) desta economia é \$ 2 bilhões

Pensamento econômico da época

- ✓ Não tinha o mesmo refinamento das gerações posteriores.
- ✓ Por que?
- ✓ Por incapacidade intelectual?
 - Não, mas porque as características do capitalismo não estavam ainda absolutamente nítidas. Os autores posteriores, podendo visualizar tais características e os escritos anteriores, formulariam teorias mais estruturadas e consistentes.

Questionário

- 1) O que era o bulionismo e quais foram suas principais políticas?
- 2) Qual foi o resultado decorrente das práticas bulionistas?
- 3) Como se estruturavam as motivações do pensamento mercantilistas?
- 4) Como pensavam os primeiros mercantilistas a respeito da determinação dos preços e manutenção de lucros?
- 5) O que significa a mudança do espírito religioso na evolução do capitalismo?
- 6) Narre o fato histórico que determinou na Inglaterra a separação entre Estado e Igreja.
- 7) Disserte sobre a filosofia individualista
- 8) Os escritos mercantilistas associavam-se aos mercadores ou novos capitalistas que dominavam toda a cadeia de produção?
- 9) O que foi a fisiocracia e como funcionava sua forma de pensamento?
- 10) Liste e defina as 3 classes apontadas pela fisiocracia?
- 11) Explique com números o funcionamento do quadro econômico de Quesnay.
- 12) Por que o pensamento mercantilista e fisiocrata ainda não apresentava grande sofisticação.

1) Considere as seguintes afirmativas a respeito do mercantilismo:

- I. Os “economistas” da época colocavam-se ao lado dos mercadores-capitalistas, em detrimento dos interesses do Estado.
- II. Seu contexto inicial se deu num ambiente de escassez de ouro e prata, o que prejudicou o comércio. Os Estados adotaram medidas para atrair ouro, entre elas o estímulo às exportações.
- III. Teve como resultado direto das políticas aplicadas um período de deflação.
- IV. Acreditava-se que a manutenção de monopólios comerciais era essencial para a riqueza da nação.

Estão corretas as afirmativas:

- a) I, III e IV.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) I e IV.

2) Considere as seguintes afirmativas a respeito dos fisiocratas:

- I. Os fisiocratas postulavam a necessidade de regras econômicas que seguissem a lei natural, algo que pode-se ligar a ainda forte influência religiosa da época.
- II. Os fisiocratas dividiam as classes sociais em proprietários de terra, agricultores e nobres, que seriam a classe estéril.
- III. A baixa lucratividade industrial é um possível fator que induziu os fisiocratas ao erro de pressupor que a indústria era improdutiva.

Estão corretas as afirmativas:

- a) I, II e III.
- b) I e II.
- c) II e III.
- d) III.
- e) Todas estão incorretas.

Gabarito

- 1) B 2) D

ADAM SMITH

- ✓ Hunt, capítulo Adam Smith

EM CONTEXTO

FOCO

Mercados e empresas

PRINCIPAL PENSADOR

Adam Smith (1723-90)

ANTES

1714 O escritor holandês Bernard Mandeville explica os efeitos involuntários que podem decorrer do interesse pessoal.

1755-56 O banqueiro irlandês Richard Cantillon descreve versão de “ordem espontânea”.

DEPOIS

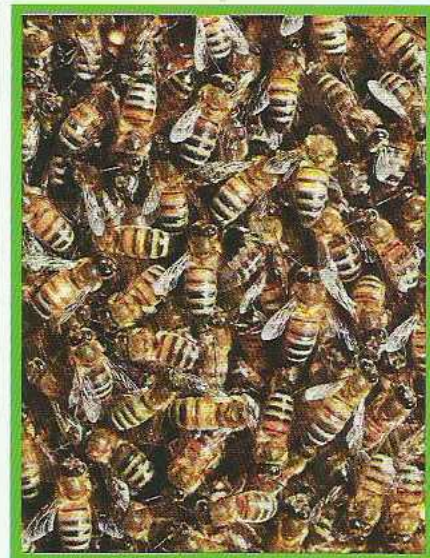
1874 Léon Walras mostra como a oferta e a demanda levam ao equilíbrio geral.

1945 O economista austríaco Friedrich Hayek afirma que as economias de mercado geram ordem eficaz.

Anos 1950 Kenneth Arrow e Gérard Debreu identificam situações em que os mercados livres provocam resultados sociais ótimos.

Para o pensador escocês Adam Smith, o Ocidente embarcara numa grande revolução antes do século XVIII, quando as sociedades agrárias ou agrícolas tornaram-se comerciais. Durante a Idade Média, as cidades se desenvolveram e aos poucos foram ligadas por estradas. As pessoas levavam mercadorias e produtos agrícolas frescos para as cidades, e os mercados – com sua compra e venda – tornaram-se parte da vida. A inovação científica criou padrões de medida confiáveis, junto com novos jeitos de fazer as coisas, e da mistura de principados que pontilhavam a Europa formaram-se Estados centralizados. O povo usufruía uma nova liberdade e passava a trocar bens para ganho pessoal, não só para o do seu senhor.

Smith quis saber como as ações de indivíduos livres resultavam em um mercado ordenado e estável, em que se pudesse fazer, comprar e vender o que se quisesse, sem enorme desperdício nem carência. Como era possível sem alguma mão condutora? Ele deu a resposta em sua grande obra de 1776, *A riqueza das nações*. O homem, com sua liberdade, rivalidade e desejo de ganhar, é “guiado por uma mão



A fábula das abelhas de Mandeville explorava a ideia de que, quando as pessoas agem em interesse próprio, beneficiam toda a sociedade, como as abelhas egoístas beneficiam a colmeia.

invisível a promover um fim que não fazia parte de sua intenção” – ele age de modo involuntário em nome do interesse maior da sociedade.

Economia *laissez-faire*

A ideia de “ordem espontânea” não era nova. Foi proposta em 1714 pelo escritor holandês Bernard de Mandeville, em seu poema *A fábula das abelhas*. Contava a história de uma colmeia que prosperava com os “vícios” (o comportamento egoísta) das abelhas. Quando estas se tornaram virtuosas (não agiam mais em interesse próprio, mas pelo bem de todas), a colmeia desandou. A noção de Smith de interesse pessoal não era maldosa. Ele viu nos homens uma tendência para a “barganha e o escambo” e de se superar. A seu ver, as pessoas eram criaturas sociais

Mercado de Covent Garden, em Londres, em 1774. Smith achava os mercados cruciais para uma sociedade justa. Com liberdade de compra e venda, usufruía-se de “liberdade natural”.



Veja também: O homem econômico 52-53 ■ A divisão do trabalho 66-67 ■ Equilíbrio econômico 118-23 ■ O mercado competitivo 126-29 ■ Destruição criativa 148-49 ■ Liberalismo econômico 172-77 ■ Mercados e resultados sociais 210-13

que agiam com controle moral e usavam de lisura ao concorrer.

Smith achava que os governos não deviam interferir no comércio, visão compartilhada com outros pensadores escoceses à sua volta, como o filósofo David Hume (p. 47). Um escritor francês mais antigo, Pierre de Boisguilbert, usou a frase *laissez faire la nature* ("deixe a natureza em paz"), com o que ele quis dizer "deixe os negócios em paz". O termo "laissez-faire" é usado em economia em defesa do governo mínimo. Na opinião de Smith, o governo tinha um papel importante, dando a defesa, a justiça e certos "bens públicos" (pp. 46-47) que os mercados privados dificilmente forneceriam, como estradas.

A visão de Smith era otimista em essência. O filósofo inglês Thomas Hobbes já dissera que, sem autoridade forte, a vida humana seria "detestável, brutal e curta". O economista britânico Thomas Malthus (p. 69) analisara o mercado e previra a fome em massa em razão do aumento da riqueza. Depois de Smith, Karl Marx (p. 105) preveria que o mercado leva à revolução. Smith, porém, considerava a sociedade perfeitamente funcional, e toda a economia como um sistema de sucesso, uma máquina imaginária que funcionava. Ele mencionou a "mão invisível" apenas uma vez em sua obra de cinco volumes, mas a presença dela é sentida quase sempre. Smith descreveu como seu sistema de "liberdade perfeita" teria resultados positivos. Primeiro, fornece os bens que o povo quer. Se a demanda de um produto superar a oferta, os consumidores vão competir entre si para oferecer preço mais alto. Isso cria uma oportunidade de lucro para os produtores, que competem entre si para fornecer mais do produto.



Esse argumento tem resistido ao tempo. Em um ensaio de 1945 intitulado *O uso do conhecimento na sociedade*, o economista austríaco Friedrich Hayek (p. 177) mostrou que os preços respondem ao conhecimento e aos desejos específicos dos indivíduos, causando mudanças na quantidade demandada e fornecida ao mercado.

Um planejador estatal, disse Hayek, não teria como reunir tanta informação dispersa. Existe o consenso de que o comunismo desmoronou na Europa Oriental porque o planejamento central não conseguiu entregar os bens que o povo queria. Foram feitas algumas críticas ao primeiro ponto de Smith, como o fato de que o mercado »

58 ECONOMIA DE LIVRE MERCADO

poderia apenas fornecer os bens desejados pelos ricos; ele ignora os desejos dos pobres. E também atende a desejos nocivos – o mercado pode alimentar o vício de drogas e promover a obesidade.

Preços justos

Segundo, Smith disse que o sistema de mercado gera preços “justos”. Ele acreditava que todos os bens têm um preço natural, que reflete apenas o esforço para fazê-los. A terra usada para produzir um produto deveria ganhar sua renda natural. O capital utilizado na sua fabricação deveria auferir seu lucro natural. A mão de obra usada deveria ganhar seu salário natural. Os preços e margens de lucro do mercado podem diferir de seus níveis naturais em certos períodos, como na escassez. Nesse caso, as oportunidades de ganho surgirão e os preços aumentarão, mas só até a concorrência trazer novas empresas ao mercado e os preços caírem ao seu nível natural. Se a demanda

Smith descreveu como mão de obra, proprietários e capital (aqui investido em cavalos e arado) trabalham juntos para que o sistema econômico continue funcionando e crescendo.

numa indústria começa a sofrer queda, preços e salários cairão, mas, com o aparecimento de outra indústria, esta oferecerá salários mais altos para atrair trabalhadores. No longo prazo, diz Smith, os preços de “mercado” e os “naturais” serão os mesmos – os economistas modernos chamam a isso equilíbrio.

A concorrência é essencial para que os preços sejam justos. Smith atacou os monopólios que ocorrem no âmbito do sistema mercantilista, que exigiu dos governos o controle do comércio exterior. Quando há apenas um fornecedor de um bem, a empresa que o fornece pode segurar o preço permanentemente acima do nível natural. Smith disse que, se 20 mercearias vendem um produto, o mercado está mais competitivo do que se há só duas. Com uma concorrência real e poucas barreiras à entrada em um mercado – o que Smith também disse ser essencial –, os preços tendem a ser menores. Muito disso é a base dos pontos de vista dos economistas da linha majoritária sobre concorrência, ainda que os discordantes, como o economista austro-americano Joseph Schumpeter (p. 149), dissessem depois que a inovação também



O consumo é o único fim e propósito de toda produção.

Adam Smith



baixa os preços, mesmo onde haja pouca concorrência. Quando os inventores surgem com produtos de maior qualidade por preços mais baixos, eles destroem as empresas existentes numa tempestade de destruição criativa.

Rendimentos justos

Smith também afirmou que as economias de mercado geram rendimentos justos que podem ser gastos em bens, num “fluxo circular” sustentável, em que o dinheiro pago em salários volta para a economia quando o trabalhador paga pelos bens e será devolvido em salários, repetindo o processo.



O capital investido em instalações de produção ajuda a aumentar a produtividade da mão de obra, o que implica os empregadores poderem arcar com salários mais altos. E, se puderem pagar mais, eles pagarão, porque têm de competir entre si pelos trabalhadores.

Quanto ao capital, Smith disse que o volume de lucro com que o capital pode esperar ganhar com investimentos é quase igual à taxa de juro. Isso porque os empregadores concorrem para pedir recursos emprestados e investi-los em oportunidades lucrativas. Com o tempo, a taxa de lucro em qualquer área cai, pois o capital se acumula, e as oportunidades de lucro se esgotam. Os aluguéis aumentam aos poucos à medida que as rendas sobem e mais terra é usada.

A concepção de Smith da interdependência entre terra, mão de obra e capital foi um avanço real. Ele observou que os trabalhadores e os proprietários tendiam a consumir sua renda, e os empregadores eram mais econômicos, investindo sua poupança no estoque de capital. Ele percebeu que os salários variavam conforme os graus de "habilidade, destreza e discernimento" e que havia duas formas de mão de obra: produtiva (engajada na agricultura ou na manufatura) e o que ele chamou de "improdutiva" (prestando serviços necessários para apoiar a mão de obra principal). Os resultados muito desiguais do sistema de mercado atual ficam a dever ao que Smith previu.

Crescimento econômico

Smith afirmou que a própria mão invisível estimula o crescimento econômico. A fonte de crescimento tem dois lados. Um é a eficiência obtida pela divisão do trabalho (pp. 66-67), a que os economistas chamam "crescimento smithiano". Como se produzem e consomem

No mercado, a demanda pode mudar por várias razões. Quando a mudança ocorre, o mercado reage alterando a oferta. Isso ocorre espontaneamente – não há necessidade de uma mão condutora ou de um plano num mercado que estimula a concorrência entre pessoas interesseiras.



mais bens, a economia e os mercados crescem. Com a expansão dos mercados vêm oportunidades para a especialização do trabalho.

A segunda força de crescimento é a acumulação de capital, movida pela poupança e pela oportunidade de lucro. Smith disse que o crescimento pode ser reduzido por fracassos comerciais, falta de recursos necessários para estabilizar o estoque de capital, um sistema monetário inadequado (há mais crescimento com papel-moeda do que com ouro) e uma proporção alta de trabalhadores improdutivos. Ele alegou que o capital é mais produtivo na agricultura do que na »

“

Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que devemos esperar nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse.

Adam Smith

”

60 ECONOMIA DE LIVRE MERCADO

indústria, que é mais alto que no comércio ou no transporte. Em última análise, a economia vai crescer até atingir um estado rico, estacionário. Smith subestimou aí o papel da tecnologia e da inovação – o crescimento schumpeteriano citado antes (p. 58).

Legado clássico

O sistema de Smith era abrangente. Considerou fatores pequenos (microeconômicos) e grandes (macroeconômicos). Examinou situações de curto e de longo prazo, e sua análise foi estática (o estado do comércio) e dinâmica (a economia em movimento). Olhou detidamente para a classe de trabalhadores, distinguindo empreendedores, como agricultores e donos de fábrica, dos fornecedores de mão de obra. Em essência, ele criou os parâmetros da economia “clássica”, que enfoca os fatores de produção – capital, mão de obra e terra – e seus rendimentos. Depois, a teoria do livre mercado assumiu outra forma, “neoclássica”, com a teoria geral do equilíbrio, que

“
Não existe arte que
um governo aprenda de outro
com maior rapidez do que
a de extrair dinheiro do
bolso da população.
Adam Smith

procurou mostrar como os preços de uma economia inteira atingiriam um estado de equilíbrio estável. Usando a matemática, economistas como Léon Walras (p. 120) e Vilfredo Pareto (p. 131) reviram a frase de Smith de que a mão invisível seria socialmente benéfica. Kenneth Arrow e Gérard Debreu (pp. 209-11) mostraram como os mercados livres

fazem isso, mas que as condições exigidas eram rigorosas e não condiziam com a realidade.

A história não acaba aí. Depois da Segunda Guerra Mundial, a ideia de *laissez-faire* entrou em hibernação. Todavia, a partir dos anos 1970, as políticas keynesianas, que propunham a intervenção estatal nas economias, pareciam perder a eficácia, e o *laissez-faire* gozou de um grande ressurgimento. As sementes desse florescimento encontram-se em obras sobre a economia de mercado de Milton Friedman (p. 199) e da Escola Austríaca, sobretudo de Friedrich Hayek (p. 177), que eram céticos a respeito do bem que os governos intervencionistas podiam fazer e afirmaram que o progresso social seria alcançado com mercados sem restrições. Também os keynesianos reconheceram o poder dos mercados – mas, para eles, os mercados precisavam de um empurrão para funcionar melhor.

O enfoque do livre mercado teve impulso significativo com as teorias da década de 1960 e 70 fundadas no papel da racionalidade e das expectativas racionais (pp. 244-47). A teoria da escolha pública, por exemplo, retrata o governo como um grupo de indivíduos egoístas, que maximizam os próprios interesses e pegam dinheiro sem levar em conta o bem social (“receita de favorecimento político”). A nova macroeconomia clássica usa a hipótese de Smith de que os mercados sempre se ajustam e adiciona o ponto de que, como as pessoas notam os efeitos futuros das ações do governo e entendem o mecanismo do sistema econômico, a intervenção do Estado não funciona. Mesmo assim, a maioria dos economistas acredita hoje que o

Mercados localizados, como este em Kerala, Índia, exibem todos os traços do mercado livre de Smith e mostram que a oferta e o preço ajustam-se à demanda de modo natural.





mercado pode falhar. Eles se concentram nas disparidades de informação dos vários participantes de um mercado. George Akerlof referiu-se a isso em seu *The market for lemons* (pp. 274-75). Economistas comportamentais têm questionado a ideia de racionalidade (pp. 266-69) e consideram a irracionalidade do



A sociedade humana, quando a contemplamos sob uma luz filosófica e abstrata, mostra-se como uma grande, uma imensa máquina.

Adam Smith



Smith não previu os tipos de desigualdade que podem surgir dos mercados livres na forma atual. Nos mercados de ações e moeda, a ideia de “justiça” torna-se quase irrelevante.

ser humano uma razão para que os mercados falhem.

A questão da economia do *laissez-faire* divide os economistas em linhas políticas. Os que estão à direita abraçam o *laissez-faire*; os da esquerda alinham-se com a intervenção keynesiana. Esse debate permanece central na economia de hoje.

A crise financeira de 2007-08 reacendeu essa controvérsia. Os defensores do mercado livre sentiram-se vingados por suas teorias sobre o ciclo econômico, enquanto os keynesianos apontaram para a falha do mercado. O economista americano Nouriel Roubini (1959-), que previu a crise, falava daqueles que haviam distorcido as ideias de Smith quando disse que “décadas do fundamentalismo do mercado livre lançaram as bases da derrocada”. ■



Adam Smith

Fundador da economia moderna, Adam Smith nasceu em Kirkcaldy, Escócia, em 1723, seis meses após a morte de seu pai. Aluno distraído e recluso, ele entrou na Universidade de Glasgow aos 14 anos e depois estudou na Universidade de Oxford por seis anos, até retornar à Escócia para assumir a cadeira de lógica na Universidade de Glasgow. Em 1750, conheceu e se tornou amigo do filósofo David Hume.

Em 1764, Smith demitiu-se em Glasgow para viajar à França como tutor do duque de Buccleuch, aristocrata escocês. Na França, ele conheceu o grupo fisiocrata de economistas (pp. 40-45) e o filósofo Voltaire, e começou a escrever *A riqueza das nações*. Dedicou dez anos ao livro antes de aceitar o cargo de comissário da alfândega. Morreu em 1790.

Obras-chave

1759 *A teoria dos sentimentos morais*

1762 *Lições de jurisprudência*

1776 *Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*

Vida

- ✓ 1723-1790
- ✓ Escocês
- ✓ Extenso conhecimento de filosofia social e moral.
- ✓ Em 1776 publica sua mais importante obra: Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da riqueza das nações.
- ✓ Influências
 - Iluminismo
 - Crença na razão e no progresso humano
 - Secularização da Cultura
 - Conceito de Ordem Natural: “a suposição de que algumas verdades sobre a humanidade, a sociedade e o mundo natural poderiam ser discernidas pela dedução ou pela observação, e de que a descoberta dessas verdades transformaria a qualidade de vida” (When, p. 19)
 - Fisiocratas

Contexto histórico

- ✓ Revolução industrial do fim do século XVIII.
- ✓ As características do capitalismo ficam cada vez mais marcantes.
- ✓ Explosão de invenções e inovações de produção, guiadas pelo lucro.
- ✓ Surgimento do motor a vapor.
- ✓ Indústria têxtil e siderúrgica multiplicam sua produtividade.
- ✓ Cidades se multiplicam em tamanho geográfico e populacional.
- ✓ Inglaterra se torna a maior potência do mundo.

Visão histórica

- ✓ Diferentes formas de produção e distribuição em 4 estágios de desenvolvimento:
 - Caça.
 - Pastoreio.
 - Agricultura.
 - Comércio.
- ✓ A forma como os homens produzem e distribuem os recursos para suprir as necessidades materiais é o mais importante determinante das instituições sociais e das relações sociais e de classe.

“a maneira pela qual os seres humanos produziam e distribuían as necessidades materiais da vida era o mais importante determinante das instituições sociais de qualquer sociedade, bem como das relações pessoais e de classe entre seus membros” (Hunt, p. 41)

- ✓ O modo de produção adotado determina o estágio de progresso das instituições sociais, e não o contrário.

A mão invisível

- ✓ Por lei universal ou divina providência, algo faz com que o comportamento egoísta conduza ao bem-estar social.
- ✓ O exemplo dos cercamentos:
 - ✓ Vontade de maiores lucros = expulsão dos servos = servos vão para a cidade e se tornam trabalhadores livres = os industriais urbanos aumentam seus lucros e com isso os salários = uma pessoa normal que há 300 anos seria servo com um único objetivo de comer o máximo possível e trabalhar o mínimo possível, hoje é um trabalhador inglês com nível de vida excelente, educação, cultura, etc.

“Todo indivíduo só está querendo promover seu próprio interesse está, neste e em muitos outros casos, sendo levado por uma mão-invisível a promover um que não fazia parte de suas intenções. Cuidando do seu próprio interesse, o indivíduo, quase sempre, promove o interesse da sociedade mais eficientemente do que quando realmente deseja promovê-lo”. (Adam Smith)

- ✓ Ver trecho do filme “Uma mente brilhante”

Tipos de renda

- ✓ Toda renda divide-se em
 - ✓ Aluguel da terra.
 - ✓ Salários.
 - ✓ Lucro do capitalista.

Como crescer economicamente?

- ✓ Uma única forma de aumentar a produção:
 - Mais horas trabalhadas, seja pelo aumento do número de trabalhadores ou maior produtividade.

- “Não foi com o ouro nem com a prata, mas com o trabalho, que toda a riqueza do mundo foi comprada pela primeira vez”.

Conflito de classes

- ✓ Os trabalhadores sob o capitalismo estão ou ao menos caminham para uma melhor situação do que numa sociedade feudal.
- ✓ Mas a classe dominante, que dita as regras com maior poder é a dos capitalistas.
- ✓ Tal poder vinha de sua riqueza, capacidade de influenciar a opinião pública e controlar o governo.
- ✓ O conflito de classes, em que os trabalhadores buscam salários e condições melhores, e os patrões impõem custos menores, não é uma negação da mão-invisível, mas uma condição para seu funcionamento.

A divisão do trabalho

- ✓ A produtividade depende da divisão do trabalho
- ✓ Especialização de:
 - Habilidades.
 - locais de produção.
 - desenvolvimento tecnológico.
- ✓ O grau de especialização depende do tamanho do mercado.

A noção de bem-estar

- ✓ O bem-estar depende da produção total e do número de pessoas que dividem essa produção.
- ✓ Quanto mais bem alocados os recursos produtivos, maior é a produção.
- ✓ Nada melhor do que o interesse individual, de capitalistas, proprietários e trabalhadores para alocar bem esses recursos.

O governo

- ✓ O que restava ao governo?
- ✓ Três funções:
 - Proteção (proteger da violência e invasão)
 - Justiça (proteger da injustiça e opressão)

- Obras públicas ou instituições que não despertam interesse privado.
 - Fazer e conservar certas obras públicas “cuja criação e manutenção nunca despertariam o interesse de qualquer indivíduo ou de um grupo de indivíduos, porque o lucro nunca cobriria as despesas que teriam estes indivíduos, embora, quase sempre, tais despesas pudessem beneficiar e reembolsar a sociedade como um todo.” (Smith, apud Hunt, p. 58)

Teoria do Valor

- ✓ Numa sociedade primitiva: Caça
 - Tempo para matar um Castor 2 vezes o tempo para matar um Veado → 1 Castor = 2 Veados
 - O valor (preço) é determinado pelo trabalho
 - O salário do caçador corresponde ao preço da mercadoria

- ✓ Numa sociedade mais desenvolvida
 - Proprietário da Terra: aluguel
 - Capitalista: lucro
 - Trabalhador: salário
 - O valor da mercadoria = salário + lucro + aluguel

“a quantidade de trabalho deixa de ser a única circunstância que pode regular a quantidade que deve ser necessária para, normalmente, comprar, ter ou trocar a mercadoria” (Smith, apud Hunt, p. 47)

- ✓ Proporcionalidade entre preço e salário vs lucro e capital aplicado
- ✓ Preço de mercado e preço natural (preço de equilíbrio)
- ✓ Mobilidade do capital e seu papel na formação do preço de mercado
 - Interesse próprio → mão invisível → preço (ordem) natural
- ✓ Críticas a teoria de Smith
 - Salário, lucro e renda são preços: circularidade
 - Explicava o nível geral de todos os preços, e não os preços relativos
 - Salário de subsistências = quantidade de cereais
 - Aumento do preço → diminuição do valor da moeda (prata e ouro)

“O preço monetário do trabalho e de tudo o que é produzido por meio da terra ou do trabalho tem de aumentar ou baixar, necessariamente, de modo proporcional ao preço monetário do milho” (Smith, apud Hunt p. 51)

 - O valor da prata depende do valor do milho
 - Intensidade do uso do milho nas diferentes mercadorias teria impacto nos preços relativos.
 - Necessidade de um numerário
 - Trabalho comandado: “a melhor medida do valor era a quantidade de trabalho que qualquer mercadoria poderia oferecer em uma troca” (Hunt, p. 52)

As urgências do desejo e suas dívidas

Artigo Valor Econômico, por Eliana Cardoso

A ficção, ao exibir imensa variedade de tipos humanos, desafia o economista, cuja ciência se contenta com um único personagem: o homem racional. De forma deliberada e a partir de preferências estáveis e coerentes, esse homem maximiza apenas o próprio interesse.

Respondendo à crítica de que essa figura ignora inúmeras facetas humanas, o economista lembra que trabalha com a abstração necessária aos bons modelos. O seu mapa, ele supõe, lhe permite aproximações úteis para prever o comportamento econômico.

Entretanto, psicólogos e economistas coletaram evidência mostrando vários fracassos na previsão baseada no axioma da racionalidade e identificaram desvios sistemáticos das hipóteses de estabilidade e coerência das preferências do "homo oeconomicus".

A economia do comportamento - embora ainda sem um paradigma capaz de abarcar o modelo tradicional - oferece um novo personagem: a figura do homem dividido, velho conhecido de filósofos e ensaístas. O Prêmio Nobel de Economia Daniel Kahneman deu-lhe vida econômica no livro "Pensar: Depressa e Devagar", reconhecendo a divisão de nossa mente entre um sistema afetivo - rápido, inconsciente, automático e destituído de esforço - e um sistema analítico - vagaroso e consciente, que pesa consequências e exige esforço. Não economistas reconhecem essa divisão desde Platão, que, no "Fedro", descreveu a alma humana como uma carroça puxada por dois cavalos alados. O condutor da carroça corresponde à razão; um dos cavalos, aos apetites e desejos; o outro, à civilidade e ao heroísmo. O mito viera talvez do Egito ou da Mesopotâmia, mas Platão o reformulou. Freud, ao ressuscitá-lo, concebeu a psique como dividida entre ego, id e superego.

Diferenças à parte, a complexidade da mente não escapou ao fundador da ciência econômica. Embora a tradição se concentre na "Riqueza das Nações", Adam Smith escreveu também "A Teoria dos Sentimentos Morais", obra que continuou a rever e reeditar até pouco antes de sua morte. Se na "Riqueza das Nações", Smith parece fazer o elogio do autointeresse, na "Teoria dos Sentimentos Morais", escreve que a grande lei é "amar a si mesmo na mesma medida em que se ama o vizinho". A ênfase da obra recai nas atitudes e intuições sobre o bem e o mal. Smith diz que, ao sermos socializados, introjetamos um juiz que observa e avalia o que pensamos e fazemos. Esse juiz é irmão do superego de Freud, embora nascido dois séculos antes da invenção da psicanálise.

Ao ver a origem de nossos sentimentos morais no processo pelo qual nos colocamos no lugar do vizinho, Smith acredita que somos capazes de experimentar simpatia uns pelos outros e, portanto, não se surpreenderia com o resultado do jogo do ultimato, um dos preferidos da economia do comportamento. O árbitro oferece US\$ 1 mil a dois indivíduos, desde que eles concordem quanto à parcela que cabe a cada um. No cara ou coroa, o árbitro decide quem fará a proposta. O indivíduo que recebe a oferta pode aceitá-la ou recusá-la. Se a aceita, cada um recebe a quantia acordada. Se a recusa, nenhum dos dois recebe coisa alguma. Um indivíduo racional abre o jogo oferecendo uma quantia mínima ao outro jogador, que (sendo racional) a aceita, porque ela é melhor do que nada.

Mas não é assim que a maioria das pessoas procede. Nos experimentos, dois terços dos jogadores oferecem entre 40 e 50% da quantia total. E mais da metade dos jogadores recusa ofertas pequenas. Repetido milhares de vezes, o experimento ilustra como o homem valoriza a justiça distributiva.

Os sentimentos morais também estão presentes na relação entre devedores e credores, que, guiados pela moralidade comum, repetem comportamentos antiquíssimos. O exemplo clássico de como o ódio e a vingança se misturam na busca do lucro se encontra no "Mercador de Veneza" de Shakespeare. Naquela época, consideravam-se virtuosos alguns modos de ganhar dinheiro, como a atividade do mercador Antônio, que arriscava sua carga no transporte marítimo. Outros métodos eram pecaminosos, como os de Shylock, que emprestava a juros.

Bassanio, amigo de Antônio, precisa de dinheiro para fazer a corte a Porcia. Como o capital de Antônio se encontra aplicado em navios e carregamentos, ele não tem dinheiro à mão para emprestar a Bassanio e concorda em ser fiador do empréstimo vindo de Shylock.

Shylock, que sofrera grosserias de Antônio nos negócios, exige fiança. Caso o pagamento de Bassanio falhe, Shylock quer não os bens de Antônio, mas meio quilo da carne do seu peito, desprezando o fato de que a vida de Antônio, não sendo bem passível de sequestro e transformação em dinheiro, nenhum lucro lhe garante.

Antônio encarna o desinteresse ao emprestar sem juros e servir de fiador ao amigo. Shylock encarna a cupidez ao emprestar a juros e se preocupar apenas em fazer mais dinheiro. Shylock odeia Antônio, que, emprestando sem ônus, desvaloriza o dinheiro, fazendo baixar a taxa de juros em Veneza. Ainda assim, Shylock nem de longe representa o banqueiro racional, pois quebra a regra mais elementar do código creditício: a de que a pessoa do devedor deve ser preservada.

A racionalidade, a menos que a esvaziemos de qualquer conteúdo, colocando, como se fosse possível, as emoções entre os interesses que o homem maximiza, não nos permitiria entender a decisão econômica de Shylock. Ao querer vingança e exigir sangue, ele se vê impedido de realizar seu lucro.

Por outro lado, o desejo de Antônio de ajudar o amigo e o cálculo inadequado dos riscos que suas mercadorias corriam no oceano o levam a assinar um contrato que dificilmente caberia nos parâmetros definidos pela expectativa racional.

Miopia e desejo de gratificação imediata também prejudicam a racionalidade. Muitas pessoas e governos, como o Fausto da literatura, parecem programados para engolir o fruto de hoje sem pensar nos dias infrutíferos que virão. A psicologia evolutiva nos lembraria que esse comportamento fazia sentido quando éramos caçadores na idade da pedra, milênios antes da invenção da poupança para a aposentadoria.

Entretanto, não podemos reduzir a interpretação das dívidas à necessidade de gratificação imediata e à miopia em relação ao futuro. O fundamento psicológico que sustenta a elaborada arquitetura das dívidas modernas reside também em sentimentos de justiça e retribuição, como os envolvidos no jogo do ultimato. Sem tais sentimentos seríamos incapazes de reconhecer a justiça envolvida em pagar o que tomamos emprestado e ninguém se disporia a fazer empréstimos. Para a dívida existir, precisamos da ideia de valores equivalentes que tornam possível a troca dos valores de hoje pelos de amanhã. O crédito é peça indispensável ao funcionamento da economia. Dinheiro entesourado é desejo congelado. O crédito, ao contrário, se alimenta dos sonhos ainda irrealizados.

Mas o que acontece se o crédito cresce desenfreado e as dívidas se acumulam? Como entender a crise da dívida, que se abateu sobre os países avançados, se negarmos que cobiça e medo têm papel importante nos ciclos dos negócios?

Embora a dívida pública seja a medida direta de solvência do país, o estoque da dívida emitida pelo setor privado também é importante. A dívida pública não causou o colapso de 2008 nos EUA nem a crise da Irlanda ou a da Espanha um pouco mais tarde. Na década anterior a 2008, as dívidas privadas cresceram a um ritmo maior do que o triplo da taxa de crescimento da dívida pública. Na crise, os governos assumiram parte das dívidas do setor privado e a relação dívida/PIB se transformou em fardo pesado demais a retardar a recuperação.

Na origem da crise dos países avançados é possível identificar miopia, desonestidade e falta de supervisão, permitindo que dívidas impagáveis se equilibrassem umas sobre as outras até que o castelo desabou. Quando a maré de liquidez recuou na Europa periférica, a contração do crédito expôs as falhas estruturais da economia e o desemprego avolumou-se. O Brasil poderia passar por experiência semelhante. A principal diferença entre os dois casos é que o Brasil tem flexibilidade cambial e isso ajuda.

Questionário

- 1) Quais são os 4 estágios da humanidade segundo Smith?
- 2) Cada um desses estágios acaba por definir que aspectos de uma sociedade?
- 3) Explique o conceito de mão-invisível.
- 4) Toda a renda de uma economia poder ser dividida em que categorias?
- 5) Qual seria a origem do valor? Por que Smith não conseguiu desenvolver essa ideia?
- 6) O conflito de classes entre capitalistas e trabalhadores significa a negação da mão-invisível?
- 7) O que é a divisão do trabalho?
- 8) Que fator determina o aumento da divisão do trabalho?
- 9) Do que depende o bem-estar da nação?
- 10) Qual a melhor forma de alocar eficientemente os recursos disponíveis?
- 11) Quais são as três funções que o Estado deveria assumir?

1) Assinale a alternativa CORRETA quanto às referências ao pensamento de Adam Smith:

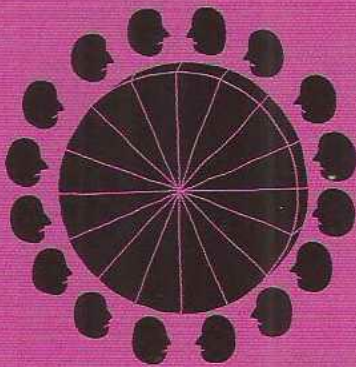
- a) A divisão do trabalho e o grau de especialização dependem do tamanho do mercado.
- b) Toda a renda da sociedade se divide em salários, lucros e aluguéis.
- c) O Estado deve limitar sua intervenção sobre a economia.
- d) Os cercamentos podem ser vistos como um exemplo da mão invisível, no qual a busca por vantagens individuais no longo prazo gerou benefícios sociais.
- e) Todas estão corretas.

Gabarito

- 1) E

Malthus

- ✓ Hunt, capítulo Malthus



O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO MANTÉM A POBREZA

DEMOGRAFIA E ECONOMIA

EM CONTEXTO

FOCO

Crescimento e desenvolvimento

PRINCIPAL PENSADOR

Thomas Malthus (1766-1834)

ANTES

Século XVII Para a doutrina mercantilista, população grande beneficia a economia.

1785 O filósofo francês marquês de Condorcet pede reforma social para elevar padrão de vida.

1793 O filósofo inglês William Godwin propõe redistribuição dos recursos nacionais para ajudar os pobres.

DEPOIS

Anos 1870 Karl Marx critica ideia de Malthus, chamando-o de defensor reacionário da situação reinante.

1968 O ecologista americano Garrett Hardin adverte para o perigo da superpopulação em seu ensaio *A tragédia dos comuns*.

No século XVIII, os iluministas passaram a pensar na possibilidade de aumentar a parte da sociedade por meio de reforma socioeconômica sensata. O economista britânico Thomas Malthus era uma voz pessimista nessa época otimista, afirmando que o crescimento da população condena a sociedade à pobreza. Malthus dizia que o impulso sexual humano causava o aumento cada vez mais rápido do povo. A produção de alimentos não o acompanharia, por causa da lei dos rendimentos decrescentes: quanto mais gente trabalha em

certa área, menor a produção extra. O resultado é um desequilíbrio crescente entre o número de pessoas e a oferta de alimento.

Contudo, há uma força contrária. Malthus achava que a má nutrição e as doenças causadas por uma oferta alimentar mais limitada ocasionariam uma mortalidade crescente e evitariam o descontrole do desequilíbrio. Menos alimento para o mundo também implicaria sustento menor para as crianças, e o índice de natalidade cairia. Isso reduziria a pressão sobre a terra, restituindo os padrões de vida.

A armadilha malthusiana

Além de evitar a fome total, a mudança nos índices de natalidade e mortalidade faz a população não mais se beneficiar de altos padrões de vida por longo tempo. Suponha que a economia tenha um golpe de sorte com a descoberta de terra. Mais terra dá um incentivo único à produção de mais alimento para cada pessoa. Cada uma fica mais saudável, e o índice de mortalidade cai. Um padrão de vida mais alto permite mais filhos. Juntos, esses fatores fazem a população crescer. A produção de alimentos não segue o ritmo, e a economia retoma o padrão



Sobreviventes de terremoto no Paquistão recebem alimentos. Malthus condenava essas doações: a assistência aos destituídos só os estimula a ter mais filhos.

Veja também: Agricultura na economia 39 ■ Rendimentos decrescentes 62 ■ O surgimento das economias modernas 178-79 ■ Teorias do crescimento econômico 224-25



Thomas Malthus

Thomas Robert Malthus nasceu em Surrey, Inglaterra, em 1766, e recebeu formação progressista de seu pai, um proprietário rural. Seus padrinhos foram os filósofos David Hume e Jean-Jacques Rousseau. Ele nasceu com lábio leporino e palato fendido, os quais lhe dificultavam a fala.

Na Universidade de Cambridge, Malthus teve por tutor um dissidente religioso, William Frend, antes de se ordenar na Igreja Anglicana em 1788. Como seu mentor, ele nunca fugiu à polêmica. Em 1798, publicou *Ensaio sobre o princípio da população*, obra que lhe daria fama. Em 1805, a nova Faculdade das Índias Orientais nomeou-o professor de política econômica, tema inédito em universidades, o que faz dele talvez o primeiro economista acadêmico. Malthus morreu de doença cardíaca em 1834, aos 68 anos.

Obras-chave

- 1798 *Ensaio sobre o princípio da população*
- 1815 *The nature of rent*
- 1820 *Princípios de economia política*

de vida anterior, mais baixo. A isso se chama armadilha malthusiana: padrões de vida mais altos são sempre sufocados pelo aumento da população. Assim, aconteça o que for, a economia sempre volta a uma produção de alimentos que sustente uma população estável.

Malthus previa uma estagnação econômica, com o povo lutando para sobreviver e seu crescimento sendo refreado por fome e doenças. Porém, esse modelo – uma economia de agricultores que labutam com ferramentas simples num lote imutável de terra – já estava defasado na virada do século XVIII. Novas técnicas já permitiam maior produção de alimentos com a

mesma quantidade de terra e de mão de obra. Novas máquinas e fábricas proporcionavam uma produção maior de bens por trabalhador. O progresso tecnológico implicou padrões de vida cada vez mais altos para o povo. Em 2000, a população da Grã-Bretanha mais que triplicara em relação à época de Malthus, com renda dez vezes maior.

Com o tempo, a tecnologia superou as restrições agrícolas e demográficas. Malthus não previu isso. Hoje, suas ideias se refletem no receio de que o nível populacional pressione a capacidade da Terra de um modo que a nova tecnologia não consiga superar. ■

Vida

- ✓ 1766-1834
- ✓ Inglês
- ✓ Rico

Duas preocupações

- ✓ (1ª) Estruturação da sociedade e bem-estar
 - Conflito entre trabalhadores de um lado, proprietário e capitalista de outro.
- ✓ (2ª) Conflito entre proprietários e capitalistas.

Em defesa dos trabalhadores

- ✓ Autores como Condorcet e Godwin advogavam que, sob o capitalismo, os trabalhadores eram esmagados pelo domínio do proprietário de terras e de capital.

Leis naturais

- ✓ Segundo Malthus, a divisão de classes é uma inevitável lei natural.
- ✓ Pobreza e sofrimento são, também, um fato inevitável para a maior parte da população.
- ✓ Tentar remediar a situação, apenas a faz pior.

O que mantém a pobreza?

- ✓ O ser humano pode se reproduzir em escala geométrica.
- ✓ Mas a produção, por exemplo de alimentos, aumenta em escala aritmética.
- ✓ A população sempre se reproduz acompanhando o excedente produzido, mantendo-se no nível de subsistência.
- ✓ Só o homem virtuoso pode escapar desse destino.

Um mundo de bilhões é inevitável, mas a catástrofe talvez não seja

Artigo, Valor Econômico, por Clive Cookson

Temos aqui dois livros com títulos quase idênticos sobre o mesmo assunto: as consequências de a população mundial chegar a 10 bilhões de pessoas. Mas não poderiam ser mais diferentes em estilo, humor e conteúdo.

Stephen Emmott, diretor de ciências da computação na Microsoft Research, escreveu uma dura, simples e breve advertência sobre a catástrofe a caminho, que ele acredita inevitável, decorrente da superpopulação humana e da exploração excessiva dos recursos naturais do mundo. Suas palavras finais - extraídas da resposta de um jovem colega pesquisador à indagação sobre o que ele faria para enfrentar a situação atual -, resumem o sombrio pessimismo do livro: "Ensinaria meu filho a usar uma arma".

Em contraste, Danny Dorling, professor de geografia na Universidade de Sheffield, é só otimismo. Seu "Population 10 Billion" passeia lenta e otimistamente por diversas veredas demográficas, mostrando as maneiras como os seres humanos podem superar os perigos previstos pelos pessimistas.

Em 2011, a população mundial ultrapassou os 7 bilhões de seres humanos, de acordo com a estimativa oficial das Nações Unidas. As projeções mais recentes mostram que a Terra chegará a ter 9,55 bilhões em 2050 e 10,85 bilhões em 2100, com base em uma hipótese de fertilidade média. Emmott aceita sem discussão que haverá pelo menos 10 bilhões de pessoas na Terra em algum momento mais perto do fim deste século. Dorling, apesar do título de seu livro, discorda. "Quanto mais examinei essa questão, mais pude perceber que são os mais preocupados os que mais escrevem sobre população", diz. "Talvez isso seja natural, mas existe muito pouca opinião que contradiga a opinião contraposta à tese dominante de que a população é um problema e que as taxas de crescimento estão muito elevadas."

Dorling apresenta algumas análises demográficas sofisticadas para argumentar que as taxas de crescimento populacional em todo o mundo, já em declínio, cairão mais rapidamente do que faz supor o modelo de fertilidade média da ONU. Na verdade, ele sugere que os especialistas em população da ONU elevaram os números de suas previsões recentes, "pois tornou-se mais politicamente conveniente aumentá-los, para parecerem uma advertência de que o número de pessoas pode estar ficando fora de controle", embora não apresentem nenhuma evidência em apoio dessa alegação.

O modelo de baixa fertilidade da ONU, que tem recebido muito menos publicidade, prevê que a população atingirá um pico de 8,34 bilhões de pessoas por volta de 2050 e cairá para 6,75 bilhões em 2100. "O fato de que a primeira queda populacional sem a ocorrência de um desastre está chegando é tão próximo quanto possível de uma certeza demográfica", escreve Dorling. O tamanho médio de uma família em todo o mundo nunca foi tão pequeno e está caindo rapidamente. Hoje, em mais da metade dos povos do planeta, é normal haver menos de dois filhos por mulher.

Uma questão interrelacionada é a imigração e o movimento de pessoas ao redor do mundo. Emmott prevê que os países ricos chegarão a se assemelhar a fortalezas, com controles militarizados em suas fronteiras para impedir a entrada de milhões de pessoas "errantes, porque seus países não são mais habitáveis ou não têm água ou comida suficientes, ou são palco de conflitos em torno de recursos naturais cada vez mais escassos".

Dorling vê um mundo de fronteiras cada vez mais porosas, em que controles sobre a imigração vão desaparecendo gradualmente e países ricos com baixas taxas de fertilidade e populações cada vez menores acolherão os emigrantes de regiões menos favorecidas. "Por toda parte, atribui-se à imigração a culpa por problemas, mas, simultaneamente, quase sempre é vista como prenúncio de uma solução", observa. Dorling também afirma que essas migrações são boas para abrandar o crescimento da população mundial, porque as pessoas que se deslocam para os países ricos têm, em média, menos filhos do que se tivessem permanecido

em seus lugares de origem; essas pessoas logo adotam as taxas de fertilidade dos lugares para onde migram. Evidentemente, a população total é relevante para a saúde do planeta e de seus habitantes, mas o que as pessoas fazem - quanto e o que consomem, e como tratam a Terra - é mais importante. O planeta poderia ser capaz de sustentar, digamos, 10 bilhões de humanos com sábia moderação, ao passo que 5 bilhões praticando um estilo de vida ocidental moderno colocariam o planeta além de sua capacidade de suportar excessos no longo prazo.

Dorling constata, com alguns indicadores importantes, que a aidez humana e os impactos ambientais começaram a refluir, após décadas de excessos. No Reino Unido, o consumo total de matérias-primas atingiu um pico em 2001, o uso de água para uso doméstico atingiu um máximo em 2003 e os agricultores vêm usando menos fertilizantes desde 1980. O mundo desenvolvido "pode ter virado a esquina rumo a uma economia de menor consumo", enquanto se tornava mais rico e mais populoso.

Para Emmott, tudo continua piorando. Ele escreve sobre os insumos de energia, água e matérias-primas necessários para fabricar e transportar os confortos da vida moderna. Os números referentes ao "consumo oculto" de água são impressionantes. Por exemplo, são necessários 3 mil litros de água para produzir um hambúrguer de carne, 9 mil litros para produzir uma galinha e 27 mil para produzir um quilo de chocolate.

"Isso certamente deveria ser algo para pensarmos enquanto, encolhidos em nossos pijamas no sofá, comemos um chocolate", diz. "Mas tenho más notícias sobre pijamas, porque receio que um pijama de algodão necessite de 9 mil litros de água para ser produzido." Esse trecho exemplifica o estilo coloquial de Emmott. O livro baseia-se muito de perto em seu "Ten Billionshow", apresentado no Royal Court Theatre, em Londres, no verão passado, recebido como um sucesso de crítica e público.

Não acredito que Emmott seja tão pessimista quanto parece no palco ou em seu texto. Se realmente acreditasse ser tarde demais, não teria dedicado tanto tempo e energia para tentar mudar percepções e comportamentos das pessoas. Sua mensagem é, em última instância, que ciência e tecnologia não podem evitar uma catástrofe mundial, mas ações sociais e políticas radicais - ações reais, e não gestos simbólicos - talvez possam.

Para um discordante Dorling, Emmott "é a personificação do pessimismo irado". Mas Dorling revela-se na mesma medida determinado a manter distância dos "otimistas racionais", como o escritor científico Matt Ridley, de cuja atitude ele faz uma caricatura, dizendo ser possível resumi-la em "a aidez prevalecerá". Dorling sente, evidentemente, a necessidade de um rótulo, e descreve-se como um "possibilista prático", nos moldes de Hans Rosling, professor sueco de saúde e desenvolvimento internacionais. "Encarando-se de certa forma, exprimindo-se com um certo tipo de história em mente, é possível pintar um cenário com um final mais róseo, menos otimistamente combativo e menos pessimistamente catastrófico do que muitos supõem", escreve Dorling. "Esse é o quadro pintado por um possibilista prático."

Mas os dois livros com "10 Billion" nos títulos, de seus modos muito distintos, são uma contribuição valiosa para reacender a pendular discussão sobre a população mundial travada nos dois séculos desde que Thomas Robert Malthus originalmente trouxe a questão à atenção do público. Mais cientistas deveriam emular Emmott e Dorling, e mergulhar no debate.

A essência do pensamento de Malthus

- ✓ “As lei dos pobres da Inglaterra tendem a piorar as condições gerais dos pobres de das maneiras. A primeira delas é a tendência óbvia a aumentar a população, sem aumentar a quantidade de alimentos de que ela precisa... A segunda é que a quantidade de alimentos consumidos nos asilos para pobres, por uma parte da sociedade que não pode, em geral, ser considerada a parte mais útil, diminui o que de outra forma iria para os membros mais produtivos e mais úteis”.

Teoria da superprodução

- ✓ Considerada por Hunt a maior contribuição de Malthus à teoria econômica:
- ✓ 1) Para aumentar a produção os capitalistas precisam aumentar tecnologia ou número de trabalhadores.
- ✓ 2) Não o podem fazer infinitamente porque a oferta de trabalhadores é limitada.
- ✓ 3) Quando tentam aumentar o produto além da oferta de mão de obra disponível, ou ficam com capital ocioso ou fazem os salários crescerem.
- ✓ 4) Então eventualmente vão preferir guardar seu capital do que investir, o que causará insuficiência de demanda.

Como contornar a superprodução

- ✓ Os lucros excessivos dos capitalistas são um problema recorrente do sistema.
- ✓ A única forma de garantir uma demanda efetiva suficientemente alta era redistribuir o produto aos proprietários de terra através das leis dos cereais.
- ✓ Os proprietários auxiliariam o sistema ao despender seu produto na contratação de trabalhadores improdutivos, o que eliminaria o problema de demanda agregada insuficiente.

Malthus revelado

- ✓ Embora correto em parte, sua opinião revela que o autor estava do lado dos proprietários.
- ✓ Redistribuir o produto seja a trabalhadores ou proprietários teria, mantido todo o resto constante, o mesmo efeito, tanto em aumentar a renda agregada quanto em reduzir o lucro dos capitalistas.
- ✓ Uma situação ideal a um capitalista isolado é reduzir seus custos o máximo possível, enquanto outros capitalistas aumentam seus custos, que são repassados aos trabalhadores e proprietários, que por sua vez os transformam em consumo.

- ✓ Essa interação entre objetivos individuais e resultados agregados resulta num dos mais importantes tópicos de economia, que viria a ser equalizado somente no século XX por Keynes.

Questionário

- 1) Sob que conflito Malthus elaborou seu pensamento?
- 2) Por que o nível de pobreza se mantém, segundo Malthus?
- 3) Explique a teoria da superprodução.
- 4) O que há de errado na idéia de Malthus em redistribuir os lucros dos capitalistas aos proprietários de terra?

1) A teoria da superprodução é considerada a contribuição mais importante de Thomas Malthus. É INCORRETO afirmar a respeito dessa teoria:

- a) A superprodução passava pela possibilidade de entesouramento de recursos.
- b) Lucros extraordinários podem ser acumulados por capitalistas, os quais podem prejudicar a economia se não foram reinvestidos.
- c) Tem como um de seus princípios o de que a oferta de mão-de-obra é limitada, ocasionando custos extras ao capitalista que deseja expandir sua produção.
- d) Vai contra a lei de Say, que afirmava que toda oferta cria sua própria demanda.
- e) Sua proposta para reduzir o risco de superprodução é lógica, retirando o excedente dos capitalistas e repassando-o a trabalhadores.

1) E

Ricardo

- ✓ Hunt, capítulo Ricardo

82 VANTAGEM COMPARATIVA

EM CONTEXTO

FOCO

Economia mundial

PRINCIPAL PENSADOR

David Ricardo (1772-1823)

ANTES

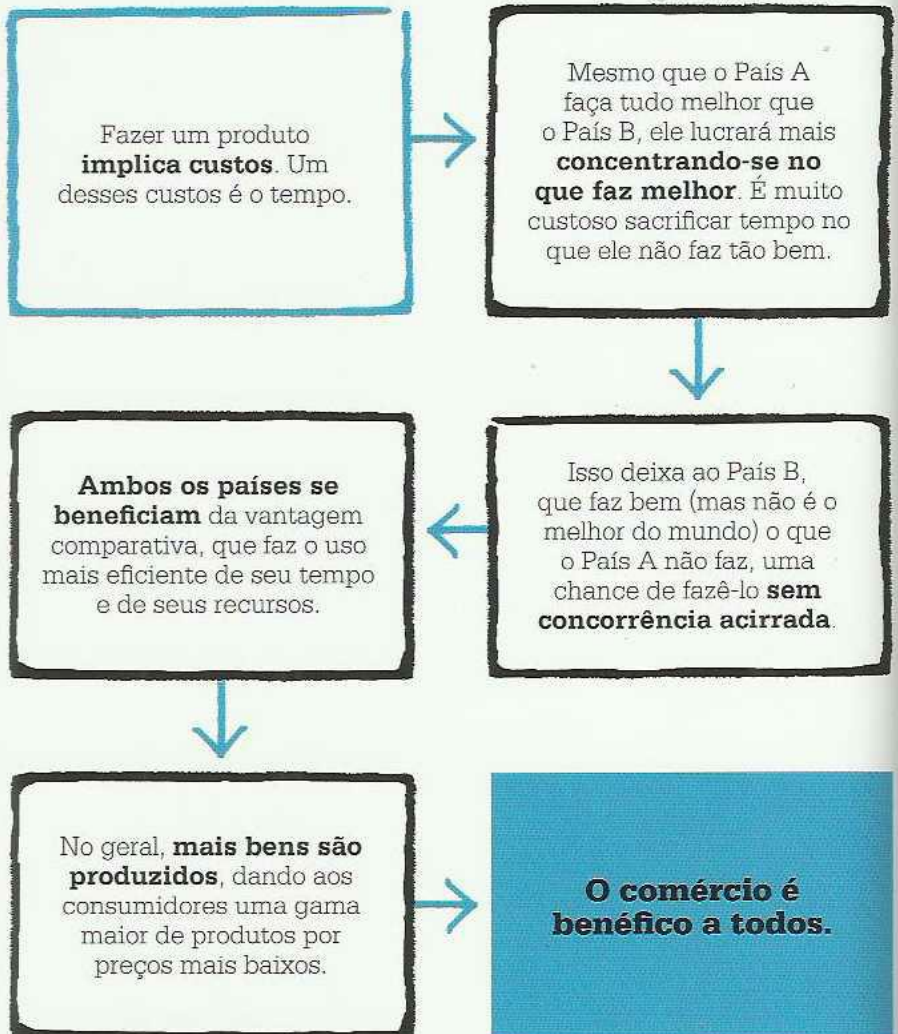
433 AC Os atenienses impõem sanções aos mégaros, numa das primeiras guerras comerciais documentadas.

1549 John Hales, político inglês, expressa a opinião disseminada de que o livre comércio é ruim para o país.

DEPOIS

1965 O economista americano Mancur Olson mostra que os governos respondem mais ao apelo de um grupo concentrado de países que ao de um mais disperso.

1967 Os economistas suecos Bertil Ohlin e Eli Heckscher desenvolvem teoria comercial de Ricardo para examinar como a vantagem comparativa muda com o tempo.



As ideias do célebre David Ricardo, economista britânico do século XVIII, claramente ganharam a forma do mundo em que ele vivia e de sua vida pessoal. Ele vivia em Londres, Inglaterra, num tempo em que o mercantilismo (pp. 34-35) era a doutrina econômica dominante, defendendo pesadas restrições ao comércio internacional. Por isso os governos adotaram diretrizes que visavam aumentar as exportações e reduzir as importações, numa tentativa de enriquecer a nação pela entrada de ouro. Na Inglaterra, essa

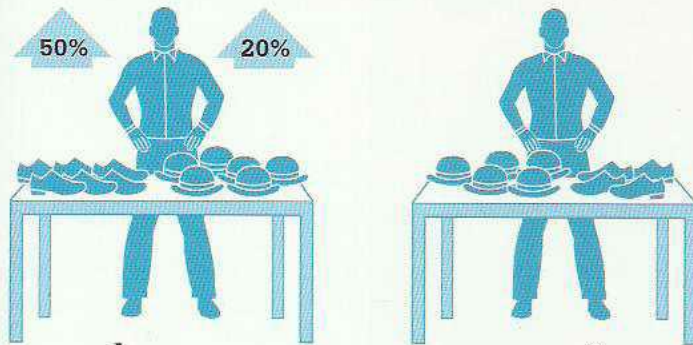
política vinha dos tempos da rainha Elizabeth I. Ricardo achou que, no longo prazo, fosse provável que tais diretrizes protecionistas refreassem a capacidade do país de aumentar a sua riqueza.

Proteção comercial inicial

Ricardo preocupava-se sobretudo com as Leis dos Cereais. Durante as Guerras Napoleônicas (1799-1815), uma vez que não era possível importar trigo da Europa, o preço do grão subiu na Grã-Bretanha. Consequentemente, muitos latifundiários aumentaram

a área dedicada à lavoura em suas terras. Porém, quando a guerra começou a perder força, em 1812, o preço do trigo caiu. Sendo assim, os latifundiários, que também controlavam o Parlamento, aprovaram as Leis dos Cereais no final da guerra, em 1815, a fim de restringir a importação de trigo e estabelecer um preço mínimo para o grão. Essas leis protegeram os agricultores, mas também elevaram o preço do pão para além do que os mais pobres podiam pagar, numa época em que soldados e marinheiros que retornavam ao país

Veja também: Protecionismo e comércio 34-35 ■ Integração de mercados 226-31 ■ Teoria da dependência 242-43 ■ Taxas de câmbio e moedas 250-55 ■ Os Tigres Asiáticos 282-87 ■ Comércio e geografia 312



Se o trabalhador

A faz chapéus 20% melhor e faz sapatos 50% melhor, ele deve se concentrar nos sapatos. Esse é o modo mais lucrativo de usar o seu tempo.



O trabalhador B não é melhor que o A em nada, mas faz chapéus melhor que sapatos. Ao fazer sapatos, ele tem vantagem comparativa e pode negociar com o trabalhador A.



não conseguiam emprego. Ricardo, apesar de ser um proprietário rico, opôs-se com vigor às Leis dos Cereais. Afirmou que as leis empobreceriam a Grã-Bretanha e elaborou uma teoria que seria o esteio de quem quisesse justificar o livre comércio entre os países.

Vantagem comparativa

Adam Smith (p. 61) assinalou que a diferença climática entre Portugal e Grã-Bretanha permitia que ambos se beneficiassem do comércio. Um trabalhador português podia produzir mais vinho que um britânico, que por sua vez podia produzir mais lã que um português. Qualquer pessoa ou Estado capaz

Em 1819, 80 mil pessoas juntaram-se em Manchester, Inglaterra, para protestar contra as Leis dos Cereais, que mantiveram alto o preço do trigo ao limitar as importações.

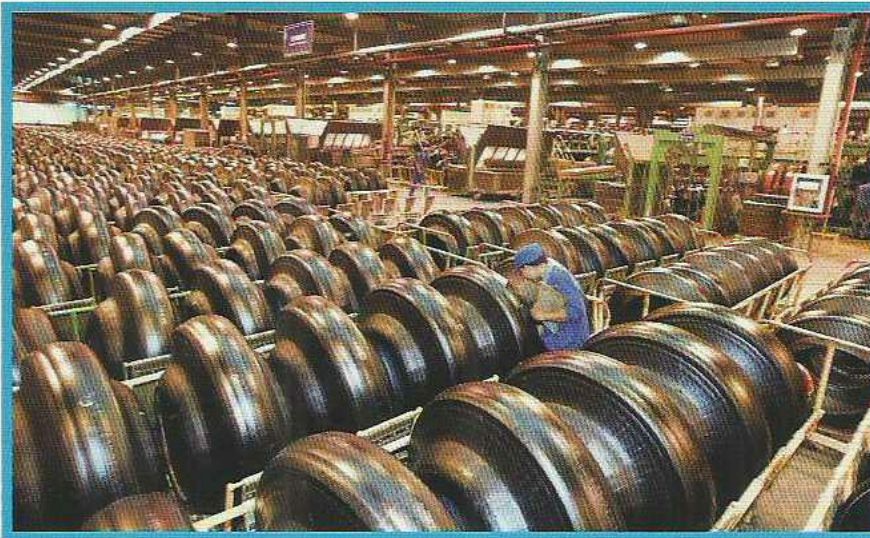
de produzir mais por recurso unitário do que um concorrente tem uma “vantagem absoluta”. Smith disse que tanto a Grã-Bretanha quanto Portugal lucrariam mais especializando-se naquilo que faziam melhor e negociando o excedente. A contribuição de

Ricardo foi ampliar o argumento de Smith, para examinar se os países se beneficiariam da especialização e do comércio quando um tinha vantagem absoluta em ambos os bens. Valeria a pena negociar se um país produzia mais vinho e mais lã por trabalhador do que outro país?

Outro enfoque é analisar se uma pessoa que faz chapéus e sapatos melhor do que outra deveria dividir seu tempo entre os dois serviços ou escolher um deles e negociar com o trabalhador menos capacitado que faz o outro produto (veja a ilustração à esquerda). Suponha que o trabalhador superior faça chapéus 20% melhor, mas faça sapatos 50% melhor – ambos terão interesse em que ele faça exclusivamente sapatos (o produto em que ele realmente é melhor), e o homem menos dotado faria chapéus (o produto que ele faz menos mal).

A lógica desse argumento é aproveitar os custos relativos da produção de um bem, quanto à quantidade de tempo de produção usada ou perdida. Como o trabalhador melhor faz sapatos tão bem, o custo de ele produzir chapéus é alto – ele teria de abrir mão de boa parte da »





valiosa produção de sapatos. Embora em termos absolutos o trabalhador menos capacitado faça sapatos e calçados pior que o superior, seu custo relativo ao fazer chapéus é menor que o do trabalhador superior. Isso porque ele perde uma produção menor por chapéu do que o superior. Diz-se, assim, que o trabalhador menos capacitado tem uma "vantagem comparativa" em chapéus, enquanto o superior tem uma vantagem comparativa em sapatos. Quando os países se especializam em bens nos

quais têm vantagem comparativa, mais bens são produzidos no total, e o comércio rende mais produtos mais baratos para os dois países.

A vantagem comparativa resolve um paradoxo destacado por Adam Smith – o de que os países que fazem produtos piores (que teriam "desvantagem absoluta" neles) ainda assim podem exportá-los com lucro.

Vantagem no século XX

O que determina a vantagem comparativa? Os economistas suecos Eli Heckscher e Bertil Ohlin afirmaram

O aumento da importação de pneus da China (esquerda) fez os EUA impor restrições em 2009, o que por sua vez levou a uma briga comercial ampla e à deterioração das relações diplomáticas.

que ela vem de países com abundância de capital e mão de obra. Países ricos em capital têm vantagem comparativa em produtos intensivos em capital, como máquinas. Os países ricos em mão de obra têm vantagem comparativa em produtos intensivos em trabalho, como bens agrícolas. O resultado é que os países tendem a exportar bens que usam seu fator de produção abundante; as nações com capital abundante, como os EUA, têm mais probabilidade, portanto, de exportar bens industrializados. A análise de Heckscher e Ohlin levou a outra previsão. O comércio não só tenderia a reduzir as diferenças nos preços de bens em países diferentes como também reduziria a diferença entre salários: a especialização em setores intensivos em mão de obra nas economias com mão de obra abundante tenderia a impulsionar o preço dos salários, enquanto um efeito na outra direção seria notado num país com capital abundante. Assim, apesar do aumento geral em curto

David Ricardo



Considerado um dos maiores teóricos da economia, David Ricardo nasceu em 1772. Seus pais mudaram-se da Holanda para a Inglaterra, e aos 14 anos Ricardo começou a trabalhar com o pai, corretor de ações. Aos 21, Ricardo fugiu com uma quacre, Priscilla Wilkinson. Diferenças religiosas entre as famílias fizeram-nas abandonar o casal, e Ricardo abriu uma firma de corretagem. Fez fortuna apostando na derrota francesa em Waterloo (1815) com a compra de títulos do governo inglês. Ricardo juntou-se a economistas notáveis na época,

como Thomas Malthus (p. 69) e John Stuart Mill (p. 95). Deixou a bolsa de valores em 1819 e tornou-se membro do Parlamento britânico. Morreu de repente de infecção no ouvido em 1823, deixando um patrimônio de mais de \$120 milhões em valores de hoje.

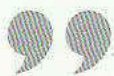
Obras-chave

- 1810 *O alto preço do ouro*
- 1814 *Ensaio acerca da influência do baixo preço do sal*
- 1817 *Princípios da política econômica e da tributação*



A diminuição de dinheiro num país e o aumento em outro não influi no preço de apenas um produto, mas no preço de todos.

David Ricardo



prazo, no fim existirão perdedores e ganhadores e a conseqüente oposição à abertura do comércio.

Os clamores por protecionismo são tão audíveis hoje quanto no tempo de Ricardo. Em 2009, a China acusou os EUA de “protecionismo desenfreado”, por causa dos pesados impostos sobre pneus chineses importados. A decisão de aumentar as tarifas veio após pressão dos trabalhadores americanos, que viram a importação de pneus crescer de 14 para 46 milhões de 2004 a 2008, reduzindo a produção nos EUA e provocando o fechamento de fábricas. Contudo, como os EUA haviam antes acusado a China de subsidiar deslealmente sua indústria, as tensões cresceram. A China ameaçou com aumentos retaliativos nos impostos de importação sobre carros e carnes de ave americanos.

As tarifas criam efeitos que se espalham pelas economias. A proteção obtida para os produtores de pneus nos EUA com tarifas sobre pneus, por exemplo, teve impactos negativos. Os preços mais altos dos pneus aumentaram o custo dos carros americanos, tornando-os menos competitivos e reduzindo a procura. A retaliação da China também prejudicou os setores exportadores

americanos. O emprego de alguns trabalhadores em pneus nos EUA pode ter sido salvo, mas na economia como um todo mais empregos se perderam.

Protecionismo hoje

O economista americano Mancur Olson ajudou a explicar por que os políticos ainda impõem diretrizes que têm tudo para prejudicar a economia como um todo, embora os custos sejam bem conhecidos. Ele destaca que os poucos que estão contra os impostos – grandes produtores nacionais e seus funcionários – sofrem um impacto visível das importações baratas. Todavia, o número potencialmente maior de consumidores que têm de pagar mais por causa das tarifas e os trabalhadores de setores correlatos que perderão o emprego por causa de impactos indiretos estão espalhados por toda a economia.

Comércio contemporâneo

A maioria dos economistas concorda com a visão ricardiana básica sobre o comércio e acredita que ela ajudou, em particular, os países industrializados de hoje. Os economistas americanos David Dollar e Aart Kraay disseram que nas últimas décadas o comércio ajudou os países em desenvolvimento a crescer e reduzir a pobreza.

Outros economistas duvidam que o comércio sempre ajude os países em



desenvolvimento. O economista americano Joseph Stiglitz (p. 338) diz que esses países costumam sofrer de falhas de mercado e fraqueza institucional que podem tornar custosa demais uma liberalização comercial muito rápida.

Existem também contradições entre a teoria e a prática. Quando o governo da Índia retirou as tarifas sobre importações do óleo de palmeira da Indonésia, por exemplo, isso elevou o padrão de vida de milhões de indianos, confirmando a teoria de Ricardo, mas destruiu o sustento de um milhão de agricultores que cultivavam amendoim para extrair óleo, substituído pelo óleo de palmeira. Em um mundo ricardiano perfeito, os agricultores de amendoim simplesmente passariam a produzir outros bens, mas na prática não podem, porque seu capital está imobilizado – uma máquina que processa amendoins não tem outra utilidade.

Os críticos de Ricardo afirmam que no longo prazo impactos assim podem impedir a industrialização e a diversificação de países pobres. Além do mais, embora os ricos países industrializados tenham se tornado negociantes de sucesso, eles não praticaram o livre comércio quando começaram a se desenvolver. A maneira de os países criarem vantagem comparativa de longo prazo pode ser mais complexa do que indica o modelo de Ricardo. Chega-se a afirmar que a Europa e depois os Tigres Asiáticos (pp. 282-87) a conquistaram por meio da proteção ao comércio, e suas qualificações foram adquiridas antes que o comércio se abrisse. ■

Produtos asiáticos são transportados para países ocidentais em enormes navios de contêiner. Estima-se que 75% dos produtos num carrinho de mercado sejam exportados para os EUA da Ásia.

Vida

- ✓ 1772-1823
- ✓ Inglês
- ✓ Rico
- ✓ Em 1799 leu a Riqueza das nações.
- ✓ Capacidade insuperável de análise econômica para a época.

Teoria da renda e do lucro

- ✓ Objeto de estudo:

O produto da terra – tudo o que é retirado de sua superfície pelo emprego conjunto do trabalho, das máquinas e do capital – é dividido entre três classes da comunidade, a saber: o **proprietário da terra**, o **dono do capital** necessário para o seu cultivo e os **trabalhadores** que entram com o trabalho para o cultivo da terra.

O principal problema da Economia Política é determinar as leis que regem essa distribuição.

Situação para exemplificar a teoria

- ✓ 3 capitalistas
- ✓ Mesmo capital
- ✓ Objetivo: maximizar seu lucro
- ✓ 3 terras, de fertilidade distinta

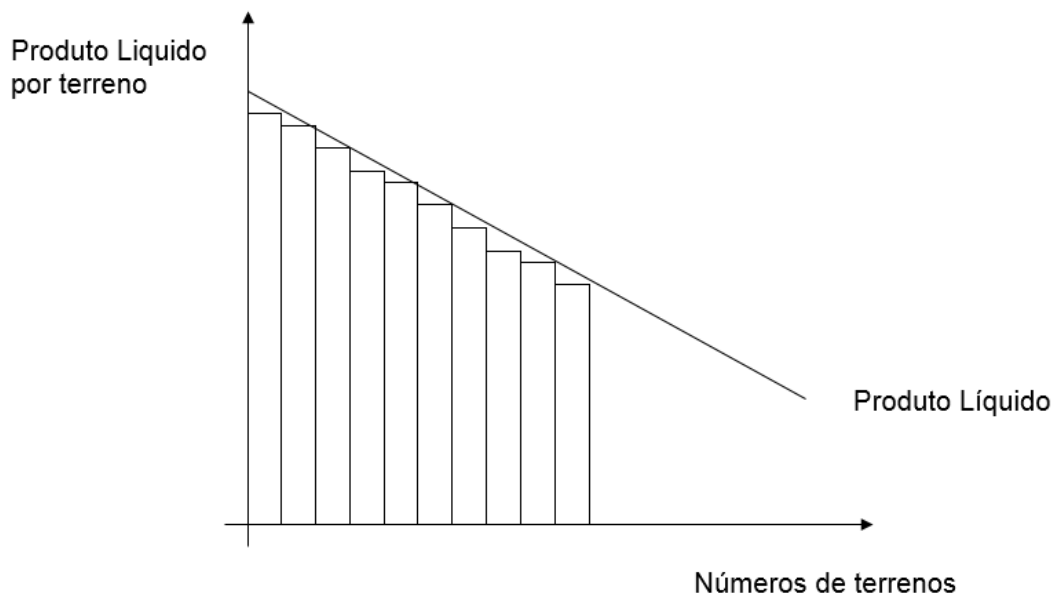
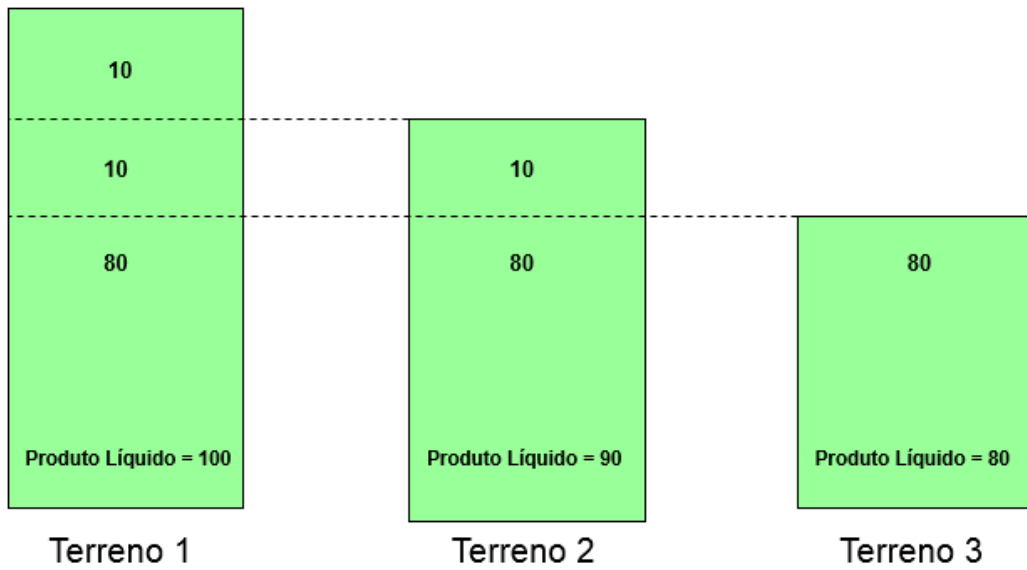
- ✓ 1ª = Produto líquido de 100
- ✓ 2ª = Produto líquido de 90
- ✓ 3ª = Produto líquido de 80

Produto Líquido: quantidade total produzida, menos todos os custos de produção necessários, inclusive a reposição do capital usado na produção e os salários dos operários

Hipóteses do modelo:

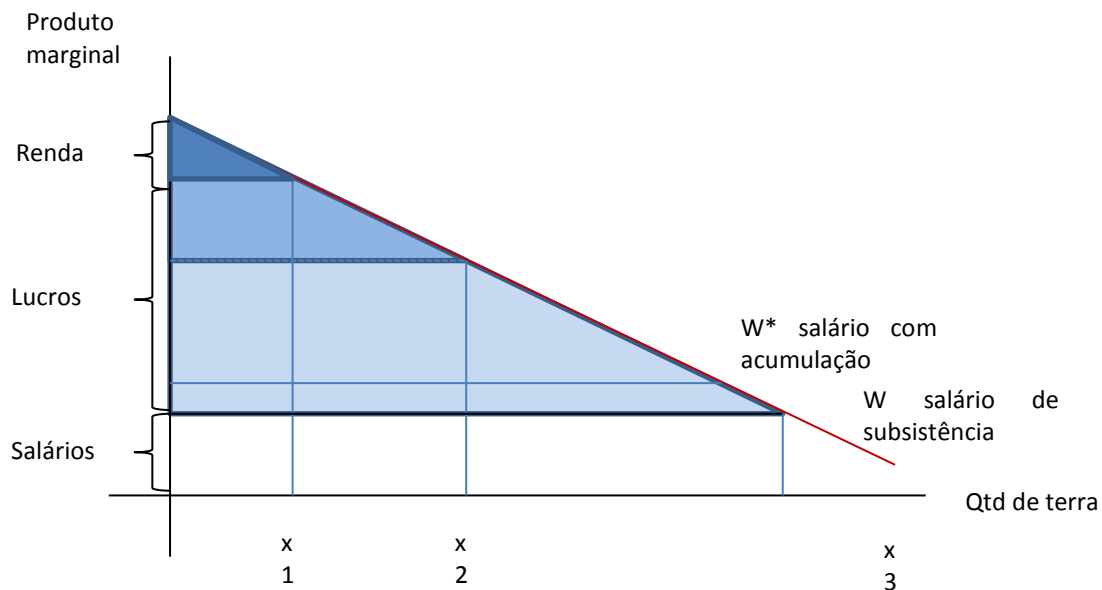
A terra é diferente em sua fertilidade, e todas podem ser ordenadas a partir da mais fértil para a menos fértil. A concorrência sempre igualava a taxa de lucro dos fazendeiros capitalistas. Os trabalhadores recebem um salário de subsistência.

- Lucros de cada terra:
 - $1^a = 100/K$ $2^a = 90/K$ $3^a = 80/K$
- Competição por melhores terras = maior demanda = renda das terras mais férteis sobe
- Lucros após aumento das rendas:
 - $1^a = 100 - 20/K$ $2^a = 90 - 10/K$ $3^a = 80/K$



- ✓ Para Ricardo, portanto, ao contrário de Smith, a renda da terra não era uma parte componente dos custos que determinavam os preços, mas um resíduo determinado pelos preços.

Funcionamento econômico



Lucros → Acumulação de Capital → Crescimento na demanda por mão-de-obra → aumento de salário → Aumento da População

Efeitos na agricultura:

Cultivo de novas terras → queda na produtividade da mão de obra na agricultura → mais trabalho → aumento nos preços → queda na taxa de lucro

Na Indústria:

Produtividade constante → queda nos preços relativos → Via aumento salarial → queda na taxa de lucro da indústria

Para manter constante o nível de preços → queda no preço de alguns produtos da indústria

Crítica de Malthus: é impossível conhecer o comportamento da taxa de lucro se houver variação nos preços relativos.

Conclusão

- ✓ O interesse do proprietário de terras se opõe ao das outras classes.
- ✓ Redução dos lucros na agricultura também reduz os lucros da indústria, pois a competição tenderá a igualar preços e lucros.
- ✓ Deve-se banir a lei dos cereais e permitir a livre importação de alimentos, evitando que terras sejam utilizadas desnecessariamente para processos que comprimem salários e lucros.

Comércio internacional

- ✓ Pressupostos do modelo ricardiano:
 - Podemos expressar os preços das mercadorias em horas de trabalho;
 - Países trocam produtos entre si a uma taxa 1 por 1.

- ✓ Vantagens Absolutas (Smith): ocorre quando um país é mais produtivo que outro na produção de determinado bem. Exemplo: produtores de Portugal levam em média 90 horas para produzir 1 rolo de tecido, enquanto os da Inglaterra levam 100 horas.
- ✓ Vantagens Relativas: é a razão entre o trabalho incorporado em duas mercadorias. Demonstra os produtos em que o país é mais produtivo, mesmo que não possua uma vantagem absoluta.

- ✓ Exemplo:
Número de Horas necessárias para produzir uma unidade de tecido e vinho na Inglaterra e em Portugal

	Tecido	Vinho	Preço do Vinho/ Preço do Tecido	Preço do Tecido/ Preço do Vinho
Inglaterra	100	120	1,20	0,83
Portugal	90	80	0,88	1,12

- ✓ Portugal usa relativamente menos trabalho na produção de vinho, e o preço é relativamente mais baixo
- ✓ Inglaterra usa relativamente menos trabalho para produzir tecido
- ✓ Ambos os países poderiam se beneficiar se cada um deles pudesse comerciar à razão de preços do outro país
- ✓ Resultado:
 - Se Portugal tiver 1 milhão de horas de trabalho, pode produzir:
 - Máximo de 12.500 garrafas de vinho ($1.000.000/80$)
 - Um português troca uma garrafa por 0,88 rolo de tecido, pois garrafas são mais rápidas de serem produzidas em Portugal (ou seja, garrafas valem menos).
 - Ou 11.111 rolos de tecido ($1.000.000/90$)
 - Um português trocar um rolo de tecido por 1,12 garrafa, pois tecidos são mais demorados de serem produzidos em Portugal (ou seja, tecidos valem mais).

- A Inglaterra, também com 1 milhão de horas de trabalho, pode produzir:
 - Ou 8.333 garrafas de vinho (1.000.000/120)
 - Um inglês troca uma garrafa por 1,20 rolo de tecido, pois tecidos são mais rápidos para serem produzidos na Inglaterra (ou seja, tecidos valem menos)
 - Máximo de 10.000 rolos de tecido (1.000.000/100)
 - Um inglês troca um rolo de tecido por 0,83 garrafa, pois garrafas são mais demoradas para serem produzidas na Inglaterra (ou seja, garrafas valem mais)

- E se as populações quisessem trocar produtos entre si?
 - Lembre que um português troca uma garrafa por 0,88 rolo de tecido, enquanto um inglês troca uma garrafa por 1,20 rolo de tecido. Então, qualquer valor entre 0,88 e 1,20 deixaria ambos felizes. Digamos que eles acertassem um valor médio: 1,04. O inglês daria 1,04 rolo de tecido a um português por uma garrafa, e poderia consumir ou trocar essa garrafa portuguesa na Inglaterra por 1,20 rolo de tecido, que é o valor de garrafas em seu país (garrafas são mais caras que tecidos na Inglaterra). Já o português teria 1,04 rolo de tecido, que poderia consumir ou trocar por $1,04 \times 1,12 = 1,1648$ garrafas em seu país (tecidos são mais caros que garrafas em Portugal).

- Conclusão: o comércio internacional permite a otimização das preferências!

Ganhadores e perdedores

Artigo, Valor Econômico, por Delfim Neto

A teoria do comércio internacional e o mundo mudaram muito desde quando Adam Smith (1776) demoliu o mercantilismo nacionalista, que acreditava que uma balança comercial favorável traria para o país ouro e prata, que poderiam ser utilizados para fazer "a guerra e sustentar a armada e os exércitos em países distantes".

Quando olhamos mais atentamente, a mudança parece ser menor. Com o "dollar standard" e o "privilégio excessivo" do Estado emissor, a coisa na segunda metade do século XX não parece ter sido muito diferente...

Baseado naquela doutrina, a política econômica dos mais importantes países do século XVI impunha restrições às importações e encorajava as exportações. O comércio exterior seria um jogo de soma zero: o que um país ganhava o outro perdia.

Usando as horas de trabalho como unidade de medida, o velho Smith mostrou o equívoco embutido nessa proposição. Da mesma forma "que o alfaiate não faz o seu sapato, mas compra-o do sapateiro" (a divisão do trabalho aumenta a produtividade pela especialização), as nações poderiam beneficiar-se desse princípio. O comércio exterior não seria, necessariamente, de soma nula: o que não se podia determinar é como se dividiriam os resultados da vantagem absoluta entre os países.

O primeiro avanço revolucionário sobre essa proposição foi a observação de David Ricardo (1817), que não era preciso a vantagem absoluta. Bastava uma vantagem relativa dentro de cada país. Mas continuaram ainda sérias dúvidas de como se dividiriam entre os dois países os ganhos do comércio que saltavam à vista nos exemplos aritméticos cuidadosamente preparados, nos quais a especialização é completa. De fato, não estava excluída a possibilidade de que eles fossem muito desiguais.

Uma tentativa razoável para "explicar quais os fatores que determinam o comportamento do que é exportado e importado" por um país veio só um século depois. Conhecida como teoria Heckscher-Ohlin, ela afirma que os bens que requerem, na sua produção, muito dos fatores abundantes no país e pouco dos fatores escassos são exportados em troca dos que requerem o oposto. Assim, os fatores de produção com oferta abundante são indiretamente exportados e os com oferta pequena são importados. As conclusões da teoria são interessantes no curto e no longo prazo.

Pensemos num país A, onde os preços relativos dos bens agrícolas com relação aos industriais são menores do que no país B. Quando se inicia o comércio, os preços respondem imediatamente. Em A, os preços agrícolas sobem e os industriais caem e, portanto, aumenta a produção de bens agrícolas e diminui a de bens industriais.

No país B, há um movimento simétrico e de sinal contrário. E depois? No país A (e no B), a utilização dos fatores vai se alterando até que os preços dos fatores e dos produtos se igualem no longo prazo. Há um ganho geral no comércio, cuja distribuição continua incerta.

Mas há, também, cidadãos ganhadores e perdedores dentro dos países. A teoria é impotente para explicar boa parte do comércio mundial atual, onde a indústria exporta e importa os mesmos produtos e é dominada por imensos conglomerados internacionais, que fragmentam a sua produção por dezenas de países na procura de uma minimização de custos através do comércio intraempresas.

Desde o fim da década de 70 do século passado, desenvolveram-se novas teorias que introduzem as "economias de escala" internas e externas e reconhecem o regime de competição monopolística. A incorporação dessas novas realidades melhorou a qualidade do nosso conhecimento, mas não aumentou nossa capacidade de extrair recomendações "normativas" de modelos abstratos. O que ainda resta de incerteza induz a maioria dos economistas a reconhecer as vantagens da liberdade de comércio "cum grano salis".

Aqueles que recomendam a "absoluta liberdade de comércio", supondo que ela é produto de um teorema bem demonstrado com hipóteses realistas, devem saber que não há dúvida sobre o ganho geral. A incerteza é sobre quem ganha e quem perde (no nível dos países e no nível dos seus cidadãos), o que sugere que tenham mais cuidado.

Aventuram-se sem bússola num mar revolto, quando afirmam que a intervenção do governo viola as regras do mercado e introduz "distorções", como aconteceu há poucos dias num respeitado programa de televisão. O que os entrevistadores não lhe perguntaram foi: "Distorções com relação a que?" A um modelo teórico em vias de construção e aperfeiçoamento há dois séculos e meio, e que ainda continua envolvido nas maiores dúvidas?

Uma pequena observação para terminar. Quem decide se vale à pena perder ou ganhar, no nível

macroeconômico e no do cidadão, é a urna. Não nós, os economistas, nos laptops. Esta é, claramente, e ainda que não gostemos disso, uma questão política. Podemos, modestamente, usar os nossos conhecimentos para ajudar a sociedade a escolher o que consideramos o melhor caminho, mas é imoral sugerir-lo em nome da "ciência econômica".

Teoria do valor-trabalho

- ✓ O problema da teoria do valor trabalho era mostrar como os preços naturais, cada um sendo a soma dos custos dos **salários** e dos custos dos **lucros**, eram determinados pelo trabalho incorporado a produção de mercadorias”

- ✓ Para ter valor uma mercadoria precisa ter utilidade.
- ✓ Valor de uso = utilidade. Valor de Troca = preço.
- ✓ Utilidade pode vir de sua escassez ou trabalho necessário para produção.
- ✓ Se pode ser multiplicada, a escassez da mercadoria não determina seu valor.
- ✓ Rejeita a definição geral de que os preços dependem das inclinações do que têm vontade de possuir uma mercadoria.
- ✓ Bens de luxo, escassos e não multiplicáveis são raros e desprezíveis.
- ✓ Foco em mercadorias que podem ser multiplicadas.
- ✓ Toda mercadoria que requeira mais trabalho terá um preço maior, e vice-versa.
- ✓ Esbarraria no fato de que o próprio trabalho é uma mercadoria de preço derivável de outras variáveis, o que tornaria impossível determinar o preço de uma mercadoria apenas pela quantidade de trabalho necessária para sua produção.
 - Objeção 1: Não seria possível combinar tipos diferentes de trabalho com habilidades diferentes e salários diferentes;
 - Objeção 2: Como explicar a maior produtividade possibilitada pelos recursos naturais e pelo capital.

Determinação dos Preços com diferentes composições do Capital

- ✓ Problema de Ricardo: mostrar que mesmo com diferentes razões entre capital e trabalho, a teoria do valor trabalho poderia ser modificada para mostrar uma relação sistemática entre o trabalho incorporado a uma mercadoria e o seu valor de troca. (Hunt, p. 98)

	Período 1				
	Salário	Lucro	Capital	Lucro	Preço
Firma 1	100	10	0	0	110
Firma 2	100	10	100	10	220
Preço relativo					2,00
	Período 2				
Firma 1	150	15	0	0	165
Firma 2	150	15	100	10	275
Preço relativo					1,67

50% >
25% >

	Período 1				
	Salário	Lucro	Capital	Lucro	Preço
Firma 1	100	50	0	0	150
Firma 2	100	50	100	50	300
Preço Relativo					2,00
	Período 2				
Firma 1	150	30	0	0	180
Firma 2	150	30	100	20	300
Preço Relativo					1,67
	Período 3				
Firma 1	200	20	0	0	220
Firma 2	200	20	100	10	330
Preço Relativo					1,50

- ✓ Três situações (em que os preços não seriam ao trabalho incorporado)
 1. Diversas proporções entre capital e trabalho
 2. Diferentes graus de durabilidade do capital empregado em diferentes indústrias
 3. O capital dos diferentes capitalistas voltam para os seus empregadores em prazos diferentes.

- ✓ As duas últimas podem ser reduzidas à primeira (Hunt, p. 106)
- ✓ Necessidade de encontrar um numerário, uma mercadoria, com uma composição do capital igual à média da economia

Lei de Say

- ✓ Um dos pilares da economia clássica liberal.
- ✓ Eu só produzo para consumir.
- ✓ A moeda é mera intermediária, e não há utilidade em entesourá-la.
- ✓ A oferta cria sua própria demanda.

Mas:

- ✓ $\text{Demanda} = C + I$
- ✓ Origem das crises: insuficiência de demanda efetiva.
- ✓ Com o progresso do capitalismo, havia uma tendência dos capitalistas aumentarem seus lucros, os quais não poderia ser investidos, razão pela qual os capitalistas não investiriam e manteriam a acumulação de capital.
- ✓ Em virtude do lento crescimento na oferta de trabalho
 - O capital não encontraria trabalho
 - Escassez de mão de obra: os salários iriam aumentar
- ✓ E ainda os investimentos seriam feitos com nova tecnologia que aumentasse a produtividade do trabalho, gerando menos postos de trabalho e reduzindo a demanda
- ✓ Necessidade de uma política de distribuição de renda (lei dos cereais)

Questionário

- 1) Explique em palavras e graficamente a teoria da renda e do lucro de Ricardo.
- 2) Ricardo posicionava-se a favor ou contra as idéias de Malthus? Por que?
- 3) Explique a intenção da teoria do valor trabalho e por que a mesma não pôde ser plenamente desenvolvida?
- 4) Explique a Lei de Say.
- 5) Diferencia vantagens absolutas e comparativas.
- 6) Que vantagens comparativas ou absolutas você consegue identificar no Brasil e no RS?

1) A respeito das contribuições de Smith, Malthus, Ricardo e Say, podemos afirmar:

- I. David Ricardo afirma que a distribuição do rendimento da terra é determinada somente pela produtividade das terras ricas.
- II. Para Adam Smith, os agentes econômicos, quando guiados por objetivos coletivos, acabam promovendo o bem-estar de toda a comunidade, como se uma mão invisível orientasse todas as decisões da economia.
- III. De acordo com a lei de Say, a procura cria sua própria oferta.
- IV. Para Malthus, a população cresce segundo progressão geométrica enquanto os meios de subsistência crescem segundo progressão aritmética.

Estão corretas as afirmativas:

- a) IV.
- b) I.
- c) II
- d) III.
- e) II e IV.

2) Sobre a teoria das vantagens comparativas de David Ricardo, um marco teórico da economia e uma comprovação irrefutável de que o comércio internacional pode em muitos casos ser benéfico às economias nacionais, considere as seguintes sentenças:

- I - Vantagem absoluta ocorre quando um país é mais produtivo que outro na produção de um bem.
- II - Vantagem comparativa ocorre quando o país X não é mais produtivo que o país Y na produção de um bem, mas pelo fato do país Y ser ainda mais produtivo em outro bem, o país X pode se especializar mesmo no produto em que possui produtividade menor que o país Y.
- III - O comércio internacional não é mutuamente benéfico quando um país é mais produtivo que outro em todos os produtos, situação na qual ele deve produzir todos os bens de que necessita.
- IV - Embora consistente ao observar os benefícios de curto prazo do comércio, a teoria possui fragilidades, como a dependência de longo prazo criada em países produtores de bens primários.

Estão corretas as sentenças:

- a) III e IV.
- b) I, III e IV.
- c) II, III e IV.
- d) I, II e IV.
- e) Todas.

3) Considere uma economia simples formada apenas por proprietários de terras, capitalistas e trabalhadores, que só produzissem cereais. A partir dessa premissa, leia a seguinte passagem dos Princípios, de David Ricardo.

“O produto da terra — tudo que é retirado de sua superfície pelo emprego conjunto do trabalho, das

máquinas e do capital — é dividido entre três classes da comunidade, a saber: o proprietário da terra, o dono do capital necessário para o seu cultivo e os trabalhadores que entram com o trabalho para o cultivo da terra. O principal problema da Economia Política é determinar as leis que regem essa distribuição. [A renda da terra é] a parte do produto da terra que é paga ao seu proprietário pelo uso dos poderes originais e indestrutíveis do solo.

Adicionalmente, sabe-se que a teoria da renda da terra, de Ricardo, baseava-se em duas hipóteses: a primeira era a de que a terra era diferente, em sua fertilidade, e que todas as terras poderiam ser ordenadas a partir da terra mais fértil para a menos fértil; a segunda era a de que a concorrência sempre igualava a taxa de lucro dos fazendeiros capitalistas que arrendassem terra dos proprietários.”

Com base nas premissas e nas hipóteses da teoria ricardiana da renda da terra, avalie as afirmações abaixo.

I. A renda da terra surge devido a três fatores: limitação física da quantidade de terra, diferentes qualidades (produtividades) da terra e aumento da população, o que faz com que se tenha de cultivar áreas cada vez maiores.

II. Em uma economia na qual não há diferencial de produtividade entre as terras economicamente utilizadas, não haverá geração de renda fundiária no sentido ricardiano.

III. A renda da terra mais produtiva decresce à medida que terras menos férteis vão sendo cultivadas, uma vez que a taxa de lucro geral da economia diminui em função da menor produtividade das terras marginalmente ocupadas.

IV. À medida que uma economia cresce e terras menos férteis vão sendo cultivadas, ocorrerá diminuição da taxa de lucro e aumento da massa de salários.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) II, III e IV.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) III e IV.
- e) I, II e IV.

Gabarito

- 1) E
- 2) D
- 3) E

Karl Marx

- ✓ Hunt, capítulo Marx

102 ECONOMIA MARXISTA

EM CONTEXTO

FOCO

Sistemas econômicos

PRINCIPAL PENSADOR

Karl Marx (1818-83)

ANTES

1789 A revolução extingue o velho regime feudal e a aristocracia na França.

1816 O pensador alemão Georg Hegel explica sua dialética em *A ciência da lógica*.

1848 Revoluções eclodem pela Europa, lideradas por desafetos das classes média e operária.

DEPOIS

1922 A União Soviética é instituída com princípios marxistas, sob o comando de Vladimir Lênin.

1949 Mao Tsé-tung torna-se o fundador da República Popular da China.

1989 A queda do Muro de Berlim simboliza o colapso do comunismo do bloco oriental.

Embora a maior parte da economia diga respeito às economias de livre mercado, não se deve esquecer que por longo período do século XX até um terço do mundo esteve sob alguma forma de regime comunista ou socialista. Esses Estados tinham uma economia centralizada, ou planejada. Os filósofos políticos procuravam uma alternativa ao capitalismo ainda quando surgiram as economias de livre mercado. Porém, um argumento realmente econômico para o comunismo não foi formulado até meados do século



XIX, quando Karl Marx (p. 105) escreveu sua crítica ao capitalismo.

Se a influência de Marx é tida como política, ele era, talvez mais que qualquer outro, um economista. Acreditava que a organização econômica da sociedade forma a base de sua organização social e política; a economia, portanto, conduz a mudança. Marx via a história não da perspectiva da guerra ou do colonialismo, mas como uma progressão de sistemas econômicos diferentes, que geravam novas maneiras de organização social.

Com a ascensão do mercado vieram os comerciantes, e, com as fábricas, o proletariado industrial. O feudalismo fora substituído pelo capitalismo, que por sua vez seria suplantado pelo comunismo. Em seu *Manifesto comunista*, de 1848, Marx disse que isso ocorreria com revolução. Para explicar o que considerava ser uma mudança inevitável, Marx analisou o sistema capitalista e sua fraqueza inerente em *Das Kapital* (O capital), em três volumes.

Contudo, Marx não foi totalmente crítico do capitalismo. Ele o via como etapa historicamente necessária no progresso econômico, substituindo sistemas que ele

Em junho de 1848, trabalhadores de Paris se insurgiram contra o governo e montaram barricadas. O levante fazia parte de uma onda de revoluções fracassadas na Europa. Logo foi contido.

considerava ultrapassados: o feudalismo (em que os camponeses eram legalmente ligados ao senhor proprietário de terras) e o mercantilismo (em que os governos controlam o comércio exterior). Com quase admiração, descreveu como o capitalismo havia impulsionado a inovação tecnológica e a eficiência industrial. Mas acreditava que afinal o capitalismo era apenas uma etapa de transição e um sistema imperfeito cujas falhas levariam inevitavelmente à sua queda e substituição.

No centro de sua análise estava a divisão da sociedade em uma “burguesia” – uma minoria que possuía os meios de produção – e um “proletariado” – a maioria, que constituía a força de trabalho. Para Marx, essa divisão caracterizava o capitalismo.

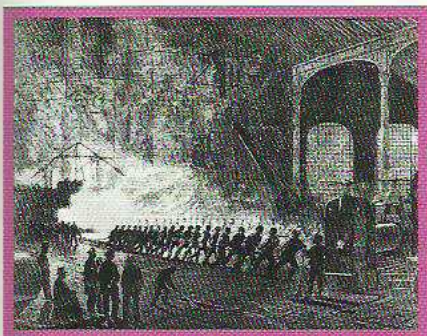
Trabalhadores explorados

Com o advento da indústria moderna, a burguesia realmente se

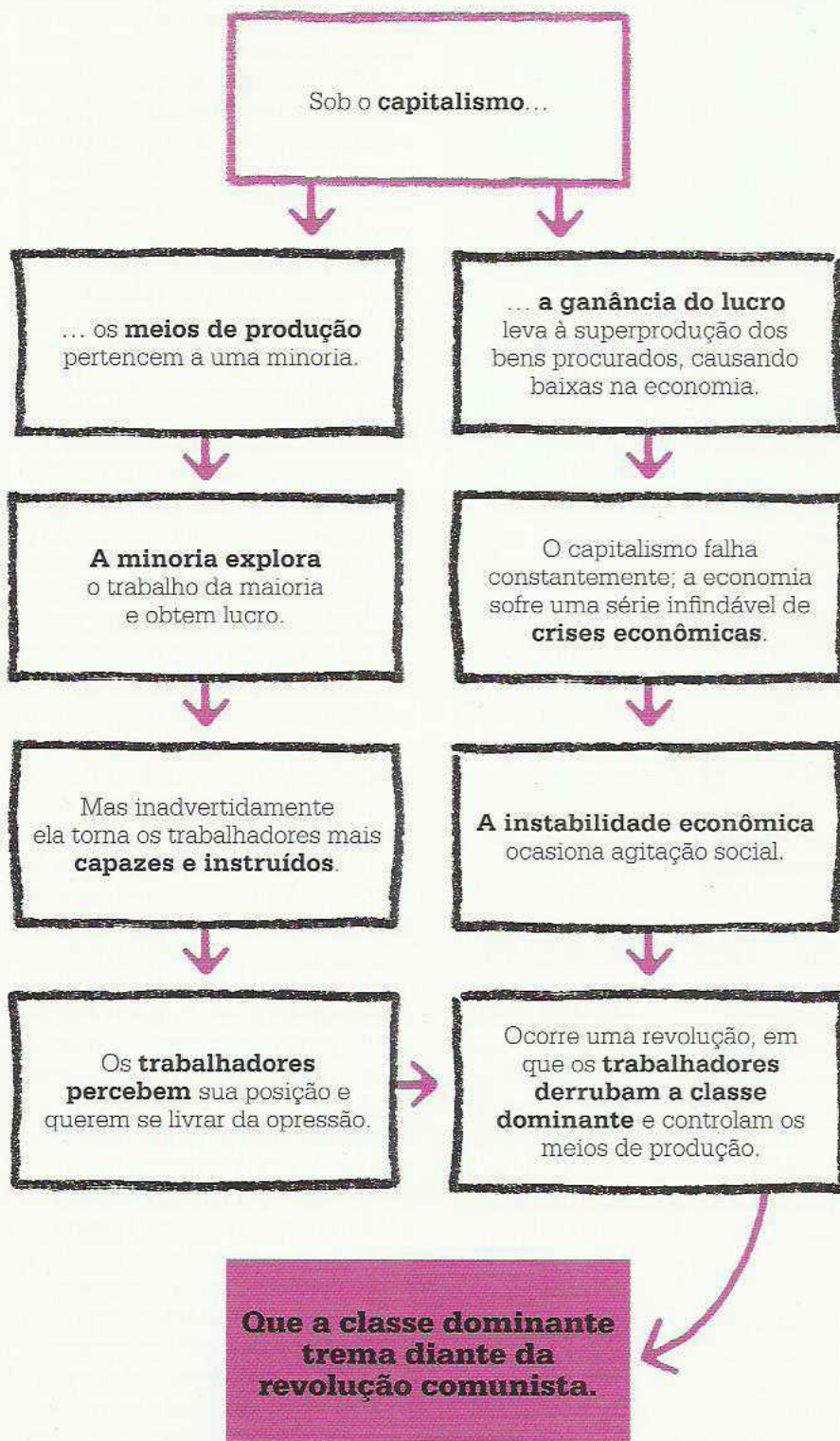
Veja também: Direitos de propriedade 20-21 ■ A teoria do valor-trabalho 106-07 ■ Negociação coletiva 134-35 ■ Planejamento central 142-47 ■ Economia social de mercado 222-23 ■ Escassez nas economias planejadas 232-33

tornou a classe dominante, pois a propriedade dos meios de produção deu-lhe o controle da maioria da população, o proletariado. Enquanto os trabalhadores produziam bens e serviços em troca de salário, os donos do capital – os industriais e donos de fábricas – vendiam esses bens e serviços para ter lucro. Se, como acreditava Marx, o valor de um produto se baseava no trabalho necessário para produzi-lo, os capitalistas deveriam dar o preço dos bens finais, primeiro somando o preço do trabalho ao custo inicial do produto e depois adicionando o lucro. Num sistema capitalista, o trabalhador deve produzir um valor maior que o que ele recebe em salários. Assim, os capitalistas extraem dos trabalhadores uma mais-valia – o lucro.

Para elevar o lucro, claro que é do interesse do capitalista manter os salários baixos, mas também introduzir tecnologia para aumentar a eficiência, em geral condenando o pessoal a um trabalho degradante ou monótono ou ao desemprego. Essa exploração da mão de obra, vista por Marx como um traço imprescindível do capitalismo, »



Em meados do século XIX, a nova tecnologia e a especialização do trabalho davam mais eficiência à indústria. O resultado, disse Marx, era um trabalhador alienado e explorado.





Sem nada para perder a não ser os grilhões, um trabalhador liberta-se simbolicamente de seus opressores, em cartaz festejando a Revolução Russa de 1917, inspirada pelas ideias de Marx.

recusa aos trabalhadores tanto uma recompensa financeira adequada quanto a satisfação no trabalho, alienando-os do processo de produção. Marx argumentou que essa alienação inevitavelmente ocasionaria agitação social.

Concorrência e monopólio

Outro elemento essencial do capitalismo é a concorrência entre os produtores. Para tanto, a empresa deve tentar não só reduzir os custos de produção como ter preço mais baixo que o dos concorrentes. Nesse processo, produtores fracassam e vão à falência, enquanto outros assumem uma parte maior do mercado. A tendência, disse Marx, era cada vez menos produtores controlarem os meios de produção e uma burguesia sempre menor concentrar a riqueza. No longo prazo, isso criaria monopólios que poderiam explorar não só os

trabalhadores, mas também os consumidores. Ao mesmo tempo, as fileiras do proletariado se inchariam com a ex-burguesia e os desempregados.

Marx considera a concorrência a causa de outra falha do sistema capitalista: o desejo de se lançar em mercados onde os lucros crescem estimula uma produção maior, às vezes independente da demanda. Essa superprodução leva não só ao desperdício, mas à estagnação e até ao declínio de toda a economia. Por natureza, o capitalismo não é planejado e é governado apenas pelas complexidades do mercado – crises econômicas são resultado inevitável da defasagem da oferta e da procura. Portanto, o crescimento em uma economia capitalista não é uma progressão suave, mas cortada por crises periódicas, que, achava Marx, teriam frequência cada vez maior. A dificuldade criada por essas crises seria sentida sobretudo pelo proletariado.

Para Marx, tais fraquezas aparentemente insuperáveis da economia capitalista levariam ao seu colapso final. Para explicar como isso ocorreria, ele usou a concepção do filósofo alemão Georg Hegel que mostrava como ideias contraditórias se resolviam num processo dialético: qualquer ideia ou situação (a “tese” inicial) contém em si uma contradição (a “antítese”), e desse conflito surge uma noção nova, mais rica (a “síntese”).

Marx considerava que as contradições inerentes às economias – personificadas nos conflitos entre grupos ou classes diferentes – conduziam à mudança histórica. Ele analisou a exploração e a alienação do proletariado pela burguesia sob o capitalismo como um exemplo de contradição social, em que a tese (capitalismo) contém a própria antítese (os trabalhadores

explorados). A opressão e a alienação destes, associadas à instabilidade inerente de uma economia capitalista, tropeçando de crise em crise, resultaria em enorme descontentamento social. Uma revolução proletária era tanto inevitável quanto necessária para trazer o sucessor do capitalismo na progressão histórica (a síntese): o comunismo. Marx encorajou a revolução nas palavras finais do *Manifesto comunista*: “Os proletários não têm nada a perder, senão seus grilhões. Têm um mundo para ganhar. Trabalhadores de todos os países, uni-vos!”.

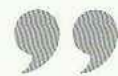
Revolução

Marx previu que, deposta a burguesia, os meios de produção seriam tomados pelo proletariado. De início, isso levaria ao que Marx chamou de “ditadura do proletariado” – uma forma de socialismo em que o poder econômico estaria nas mãos da maioria. Contudo, esse seria apenas um primeiro passo no rumo da abolição da propriedade privada em favor da propriedade coletiva num Estado comunista. Em contrapartida a essa análise exaustiva do



A burguesia [...] força todas as nações, sob pena de extinção, a adotar o modo burguês de produção.

**Karl Marx
Friedrich Engels**



capitalismo, Marx escreveu relativamente pouco sobre os detalhes da economia comunista que substituiria o capitalismo, a não ser que se basearia na propriedade coletiva e seria uma economia planificada, a fim de garantir a coerência de oferta e procura. Uma vez que essa fase afastasse todas as desigualdades e instabilidades do capitalismo, o comunismo, em seu entender, viria como o auge do avanço histórico. Não surpreende que sua crítica da economia capitalista tenha causado hostilidade. A maioria dos economistas da época considerava o livre mercado a forma de garantir o crescimento econômico e a prosperidade, ao menos para certa classe de gente. Mas Marx não ficou desamparado, ainda mais entre os pensadores políticos, e sua previsão da revolução comunista mostrou-se correta – ainda que não onde ele esperara, na Europa e nos EUA industrializados, mas em países rurais como Rússia e China.

Marx não viveu para ver surgir Estados comunistas como a União Soviética e a República Popular da China, e ele não poderia ter previsto a real ineficiência dessas economias

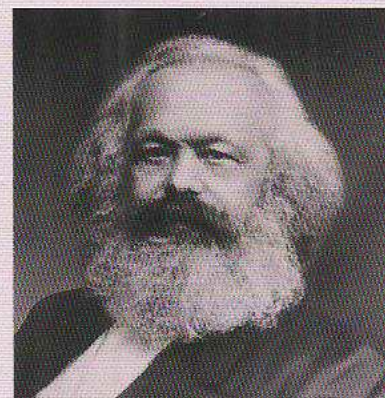


Em 1959, os revolucionários de Fidel Castro tomaram o poder em Cuba. De início uma revolução nacionalista, logo se tornou comunista quando Castro se aliou à União Soviética.

planificadas. Hoje, sobrevive só um punhado de economias comunistas planificadas (Cuba, China, Laos, Vietnã e Coreia do Norte). Corre um debate sobre que grau de comunismo “marxista” tiveram esses Estados sob a liderança de Stálin e Mao, mas a derrocada do comunismo no bloco oriental e a liberalização da economia chinesa foram vistas por muitos economistas como prova de que a teoria de Marx estava errada.

Economias mistas

Nas décadas após a Segunda Guerra Mundial, a Europa Ocidental aprimorou uma “terceira via” entre o comunismo e o capitalismo. Muitos Estados europeus ainda funcionam com economia mista, com grau variado de intervenção estatal e propriedade, embora alguns, mais claramente a Grã-Bretanha, tenham trocado a economia mista por uma política econômica mais de *laissez-faire*, em que o Estado tem papel menor. Todavia, com o comunismo bastante desacreditado e o colapso do capitalismo aparentemente não tão perto quanto no tempo de Marx, parece estar errada a teoria de que o dinamismo do capitalismo deságua numa crise e numa revolução. Entretanto, a teoria econômica marxista tem seus seguidores, e as recentes crises financeiras provocaram uma reavaliação de suas ideias. Desigualdade crescente, concentração da riqueza em poucas grandes empresas, crises econômicas frequentes e o “aperto do crédito” de 2008 foram atribuídos à economia de livre mercado. Mesmo sem chegar a defender a revolução ou mesmo o socialismo, um grupo crescente de pensadores – nem todos da esquerda política – tem levado a sério elementos da crítica de Marx ao capitalismo. ■



Karl Marx

Nascido em Trier, Prússia, em 1818, Karl Marx era filho de um advogado judeu convertido ao cristianismo. Marx estudou direito e se interessou por filosofia, em que se doutorou pela Universidade de Jena. Em 1842, mudou-se para Colônia e passou a trabalhar como jornalista, mas suas opiniões socialistas logo foram censuradas, e ele fugiu para Paris com a mulher, Jenny.

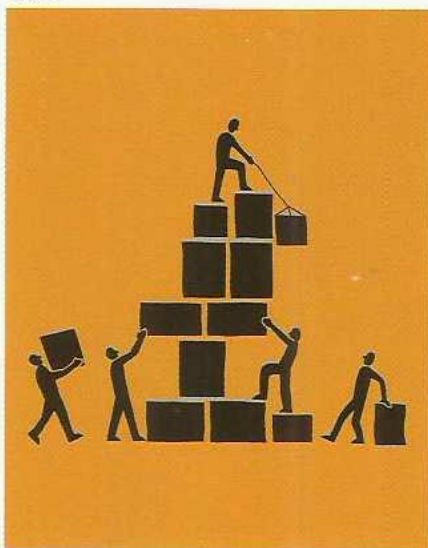
Foi em Paris que ele conheceu o industrial alemão Friedrich Engels, com quem escreveu o *Manifesto comunista* em 1848. Voltou para a Alemanha por um tempo no ano seguinte, mas, quando as revoluções foram sufocadas, mudou-se para Londres, onde passou o resto da vida. Dedicou seu tempo à escrita, sobretudo de *O capital*, e morreu na pobreza em 1883, apesar da contínua assistência financeira de Engels.

Obras-chave

1848 *Manifesto comunista* (com Friedrich Engels)

1858 *Contribuição à crítica da economia política*

1867, 1885, 1894 *O capital* – *Crítica da economia política*



O VALOR DE UM PRODUTO VEM DO ESFORÇO NECESSÁRIO PARA FAZÊ-LO

A TEORIA DO VALOR-TRABALHO

EM CONTEXTO

FOCO

Teorias de valor

PRINCIPAL PENSADOR

Karl Marx (1818-83)

ANTES

1662 O economista inglês William Petty diz que a terra é uma dádiva da natureza e portanto todo capital é "trabalho passado".

1690 O filósofo inglês John Locke afirma que trabalhadores merecem o fruto do seu trabalho.

DEPOIS

1896 O economista austríaco Eugen von Böhm-Bawerk publica *Karl Marx and the close of his system*, resumindo suas críticas à teoria do valor-trabalho de Marx.

1942 O economista americano radical Paul Sweezy publica *Teoria do desenvolvimento capitalista*, defendendo a teoria do valor-trabalho de Marx.



A história da importância do trabalho na apuração do valor dos bens remonta aos antigos filósofos gregos. Por cerca de 200 anos a partir de meados do século XVII, o trabalho dominou as ideias econômicas. Nas sociedades primitivas e pré-industriais, o papel do trabalho na determinação do ritmo com que um bem podia ser trocado por outro era bem simples. Se uma pessoa levasse uma semana para terminar uma rede de pesca, era improvável que ela conseguisse

trocá-la por uma colher de madeira feita em uma manhã. Porém, a questão se tornou muito mais complicada com o aparecimento das sociedades industriais modernas no século XVIII. Os economistas clássicos Adam Smith (p. 61) e David Ricardo (p. 84) desenvolveram cada um a sua teoria de valor relacionada ao trabalho, mas foi o filósofo alemão Karl Marx (p. 105) quem realizou a mais famosa descrição da teoria do valor-trabalho em sua obra magna *O capital*.

Veja também: Agricultura na economia 39 ■ O paradoxo do valor 63 ■ Economia marxista 100-05 ■ Utilidade e satisfação 114-15 ■ Oferta e procura 108-13 ■ Custo de oportunidade 133 ■ Planejamento central 142-47



Todas as mercadorias, enquanto valores, são trabalho humano objetivado.

Karl Marx



Trabalho e custo

A ideia de Marx foi a de que a quantidade de trabalho usada para produzir um bem é proporcional ao seu valor. A teoria costuma ser justificada pelo seguinte raciocínio: se um corte de cabelo exige meia hora de trabalho, com \$40 por hora o corte de cabelo vale \$20. Se ele também precisar do uso de tesoura e escovas que custam \$60 e perdem \$1 do valor (por uso) em cada corte de cabelo, o valor total do corte é \$21. Dos instrumentos, a própria tesoura custa \$20 porque tomou 45 minutos de trabalho para ser forjada

de um pedaço de aço, que custou \$12,50. O mesmo raciocínio pode ser aplicado para entender por que o pedaço de aço custa \$12,50, apurando o tempo e o custo da produção do aço a partir de minério de ferro. Pode-se apurar o gasto de todos os insumos intermediários até chegar aos recursos naturais, que são gratuitos – de modo que todo o valor foi criado pelo trabalho.

Marx assinalou que, por ser muito difícil calcular o valor de qualquer bem dessa maneira, o valor deve ser determinado pelo tanto de trabalho “congelado” que certo bem contém. Disse também que o valor é determinado pela quantidade “normal” de trabalho esperado na produção do bem. Um cabeleireiro ineficiente pode levar uma hora para cortar o cabelo de alguém, mas o custo do corte não pode ser majorado em \$20. Marx não negou que a oferta e a procura no mercado influenciem o valor ou o preço dos bens no curto prazo, mas disse que no longo prazo a estrutura básica e a dinâmica do sistema de valor devem provir do trabalho. ■

Felicidade no trabalho

Karl Marx disse que as pessoas são movidas pelo desejo de se ligar a outras e que isso as faz felizes. Mostramos tal desejo por meio do trabalho. Quando uma pessoa faz um produto, este representa a sua personalidade. Quando outra o compra, o produtor fica feliz não só porque satisfaz a necessidade de outra pessoa, mas também porque o comprador confirma a “bondade” da personalidade do produtor. O capitalismo destrói a essência da humanidade,

declarou Marx, pois afasta o trabalhador daquilo que ele produz. As pessoas não mais controlam sua produção; são apenas contratadas para fazer algo a que elas deram pouca contribuição criativa e que muito provavelmente não consumirão nem negociarão. A natureza cooperativa da sociedade se perde, porque as pessoas são isoladas na concorrência por emprego. Marx afirmou que é esse distanciamento do nosso trabalho que nos deixa infelizes.

Quando a teoria do valor-trabalho dominava o pensamento econômico, enfrentou uma série de críticas baseadas em questões paradoxais:



Se os castelos de areia resultam de trabalho, por que não têm valor?

A resposta de Marx foi que nem tudo feito pelo trabalho tem valor – o trabalho pode ser despendido em bens que ninguém quer.



Como uma obra-prima artística pode ser avaliada pela quantidade de horas de trabalho para fazê-la?

A defesa dessa crítica é que uma grande obra de arte é exceção à regra, porque é única. Portanto, não existe quantidade média de trabalho para determinar o preço.



Como os vinhos de safra guardados por dez anos ganham valor sem nenhum trabalho adicional?

A defesa aqui é que um custo adicional realmente provém do trabalho – o de esperar o vinho maturar.

Vida

- ✓ 1818-1883
- ✓ Alemão vivendo na Inglaterra.
- ✓ Formulou todo um sistema de pensamento amplo, do qual nos interessam os consagrados pontos:
 - 1) análise sobre o funcionamento do capitalismo;
 - 2) vícios e virtudes do sistema;
 - 3) previsão de que o capitalismo se autodestruiria;
 - 4) manifesto em favor do comunismo;
- ✓ Sua mais importante obra é o *Capital*, de onde derivam as principais ideias que veremos.

O capital

- ✓ Estrutura de “O Capital”: 3 livros, 6 volumes [3 volumes, 6 tomos]
- ✓ Objeto de Estudo: “Pesquisar o modo de produção capitalista e as suas relações correspondentes de produção e circulação” (O Capital, Prefácio da Primeira Edição)
- ✓ O capital tem um foco importante no trabalho de Marx.
- ✓ Segundo ele, economistas haviam se enganado em supor que o capital possui um mesmo papel em qualquer sistema de produção.
- ✓ Capital é instrumento de produção.
- ✓ Só no capitalismo os instrumentos de produção e o trabalho acumulado são a fonte de renda e do poder da classe social dominante.
- ✓ Marx tenta entender o surgimento desse capital e sua perpetuação.

Discussões sobre valor

- ✓ Valor de troca é a quantidade de mercadoria que se consegue por outra mercadoria, habitualmente expresso em valores monetários.
- ✓ O uso universal do dinheiro diferencia uma economia monetária de uma economia de troca pelo escambo.
- ✓ Mercadoria: unidade de valor de uso e valor de troca
 - “Como valores de uso, as mercadorias são, acima de tudo, de diferentes qualidades, mas, como valores de troca, são meramente quantidades diferentes” (Marx, apud, Hunt, p. 198)

Trabalho útil VS trabalho abstrato

- ✓ Trabalho útil é conceituado como o que gera o valor de uso da mercadoria.
 - “O trabalho... que forma a substância do valor é trabalho humano homogêneo, o gasto de uma força de trabalho uniforme” (Marx apud Hunt p. 199)
 - “O tempo de trabalho socialmente necessário é o que é preciso para produzir um artigo em condições normais de produção e com o grau médio de habilidade e intensidade existente na época” (Marx, apud Hunt, p. 200).
- ✓ Trabalho abstrato é o que gera o valor de troca.
- ✓ São definições adotadas por Marx para desenvolver seu raciocínio.

Produto = mercadoria?

- ✓ É necessário haver condições históricas para um produto transformar-se em mercadoria:
 - 1) grau de especialização suficiente para que o produtor se envolva somente na produção de determinado produto, sem se preocupar com a produção de outros necessários a sua subsistência;
 - 2) separação do valor de uso e de troca, de forma que o produtor pudesse adquirir valores de uso necessários a ele de produtos de outros produtores
 - 3) mercado amplo, bem desenvolvido, utilizando moeda como valor universal.

Produção em diferentes sistemas

- ✓ Sistema não-capitalista
 - Mercadoria>moeda>mercadoria
 - Quando se atinge esse resultado o processo chega ao fim.
 - Sistema capitalista
 - Moeda>mercadoria>moeda
 - Nesse tipo de circulação há a intenção de ganhos, comprar e vender mais caro.

Mais-valia

- ✓ O capitalista contrata mão-de-obra, emprega capital e vende as mercadorias produzidas.
- ✓ Ao final, seu objetivo é vender por um valor superior ao investido na produção.
- ✓ De onde vem o lucro do qual ele se apropria?

- ✓ Segundo Marx o lucro decorre da parte do trabalho empregado no processo produtivo mas não remunerado pelo capitalista.
- ✓ O trabalhador vende como mercadoria seu trabalho potencial. Mas o valor de uso incorporado à mercadoria produzida é superior ao salário recebido.

Matemática da mais-valia

- ✓ (c) Capital constante são os meios não humanos de produção.
- ✓ v) Capital variável é a força de trabalho que o capitalista compra.
- ✓ Ao final da produção o valor da mercadoria é igual a $c + v + s$, sendo s a mais-valia.
- ✓ s/v é a taxa de mais-valia, que mede o grau de exploração da força de trabalho pelo capital.

Essência do capitalismo

- ✓ “Uma coisa está clara: a natureza não produz, de um lado, donos de dinheiro ou mercadorias e, do outro, homens que só possuem sua própria força de trabalho. Esta relação não tem qualquer base natural, nem sua base social é comum a todas as épocas históricas. É, claramente, resultado de um desenvolvimento histórico passado, o produto de muitas revoluções econômicas, da extinção de toda uma série de formas mais antigas de produção social”. (Marx).
- ✓ O capitalismo existe quando uma pequena classe de pessoas monopolizam os meios de produção. Aos operários, livres, resta a opção de morrer de fome ou vender sua capacidade de trabalho.

Acumulação primitiva

- ✓ Processo de separação da raça humana em duas espécies de homem: o capitalista e o trabalhador.
- ✓ O processo foi histórico: espoliação da propriedade da Igreja, alienação fraudulenta dos domínios do estado, roubo das terras comuns, usurpação da propriedade feudal, e transformação de tudo isso em modernas propriedades privadas.

Contextualizando a mais-valia

- ✓ O que Marx chama de mais-valia, hoje pode ser facilmente chamado como recompensa ao capitalista pelo risco do investimento.
- ✓ Mas, originalmente as coisas não tinham dono. Então lucros auferidos de coisas apropriadas ao longo da história, que dependendo do ponto de vista pertencem a todos, realmente se encaixa na visão de Marx: a mais-valia existe.

- ✓ É importante compreender o contexto de extrema pobreza da época, em que trabalhadores viviam em condições totalmente insalubres.

Fetichismo da mercadoria

- ✓ As relações que ligam o trabalho de um indivíduo ao dos demais aparecem não como relações sociais diretas, mas como relações entre objetos.
- ✓ As pessoas agem como coisas, e as coisas como pessoas.
- ✓ A mercadoria determina a vontade do produtor, e não o contrário.

Alienação

- ✓ O mercado separa o valor de troca das qualidades que dão forma às relações dos homens com as coisas e com outros homens.
- ✓ O trabalho é mera mercadoria.
- ✓ Marx condenava o sistema capitalista por inibir o desenvolvimento pessoal do homem, degradar e desumanizar a classe operária.
- ✓ Mesmo havendo aumento dos salários e melhora das condições de vida, o capitalismo continuaria degradando a raça humana, reprimindo o potencial criativo, emocional, estético e intelectual das pessoas.

Coletivismo vs Socialismo vs Comunismo

- ✓ Uma boa forma de compreender tais termos é pela citação de Marx: “de cada um conforme suas possibilidades, para cada um de acordo com suas necessidades”.
- ✓ São 3 termos amplamente difundidos, embora nem sempre apropriadamente relacionados à teoria de Marx (há exageros, distorções e falta de contextualização).
- ✓ Coletivismo indica um sistema de produção não baseado na propriedade privada, por isso o termo “coletivo”. É um termo genérico.
- ✓ A forma mais pura do sistema coletivista previsto por Marx seria o chamado comunismo. Em termos gerais, Marx previa que o rompimento do sistema capitalista aconteceria via conscientização e revolta popular, e não via partidarização e ditadura (como observado nas tentativas históricas de implantação de sistemas coletivistas).
- ✓ Socialismo foi a denominação historicamente adotada por países que implantaram sistemas coletivistas, como URSS, China e Cuba. Embora tais países apontem Marx como inspiração ideológica, há distinções grandes entre as ideologias, entre elas o fato de que tais países apresentaram ou ainda

apresentam um sistema coletivista coordenado por um partido único (elite política e econômica que substitui a própria classe capitalista), ao contrário de uma forma de organização econômica e política descentralizada e cooperativa.

- ✓ No modelo teórico do comunismo de Marx, os operários criariam um novo sistema coletivista, em que a cooperação, o planejamento e o desenvolvimento humano substituiriam a concorrência, a anarquia do mercado e a degradação humana, a exploração e a alienação.
- ✓ Sua previsão é de que isso ocorria em grandes economias desenvolvidas.

Acumula de capital e suas consequências

1. Concentração e Centralização do Capital
2. Tendência Decrescente da Taxa de Lucro

$$r = \frac{s/v}{(c/v) + 1}$$

$$\frac{s}{v} = \text{Taxa de Mais – Valia}$$

$$\frac{c}{v} = \text{Composição Orgânica do Capital}$$

- ✓ Influências compensatórias
 - ✓ Aumento da intensidade da exploração através do aumento da jornada de trabalho e da intensificação do trabalho.
 - ✓ Redução dos salários
 - ✓ Barateamento dos elementos do capital constante
 - ✓ Comércio exterior

3. Desequilíbrios setoriais e crises econômicas

- ✓ Acumulação → aumento na demanda por trabalho → elevação dos salários
- ✓ Solução: inovação tecnológica
- ✓ O capitalista inovador passa a ter lucros extras.
- ✓ Quando todos adotaram as inovações, cai a demanda por mão de obra: “**desemprego tecnológico**”
- ✓ Queda na demanda em virtude da queda no salário e aumento na produção em virtude das inovações tecnológicas → crise.

$$\text{Setor 1 – Bens de Capital: } C1 + V1 + S1 = W1$$

$$\text{Setor 2 – Bens de Consumo: } C2 + V2 + S2 = W2$$

$$W2 = V1 + V2 + S1 + S2$$

$$C2 + V2 + S2 = V1 + V2 + S1 + S2$$

$$C2 = V1 + S1$$

$$W1 = C1 + C2$$

$$C1 + V1 + S1 = C1 + C2$$

$$V1 + S1 = C2$$

4. Alienação e miséria crescente dos trabalhadores

- ✓ Controvérsia entre aumento da riqueza, por um lado, e o aumento da pobreza por outro.
- ✓ A Acumulação Primitiva de Capital
 - A acumulação de capital pressupõe a existência da mais-valia.
 - Para que a mais-valia exista, no entanto, faz-se necessário a existência de relações de assalariamento, pois a mais-valia é a forma específica que o excedente assume num modo de

produção capitalista. A relação de assalariamento, por sua vez, é a característica definidora do sistema capitalista. Ou seja, a produção capitalista é uma pré-condição para a existência da mais-valia.

- O assalariamento, no entanto, deriva do fato de que a sociedade está dividida em dois grupos de pessoas. De um lado têm-se os proprietários dos meios de produção enquanto de outro existem pessoas que tem a propriedade única e exclusivamente de sua força de trabalho. Ou seja, as relações de assalariamento, ou ainda, as relações capitalistas já pressupõem a dissociação entre produtores e seus meios de produção. Dito de outra forma, o assalariamento já pressupõe a acumulação de capital nas mãos de certo grupo de pessoas, os capitalistas.
 - “Todo esse movimento parece, portanto, girar num círculo vicioso, do qual só podemos sair supondo uma acumulação ‘primitiva’, precedente à acumulação capitalista, uma acumulação que não é resultado do modo de produção capitalista, mas sim seu ponto de partida” (p. 261)
 - “A assim chamada acumulação primitiva é, portanto, nada mais que processo histórico de separação entre produtor e meio de produção. Ele aparece como ‘primitivo’ porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde” (p. 262)
- ✓ Expropriação do povo do campo de sua base fundiária
 1. expulsão dos camponeses da base fundiária
 2. usurpação das terras comunais
 3. Reforma Religiosa: Roubo de terras da Igreja
 4. Revolução Gloriosa: Roubo de terras do Estado
 - ✓ Meios propulsores da Acumulação Primitiva na Inglaterra
 1. Sistema colonial
 2. sistema das dívidas públicas
 3. Moderno regime tributário
 4. Sistema Internacional de Crédito
 5. Protecionismo

Marx atrai jovens em busca de explicações para crises urbanas

Matéria, Valor Econômico, por Vanessa Jungerfeld

O geógrafo britânico David Harvey lotou auditórios em três diferentes cidades do país - Florianópolis, São Paulo e Rio de Janeiro - em novembro, quando veio para falar sobre o capitalismo e promover um de seus livros mais antigos, "Os Limites do Capital", lançado em 1982 nos Estados Unidos, mas somente agora traduzido para o português pela Boitempo. A plateia, formada por pessoas especialmente na faixa dos 20 anos, mostra o interesse cada vez maior pelo autor, sobretudo, entre os leitores mais jovens.

Segundo a editora, 4,2 mil pessoas participaram dos quatro eventos realizados com o autor no país. Aos 78 anos, o próprio Harvey não sabe explicar essa audiência tão grande. Uma possível resposta, diz, é que há um aumento de interesse pelas ideias de Karl Marx (autor de referência para Harvey) após 2007-2008, a maior crise do capitalismo desde 1930. Mas, segundo o geógrafo, isso é só parte da verdade.

Harvey acha que se tornou uma pessoa mais conhecida ao fazer um site na internet há cinco anos e por ter colocado um curso gratuito na rede sobre "O Capital", obra de Marx. Ele conta que já são 2,5 milhões de visitantes no seu site e o curso já está traduzido para 27 idiomas, com a contribuição voluntária de pessoas que criaram legendas para as aulas.

O autor tem um olhar interessante e didático para a obra de Marx, na qual encontrou explicações para os conflitos do espaço urbano, sobretudo porque a mais recente crise relaciona mercado imobiliário e sistema financeiro mundial. Alguns pesquisadores acham que as ideias de Harvey ajudam a explicar os

problemas vividos em grandes cidades como São Paulo, e são eles que estariam por trás dos conflitos ocorridos nas manifestações de junho.

A imersão em Marx começou a partir de um estudo nos anos 60, quando Harvey analisava o sistema imobiliário de Baltimore, nos Estados Unidos. Para ele, que atualmente é professor na pós-graduação da City University of New York, a paisagem geográfica é palco de um conflito social onde a luta de classes pode ser vista concretamente.

Acompanhando de longe as manifestações de rua no país e em outras cidades do mundo, o geógrafo diz que essa é uma nova forma de fazer política. Mas, ao mesmo tempo, para ele, é preciso relacionar esse tipo de ativismo político com o que chamou de alienação universal.

A seguir, os principais trechos da entrevista:

Valor: O que torna as ideias de Karl Marx atuais?

David Harvey: Acho que as ideias de Marx sempre foram importantes. A questão é: qual o contexto em que as ideias foram usadas e como foram usadas. Foi mais difícil usar ideias de Marx em relação ao capital diretamente entre os anos 60 e 70. Mas, como consequência do neoliberalismo [corrente de pensamento que se evidenciou no pós-1970], ficou mais direta a conexão entre o que Marx dizia e o que está acontecendo ao nosso redor. A outra coisa é que, quando escrevi o livro, eram recentes as questões sobre o capital financeiro, não havia muitos escritos e questões sobre o papel da especulação, e, em particular, sobre a especulação imobiliária no espaço urbano. Agora, acho que é ainda mais importante esse olhar, porque a última crise, de 2007-2008, não se originou no mundo da produção, mas no da urbanização, particularmente, no sistema de financiamento imobiliário. Se voltarmos ao volume 3 de Marx, ele faz uma análise sobre a crise de 1847-48 e a de 1857. Nos dois casos, são crises financeiras e comerciais e não crises na produção. Então, Marx tinha uma teoria sobre crises financeiras e comerciais que ninguém tinha olhado.

Valor: O que o sr. poderia citar como um paralelo das crises que Marx estudou com a crise de 2008?

Harvey: Marx faz um considerável exame do que ele chama de papel incorreto do 'Bank Act', de 1844, quando o governo britânico fez uma revisão do papel do banco central. Marx mostra como aquela revisão exacerbou a crise posterior. Tornou-a mais profunda e longa do que seria. Acho que essa é uma boa maneira de se pensar o papel hoje do Banco Central Europeu (BCE). O BCE está tornando a crise mais profunda e estendendo-a na Europa. Acho que Marx é ainda mais interessante agora.

Valor: O sr. afirmou que a forma de trabalho caracterizado pela mão de obra barata em vários países também pode ser entendida usando a teoria de Marx.

Harvey: Marx fala de alienação no processo de produção. Entre os marxistas, há muitas críticas contra o termo alienação, porque ele não seria científico, seria mais emotivo e instável. Acho que isso é um grande erro, porque vimos que muitos protestos que aconteceram, e ainda acontecem, no mundo neste momento se originaram em um tipo de reação emocional. E muitos deles são instáveis. Então, esse é um ótimo momento para voltarmos a levantar questões sobre a alienação e como ela se relaciona com o ativismo político. A alienação produz diferentes tipos de respostas. As pessoas podem falar: 'Não posso fazer nada, não é da minha conta', e ficam sentadas assistindo à TV. Ou as pessoas ficam tomadas pela raiva. Nós temos visto muitos movimentos sociais nos anos recentes que são caracterizados por essa raiva explosiva em uma

população, que parecia estar indiferente. Isso é um clássico modo de como a política da alienação ocorre no dia a dia. Acho que estamos lidando com uma coisa que chamaria de alienação universal nesse momento. Alienação sobre o trabalho, alienação sobre a natureza da vida urbana, alienação nos protestos...

Valor: Esse momento político pode mudar algo, sendo um tipo de alienação, ou não pode mudar nada?

Harvey: Essa é a dificuldade da política da alienação. Ela produz essa raiva e a questão é se essa raiva pode mudar, ser organizada e se transformar em um projeto político, nos levando para um mundo diferente. Isso me parece a grande questão no momento. O que existe é que a efervescência segue e vemos emergir novas formas de organização política. Pode ela de alguma forma superar suas diferenças e capturar a raiva existente e torná-la uma força política? Não sei se isso pode de fato acontecer.

Valor: Os protestos são fragmentados em todo o mundo. É necessário tornar esse movimento global para uma mudança significativa?

Harvey: Protestos globais possuem uma dinâmica curiosa. Se você olhar para trás, historicamente, em 1848, havia uma revolução em Paris, Londres, Frankfurt, Milão, mas a revolução acabou tomando todo o continente. Ninguém organizou isso em todos os lugares. Isso apenas aconteceu. Em alguns países recentemente houve esses movimentos de "occupy". Lembro-me melhor do movimento de 15 de fevereiro de 2003, quando havia perigo de guerra no Iraque e todo o mundo - 2 milhões de pessoas em Roma, 2 milhões de pessoas também em Madri, Nova York e Londres - fizeram um protesto simultâneo, sem nenhum plano organizado. A coisa marcante da situação atual é que nenhum desses eventos que estamos vendo foram antecipados.

Valor: Algumas pessoas analisam o protesto no Brasil como de pessoas que buscavam ter direito à cidade, um termo que o sr. usa...

Harvey: Não sei quais os movimentos sociais envolvidos, não estava aqui, então acho difícil fazer um julgamento. Eu ouvi isso de fontes confiáveis. E aceito que esse era um elemento. Mas não posso responder isso.

Valor: O sr. tem dito que há hoje um problema comum em diversas grandes cidades do mundo, relacionado ao aumento do capital especulativo imobiliário...

Harvey: O capitalismo está vivendo um duro momento. Na verdade, nos últimos 20, 30 anos ele está tentando achar formas alternativas e lucrativas para o investimento, porque a clássica forma de investimento está reduzindo seus retornos. Foi assim com o 'boom' dos eletrônicos da década de 90, que se tornou muito especulativo, e também com a bolha da internet que resultou no 'crash' do mercado de ações em 2000. E depois o dinheiro começou a ir para o mercado imobiliário e tivemos um 'crash' entre 2007 e 2008. Os sinais são de que o capitalismo não sabe nesse momento o que fazer com o excedente.

Valor: Como assim?

Harvey: O Federal Reserve (Fed, banco central americano) está colocando mais dinheiro na economia. A maior parte está indo para o mercado de ações e outra parte está ficando dentro do sistema bancário. Quase nada tem sido de fato investido na produção. Esse capital está, portanto, apenas circulando no sistema financeiro e as pessoas estão desesperadas para achar onde colocar o capital. A reurbanização é um dos locais em que o excedente pode ser absorvido com bons rendimentos [para o capital].

Valor: Quais lugares o sr. poderia citar como exemplo de onde isso ocorre atualmente?

Harvey: Na China, uma grande quantidade de dinheiro tem ido para a urbanização. Não me surpreende que **existam** megaprojetos no urbano. Esse tipo de investimento cria uma estrutura Ponzi [especulativa]. Você põe dinheiro na cidade, a cidade começa a explodir, e todo mundo coloca dinheiro nisso, e os preços das propriedades em todo o lugar sobem expressivamente. Isso está acontecendo em São Paulo, Londres, Xangai, Hong Kong e em Mumbai. Há muitas vezes remoção de população e isso tem trazido algum tipo de resistência. Por isso, não é acidentalmente que os maiores eventos políticos dos últimos tempos sejam sobre as cidades, sobre a vida urbana. Esse é um campo de uma vigorosa contestação política no momento. E continuará a ser até o capital encontrar outra coisa para aplicar seus recursos.

Valor: Estamos vivendo um momento em que há ainda mais aprofundada a divisão entre a cidade do rico e a cidade do pobre dentro de uma mesma cidade?

Harvey: As cidades sempre foram divididas em classes. Sempre foram microestados. Mas provavelmente as desigualdades aumentaram, porque a desigualdade de renda aumentou também. Por exemplo, na cidade de Nova York, em 2012, 1% da população vivia com US\$ 3,75 milhões por ano, enquanto 50% da população tentava viver com menos de US\$ 30 mil. Nunca vimos níveis de disparidades desse tamanho desde 1920. Nova York se tornou uma cidade incrivelmente rica, a cidade está indo muito bem, mas grande parte das pessoas está ficando muito pobre. Quando isso acontece, você vê mais lutas emergindo, derivadas dessas desigualdades.

Valor: E como mudar isso?

Harvey: Nós temos um prefeito recém-eleito na cidade de Nova York [o democrata Bill de Blasio]. E é possível que ele mude algumas coisas, mas não acredito que ele terá poder suficiente para fazer tudo que é preciso.

Valor: Quais poderes o prefeito tem, uma vez o sr. o entende que há uma dinâmica global do capital que vai além da jurisdição do prefeito?

Harvey: Ele tem alguns poderes de redistribuição. Ele tem falado sobre colocar impostos especiais sobre os muito ricos para que todas as crianças tenham acesso a creches públicas. Isso seria um benefício fantástico, porque não há educação desse tipo gratuita. As pessoas ricas de Manhattan pagam por essa educação. Se ele fizer isso, será algo muito progressivo.

Valor: Na sua opinião, apesar dos movimentos globais, há espaço para políticas públicas locais para o desenvolvimento...

Harvey: Algumas cidades vão melhor do que outras nesse sentido. Isso depende muito do tamanho do poder que um prefeito tem. Em alguns lugares, ele tem mais poder. Nos Estados Unidos, isso é muito significativo. Por exemplo, Baltimore gostaria de ter imigrantes ilegais vindo para a cidade e prometeu que a força policial nunca perguntaria a ninguém sobre seus documentos e não seriam levados para as autoridades de imigração. Baltimore também iniciou o movimento chamado de "living wage" (salário digno), que consistia de a cidade pagar esse salário para todos os funcionários públicos e todos os subcontratados relacionados com os serviços para a cidade. Então, por esses mecanismos, a iniciativa local pode fazer algo, que talvez só fosse feito em nível federal, ou que pode ir até mesmo contra o que seria uma lei federal.

Valor: A mudança depende do poder dos movimentos sociais?

Harvey: Baltimore se tornou uma cidade com 'living wage' por causa dos movimentos sociais fortes. Quando

chegou a eleição, os candidatos tiveram que ter uma plataforma onde esses grupos foram ouvidos. Quem se dizia contra, não recebeu os votos desse movimento. Esse tipo de movimento político, por exemplo, ocorre muito nas igrejas e nas escolas. É muito interessante olhar como os republicanos se tornaram tão poderosos. Foi justamente por possuírem posições nos quadros dos conselhos das escolas. E a esquerda está agora vendo como os republicanos fizeram e entendendo que deveria fazer o mesmo.

Valor: O sr. acha que existe um caminho possível de transformação que se dá inevitavelmente por meio de partidos políticos?

Harvey: Tem uma vertente dentro da esquerda americana que acredita que para fazer alguma mudança, precisa mudar isso dentro do Partido Democrata. O partido agora está controlado por pessoas de muita fama, próximas a Wall Street. Há limites sobre o que se pode fazer com essas pessoas, pode-se tentar fazer uma agenda reformista. Mas também se pode fazer reformas revolucionárias.

Valor: O que seriam essas reformas revolucionárias?

Harvey: Quando os trabalhadores se juntam e cortam a jornada de trabalho, muitas vezes fazem um favor para o capital, porque o capitalismo impõe uma superexploração aos trabalhadores até o ponto em que não são eficazes no seu trabalho. Então, quando se corta a jornada, há trabalhadores mais saudáveis e mais eficazes. As fases iniciais da luta para cortar jornada de 14 horas para 10 horas, portanto, ajudam o capital. Podemos imaginar que se cortarmos de 10 horas para 3 horas, essa mudança não daria vantagem para o capital, mas aos trabalhadores. A luta pela redução da jornada no começo tem características de reformista, e em algum ponto ela se torna revolucionária.

Valor: A redução de jornada é uma conquista que geralmente ocorre com ajuda sindical, mas algumas empresas tentam evitar locais onde há sindicatos fortes para instalação de suas fábricas...

Harvey: Hoje, já não é tão importante fugir de locais em que são fortes os movimentos sindicais, porque em muitas produções a quantidade de mão de obra é muito reduzida. Comparado com o resto, as variações no custo do trabalho já não fazem grande diferença. Na verdade, acredito que o custo do trabalho não faz muito diferença para o capital hoje.

Valor: O que faz diferença?

Harvey: Custo da terra, de matérias-primas, isenções de impostos, eficiência na exportação... Acho que isso hoje é relativamente mais importante. Hoje, a quantidade de homens necessários para construir um carro é muito pequena.

Valor: Há alguns críticos que dizem que todas as ideias usadas pelo sr. estão em Marx, pouca coisa seria novidade...

Harvey: É verdade que estou sempre em constante diálogo com Marx. Mas estar em diálogo com ele não significa que necessariamente eu concordo com tudo que Marx diz. Tem vários aspectos de Marx que não aceito. Eu não gosto da teoria da tendência da taxa de lucro decrescente, não gosto da teoria da renda absoluta. Minha visão sobre Marx é que posso usá-lo toda vez que faz sentido para mim em termos do tipo de trabalho que estou fazendo sobre urbanização ou de desenvolvimento geográfico desigual. Se não faz sentido naquele contexto, tenho que transformar o que Marx está dizendo em outra coisa. Ou tenho que abandoná-lo. Eu faço as duas coisas.

Questionário

- 1) Defina valor de troca e de uso.
- 2) Defina trabalho abstrato e útil.
- 3) Quais são os 3 requisitos para que um produto se transforme em mercadoria?
- 4) O que é o fetichismo da mercadoria?
- 5) Qual a diferença do ciclo produtivo entre os sistemas capitalista e não capitalista?
- 6) Defina a mais-valia?
- 7) Qual a relação entre os escritos de Marx e o contexto da época?
- 8) De que outras formas a mais-valia pode ser interpretada?
- 9) O que foi a acumulação primitiva?
- 10) Como a alienação conduziria ao socialismo?

1) Sobre a relação de valores e trabalho apontada por Karl Marx, avalie:

- I. O valor de troca é expresso em unidades monetárias e deriva do trabalho abstrato, enquanto trabalho útil é o que gera valor de uso das mercadorias.
- II. Conforme narrado por Hunt, Marx acreditava que o capital obrigava o trabalhador a uma “regressão psíquica”, representada por sua alienação e degradação como ser humano. O resultado disso seria uma apatia contínua do trabalhador, e não um comportamento destrutivo ou reformista.
- III. O uso universal do dinheiro como instrumento para mensurar o valor de mercadorias e trocá-las com base nesse valor diferencia uma economia monetária de uma economia de trocas por escambo.

Estão corretas:

- A) I, II e III.
- B) II e III.
- C) III.
- D) I e II.
- E) I e III.

2) Avalie as seguintes afirmativas sobre o ponto de vista de Marx sobre o sistema capitalista:

- I. O fetichismo da mercadoria demonstra que sob o capitalismo as relações de trabalho entre indivíduos se estabelecem como uma relação entre objetos e não como uma relação social (entre pessoas).
- II. A mais-valia remete à parte não remunerada do trabalho, apropriada justamente pelo capitalista como prêmio pelo risco do empreendimento.
- III. Foi o capitalismo e condições históricas que produziram a divisão entre proprietários e homens desprovidos de bens, e não a natureza.

Estão corretas:

- A) I e II.
- B) II e III.
- C) I, II e III.
- D) I e III.
- E) III.

3) Avalie as seguintes afirmativas sobre o ponto de vista de Marx sobre o sistema capitalista:

- i) A acumulação primitiva, ou tomada dos meios de produção por uma elite produtiva, foi um movimento político e social que inicialmente prejudicou a população rural expulsa das terras comuns. Esse movimento, contudo, foi baseado na legalidade e não no roubo do que antes era coletivo.
- ii) O sistema capitalista se caracteriza por um modo de produção que tem como finalidade a geração e acumulação de riqueza, partindo da moeda e chegando à moeda, ao contrário de um sistema não capitalista, onde o objetivo final é a própria produção para satisfação de necessidades.

iii) A previsão de Karl Marx sobre uma possível desestruturação e abandono do sistema capitalista se aplicava a pequenas economias empobrecidas.

Estão corretas:

- A) I.
- B) II..
- C) I e II.
- D) II e III.
- E) III.

Gabarito

1) E

2) D

3) B

Liberalismo (Utilitarismo e marginalismo)

✓ Hunt, capítulo Neoclássicos

EM CONTEXTO

FOCO

Teorias de valor

PRINCIPAL PENSADOR

Alfred Marshall (1842-1924)

ANTES

c.1300 O erudito islâmico Ibn Taymiyyah publica estudo dos efeitos da oferta e da procura nos preços.

1691 O filósofo inglês John Locke afirma que preços de produtos são influenciados diretamente pela razão entre compradores e vendedores.

1817 O economista britânico David Ricardo diz que preços são influenciados sobretudo pelo custo da produção.

1874 O economista francês Léon Walras estuda o equilíbrio nos mercados.

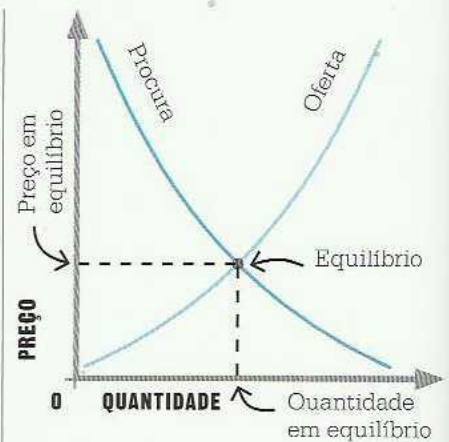
DEPOIS

1936 O economista britânico John Maynard Keynes identifica o total da oferta e da procura em toda a economia.

Oferta e procura estão entre as pedras fundamentais da teoria econômica. A interação entre a quantidade de um produto disponível no mercado e a ânsia dos consumidores de comprá-lo constitui o alicerce dos mercados.

A importância da oferta e da procura nas relações econômicas já era estudada na Idade Média. O erudito escocês Duns Scotus reconheceu que o preço devia ser justo para o comprador, mas devia também levar em conta os custos da produção e, portanto, ser justo para o produtor. Os economistas estudaram depois os efeitos dos custos da oferta nos preços finais, e Adam Smith (p. 61) e David Ricardo (p. 84) relacionaram o preço de um produto ao trabalho necessário à sua produção. Essa é a clássica teoria do valor-trabalho.

Nos anos 1860, novas teorias econômicas, sob a bandeira da escola neoclássica, contestaram essas ideias. Essa escola criou a teoria da utilidade marginal (pp. 114-15), segundo a qual a satisfação que um consumidor ganha ou perde por ter mais ou menos de um produto interfere tanto na procura quanto na oferta.



Este gráfico, chamado cruz de Marshall, mostra a relação entre oferta e procura. O ponto em que as curvas da oferta e da procura se interceptam determina o preço.

O economista britânico Alfred Marshall aliou a análise da oferta ao novo enfoque neoclássico da procura. Marshall viu que a oferta e a procura funcionam juntas para gerar o preço de mercado. Sua obra foi importante na medida em que ilustrou a dinâmica variável da oferta e da procura nos mercados de curto prazo (como o de bens perecíveis), em oposição aos de longo prazo (como o de ouro). Ele

Alfred Marshall



Nascido em Londres, Inglaterra, em 1842, Alfred Marshall viveu no município de Clapham até entrar na Universidade de Cambridge com bolsa de estudo. Depois, estudou matemática e metafísica, centrando-se em ética. Com os estudos, viu na economia um meio para aplicar suas crenças éticas.

Em 1868, Marshall assumiu um curso de ciência moral, criado especialmente para ele. Seu interesse se manteve até que, numa visita aos EUA em 1875, ele se voltou mais para a economia política. Marshall casou em 1877 com Mary Paley, ex-aluna dele, e

tornou-se diretor da University College de Bristol. Em 1885, voltou a Cambridge como professor titular de economia política, função em que permaneceu até se aposentar, em 1908. De cerca de 1890 até sua morte, em 1924, Marshall foi considerado a figura dominante da economia britânica.

Obras-chave

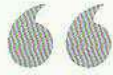
1879 *The economics of industry*

(com Mary Paley Marshall)

1890 *Princípios de economia*

1919 *Industry and trade*

Veja também: O paradoxo do valor 63 ■ A teoria do valor-trabalho 106-07 ■ Equilíbrio econômico 118-23 ■ Utilidade e satisfação 114-15 ■ Paradoxos dos gastos 116-17 ■ Elasticidade da demanda 124-25 ■ O mercado competitivo 126-29



Em qualquer caso, quanto mais de uma coisa se ponha à venda no mercado, menor é o preço com o qual ela terá compradores.

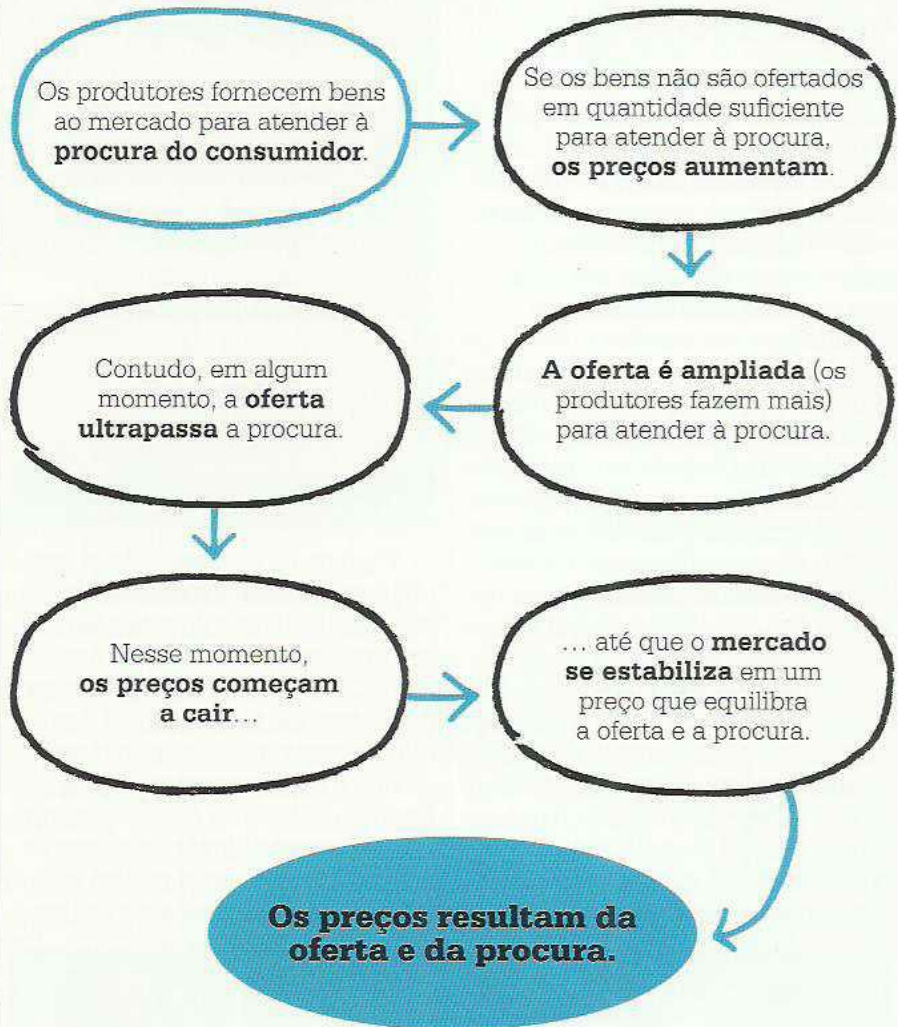
Alfred Marshall



aplicou a matemática às teorias econômicas e criou a “cruz de Marshall”, gráfico que representa a oferta e a procura como linhas cruzadas. O ponto em que elas se cruzam é o preço de “equilíbrio”, que contrabalança à perfeição as necessidades de oferta (o produtor) e de procura (o consumidor).

A lei da oferta

A quantidade de um produto que certa empresa decide produzir é determinada pelo preço a que ela consegue vendê-lo. Se os diversos custos de produção (trabalho, material, máquinas e instalações) equivalem a mais do que o mercado se dispõe a pagar pelo produto, a produção não será considerada lucrativa e será reduzida ou suspensa. Se, por outro lado, o preço de mercado de um artigo for substancialmente maior que os custos de produção, a empresa procurará aumentar a produção para ter o máximo de lucro possível. A teoria pressupõe que a empresa não tem influência sobre o preço de mercado e deve aceitar o que o mercado oferece.



Por exemplo, se o custo de produção de um computador é de \$200, a produção não será lucrativa caso o preço de mercado do computador fique abaixo de \$200. Por outro lado, se o preço de mercado do computador for \$1 mil, a empresa tentará produzir o máximo possível para maximizar os lucros. Observa-se a lei da oferta na curva da oferta (página ao lado): cada um dos pontos da curva diz quantas unidades a empresa se dispõe a produzir por certo preço.

Além disso, deve-se distinguir entre custos fixos e variáveis. O exemplo acima supõe que a produção pode ser aumentada com o custo unitário de produção constante. Porém, na prática não ocorre assim. Se a fábrica de computadores só consegue produzir 100 máquinas por dia e existe demanda para 110, ela deve julgar se é mais sensato abrir uma nova fábrica, com os imensos custos adicionais decorrentes, ou vender os computadores por um preço »

112 OFERTA E PROCURA

levemente mais alto, a fim de reduzir a procura a só 100 por dia.

A natureza da procura

A lei da procura vê as coisas da perspectiva do consumidor, não do produtor. Quando o preço de um bem aumenta, a procura cai inevitavelmente (exceto a de bens como remédios). Isso porque alguns consumidores não poderão mais pagar por ele ou porque decidem que podem ter mais satisfação gastando em outra coisa.

Usando o mesmo exemplo, se o computador custar apenas \$50, o volume de vendas será alto, pois mais pessoas poderão comprá-lo. Por outro lado, se custar \$10 mil, a procura será bem baixa, pois só os muito ricos poderão arcar com ele. À medida que aumentam os preços, cai a procura.

Não há um nível para que os preços baixem e estimulem a procura. Se o preço do computador cair abaixo de \$5, todos poderão comprar um, mas ninguém precisa de mais que dois ou três computadores. Os consumidores percebem que é melhor gastar em outra coisa, e a procura se nivela.



Quando o preço de procura é igual ao preço de oferta, a quantidade produzida não tende nem a aumentar nem a diminuir; está em equilíbrio.

Alfred Marshall



O preço não é o único fator que influi na procura. Os gostos e as atitudes do consumidor também são um fator importante. Se um produto entra na moda, toda a curva da procura se desloca para a direita; os consumidores procuram mais produtos de cada preço. Dada a posição estática da curva da oferta, isso faz o preço aumentar. Como os gostos do consumidor podem ser manipulados por meio de técnicas

como publicidade, os produtores podem influenciar a forma e a posição da curva da procura.

Em busca do equilíbrio

Enquanto os consumidores sempre tentarão pagar o menor preço possível, os produtores procurarão vender pelo maior possível. Quando os preços estão muito altos, os consumidores perdem o interesse e se afastam do produto. Porém, se os preços estão muito baixos, não faz mais sentido financeiramente para a empresa continuar a produzir o produto. Deve-se atingir uma média satisfatória – um preço de equilíbrio aceitável tanto para o consumidor quanto para o produtor. Esse preço se encontra onde a curva da oferta intercepta a curva da procura, resultando num valor que os consumidores desejam pagar e pelo qual os produtores se dispõem a vender.

Muitos fatores complicam essas leis relativamente simples. A localização e o tamanho do mercado são cruciais na determinação dos preços, bem como o tempo. O preço pelo qual os produtores se dispõem a vender não é influenciado apenas pelos custos de produção.

Por exemplo, imagine uma banca no mercado que venda produtos agrícolas. O agricultor chega tendo já pago os custos de produção, as sementes, o trabalho de plantio, a colheita e o transporte para a feira. Ele sabe que, para ter lucro, deve vender cada maçã por \$1,20. Assim, no começo do dia ele decide comercializar suas maçãs por esse preço. Se suas vendas estão indo bem, ele talvez ache que pode ganhar mais e aumente o preço para \$1,25. Isso pode causar uma redução nas

Os vendedores terão de jogar fora as maçãs não vendidas no fim do dia. A urgência de vender a tempo é um fator primordial na fixação do preço pelo qual os bens perecíveis serão vendidos.





Os produtores de bens como Coca-Cola podem influir na procura com publicidade que promove o produto e a marca. Se a procura aumenta, o preço do produto também pode aumentar.

pressão do tempo para vender. Pode ter confiança em que o valor se manterá. Quanto maior o mercado e mais disseminado o conhecimento dele, é mais provável que o produto encontre seu preço de equilíbrio. Isso torna significativa qualquer pequena alteração no preço, a qual gerará uma corrida de compra e venda.

Embora esses exemplos criem maior complexidade no mercado, eles condizem com a regra básica de que os fornecedores só venderão por um preço que eles considerem aceitável, enquanto os compradores só comprarão pelo preço que eles achem razoável.

Todos os exemplos dizem respeito a um mercado em que bens materiais são negociados, mas a oferta e a procura são relevantes em todo o raciocínio econômico. O modelo é aplicável, por exemplo, ao mercado de trabalho. Aqui, o indivíduo é o fornecedor – ele vende o seu trabalho –, e os empregadores são os consumidores – procuram comprar o trabalho o mais barato possível. Muitos mercados são analisados como um sistema de oferta e procura, com a taxa de juro atuando como preço.

Os economistas denominam a obra de Marshall de análise de “equilíbrio parcial”, por demonstrar como um mercado isolado atinge o equilíbrio por meio das forças da oferta e da procura. Entretanto, a economia é feita de muitos mercados diferentes em interação constante. A questão de como todos eles podem conviver num estado de “equilíbrio geral” é um problema complexo que foi analisado por Léon Walras (p. 120) no século XIX. ■

vendas, mas ele ficará feliz se conseguir vender todo o seu estoque. Contudo, se o fim do dia se aproxima e o vendedor percebe que ainda tem maçãs de sobra, ele pode decidir baixar o preço para \$1,15, a fim de não ficar com um excedente de maçãs, que apodrecerão antes da próxima oportunidade de vendê-las.

Neste exemplo, os custos de produção são fixos, e a urgência

de vender a colheita é o fator premente. Ele é útil para ilustrar as diferenças entre os mercados de curto prazo e longo prazo. O agricultor decidirá quantas maçãs colherá na próxima safra, com base nas últimas vendas, e assim o mercado atingirá o equilíbrio.

O mercado do agricultor também é limitado pela distância. Existe apenas um raio dentro do qual faz sentido econômico para o agricultor vender os seus produtos. Por exemplo, o custo envolvido na remessa das maçãs ao exterior tiraria a competitividade de seus preços diante dos produtores locais. Isso significa que, em certa medida, o agricultor tem liberdade de fixar seu preço um pouco acima, porque os consumidores não têm condições de viajar para procurar alternativas.

A situação inversa à do fruto/agricultor é a do mercado de um produto mundial, como o do ouro. Nesse mercado de longo prazo, o detentor de ouro não sofre



O preço de qualquer produto sobe ou desce à proporção do número de compradores e vendedores [...] [essa regra] aplica-se universalmente a todas as coisas que são compradas ou vendidas.

John Locke



120 EQUILÍBRIO ECONÔMICO

EM CONTEXTO

FOCO

Mercados e empresas

PRINCIPAL PENSADOR

Léon Walras (1834-1910)

ANTES

1851 Francis Edgeworth publica uma avaliação matemática da economia em *Mathematical physics*.

DEPOIS

1906 Vilfredo Pareto cria nova teoria de equilíbrio que leva em conta a compatibilidade de incentivos e restrições individuais.

Anos 1930 John Hicks, Oskar Lange, Maurice Allais, Paul A. Samuelson e outros continuam a desenvolver a teoria do equilíbrio geral.

1954 Kenneth Arrow e Gérard Debreu fornecem prova matemática de um equilíbrio geral.

Há muito tempo existe algo que atrai os economistas na ideia de que a economia deve reagir com a mesma previsibilidade matemática de leis científicas, como as leis do movimento de Newton. Essas leis reduzem a três relações matemáticas simples e confiáveis todo o universo físico complexo e abundante. É possível encontrar relações semelhantes no mundo complexo e mutável dos mercados?

Em 1851, um professor britânico chamado Francis Edgeworth publicou *Mathematical physics*, um dos primeiros estudos matemáticos da economia. Ele percebeu que a economia lida com relações entre variáveis, o que significa que pode ser expressa em equações. Edgeworth pensava nos benefícios econômicos de uma perspectiva utilitária – ou seja, crendo que se pudesse mensurar os resultados em unidades de felicidade ou de prazer.

Outros economistas também ficaram intrigados com a ideia de um enfoque matemático. Na Alemanha, Johann von Thünen elaborou equações para um salário de trabalho justo e um uso mais lucrativo da terra. Na França, Léon



Léon Walras disse que a soma de toda procura excedente numa economia dá zero. Numa economia só de maçãs e cerejas, a procura excedente de maçãs implica oferta excedente de cerejas.

Walras, acadêmico que seria depois chamado "o maior de todos os economistas", tentava descobrir um arcabouço científico-matemático para toda a disciplina. Walras era fervoroso em sua convicção de ser possível descobrir leis econômicas que fariam da economia uma "ciência moral pura" (descrevendo o comportamento humano) que ficasse lado a lado com a "ciência natural pura" de Newton. Sua teoria do equilíbrio geral foi concebida para explicar a produção, o consumo e os preços em toda a economia.

Léon Walras



Marie Esprit Léon Walras nasceu na Normandia, França, em 1834. Quando jovem, foi atraído pela Paris boêmia, mas seu pai o convenceu de que uma das tarefas românticas futuras era fazer da economia uma ciência. Walras se convenceu, mas manteve a vida boêmia até que, pobre, foi para Lausanne como professor de economia em 1870. Foi lá que ele desenvolveu sua teoria do equilíbrio geral. Walras acreditava que a organização da sociedade fosse uma questão de "arte" fora do campo científico da economia. Ele tinha uma noção forte de

justiça social e fez campanha pela nacionalização da terra como prelúdio da distribuição igualitária de terra. Em 1892, foi para a cidade de Clarens, diante do lago Genebra, onde pescou e pensou em economia até morrer, em 1910.

Obras-chave

1874 *Elementos de economia política pura*

1896 *Études d'économie sociale*

1898 *Études d'économie appliquée*

Veja também: O fluxo circular da economia 40-45 ■ Economia de livre mercado 54-61 ■ Oferta e procura 108-13 ■ Eficiência e justiça 130-31 ■ Mercados e resultados sociais 210-13 ■ Complexidade e caos 278-79

Oferta e procura

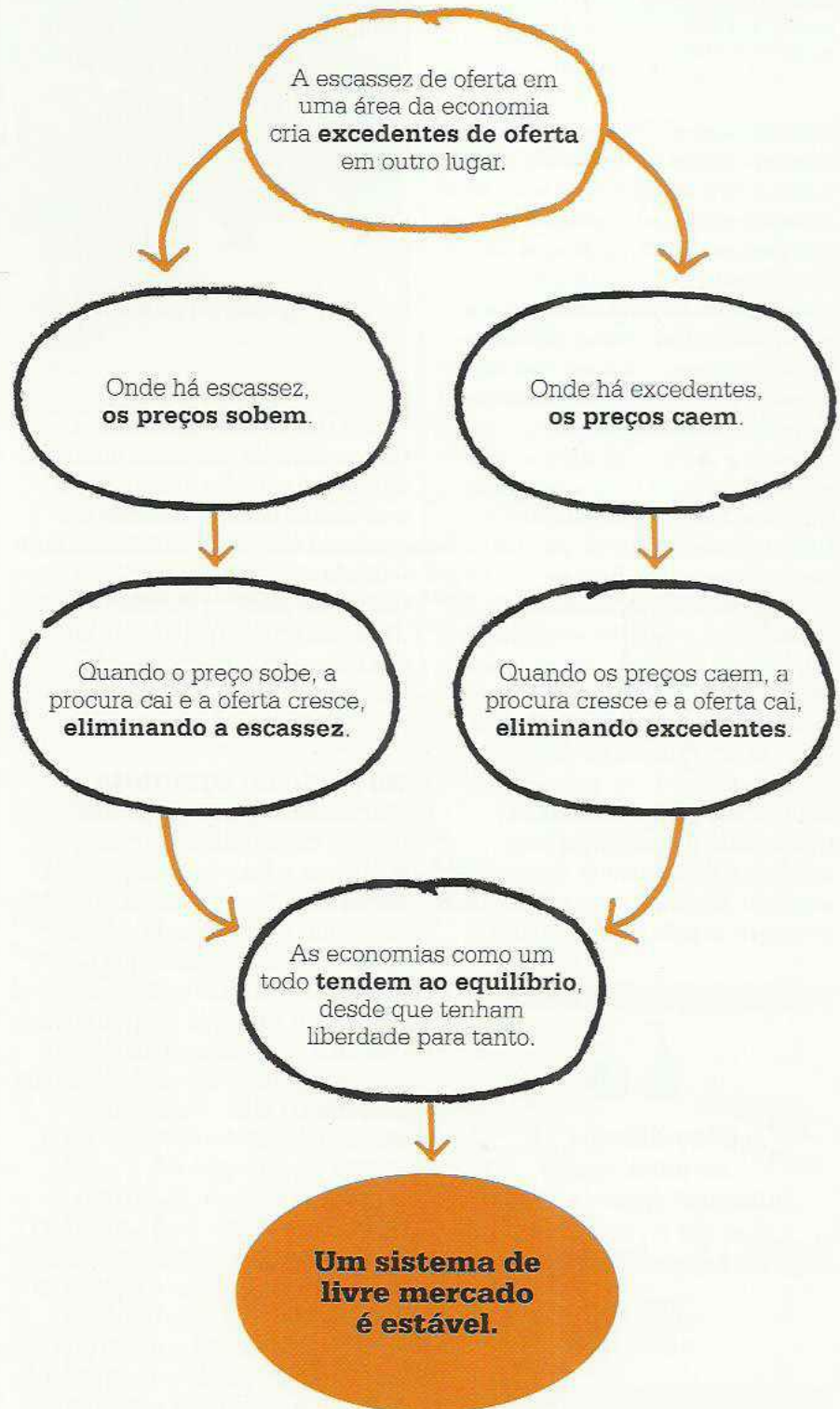
Walras concentrou-se de início no funcionamento das trocas – como interagem os preços dos bens, a quantidade de bens e a procura dos bens. Quer dizer, ele tentava apenas entender como a oferta e a procura se complementavam. Walras achava que o valor de algo à venda dependia essencialmente de sua *rareté* – que significa “raridade”, mas foi usado por ele para exprimir a intensidade do desejo por uma coisa. Nisso Walras diferia de muitos de seus contemporâneos, entre eles Edgeworth e William Stanley Jevons (p. 115), para quem a utilidade – na forma de prazer ou praticidade – é que era crucial para o valor.

Walras passou a construir modelos matemáticos para descrever a relação entre oferta e procura. Eles revelaram que, à medida que o preço sobe, a procura cai, e a oferta cresce. Quando a procura e a oferta casam, o mercado está em estado de equilíbrio. Isso refletia o mesmo equilíbrio de forças evidente nas leis do movimento de Newton.

Equilíbrio geral

Para ilustrar esse equilíbrio, imagine que o preço atual de mercado dos celulares seja \$20. Em uma feira, os vendedores têm cem celulares e querem \$20 por cada um. Se cem compradores forem à feira, cada qual pronto para pagar \$20, o mercado de celulares baratos está em equilíbrio, porque a oferta e a procura estão perfeitamente balanceadas, sem escassez nem excedentes.

Walras pôs-se então a aplicar a ideia de equilíbrio a toda a economia, a fim de criar uma teoria de »



122 EQUILÍBRIO ECONÔMICO

Um **leiloeiro** recebe lances num leilão de gado. Walras imaginou um leiloeiro que desse informação perfeita ao mercado. Ele anuncia preços, e a venda só é realizada no ponto de equilíbrio.

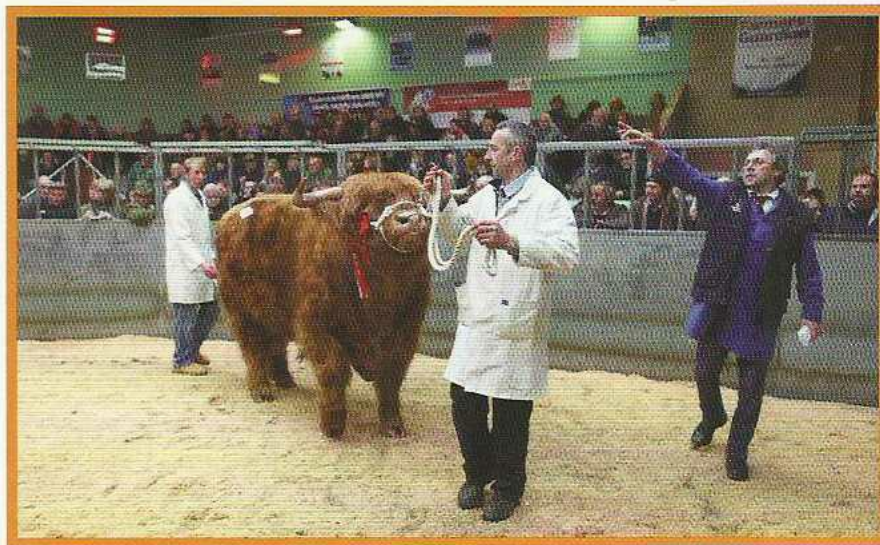
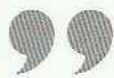
equilíbrio geral. Esta se baseou no pressuposto de que, quando as mercadorias estão em excesso em determinado local, o preço deve ser alto demais. Como os preços são considerados “altos demais” por comparação, se num mercado eles estão assim, deve haver outro em que eles estejam “baixos demais”, provocando excedentes no mercado de preço mais alto.

Walras criou um modelo matemático para toda a economia, inclusive bens, como cadeiras e trigo, e fatores de produção, como capital e trabalho. Tudo se interligava e dependia do resto. Ele insistia que a interdependência era primordial; mudanças de preço não ocorrem no vazio – só ocorrem por mudanças na oferta e na procura. Além disso, quando os preços mudam, tudo o mais também muda. Uma pequena alteração numa parte da economia pode repercutir na economia inteira. Por exemplo, suponha que comece uma guerra num país grande produtor



O equilíbrio [...] se restabelece automaticamente assim que ele é perturbado.

Léon Walras



de petróleo. Os preços do produto em todo o mundo subirão, o que terá efeitos de largo alcance em governos, empresas e indivíduos – desde os preços aumentados nos postos de gasolina e o custo aumentado do aquecimento em casa ao cancelamento de uma viagem de lazer ou negócios agora cara.

No rumo do equilíbrio

Walras conseguiu reduzir seu modelo matemático de uma economia a poucas equações contendo preços e quantidades. Ele tirou duas conclusões de seu trabalho. A primeira foi que o estado de equilíbrio geral é possível em tese. A segunda foi que, sempre que uma economia se inicia, um mercado livre consegue levá-la para o equilíbrio geral. Então, um sistema de mercados livres seria inerentemente estável.

Walras mostrou como isso poderia acontecer com uma ideia que ele chamou de *tâtonnement* (tateamento), em que a economia “tateia” seu caminho rumo ao equilíbrio, do mesmo modo que um montanhista tateia seu caminho montanha acima. Ele pensou nisso

imaginando um “leiloeiro” hipotético a quem compradores e vendedores apresentassem informações a respeito dos diferentes preços pelos quais eles comprariam ou venderiam mercadorias. O leiloeiro então anunciaria os preços em que a oferta e a procura se igualam no mercado, e só então a compra e a venda começariam.

Falhas no modelo

Walras fez questão de ressaltar que se tratava apenas de um modelo matemático, feito para ajudar os economistas. Não deveria ser interpretado como uma descrição do mundo real. Sua obra foi amplamente ignorada por seus contemporâneos, vários dos quais achavam que as interações no mundo real eram complexas e caóticas demais para que surgisse um verdadeiro estado de equilíbrio.

Num âmbito técnico, as complexas equações de Walras eram difíceis demais para diversos economistas dominarem – outro motivo para ele ser ignorado, embora seu aluno Vilfredo Pareto (p. 131) tenha levado o trabalho do mestre a novas direções. Nos anos



Havia [...] um conjunto de preços, um para cada mercadoria, que igualaria a oferta e a procura de todos os produtos.

Kenneth Arrow



1930, duas décadas após a morte de Walras, suas equações passaram pelo crivo do brilhante matemático húngaro-americano John von Neumann. Ele apontou uma falha nas equações de Walras e demonstrou que algumas soluções resultavam em preço negativo, o que implicava os vendedores pagarem aos compradores.

John Maynard Keynes (p. 161) era um crítico ferrenho da abordagem de Walras, argumentando que a teoria do equilíbrio geral não é um bom quadro da realidade, porque as economias nunca estão em equilíbrio. Keynes também afirmou que de nada serve pensar num esforço de longo prazo pelo equilíbrio, porque, além de bastante angustiante, “no longo prazo estaremos todos mortos”.

Todavia, as ideias de Walras foram resgatadas no trabalho dos economistas americanos Kenneth Arrow e Lionel W. McKenzie e do economista francês Gérard Debreu (p. 211) nos anos 1950, que criaram um modelo mais polido (pp. 210-13). Usando matemática rigorosa, Arrow e Debreu obtiveram condições em que o equilíbrio econômico geral de Walras se sustentaria.

Economias calculáveis

A evolução dos computadores nos anos 1980 permitiu que os economistas calculassem os efeitos das interações entre diversos mercados em economias reais. Esses modelos de equilíbrio geral computável (EGC) aplicaram a ideia de Walras de interdependência a situações particulares, para analisar o impacto da mudança de preços e de políticas governamentais.

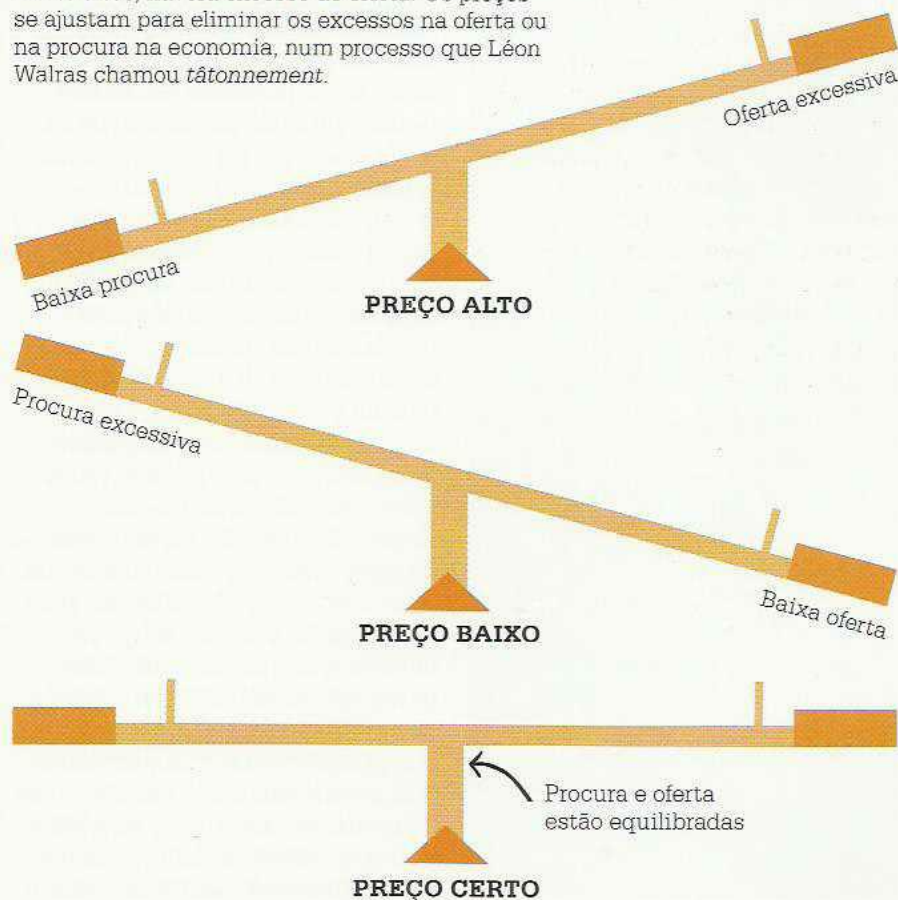
O atrativo do EGC é que ele pode ser usado por grandes organizações – como governos, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional – para fazer cálculos rápidos e certos mostrando o estado da economia

inteira, além de mostrar os efeitos da mudança de parâmetros.

Hoje, a análise do equilíbrio parcial – considerando as forças que equilibram oferta e procura num só mercado – é a primeira coisa que um estudante de economia aprende. As descobertas de Walras sobre o equilíbrio geral também continuam a gerar trabalhos na vanguarda da teoria econômica. Para diversos economistas, o equilíbrio e a existência de forças que levam a economia a esse estado continuam sendo princípios fundamentais. Essas ideias talvez constituam a essência da análise econômica dominante. ■

Num mercado com preços considerados

muito altos, haverá excesso de oferta. Os preços se ajustam para eliminar os excessos na oferta ou na procura na economia, num processo que Léon Walras chamou *tâtonnement*.



144 PLANEJAMENTO CENTRAL

EM CONTEXTO

FOCO

Sistemas econômicos

PRINCIPAL PENSADOR

Ludwig von Mises

(1881-1973)

ANTES

1867 Karl Marx compara o socialismo científico organizado a uma fábrica imensa.

1908 O economista italiano Enrico Barone diz que se pode obter eficiência em um Estado socialista.

DEPOIS

1929 O economista americano Fred Taylor afirma que tentativa e erro matemáticos podem atingir o equilíbrio no socialismo.

1934-35 Os economistas Lionel Robbins e Friedrich Hayek enfatizam problemas práticos do socialismo, como a escala de cálculo necessária e a inexistência de risco.



O filósofo alemão Karl Marx descreveu a organização econômica socialista em sua grande obra, *O capital*, de 1867 (pp. 100-05). A economia socialista, diz ele, requer que o Estado possua os meios de produção (como fábricas). Concorrência é desperdício. Marx propôs que a sociedade funcionasse como uma fábrica enorme e acreditava que o capitalismo inevitavelmente causaria a revolução.

Os economistas levaram a sério as ideias de Marx. Quando o italiano Vilfredo Pareto (p. 131) usou a matemática para demonstrar que a

concorrência de livre mercado produz resultados eficazes, ele também disse que estes poderiam ser atingidos pelo planejamento central socialista. Seu compatriota economista Enrico Barone elaborou a ideia em *Il ministro della produzione nello stato collettivista* (1908). Poucos anos depois, a Europa foi tomada pela Primeira Guerra Mundial, vista por muitos como o fracasso catastrófico da velha ordem. A Revolução Russa de 1917 deu um exemplo da tomada socialista da economia, e as potências derrotadas na guerra – Alemanha, Áustria

e Hungria – viram os partidos socialistas tomar o poder.

Os economistas do livre mercado eram incapazes de apresentar contra-argumentos teóricos ao socialismo. Mas então, em 1920, o austríaco Ludwig von Mises levantou uma objeção fundamental ao dizer que o planejamento no socialismo era impossível.

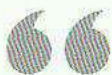
Cálculo com moeda

O artigo de Von Mises de 1920, *Economic calculation in the socialist commonwealth*, continha uma contestação simples: dizia que a

Veja também: Economia de livre mercado 54-61 ■ Economia marxista 100-05 ■ Liberalismo econômico 172-77 ■ Mercados e resultados sociais 210-13 ■ Economia social de mercado 222-23 ■ Escassez nas economias planejadas 232-33

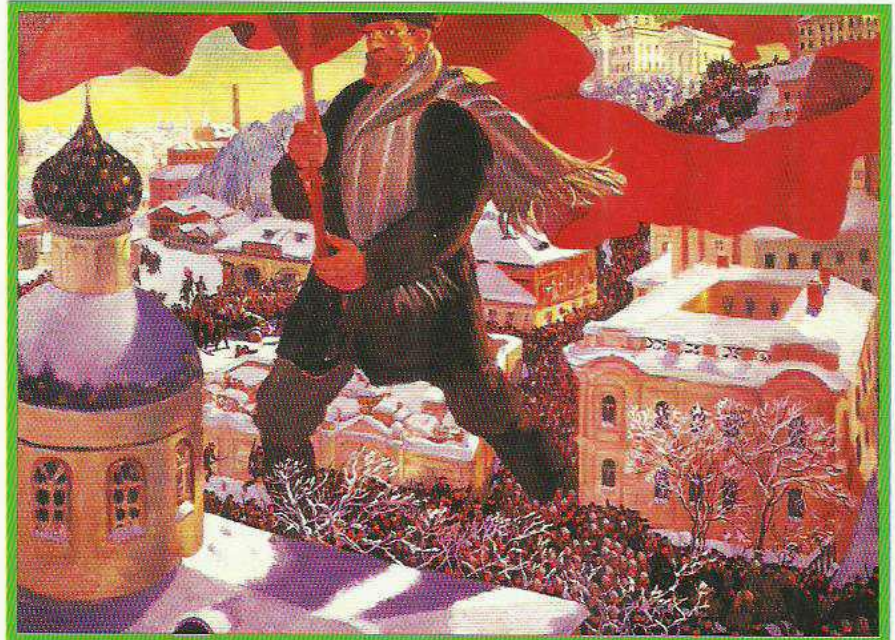
produção na economia moderna é tão complexa que a informação dada pelos preços de mercado – gerados pela rivalidade de muitos produtores voltados para o lucro – é essencial ao planejamento. Preços e lucros são necessários para determinar onde está a procura e orientar o investimento. Suas ideias iniciaram um debate entre capitalismo e socialismo, chamado “cálculo socialista” ou “debate de sistemas”.

Imagine o planejamento de uma ferrovia ligando duas cidades. Que percurso ela deve fazer? E será que deve mesmo ser construída? Essas decisões exigem a comparação de benefícios e custos. Os benefícios são economia nas despesas de transporte de muitos passageiros. Os custos incluem horas de trabalho, ferro, carvão, maquinário etc. É essencial usar uma unidade comum para fazer esse cálculo: a moeda, cujo valor se baseia nos preços de mercado. Contudo, no socialismo, deixam de existir os preços genuínos



Na comunidade socialista, toda mudança econômica torna-se um empreendimento cujo sucesso não pode ser previsto nem determinado retrospectivamente. Apenas se tateia às cegas.

Ludwig von Mises



desses itens – o Estado tem de criá-los. Von Mises disse que, com relação aos bens de consumo, não havia grande problema. Não é difícil decidir, com base nas preferências do consumidor, se a terra é destinada à produção de mil litros de vinho ou 500 litros de óleo. Nem se trata de problema para a produção simples, como numa empresa familiar. Pode-se fazer um cálculo mental fácil sobre gastar um dia fazendo um banco, uma panela, um muro ou cortando frutas. Contudo, uma produção complexa exige um cálculo econômico formal. Sem ele, disse Von Mises, a mente “simplesmente ficaria perplexa ante os problemas de gestão e localização”.

Preços de mercado

Além de usar os preços da moeda como unidade comum para avaliar projetos, no capitalismo o cálculo econômico tem duas outras vantagens. Primeira, os preços de mercado refletem automaticamente

O bolchevique, de Boris Kustodiev, reflete as políticas idealistas da Revolução Russa. Em quatro anos elas fracassaram e foram substituídas pela Nova Política Econômica.

as avaliações de todos os envolvidos no comércio. Segunda, os preços de mercado refletem técnicas de produção factíveis tecnológica e economicamente. A rivalidade entre os produtores implica a escolha de técnicas de produção o mais lucrativas possível.

Von Mises afirmou que preços de mercado genuínos dependem da existência de dinheiro, que deve ser usado em todas as etapas – para comprar e vender os artigos presentes na produção e para comprá-los e vendê-los ao consumo. O dinheiro é usado de modo mais restrito no sistema socialista – pagar salários e comprar bens finais. Mas ele deixa de ser necessário no âmbito da produção estatal da economia, assim como não é necessário no funcionamento interno de uma fábrica. Von Mises »

146 PLANEJAMENTO CENTRAL

Existe procura de vários tipos de calçado na economia – por exemplo, algumas pessoas querem tênis.

Como as economias planejadas não têm informação básica sobre a procura, o comitê de planejamento central tem de adivinhar o tipo e o nível da procura de cada artigo. Suas ideias sobre o que o povo quer ou necessita tendem a não ter precisão.

Todos acabam usando botas, mesmo que alguns queiram tênis.



considerou alternativas ao dinheiro, como a ideia de Marx de avaliar os produtos pelo número de horas de trabalho usadas na produção. Essa mensuração, porém, ignora a escassez relativa dos diversos materiais, as diversas qualidades da mão de obra ou o tempo real (em oposição ao trabalho) tomado pelo processo de produção. Só os preços de mercado levam em conta esses fatores.

Mudança de preço

Von Mises e seus seguidores da Escola Austríaca não acreditavam que as sociedades atingissem o equilíbrio, mas oscilavam “naturalmente” em torno de certo nível, ou estado de equilíbrio. Ele afirmou que as economias estão em desequilíbrio constante – sempre mudam, e os participantes são cercados de incerteza. Além do mais, um planejamento central simplesmente não pode adotar os preços que antes prevaleciam em um sistema de mercado. Se o planejamento central depende de preços vindos de um sistema diferente, como o socialismo poderia suplantar a economia de mercado?

A contestação de Von Mises provocou várias reações. Certos

economistas disseram que a planificação central podia igualar oferta e procura por tentativa e erro, como no processo que Léon Walras (p. 120) sugerira para criar equilíbrio na economia de mercado. Contudo, esse enfoque matemático não diferia em nada do raciocínio de Barone, e qualquer debate sobre equilíbrio matemático era irrealista para a Escola Austríaca.

Defensores de Von Mises, Lionel Robbins e Friedrich Hayek (p. 177) acrescentaram que tal cômputo não era viável. Fora isso, o sistema socialista não conseguiria replicar o risco que os empresários assumem perante a incerteza no sistema de mercado. Em 1936, os economistas Oskar Lange e Abba Lerner propuseram um sistema de “socialismo de mercado”, pelo qual empresas estatais diferentes tentam maximizar os lucros, segundo preços fixados pelo Estado. Hayek, novo paladino da Escola Austríaca, liderou a resposta ao socialismo de mercado (pp. 172-77), argumentando que só o livre mercado poderia dar a informação e os incentivos necessários.

Socialismo em ação

Em parte de sua existência, a União

Soviética usou uma forma de socialismo de mercado. De início pareceu ir bem, mas o sistema econômico sofria de problemas persistentes. Houve tentativas periódicas de reforma, mudando as metas de produção para vendas e tentando dar mais discricção às empresas estatais. Mas estas quase sempre escondiam dos planejadores centrais os recursos, atingiam as metas por atalhos que não atendiam às necessidades dos clientes e negligenciavam tarefas externas aos seus planos. Houve desperdício considerável, e a produção ficou bem aquém das metas. Quando o sistema ruiu, a preocupação da Escola Austríaca com incentivos e informação parecia justificada.

Von Mises era igualmente crítico de qualquer tipo de intervenção governamental na economia de mercado. Para ele, a intervenção produz efeitos adversos que levam a nova intervenção, até que, pouco a pouco, a sociedade é levada ao socialismo real. Na economia de mercado, as empresas lucram por servir aos consumidores, e na opinião dele – e da Escola Austríaca – não deveriam existir restrições a tal atividade proveitosa. A Escola

Austríaca não aceita o conceito de falha de mercado, ou ao menos o considera superado pela falha do governo. Ela crê que o monopólio seja causado por governos, e não pela empresa privada. As externalidades (resultados que não se refletem nos preços de mercado), como poluição, são levadas em conta pelos consumidores ou solucionadas por associações voluntárias ou pelas reações daqueles cujos direitos de propriedade são afetados por elas.

Para a Escola Austríaca, uma das piores formas de intervenção governamental é na oferta de moeda. Ela afirma que, quando os governos inflacionam a oferta de moeda (emitindo mais dinheiro, por exemplo), as taxas de juro ficam muito baixas, o que, por sua vez, resulta em investimentos ruins. A única coisa a fazer quando uma bolha estoura é aceitar as falhas comerciais e a conseqüente depressão. Essa doutrina recomenda o fim dos bancos

centrais e o lastreamento da moeda em um padrão real, como o ouro. A Escola Austríaca acredita piamente num governo *laissez-faire*.

Em 1900, havia cinco escolas econômicas principais: o marxismo, a Escola Histórica Alemã (também crítica do sistema de mercado) e três versões do enfoque dominante de livre mercado – a Escola Britânica (liderada por Alfred Marshall), a Escola de Lausanne (centrada no equilíbrio geral através de equações matemáticas) e a Escola Austríaca (liderada por Carl Menger – p. 335). A Britânica e a de Lausanne tornaram-se a linha econômica dominante, mas a Austríaca trilhou um caminho inflexível. Só há pouco tempo, após a crise financeira de 2008 e a derrocada do socialismo, sua popularidade começou a crescer. ■

As economias socialistas viam-se como vastas linhas de produção que forneciam tudo de que a economia precisava. Na Segunda Guerra Mundial, essa produção comandada funcionou com relativa eficiência.



Ludwig von Mises

Líder da Escola Austríaca, Ludwig von Mises era filho de um engenheiro ferroviário. Nascido em 1881 em Lemberg, Áustria-Hungria, estudou na Universidade de Viena, onde sempre assistia aos seminários do economista Eugen von Böhm-Bawerk. De 1909 a 1934, Von Mises trabalhou na Câmara do Comércio de Viena como principal conselheiro econômico do governo austríaco. Ao mesmo tempo, lecionou teoria econômica na universidade, onde atraiu seguidores dedicados, mas não chegou a mestre. Em 1934, preocupado com a influência nazista na Áustria, aceitou uma cátedra na Universidade de Genebra. Em agosto de 1940, pouco depois de a Alemanha invadir a França, ele emigrou para Nova York, EUA, e lecionou teoria econômica na Universidade de Nova York de 1948 a 1967. Morreu em 1973.

Obras-chave

1912 *Theorie des Geldes und der Umlaufsmittel*
 1922 *Die Gemeinwirtschaft*
 1949 *Ação humana: um tratado de economia*



Período e contexto

- ✓ Crescimento e desenvolvimento entre 1840 e 1870.
- ✓ Concentração de capital, de poder industrial e de riqueza.
- ✓ Surgimento de conglomerados econômicos na indústria, finanças, transportes e comércio.
- ✓ Essas condições ficariam mais acentuadas no século XX, mas desde a década de 1870 já se tornava claro que o capitalismo vivia um novo momento.

A empresa moderna

- ✓ Surgia assim a figura da empresa moderna:
 - Sociedades anônimas colossais, organizadas de forma hierárquica e burocrática.
 - Dotadas de sistemas complexos de contabilidade, controle de qualidade e administração científica.
 - Nesse meio, o objetivo do capitalista seguia inalterado: maximização de lucros.

A mão-invisível

- ✓ A predominância dos grandes conglomerados parecia colocar em dúvida a crença sobre a mão-invisível.
- ✓ O conceito de Adam Smith trabalhava com a idéia de milhares de produtores e consumidores pequenos, que não influenciavam o mercado de maneira determinante.

Mais mudanças

- ✓ Além da concentração industrial, o mundo capitalista pós 1870 passa por mais dois eventos históricos:
 - Imperialismo.
 - Grande depressão do século XX, que embora marcada pelo crash da bolsa de NY de 1929 havia iniciado com período de turbulência desde o início da década de 20.

Necessidade de aprimoramento da ciência

- ✓ Os novos elementos da economia capitalista davam espaço para novos modelos que pudessem explicar consistentemente os benefícios sociais do capitalismo.
- ✓ Esse modelo veio com a Economia Neoclássica do Bem-Estar.

Neoclássicos

- ✓ Três autores quase que simultaneamente lançam análises econômicas que revolucionam a ciência: eles são Jevons, Menger e Walras.
- ✓ Reforçaram a tradição utilitarista.
 - Utilitarismo seria um consequencialismo, ou seja, tradição de avaliar ações e acontecimentos em função de suas conseqüências. A economia utilitarista mede o benefício coletivo das ações econômicas.
- ✓ Utilizam métodos quantitativos.
- ✓ Desenvolveram a análise marginalista.

Microeconomia

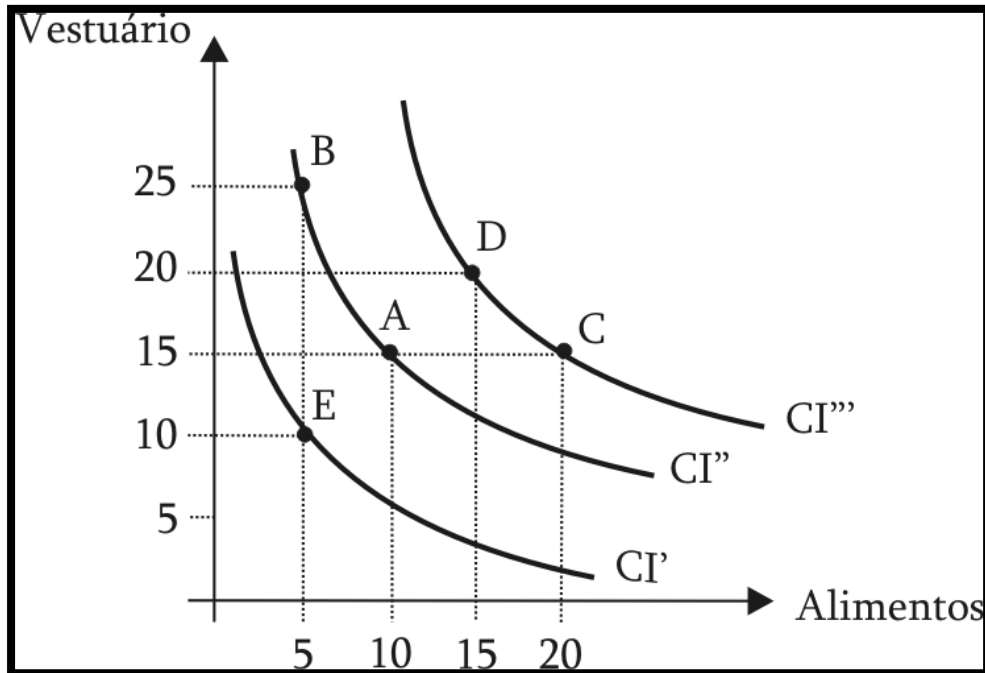
- ✓ Duas formulações que passam a ser base da análise econômica:
 - Consumidor como maximizador de utilidades.
 - Firma como maximizadora de lucros.

Teoria do consumidor

- ✓ Consumo = utilidade
- ✓ A utilidade total é positivamente relacionada com a quantidade consumida.
- ✓ Utilidade marginal é o acréscimo de utilidade proporcionado por uma unidade extra de consumo.
- ✓ Mas o crescimento da utilidade total ocorre a taxas decrescentes.
- ✓ Isso chamamos de utilidade marginal decrescente.

Curvas de indiferença

- ✓ São combinações de bens em que o consumidor alcança um mesmo nível de satisfação (utilidade).
- ✓ Exemplo: para João tanto faz ir 3 vezes ao cinema e 1 ao estádio, ou 2 vezes ao cinema e 2 ao estádio.



Restrição orçamentária

- ✓ As curvas de indiferença são sempre restringidas pelo orçamento.
- ✓ Aumento ou diminuição do orçamento permite aumentar ou diminuir a cesta de bens.
- ✓ A demanda do consumidor será sempre uma combinação de sua restrição orçamentária e de suas curvas de indiferença.
- ✓ Se o salário de certo indivíduo permite comprar 10 jantares (R\$ 50 cada um) e 5 saídas em festas (R\$ 100 reais cada uma), ele encontrará a combinação que mais lhe satisfaz considerando o orçamento disponível.
- ✓ Utilidade de uma festa = 50
- ✓ Utilidade de um jantar = 25
- ✓ Escolha = tanto faz

Teoria da firma - produção

- ✓ $Q_d = f(x_1, x_2, x_3, \dots)$
- ✓ Quantidade ofertada é função de fatores de produção, ou seja, bens e serviços transformáveis em produção, como trabalho, capital, máquinas, insumos
- ✓ Independente da quantidade que se deseje produzir, alguns fatores têm custo fixo.
 - Ex: Uma fábrica gasta com aluguel de sua planta e impostos mesmo que não produza.
- ✓ Variáveis são os custos que podem ser adicionados para incremento da produção.

Maximização do produtor

- ✓ À medida que se acrescenta fatores variáveis a produção cresce.
- ✓ Mas o crescimento da décima unidade acrescentada não será igual ao crescimento da primeira.
- ✓ Chamamos isso de lei dos rendimentos decrescentes.
- ✓ Ex: A nona hora de trabalho de um funcionário não terá a mesma produtividade da primeira hora.

Equilíbrio

- ✓ 1) o consumidor paga o justo pela utilidade das mercadorias. (o que ele considera justo)
- ✓ 2) o produtor produz de acordo com as necessidades do mercado e as vontades do consumidor.
- ✓ 3) cada fator de produção recebe o justo por sua produtividade.

Desequilíbrios

- ✓ Desequilíbrios seriam impossíveis ou, no máximo, temporários.
- ✓ Se o preço de determinada mercadoria aumenta, os produtores terão o desejo de aumentar sua produção, mas ficarão condicionados ao desejo de compra dos consumidores.
- ✓ Exemplo: preço de jantar romântico aumenta.
- ✓ Resultado:
 - 1) produtores vão querer ofertar mais jantares românticos.
 - 2) consumidores vão demandar mais festas, já que o preço do jantar romântico está mais alto.
 - 3) novo equilíbrio no consumo é atingido com mais festas e menos Jantares românticos.
 - 4) do lado do produtor, um novo equilíbrio entre fatores é atingido, com migração do trabalho aplicado no oferecimento de Jantares românticos para o oferecimento de Festas.

Conclusão

- ✓ Todos os fatores estão sempre plenamente empregados (alocados).
- ✓ Temos o chamado pleno emprego, em que a economia produz em todo seu potencial corrente.
- ✓ Todos os fatores de produção são utilizados de acordo com sua produtividade e preço. Inclusive a mão de obra!
- ✓ Haveria somente desemprego voluntário, no caso de alguém não aceitar trabalhar pelo preço de sua produtividade.

Equilíbrio no lado monetário

- ✓ Teoria quantitativa da moeda
- ✓ $M \cdot V = P \cdot Y$
 - M = oferta de moeda
 - Quantidade de meios de pagamento.
 - V = velocidade de circulação
 - (frequência média de utilização da moeda num período de tempo, ou seja, quantidade de giros)
 - É considerada uma variável estável.
 - P = nível de preços.
 - Y = produto real da economia.
- ✓ Exemplo:
 - $1000 \cdot 20 = 5 \cdot 4000$

Conclusão dos neoclássicos sobre política monetária

- ✓ A oferta de moeda é neutra e não efetiva em aumentar a produção no longo prazo.
- ✓ Um aumento da oferta de moeda causará aumento dos preços sempre que os recursos já estiverem plenamente empregados.
 - Existe uma mesma quantidade de produtos, uma mesma quantidade de vontades, mas mais dinheiro. Por isso os preços aumentam.

Racionalidade

- ✓ Presume-se, para que se atinja o equilíbrio, que os agentes são racionais.
- ✓ Fazem escolhas racionais tendo como base sua racionalidade, mesmo que limitada.

Críticas

- ✓ Nem todos são racionais.
 - E quanto aos lunáticos, fanáticos, sádicos e masoquistas?
- ✓ Será que o governo não conseguiria realizar uma distribuição de produções e alocação de fatores?
 - Várias repostas:
 - 1) As tentativas de planejamento econômico via sistemas de coletivismo fracassaram historicamente.
 - 2) “A razão pela qual, até hoje, não se faz um esforço sério de se conseguir uma distribuição mais justa da riqueza e da renda é que os meios sociais, legais e políticos comuns de se fazer essa distribuição são, eles próprios, parte da distribuição de renda existentes.
 - 3) As economias desenvolvidas modernas são providas de complexos sistemas de suporte social visando corrigir as falhas de alocação de fatores do mercado.

Premissas

- ✓ Existem algumas condições para que a distribuição eficiente postulada pelos neoclássicos realmente ocorra. Entre as principais estão:
 - 1) grande número de produtores e consumidores, sem predominância de um pequeno grupo.
 - 2) facilidade de qualquer firma entrar em um setor e competir livremente.
 - Ver demais condições no livro, pág. 416.
 - Para críticos dos neoclássicos, a impossibilidade dessas premissas é razão pela qual o modelo é falho, e não representa o bem-estar.
 - Para defensores, a dificuldade dessas premissas significa um desvio da distribuição eficiente de riquezas e alocação de fatores, razão pela qual o governo deve atuar em casos específicos.

Externalidades

- ✓ São efeitos positivos ou negativos gerados a terceiros, sem haver uma por outro lado uma compensação.
- ✓ Ex: uso de pesticidas por produtores agrícolas pode prejudicar a saúde de consumidores.
- ✓ A solução nem sempre precisa ser eliminar o ato gerador da externalidade, mas fazer com que o consumidor possa tomar conhecimento da situação e ter condições de avaliá-la.

Caso dos bens públicos

- ✓ Não-rival = uso de um consumidor não prejudica o de outro.
- ✓ Não-exclusivo = não é possível condicionar o uso ao pagamento.
- ✓ Ex: defesa nacional, leis, iluminação pública.

Ineficiência de produção

- ✓ O Estado, no entanto, mostra-se muitas vezes incapaz de produzir eficientemente os bens públicos, como por exemplo, a infraestrutura aeroportuária.
- ✓ Empresas estatais operam historicamente com déficit e oferecem serviços de qualidade insuficiente.
- ✓ Modernamente tem-se encontrado soluções diversas para esse problema:
 - Economias mistas, nas quais o Estado mantém participação mas divide a empresa com acionistas. A pressão por resultados financeiros acaba servindo de incentivo à empresa.
 - Privatização completa.
 - Concessões, como rodovias.
 - PPP (parcerias público privada).
 - Licitações, com as quais o Estado para por suas necessidades de serviços e produtos.

Filosofia política sobre a redistribuição (livro Introdução à economia, Mankiw)

- ✓ Utilitarismo: o estado deve maximizar a utilidade da população. Como R\$ 500 vale muito mais para quem tem renda de R\$ 500 do que para quem tem R\$ 1 milhão, a redistribuição maximiza o bem-estar.
 - O limite seria deixar todos com a mesma renda, o que maximizaria a utilidade. Mas assim se criariam desincentivos ao trabalho.
 - Além disso, sabe-se que redistribuir renda tem um custo político e operacional: gera corrupção, é custoso, e os critérios podem ser burlados (pessoas podem falsificar sua situação financeira).

- ✓ Liberalismo: John Rawls propões o exercício de pensarmos como gostaríamos que fosse o mundo se não soubéssemos como vamos nascer.
 - Haveria uma preocupação em não estar na parte debaixo da pirâmide econômica.
 - Um bom critério seria impedir grandes pobrezaas. Ou seja, maximizar a utilidade mínima, o chamado critério maximin.
 - A seguridade social coincide com esse pensamento.
- ✓ Libertarismo: cada indivíduo recebe de outras pessoas aquilo que estas lhe dão em troca. Não estamos na posição de crianças que receberam fatias de torta de alguém que agora faz ajustes de última hora.
 - O importante é a igualdade de oportunidades.
 - Uma vez estabelecidas as regras do jogo, o governo não tem nenhum motivo para alterar a distribuição de renda resultante.

Questionário

- 1) Que novos elementos eram vistos no capitalismo pós 1870?
- 2) Por que o modelo neoclássico, que prega a maximização da utilidade, lucro e individualismo, mesmo assim denomina-se um modelo de bem-estar?
- 3) Como esse bem-estar seria gerado?
- 4) Explique com número ou palavras o processo de alocação de fatores sob o modelo neoclássico.
 - Inclua os conceitos de utilidade marginal decrescente, produtividade marginal decrescente.
- 5) Relacione a existência das externalidades com o modelo neoclássico.
- 6) Relacione a existência dos bens públicos com o modelo neoclássico.

- 1) Julgue as seguintes afirmativas sobre o pensamento liberal e seu contexto durante o século XIX:
 - I. Está diretamente relacionado ao movimento intelectual de época, repleto de pensadores com viés liberal, sobretudo na Inglaterra. A existência de uma economia absolutamente liberal, que teria tomado forma na Inglaterra de meados do século XIX, no entanto, é ainda questionada por historiadores.
 - II. Era repelido por todas economias periféricas, tais como as da América Latina, que não se beneficiavam do livre comércio dado que apenas exportavam matérias-primas.
 - III. Os períodos de prosperidade do século XIX, como a grande expansão da Era do Capital, suavizaram as demandas sociais e as aspirações socialistas da época, dando espaço para o pensamento liberal.

Estão corretas:

- A) I.
- B) II e III.
- C) III.
- D) I e II.
- E) I e III.

- 2) É correto afirmar sobre os neoclássicos e a economia do bem-estar:
 - a) O nome bem-estar pode ser derivado da crença de seus postulantes, que acreditavam que a livre interação das forças de oferta e demanda conduziria à melhor alocação de recursos possíveis numa economia.
 - b) O economia do bem-estar considerava alguns pressupostos, entre eles a necessidade de um pequeno grupo de produtores dominando a economia, numa forma de oligopólio, algo em consonância com o pensamento liberal.
 - c) Um dos pressupostos para que a economia atinja um ponto ótimo de alocação de recursos é que haja a livre entrada de empresas nos setores produtivos.
 - d) Modernamente se apontam possíveis falhas apresentadas pelo livre mercado, entre elas as externalidades e a necessidade de oferta de bens públicos, os quais segundo alguns pensadores indicam a necessidade de intervenção estatal.
 - e) Estão corretas as alternativas A, C e D.

Sobre os conceitos utilizados pelos neoclássicos:

- I. Representam um aprimoramento do conceito de mão-invisível, que com os neoclássicos se tornou um enunciado técnico e matemático.
- II. Aborda a maximização de utilidade pelo consumidor e a maximização dos lucros pelo produtor, estando o primeiro sujeito à lei utilidade marginal decrescente e o segundo à lei dos rendimentos decrescentes.

- III. Consumidores fazem suas escolhas baseados nas utilidades dos bens consumidos, enquanto produtores se baseiam na produtividade dos fatores de produção. Essas escolhas têm relação com seu custo benefício, ou, em outras palavras, com a taxa marginal de substituição no caso do consumidor e a taxa marginal de substituição técnica no caso da firma.

Estão corretas as afirmativas:

- a) I.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) I, II e III.
- e) III.

3) Considere as seguintes afirmativas sobre os requisitos hipotéticos para uma economia com alocação eficiente de recursos, segundo os neoclássicos:

I – Nenhuma incerteza quanto ao futuro.

II – Conhecimento perfeito de todas alternativas possíveis de produção e consumo.

III – Mercados sempre em equilíbrio, com toda mudança representando mudanças instantâneas de um equilíbrio estático para outro.

Quais afirmativas estão corretas?

- A) Nenhuma está correta.
- B) I e II.
- C) I e III.
- D) II e III.
- E) I, II e III.

Gabarito

- 1) E
- 2) E
- 3) E

Crescimento e desenvolvimento econômico (Oded Galor)

✓ Oded Galor, livro Teoria Unificada

Crescimento econômico

- ✓ É o aumento da riqueza produzida.
- ✓ Modernamente chamamos de PIB.
- ✓ Não diz nada a respeito da distribuição de riqueza, nem do PIB per capita (riqueza total dividida pelo número de habitantes).

Desenvolvimento econômico

- ✓ Está diretamente ligado ao conceito de PIB per capita.
- ✓ Mas não exclusivamente.

Crescimento econômico historicamente

- ✓ Modelo malthusiano.
 - Crescimento da riqueza = aumento da população

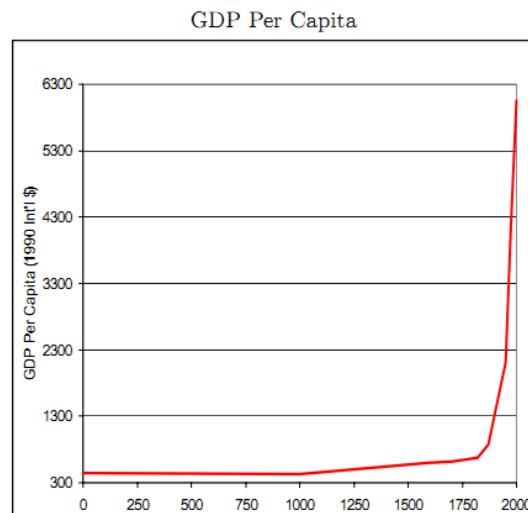
Causas do crescimento econômico

- ✓ Novas tecnologias.
- ✓ Novos recursos.
- ✓ Aumento dos fatores de produção como trabalho.

PIB per capita

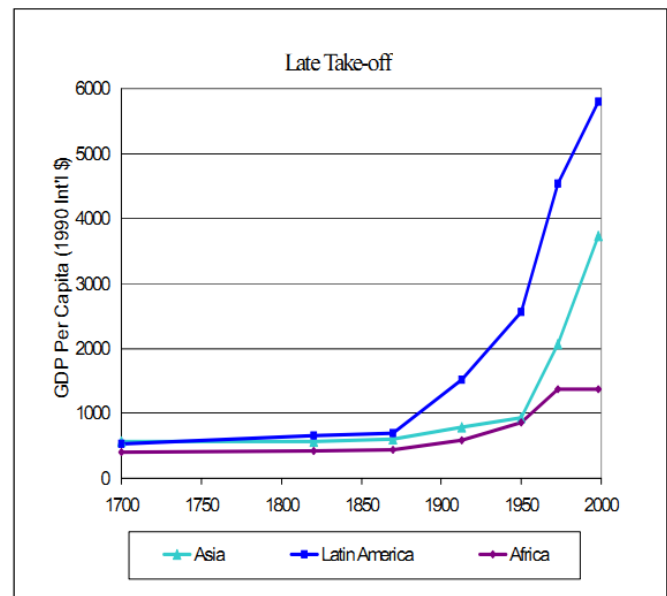
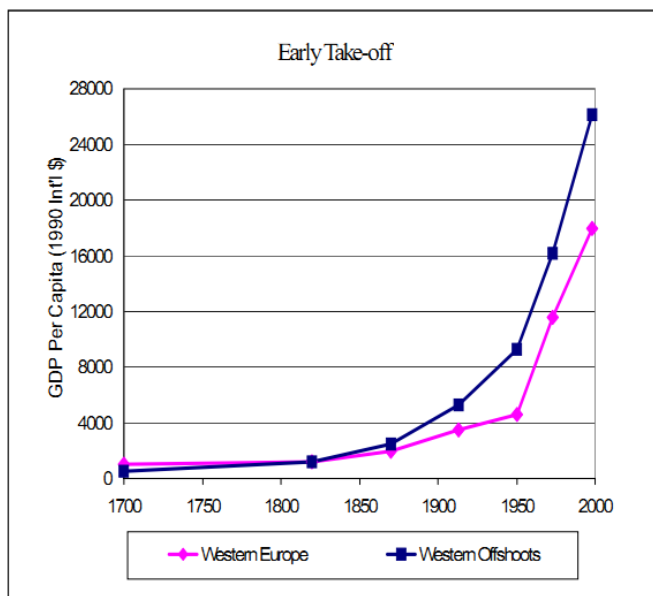
- ✓ Como a população acompanhava o crescimento do PIB, o PIB per capita permanecia sempre estagnado.
- ✓ Imagine a situação:
 - Uma família tem 2 indivíduos e renda mensal de R\$ 2 mil. Seu PIB per capita é de R\$ 1 mil.
 - Um ano depois tem um filho que não gera renda. Seu PIB per capita passa a ser de R\$ 666,67, ou seja $(2000/3)$.
 - 25 anos depois o filho se torna um pequeno agricultor com renda de R\$ 1 mil. O PIB per capita da família volta a ser de R\$ 1 mil.

- ✓ Do ano 1000 a 1820 o PIB per capita do norte europeu cresceu somente 0.14% a.a, e 0% na África.
- ✓ Veja o PIB per capita de 0 a 2000 d.C.
 - GDP = Gross domestic product, ou produto interno bruto em inglês.



Crescimento pós-malthusiano

- ✓ PIB per capita aumenta abruptamente.



População VS crescimento econômico

- ✓ Ocorre o descolamento da relação entre crescimento econômico e populacional.
- ✓ Imagine as situações:

- Uma família tem 2 indivíduos e renda mensal de R\$ 2 mil. Seu PIB per capita é de R\$ 1 mil.
- Um ano depois tem um filho que não gera renda. Seu PIB per capita passa a ser de R\$ 666,67, ou seja $(2000/3)$.
- 25 anos depois o filho se torna um empresário com renda de R\$ 20 mil. O PIB per capita da família passa a ser de R\$7 mil.

Transição de pré para pós-malthusiano

- ✓ Como ocorreu a transição do modelo de crescimento malthusiano para o modelo de crescimento moderno?
- ✓ A mudança veio de uma maior capacidade individual de produzir? Por exemplo: novos inventores, novos empresários, melhores advogados?
- ✓ Ou o que ocorreu foi uma diminuição da população, sem que houvesse queda na produção?

Resposta: as duas coisas.

A maior capacidade de produzir veio justamente da mudança no comportamento demográfico. Famílias passaram a priorizar a qualidade dos filhos e sua capacitação (já percebendo que o capitalismo exige mão de obra qualificada), deixando de lado a quantidade de filhos, que antigamente era importante para questões de sobrevivência e segurança.

Tanto a mudança demográfica quanto o aumento da produção econômica ocorreram devido a maiores investimentos em capital humano.

Redução da população

- ✓ A redução dos tamanhos das famílias é nítida ao longo dos últimos séculos.
- ✓ Mas se a sociedade seguisse o mesmo padrão de comportamento, as famílias deveriam aumentar.
- ✓ Afinal, com o passar dos séculos avançamos na medicina, mortalidade infantil, saneamento básico, urbanismo, redução do trabalho infantil.
- ✓ A população deveria aumentar!

Resposta

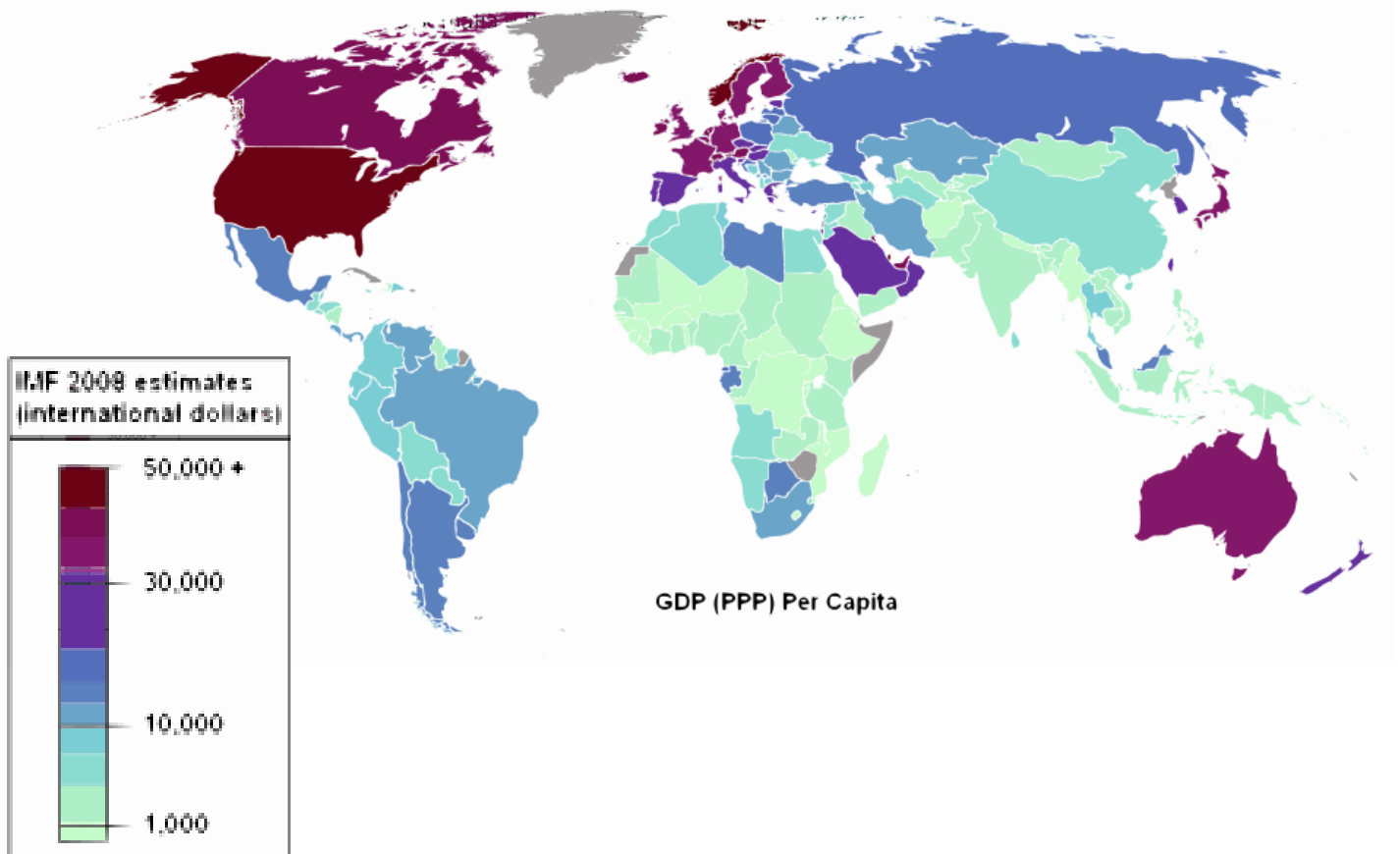
- ✓ A redução dos tamanhos das famílias está intimamente ligada com os maiores investimentos em capital humano.
- ✓ As famílias, observando a nova realidade, gradualmente passaram a optar por qualidade da prole ao invés da quantidade.
- ✓ Isso reduziu drasticamente a taxa de natalidade, ao passo que aumentou intensamente a qualificação

e produtividade humana (Bill Gates se qualificaria o suficiente para inventar o Microsoft Word e Excel se tivesse nascido em uma família rural de 20 irmãos?).

- ✓ Em países como a Inglaterra, a mudança demográfica iniciou já durante a Revolução Industrial, quando tornava-se evidente a necessidade de investimento em capital humano.
- ✓ Famílias percebem a necessidade de investimento em educação, saúde, boa condições de moradia, saneamento.

Reação tardia

- Essa mudança demográfica e econômica, no entanto, não ocorreu em todos os países no mesmo ritmo e tempo.
- A América Latina só o iniciou no século XX.



190 ECONOMIA DESENVOLVIMENTISTA

EM CONTEXTO

FOCO

Crescimento e desenvolvimento

PRINCIPAIS PENSADORES

Paul Rosenstein-Rodan

(1902-85)

Walt Rostow (1916-2003)

ANTES

1837 O economista alemão Friedrich List diz que restrição a importações ajuda a criar indústria nacional.

DEPOIS

1953 O economista estoniano Ragnar Nurkse propõe política de crescimento equilibrado a países em desenvolvimento.

1957 O economista austro-húngaro Peter Bauer critica a ideia do grande impulso e a ortodoxia do planejamento estatal.



Uma das principais perguntas dos economistas é “como os países pobres ficaram ricos?” Após a Segunda Guerra Mundial, ela ressurgiu com força. O esfacelamento dos impérios coloniais criara nações independentes, cujo padrão de vida caía cada vez mais em relação ao de seus antigos senhores. Muitos sofriam rápido crescimento populacional e precisavam de um crescimento correspondente em produtos e serviços já produzidos, a fim de aumentar o padrão de vida.

A Europa recuperou-se rápido da guerra, ajudada pelo Plano Marshall – enorme injeção de dinheiro do governo dos EUA que financiou a

reconstrução da infraestrutura e das indústrias. O economista polonês Paul Rosenstein-Rodan disse que, para a economia progredir, os novos países independentes dos anos 1950 e 60 precisavam de um “grande impulso” de investimento, como a Europa recebera do Plano Marshall.

Outra ideia correlata era de que os países atravessam uma série de etapas que os leva de sociedades tradicionais a economias de consumo de massa. Walt Rostow, economista americano que apresentou essa teoria, disse que as sociedades tradicionais só se desenvolvem com investimentos de capital enormes: é o grande impulso

que provoca a decolagem para o crescimento sustentável. Ele acaba transformando países pobres em grandes economias, com alto padrão de vida para a maioria da população. A questão de como fazer os investimentos necessários para o grande impulso tornou-se primordial no novo campo da economia desenvolvimentista.

Construção simultânea

Rosenstein-Rodan afirmou que, nos países menos desenvolvidos, o mercado não consegue destinar com eficiência recursos para investimentos benéficos que gerem crescimento. Isso porque grandes

Veja também: Economias de escala 132 ■ O surgimento ds economias modernas 178-79 ■ Mercados e resultados sociais 210-13 ■ Teorias do crescimento econômico 224-25 ■ Os Tigres Asiáticos 282-87

projetos, como estradas, portos e fábricas, são complementares: a existência de um torna os outros economicamente viáveis – o que pode originar um dilema: o primeiro investimento só seria lucrativo se um segundo fosse feito, mas este só seria lucrativo se o primeiro tivesse sido feito. Por exemplo, uma fábrica precisa de uma usina de energia por perto para ser viável, mas a usina só é lucrativa se existe uma fábrica que compre a energia. Há dois resultados possíveis: um, nem fábrica nem usina existem; dois, ambos existem.

O mesmo tipo de argumento aplica-se a combinações de produção mais complexas. Imagine que uma enorme fábrica de calçados seja construída em uma economia subdesenvolvida. Ela faz \$10 milhões em sapatos, e a receita das vendas vai para salários e lucro. Porém, essa fábrica só é viável se toda a renda que ela gerar (para os trabalhadores) for gasta em sapatos, quando na realidade as pessoas gastam numa série de produtos. Suponha que se gastem 60% da renda em pão, 20% em roupas, 10%

em querosene e 10% em sapatos. Se fábricas de pão, roupas, querosene e sapatos fossem construídas nessa região, a renda gerada por essas empresas seria gasta nos produtos de cada indústria na mesma proporção. As indústrias só são viáveis quando existem juntas, nas proporções corretas.

Encadeamentos essenciais

O economista alemão Albert Hirschman usou o termo “encadeamento” para se referir às interligações entre indústrias. Por exemplo, uma fábrica de tinta ajuda no progresso de uma fábrica de carros aumentando a oferta de tinta. Hirschman chamou isso de “encadeamento prospectivo”. A expansão da indústria de tinta aumenta a procura de produtos químicos para fazer tintas e assim aumenta a lucratividade das indústrias químicas. Isso se chama “encadeamento retrospectivo”. Na prática, as indústrias têm vários encadeamentos prospectivos e retrospectivos com outras indústrias, criando uma rede complexa de

“

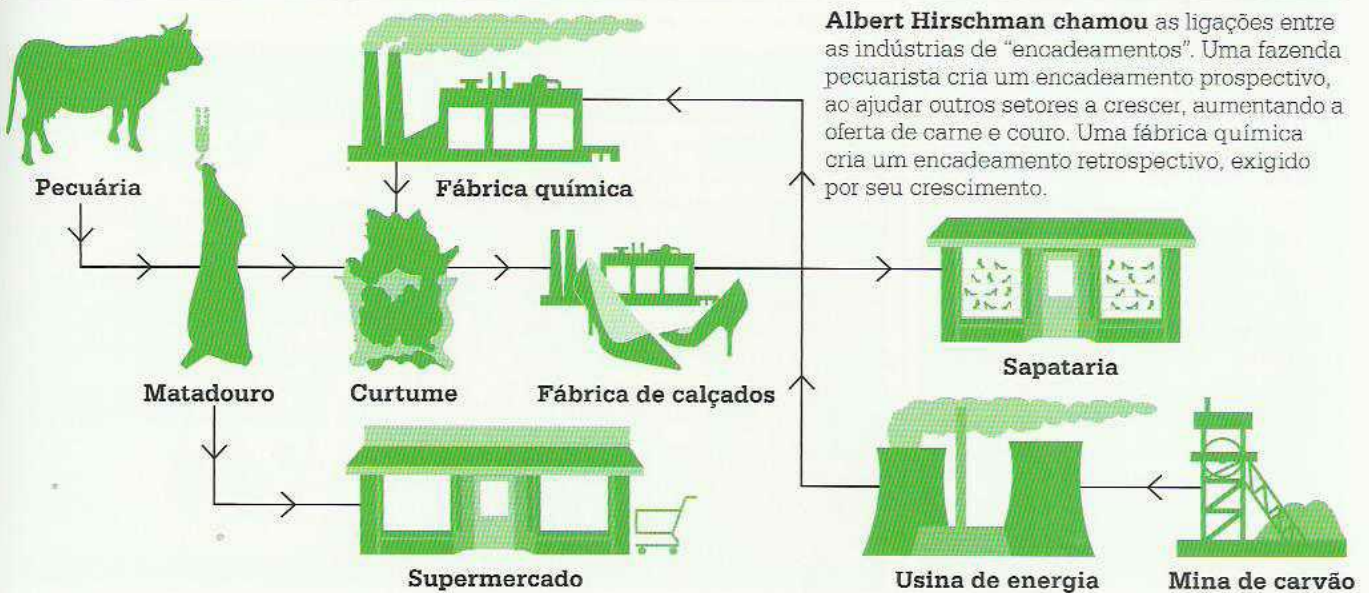
As indústrias que atendem ao consumo de massa são na maioria complementares, no sentido de que propiciam um mercado para as outras e portanto as apoiam.

Ragnar Nurkse
Economista estoniano (1907-59)

”

interações que podem tornar economicamente viável toda uma base de produção diversificada.

Esse grande impulso implica que países que não têm nada passem a ter de tudo. Por não terem nem usina de energia nem fábrica, as economias em desenvolvimento de repente precisam de ambas. Por não terem nenhum setor industrial, elas devem criar todos ao mesmo tempo. Todavia, »



Albert Hirschman chamou as ligações entre as indústrias de “encadeamentos”. Uma fazenda pecuarista cria um encadeamento prospectivo, ao ajudar outros setores a crescer, aumentando a oferta de carne e couro. Uma fábrica química cria um encadeamento retrospectivo, exigido por seu crescimento.

192 ECONOMIA DESENVOLVIMENTISTA



Uma grande fábrica feita com dinheiro indiano emprega pessoas para descascar nozes na Tanzânia. Outras indústrias surgiram para atender à fábrica, ajudando a desenvolver o país.

como cada investimento precisa dos outros, é difícil empresários individuais darem o empurrão. Por isso Rosenstein-Rodan e outros disseram que o grande impulso deve partir do Estado, não de mercados privados.

Os governos do mundo em desenvolvimento no pós-guerra que seguiam essa linha envolveram-se em grandes programas de investimento, realizando projetos industriais e de infraestrutura em meio a planos de desenvolvimento nacional. Considerava-se que as nações menos desenvolvidas tinham duas economias: os setores agrícolas tradicionais (com muita mão de obra improdutiva) e os setores modernos, formados por novas indústrias. A ideia era que o grande impulso sugaria o excesso de mão de obra das zonas rurais e o levaria aos novos empreendimentos industriais. Esse raciocínio deu o argumento lógico para grandes injeções de ajuda externa, vistas como combustível da iniciativa de investimento. O investimento conduzido pelo Estado provocou uma industrialização benéfica em certos lugares. Alguns países do sudeste da Ásia tiveram expansão

industrial e rápido crescimento da renda; sua aliança bem-sucedida de um Estado ativo e grandes empresas tornou-se conhecida como modelo de Estado desenvolvimentista. Contudo, as condições em que o Plano Marshall foi aplicado em 1948 diferiam daquelas das novas nações dos anos 1950 – muitas tentativas com o grande impulso fracassaram.

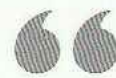
Investimento ineficiente

No início, os investimentos necessários ao desenvolvimento econômico podem parecer óbvios. Ainda assim, coordenar um programa de investimentos em muitas indústrias é uma tarefa árdua. Os governos só conseguem criar indústrias viáveis se conhecem o equilíbrio correto da produção – a fatia certa de sapatos, roupas e pão –, que decorre da composição da demanda do consumidor. Só se pode explorar as interações entre os diversos tipos de produção quando se conhecem em detalhe os encadeamentos prospectivos e retrospectivos das indústrias. Nem todos os governos dispõem de perícia, informação ou poder político para ter sucesso nesse empenho.

Muitos países acabaram ficando com indústrias estatais inchadas e ineficientes que não conseguiram deslanchar um crescimento sustentável. Quase sempre se tentou a industrialização impondo tarifas comerciais – a importação de produtos era proibida, na esperança de que as indústrias iniciantes progredissem. A proteção estatal de empresas contra a concorrência estrangeira gerou a “rent-seeking” (busca de renda) – pressão sobre o governo de grupos comerciais que tentam preservar privilégios. Isso frequentemente acarretou relações íntimas entre governos e industriais com contatos políticos, impedindo a concorrência e a inovação.

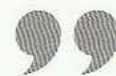
Nos anos 1970, o grande impulso foi criticado pelos economistas neoclássicos (p. 247), como o americano Paul Krugman, para quem as economias em desenvolvimento não diferiam em essência das desenvolvidas. Disseram que um comportamento economicamente racional e o poder da sinalização dos preços eram tão válidos nos países pobres quanto nos ricos. O investimento era importante, mas devia ter distribuição correta através da economia. Os mercados, não os governos, eram os melhores árbitros para decidir onde investir.

Essa nova onda de pensamento sustentava que as economias em desenvolvimento eram prejudicadas não pela ineficiência inerente aos seus mercados, mas por políticas erradas. O envolvimento excessivo do governo havia rompido o mecanismo de preços (os preços são fixados pela oferta e pela procura) e atrapalhara sua capacidade de distribuir recursos com eficiência. Boa política significava “acertar os preços” e permitir que o mecanismo do mercado funcionasse livremente, para que os recursos fossem mais bem empregados. Caminhar para a frente era recuar as fronteiras do Estado, acabar com a busca de renda e



A complementaridade de indústrias diversas fornece o mais importante conjunto de argumentos em favor da industrialização planejada em ampla escala.

Paul Rosenstein-Rodan



deixar o mecanismo de preços agir soberano.

Nos anos 1980, essa revisão do pensamento levou à ascensão da política de desenvolvimento de livre mercado. O Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional introduziram "programas de ajuste estrutural" para injetar princípios de mercado nas economias africanas. A dita "terapia de choque", usada na Europa Oriental por essas instituições depois da queda do comunismo, visava estabelecer rapidamente sistemas de mercado. Porém, esses experimentos com o mercado livre acabaram criticados por aumentar a pobreza e ao mesmo tempo falhar na construção de economias dinâmicas e diversificadas.

Políticas pró-mercado

A desilusão com o ajuste estrutural fez surgir hoje um novo consenso, que funde as reflexões dos primeiros pensadores desenvolvimentistas a uma visão mais otimista dos

Singapura tornou-se um Estado moderno em 1965. As políticas do governo atraíram investimento estrangeiro, e o Estado floresceu com as exportações, como de petróleo refinado.

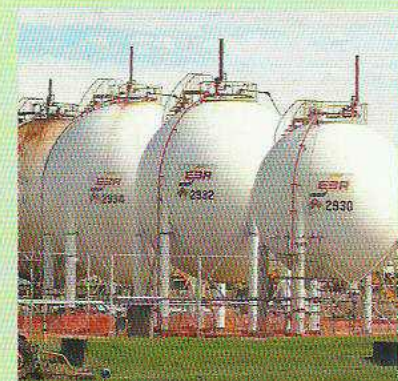
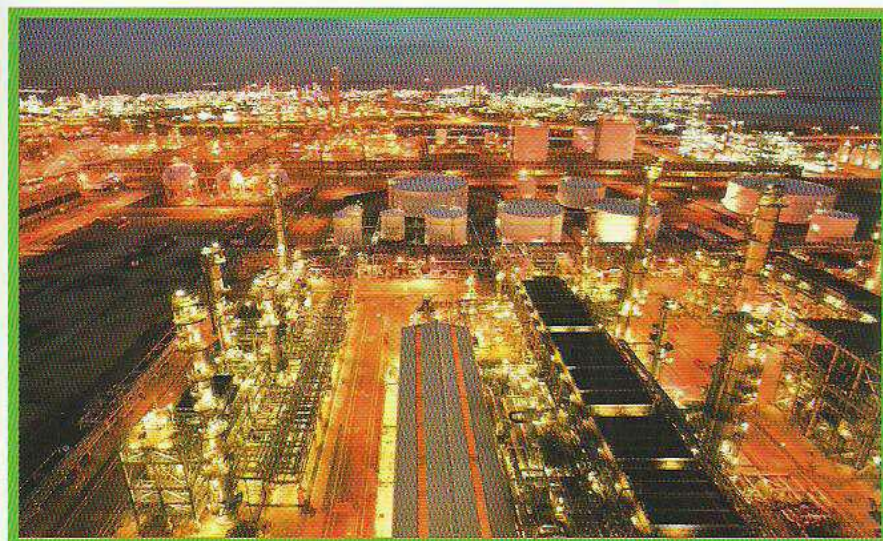
mercados. Atualmente os mercados são considerados vitais nos países pobres para criar incentivos que mobilizem recursos de um modo lucrativo. Ao mesmo tempo, economistas como o americano Joseph Stiglitz denunciaram os fracassos do mercado no âmbito das pequenas empresas, os quais costumam refrear os países em desenvolvimento. Por exemplo, não dá para investir lucrativamente se as empresas não conseguem obter empréstimo. Talvez o Estado tenha um papel na correção dessas falhas e possa ajudar, assim, o mecanismo de preços a funcionar mais suave. Esse consenso, às vezes chamado enfoque pró-mercado, vê o Estado e os mercados como complementares.

Porém, no início do século XXI ressurgiram as ideias do grande impulso mais explícitas. Em 2000, as Nações Unidas traçaram metas de desenvolvimento até 2015, as quais incluem universalização do ensino fundamental, erradicação da fome e redução da mortalidade infantil. Isso implica que os países doadores mantenham o fluxo da ajuda prometida e exige grandes investimentos coordenados através de uma série de setores e projetos de infraestrutura. ■

Desenvolvimento na América Latina

Após a Segunda Guerra Mundial, muitos governos latino-americanos intervieram na economia para promover a industrialização em vários setores. Restringiram as importações e criaram indústrias para produzir os mesmos bens, impondo tarifas e controle de câmbio a fim de sufocar a concorrência externa. Investiram diretamente na infraestrutura necessária para essa indústria, com ajuda e assistência técnica estrangeiras. Esse processo, chamado de importações por substituição, teve mais sucesso nos países que já possuíam mercados internos grandes a ponto de permitir a presença da indústria pesada junto a empresas de consumo, como Brasil e Venezuela.

Os críticos dizem que os países latino-americanos deveriam ter fortalecido os setores em que tinham uma vantagem comparativa, estimulando as empresas a ser competitivas no mundo e a exportar seus produtos.



O governo da Bolívia fez investimentos recordes na indústria petrolífera em 2011. Privatizada nos anos 1990, a indústria foi renacionalizada em 2006.

Questionário

- 1) Diferencie crescimento e desenvolvimento econômico?
- 2) Cite causas concretas do crescimento econômico, vistas no cotidiano da economia.
- 3) Descreva o modelo de crescimento malthusiano.
- 4) Descreva o modelo de crescimento exógeno.
- 5) Descreva o modelo de crescimento endógeno.
- 6) Explique as 3 contradições expostas por Galor na Teoria Unificada do Crescimento Econômico.
- 7) Como pode se explicar a explosão do crescimento do PIB per capita, segundo Galor?
- 8) Por que sua teoria é “Unificada”?

1) Sobre crescimento e desenvolvimento econômico, conforme a teoria de Oded Galor, considere as seguintes afirmativas:

I - O investimento em capital humano se revelou historicamente um propulsor fraco no aumento do PIB per capita, ao contrário da aceleração do ritmo de crescimento populacional.

II - Houve uma mudança comportamental das famílias após o século XVIII que permitiu o aumento da produtividade humana, algo diretamente conectado à preocupação pessoal com qualidade de vida e redução do ritmo de crescimento populacional.

III - A mudança comportamental das famílias após o século XVIII pode ser vista como tendo raízes macroeconômicas, no sentido de que foi sempre o governo que ditou os investimentos em capital humano e taxas de natalidade.

Estão corretas as afirmativas:

- A) I.
- B) II.
- C) I e III.
- D) I e II.
- E) II e III.

Gabarito

- 1) B

Keynes

- ✓ Dundley, capítulo Keynes

EM CONTEXTO

FOCO

Macroeconomia

PRINCIPAL PENSADOR

John Maynard Keynes
(1883-1946)

ANTES

1776 O economista escocês Adam Smith afirma que a "mão invisível" do mercado leva à prosperidade.

1909 A ativista social britânica Beatrice Webb escreve seu *Minority report*, dizendo que as causas da pobreza são estruturais e não podem ser atribuídas aos pobres.

DEPOIS

1937 O economista britânico John Hicks apresenta análise do sistema keynesiano.

1986 Os economistas americanos George Akerlof e Janet Yellen explicam desemprego involuntário com seus modelos de salário de eficiência.

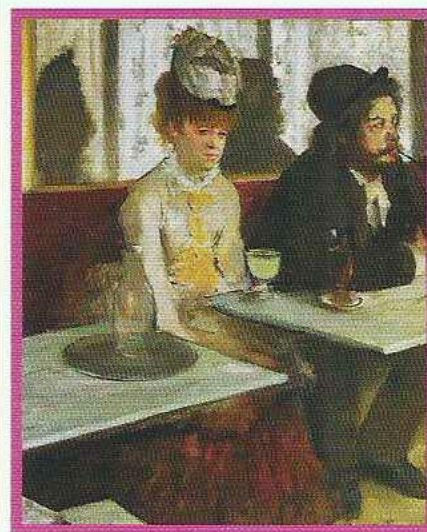
Em 1936, John Maynard Keynes publicou sua obra inovadora *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*, quase sempre citada como *Teoria geral*. O livro foi importante porque levou as pessoas a considerar o funcionamento da economia de uma perspectiva totalmente diversa. Fez de Keynes um dos economistas mais famosos do mundo.

Desde que o economista escocês Adam Smith (p. 61) publicou *A riqueza das nações*, em 1776, delineando o que se chamaria economia clássica, a economia era considerada um conjunto perfeitamente equilibrado de mercados isolados e de tomadores de decisões. O consenso entre os economistas era de que a economia chegaria espontânea e naturalmente ao equilíbrio, e quem quisesse trabalhar encontraria emprego.

Keynes virou do avesso boa parte do sistema de causa e efeito do modelo clássico. Também afirmou que a macroeconomia (toda a economia) se comportava bem diferente da microeconomia (uma porção da economia). Formado na

escola clássica, Keynes declarou que lutou para se libertar de seu raciocínio habitual. Seu sucesso nisso, porém, levou a um enfoque econômico radical que apresentou um conjunto inteiramente diferente de causas do desemprego e soluções também diferentes.

Por um século antes da publicação da *Teoria geral*, a



Este quadro de Edgar Degas de 1875 mostra pessoas bebendo absinto num café: Até a publicação das ideias Keynes em 1936, o álcool e outros vícios eram vistos como causa de desemprego.



Veja também: Economia de livre mercado 54-61 ■ Abundância no mercado 74-75 ■ O multiplicador keynesiano 164-65 ■ Inflação e desemprego 202-03 ■ Expectativas racionais 244-47 ■ Incentivos e salários 302 ■ Salários rígidos 303

Multidão ansiosa junta-se diante da Bolsa de Valores de Nova York em 29 de outubro de 1929, dia da quebra. Metade do valor de ações americanas sumiu em um dia, iniciando a Grande Depressão.

pobreza, e não o desemprego, era o problema persistente. Até os anos 1880, países como a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, que passavam por rápido crescimento em resultado da Revolução Industrial, gozaram de avanços generalizados nos padrões de vida, mas os bolsões de miséria absoluta permaneceram.

O pobre ocioso

Fazia muito tempo que os economistas viam a pobreza como a maior questão de política social, mas no final do século XIX o desemprego dos trabalhadores passou a causar preocupação crescente. De início, achou-se que o problema fosse causado por doença ou alguma falha de caráter do trabalhador, como indolência, vício, falta de iniciativa ou de ética laboral. Isso significa que se considerava o desemprego um problema dos indivíduos, que por alguma razão eram incapazes de trabalhar, e não um problema da sociedade em geral. Sem dúvida não era tido como questão de que a política pública devesse se ocupar.

Em 1909, a ativista social britânica Beatrice Webb (p. 135) apresentou o *Minority report of the royal commission on the poor laws*. Foi o primeiro documento que traçou o conceito e as políticas de um estado de bem-estar social, afirmando que “o dever de organizar o mercado nacional de trabalho, a fim de evitar ou reduzir o desemprego, deve caber a um ministro”. Usou-se pela primeira vez o termo “desemprego involuntário”.



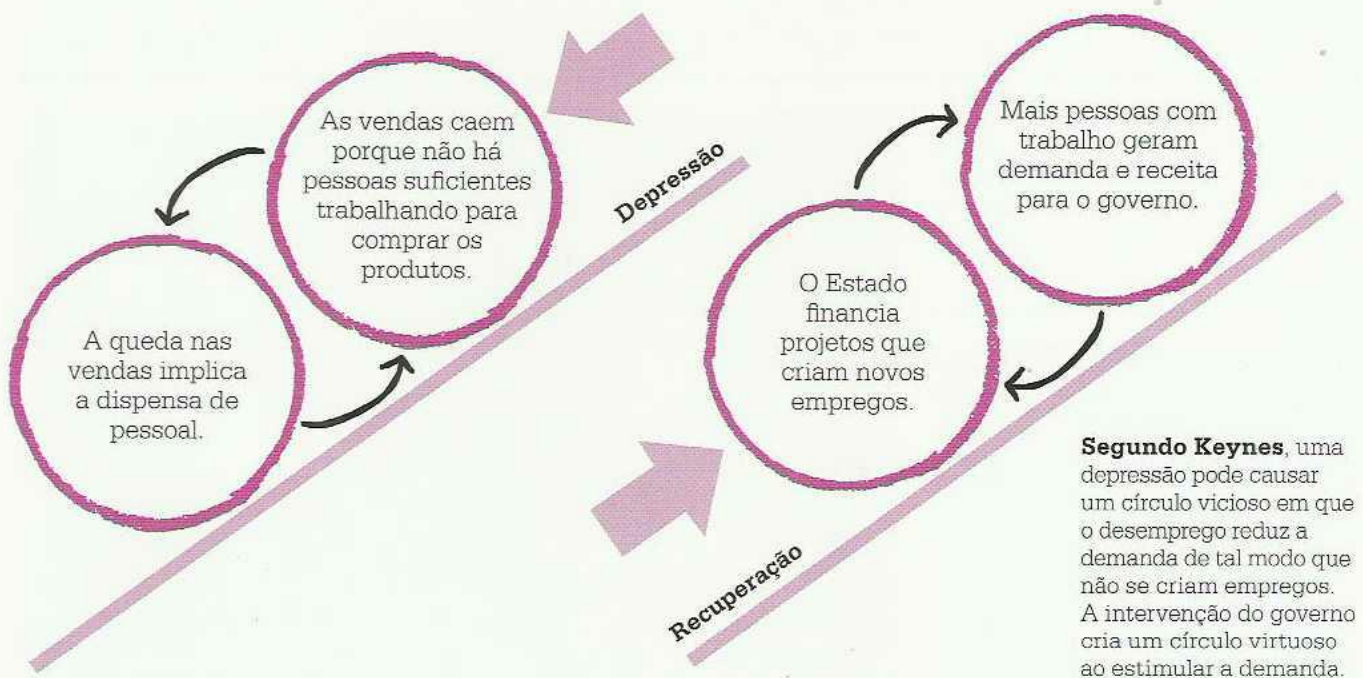
Com isso surgiu a ideia de que o desemprego é causado não por deficiências dos indivíduos, mas por condições econômicas do meio que estão fora do controle deles.

Desemprego involuntário

Em 1913, o conceito de desemprego involuntário era entendido conforme a definição do economista britânico Arthur Pigou (p. 336): situação em que os trabalhadores de um setor desejavam trabalhar pelo salário corrente mais do que era exigido. Mesmo hoje, essa definição seria considerada uma boa descrição da natureza involuntária do desemprego, na medida em que assinala que não se deu aos trabalhadores a opção de trabalhar ou não. Na época, a visão clássica de desemprego ainda predominava.

Segundo ela, o desemprego era principalmente voluntário – existia porque os trabalhadores preferiam não trabalhar pelo salário vigente ou participar de alguma “atividade fora do mercado”, como cuidar de crianças. Quem defendia esse ponto de vista insistia que o desemprego involuntário deveria ser enfrentado com mecanismos automáticos e autocorretivos do livre mercado.

De acordo com a visão clássica, o desemprego involuntário não persistiria muito tempo: o jogo dos mercados sempre voltaria rapidamente ao pleno emprego na economia. Existem evidências de que Keynes de início simpatizava com essa opinião. Em *A treatise on money* (1930), ele escreveu que as empresas têm três opções quando os preços caem mais rápido que os »



custos: suportar as perdas, fechar as portas ou se empenhar com os empregados na redução de seus ganhos por unidade produzida. Só esta última, disse Keynes, era capaz de restaurar o verdadeiro equilíbrio do ponto de vista nacional.

Contudo, depois da quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, e da Grande Depressão que se espalhou pelo mundo a seguir, Keynes mudou de ideia. O colapso financeiro de Wall Street aprisionou as economias do mundo num ciclo de produção decrescente – nos EUA, ela caiu 40%. Em 1931, a renda nacional americana caiu dos US\$ 87 bilhões de antes da quebra para US\$ 42 bilhões; em 1933, 14 milhões de americanos estavam sem emprego. As figuras esqueléticas assombravam a paisagem – a rápida queda dos padrões de vida fica evidente nas imagens da pobreza e do desespero da época. Ao testemunhar essa devastação, Keynes inspirou-se para escrever a *Teoria geral*.

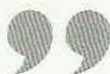
A Grande Depressão

Keynes tomou o mundo da Grande Depressão como ponto de partida. O funcionamento normal do mercado parecia incapaz de criar a pressão necessária para corrigir o problema de desemprego alto, persistente e involuntário na economia. Em geral, o número de pessoas ativas é determinado pelo nível dos salários reais – o nível dos salários em relação ao preço dos bens e serviços



A dificuldade não está nas novas ideias, mas em escapar das velhas.

John Maynard Keynes



ofertados. Em tempos de recessão, os preços dos bens tendem a cair mais rápido que o nível dos salários, porque a procura de bens se reduz e os preços caem, ao passo que os trabalhadores resistem ao corte nos salários. Isso faz o salário real aumentar. Com tal nível mais alto de salários reais, cresce o número de pessoas dispostas a trabalhar e diminui o número de trabalhadores procurados pelas empresas, pois estão mais caros. O resultado é o desemprego.

Salários rígidos

Um modo de eliminar o desemprego seria a mão de obra excedente (as pessoas sem trabalho) criar pressão para os salários caírem, dispondo-se a trabalhar por menos do que o salário corrente. Os economistas clássicos acreditavam que os mercados fossem suficientemente flexíveis para se ajustar e fazer baixar os salários reais. Mas Keynes disse que os salários monetários podiam ser “rígidos” (p. 303) e não

Homens procuram trabalho em agência de empregos de Chicago em 1931. Em 1933, mais de 10 milhões de americanos tinham perdido o emprego. O Estado respondeu com um pacote de estímulo chamado New Deal.

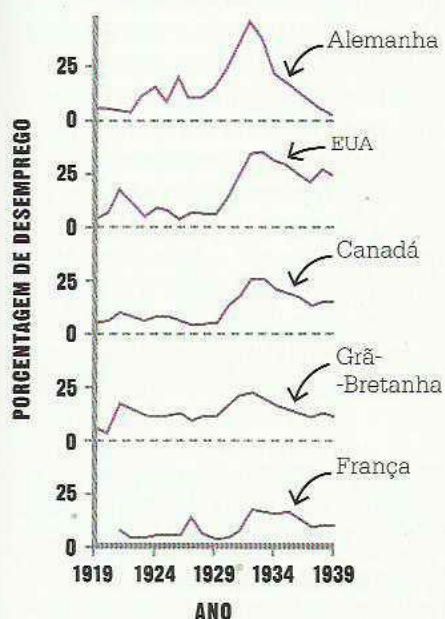


se ajustariam: o desemprego involuntário persistiria. Keynes argumentou que os trabalhadores eram incapazes de voltar ao trabalho aceitando salários menores. Ele assinalou que, depois de um colapso na procura, como ocorrera na Grande Depressão, as empresas poderiam hipoteticamente querer empregar mais trabalhadores por salários reais menores, mas na realidade não podem. Isso porque a procura por produção é restringida pela ausência de procura dos bens que elas fazem na economia como um todo. Os trabalhadores querem se oferecer mais, e as empresas

querem fazer mais, pois do contrário as fábricas e o maquinário ficam ociosos. A ausência de demanda aprisiona trabalhadores e empresas num círculo vicioso de desemprego e subprodução.

economia, todo o sistema começaria a se recuperar.

A taxa de desemprego em vários países, de 1919 a 1939, é mostrada aqui. A maioria das economias se recuperou nos anos 1920, mas sofreu com desemprego crescente com o advento da Grande Depressão, em 1930.



O papel do governo

Keynes concluiu que a solução da questão do desemprego involuntário fugia ao controle dos trabalhadores e das empresas. A solução, disse, era os governos gastarem mais na economia, de modo que a procura global de produtos crescesse. Isso estimularia as empresas a admitir mais trabalhadores e, à medida que os preços subissem, os salários reais cairiam, fazendo a economia retomar o pleno emprego. Para Keynes, não importava como o Estado gastaria mais. Ficou famosa sua afirmação de que "o Tesouro poderia encher garrafas usadas com papel-moeda e as enterrar [...] e deixar à iniciativa privada, de acordo com os bem experimentados princípios do *laissez-faire*, a tarefa de desenterrar novamente as notas". Desde que o governo injetasse demanda na

Salários gerais

A *Teoria geral* não é fácil de entender – até Keynes disse achá-la "complexa, mal organizada e às vezes obscura" – e ainda hoje ocorre um debate considerável sobre o que precisamente Keynes quis dizer, sobretudo com a diferença entre desemprego involuntário e voluntário. Uma explicação de o alto desemprego ser involuntário baseia-se na ideia de que a procura de mão de obra pelas empresas é determinada pelo salário real que elas devem pagar. Trabalhadores e empresas só podem negociar o montante salarial quanto àquele serviço ou àquele setor – não têm controle algum sobre o nível de preços na economia mais ampla, geral. De fato, salários menores podem reduzir o custo da produção e, por conseguinte, também os preços dos bens, implicando que o salário real não cairá ao nível necessário para acabar com o desemprego. Desse modo, o »

160 DEPRESSÕES E DESEMPREGO

desemprego é involuntário, porque os trabalhadores são impotentes para fazer algo a respeito. Existe um ponto de vista disseminado de que os sindicatos podem resistir ao ajuste dos salários ao nível exigido pelo pleno emprego por meio de ação coletiva, e assim os desempregados são impedidos de obter emprego. Keynes inseriu esse tipo de desemprego na categoria voluntária, alegando que os trabalhadores em geral concordam aberta ou tacitamente em não trabalhar por menos do que o salário corrente. O raciocínio de Keynes era diferente do da economia posterior, que acabou dominada pela modelagem matemática. Boa parte da macroeconomia do pós-guerra pôs-se a esclarecer o que Keynes dissera e a configurar seu raciocínio em modelos e equações mais formais. O economista britânico

John Hicks (p. 165) formulou ideias keynesianas num modelo financeiro chamado ISLM. Após a guerra, o ISLM tornou-se o modelo-padrão macroeconômico e ainda é uma das primeiras coisas que se ensinam aos estudantes de economia.

Novas interpretações

As considerações atuais sobre a obra de Keynes dizem que o que mais preocupa os trabalhadores é o seu salário em relação ao dos outros trabalhadores. Eles têm uma ideia da sua posição numa hipotética "tabela de salários da categoria" e vão combater com unhas e dentes qualquer redução de ganho que os faça descer nessa tabela. É interessante notar que um aumento geral no nível de preços por causa da inflação, que também causaria a redução dos

salários reais, é combatido com menos intensidade, porque atinge a todos os trabalhadores.

As teorias econômicas conhecidas como modelos de salário de eficiência (p. 302) perguntam-se por que as empresas não baixam os salários para aumentar os lucros e respondem que as empresas relutam em fazer isso porque o corte salarial desmotivaria os trabalhadores ativos, que sentiriam ameaçada a sua posição relativa na tabela da categoria. O resultado global do corte de salários implicaria, na verdade, uma perda nos lucros, porque o benefício de salários menores é mais do que superado pela redução na produtividade, resultante do moral baixo ou da saída de trabalhadores qualificados. Assim, os trabalhadores não podem dar a si mesmos um preço para trabalhar. Os correspondentes modelos "neokeynesianos" de



“

Se com a regularização da demanda nacional evitarmos [...] o ócio involuntário dos desempregados, faremos um acréscimo real ao produto nacional.

**Sidney Webb
Beatrice Webb**

”

O presidente americano Franklin D. Roosevelt investiu em grandes projetos de infraestrutura, como a Represa Hoover, no rio Colorado. Mesmo assim o governo não estava seguindo políticas keynesianas.



O contador que dirige um táxi é um contador desempregado ou um taxista com emprego? Os keynesianos diriam que é um desempregado involuntário. Os economistas neoclássicos dizem que ele tem emprego.

determinação salarial propõem outras explicações para os salários rígidos (p. 303).

Ressurgimento do clássico

O keynesianismo caiu em desgraça nos anos 1970, quando as economias europeias enfrentaram problemas. As ideias clássicas a respeito do desemprego foram reavivadas pela chamada escola "neoclássica" de economistas, que mais uma vez desmentiram a possibilidade de um desemprego involuntário persistente. O economista americano Robert Lucas (1937-) foi um dos líderes do ataque ao keynesianismo. Quando lhe perguntaram como definiria um contador que dirige um táxi por não encontrar emprego de contador, Lucas respondeu: "Eu o definiria de taxista se o que ele faz é dirigir um táxi". Para os clássicos modernos, o mercado sempre se abre, e os trabalhadores sempre têm a opção de trabalhar ou não.

Os teóricos dos salários de eficiência talvez concordem que todos os trabalhadores que querem emprego numa recessão podem encontrá-lo, mas eles acham que alguns trabalhadores – como o



Quanto mais rápido se acabar com o desemprego involuntário, melhor.

Robert Lucas



contador – são subutilizados e não maximizam seu valor para a economia. Como taxista, o homem continua sendo um contador involuntariamente desempregado. Quando a demanda na economia retomar o nível normal, ele voltará à sua ocupação mais produtiva e mais eficiente: contabilidade.

A diferença fundamental nas opiniões sobre a capacidade de ajuste dos mercados está no centro do debate entre economistas keynesianos e clássicos.

Realidade clássica

Keynes talvez concordasse com o economista americano Joseph Stiglitz (p. 338), ganhador do Nobel, segundo o qual se poderia dizer que, na Grande Depressão nos EUA, um quarto da força de trabalho desempregada de Chicago havia optado pelo desemprego, já que poderia ter ido para a Califórnia para apanhar frutas em fazendas, junto com os outros milhões que fizeram o mesmo. Stiglitz disse que ainda assim isso continuava a representar um fracasso enorme do mercado e, se a teoria clássica sustenta que não se pode fazer nada além de sentir pena dos desempregados por terem tido esse azar, seria muito melhor não consultarmos a teoria. ■



John Maynard Keynes

Nascido em 1883, ano em que Karl Marx morreu, John Maynard Keynes era um redentor improvável da classe operária. Criado em Cambridge, Inglaterra, por pais acadêmicos, ele teve vida privilegiada. Ganhou bolsa da Universidade de Cambridge, onde estudou matemática, depois trabalhou para o governo britânico na Índia e publicou seu primeiro livro, *Indian currency and finance*.

Keynes foi conselheiro na Conferência de Paz de Paris após a Primeira Guerra Mundial e também na Conferência de Bretton Woods, após a Segunda Guerra Mundial. Sempre fez várias coisas ao mesmo tempo – enquanto escrevia a *Teoria geral*, ele construiu um teatro e tinha como amigos grandes escritores e artistas. Keynes ficou rico no mercado de ações e usou boa parte para ajudar os amigos artistas. Morreu de problemas cardíacos em 1946.

Obras-chave

1919 *As consequências econômicas da paz*

1930 *A treatise on money*

1936 *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*

Vida

- ✓ Inglês.
- ✓ Formado em Cambridge.
- ✓ Homem de enorme sucesso profissional: assessor do Tesouro Britânico, diretor do Banco da Inglaterra, envolvido com cultura e política, homem de negócios, diretor de companhia de seguros.

Extraído de: Keynes, John M. **A Teoria Geral do Emprego do Juro e da Moeda**. São Paulo, Nova Cultural, 1996, pgs. 65-66.

Na economia ricardiana, que serve de base ao que nos vem sendo ensinado há mais de um século, a idéia de que podemos pôr de lado, sem outras cogitações, a função da demanda agregada é fundamental. Malthus, na verdade, se opôs com veemência à doutrina de Ricardo de que era impossível uma insuficiência da demanda efetiva, porém, em vão. Não tendo conseguido explicar com clareza (a não ser por fatos da observação prática) como e por que a demanda efetiva poderia ser deficiente ou excessiva, deixou de fornecer uma estrutura capaz de substituir a tese que atacava; assim, Ricardo conquistou a Inglaterra de maneira tão completa como a Santa Inquisição conquistara a Espanha. Sua teoria não só foi aceita pelos meios influentes de Londres, pelos estadistas e pelo mundo acadêmico, como também cessou toda controvérsia, e o ponto de vista contrário desapareceu por completo e deixou de ser discutido. O grande enigma da demanda efetiva com que Malthus havia lutado desapareceu da literatura econômica. Não se lhe faz nenhuma menção, uma vez sequer, em toda a obra de Marshall, de Edgeworth e do professor Pigou, que deram à teoria clássica a sua forma mais definitiva. Apenas sobreviveu, furtivamente, nos subterrâneos do mundo de Karl Marx, de Silvio Gesell e do major Douglas.

O fato de a vitória ricardiana ter sido tão completa faz com que seja revestida de curiosidade e de mistério. Essa vitória provavelmente se deveu a um complexo de afinidades entre a sua doutrina e o meio em que foi lançada. Creio que o fato de ter chegado a conclusões inteiramente diversas das que poderia esperar um indivíduo comum e pouco instruído contribuiu para seu prestígio intelectual. Deu-lhe virtude a circunstância de que seus ensinamentos, transportados para a prática, eram austeros e, por vezes, desagradáveis. Deu-lhe primor o poder sustentar uma superestrutura lógica, vasta e coerente. Deu-lhe autoridade o fato de poder explicar muitas injustiças sociais e crueldades aparentes como incidentes inevitáveis na marcha do progresso, e de poder mostrar que a tentativa de modificar esse estado de coisas tinha, de modo geral, mais chances de causar danos que benefícios. Por ter formulado certa justificativa à liberdade de ação do capitalista individual, atraiu-lhe o apoio das forças sociais dominantes agrupadas atrás da autoridade.

Embora, até há pouco, a doutrina em si nunca tenha sido contestada pelos economistas ortodoxos, sua óbvia inadequação no que tange às finalidades de predição científica diminuiu bastante, com o passar do tempo, o prestígio de seus adeptos. Aparentemente, depois de Malthus, os economistas profissionais ficaram insensíveis diante da falta de conformidade entre os resultados de sua teoria e dos fatos observados; uma discrepância que o homem comum não deixa de observar, como resultado de uma crescente obstinação em conceder aos economistas a manifestação de respeito que tributa a outros grupos de cientistas cujas conclusões teóricas são confirmadas pela observação, quando aplicadas aos fatos.

O celebrado otimismo da teoria econômica tradicional — que levou os economistas a serem considerados Cândidos, os quais, tendo-se retirado do mundo para cultivarem seus jardins, clamam que tudo caminha do melhor modo no melhor dos mundos possível, contanto que deixemos as coisas andarem sozinhas — tem como origem, no meu entender, o fato de não haver sido levado em conta o empecilho que uma insuficiência da demanda efetiva pode significar para a prosperidade, pois em uma sociedade que funciona de acordo com os postulados clássicos deveria existir uma tendência natural para o emprego ótimo dos recursos. Pode muito bem ser que a teoria clássica represente o caminho que a nossa economia, segundo o nosso desejo, deveria seguir, mas supor que na realidade ela assim se comporta é presumir que todas as dificuldades estejam removidas.

Seu legado

- ✓ Smith desmontou o mercantilismo, Marx atacou o capitalismo, Keynes implodiu o *laissez faire*.
- ✓ Keynes foi além da economia. Sua obra é um receituário de política econômica.
- ✓ Esses são os seguintes pontos gerais da teoria de Keynes:
 - O papel do dinheiro.
 - A relação entre juros e dinheiro.
 - O investimento.
 - A incerteza quanto ao futuro.

Keynes sobre seus ensinamentos

- ✓ *Denominei este livro A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda, dando especial ênfase ao termo geral. O objetivo deste título é contrastar a natureza de meus argumentos e conclusões com os da teoria clássica, na qual me formei, que domina o pensamento econômico, tanto prático quanto teórico, dos meios acadêmicos e dirigentes desta geração, tal como vem acontecendo nos últimos cem anos. Argumentarei que os postulados da teoria clássica se aplicam apenas a um caso especial e não ao caso geral, pois a situação que ela supõe acha-se no limite das possíveis situações de equilíbrio. Ademais, as características desse caso especial não são as da sociedade econômica em que realmente vivemos, de modo que os ensinamentos daquela teoria seriam ilusórios e desastrosos se tentássemos aplicar as suas conclusões aos fatos da experiência.*
- ✓ Mas mesmo Keynes alertava para que não se jogasse pela janela toda a tradição clássica.

Os clássicos, segundo Keynes

- ✓ Postulados base da filosofia clássica, segundo Keynes:
 - 1. O salário é igual ao produto marginal do trabalho (salário é igual ao valor que se perderia com uma unidade a menos de trabalho)
 - 2. A utilidade do salário, quando se emprega determinado volume de trabalho, é igual à desutilidade marginal desse mesmo volume de emprego (o salário real é exatamente o suficiente para motivar o emprego por parte do empregado)

Relembrando o equilíbrio de mercado segundo os neoclássicos

- ✓ Todos os fatores estão sempre plenamente empregados (alocados).
- ✓ Temos o chamado pleno emprego, em que a economia produz em todo seu potencial corrente.
- ✓ Todos os fatores de produção são utilizados de acordo com sua produtividade e preço. Inclusive a mão-de-obra!
- ✓ Haveria somente desemprego voluntário, no caso de alguém não aceitar trabalhar pela preço de sua produtividade.

Pleno emprego

- ✓ O pleno emprego significa dizer que não existe emprego involuntário, onde pessoas não encontram emprego.
- ✓ Existem apenas os desempregos:
 - Voluntário = pessoas não aceitam trabalhar pela remuneração de sua produtividade.
 - Exemplo: pessoa não aceita trabalhar por salário mínimo.
 - Friccional = situação de desemprego temporário.
 - Exemplo: troca de empregos, emprego sazonal, questões contratuais.

Como aumentar o emprego segundo os clássicos

- ✓ Como a economia opera no pleno emprego, existiria apenas algumas formas de aumentar a taxa de emprego:
 - (a) *melhoria da organização ou da previsão, de maneira que diminua o desemprego "friccional";*
 - (b) *redução da desutilidade marginal do trabalho expressa pelo salário real, para o qual ainda existe mão-de-obra disponível, de modo que diminua o desemprego "voluntário";*

Conclusão de Keynes sobre os clássicos

- ✓ (1) que o salário real é igual à desutilidade marginal do trabalho existente;
- ✓ (2) que não existe o que se chama desemprego involuntário no seu sentido estrito;
- ✓ (3) que a oferta cria a sua própria procura.

- ✓ Os clássicos não tentam explicar o nível de emprego.
 - Partem do pressuposto que os recursos disponíveis se alocam de forma eficiente, garantindo o pleno emprego.
 - A questão, para eles, não é emprego ou desemprego, é emprego ali ou lá.

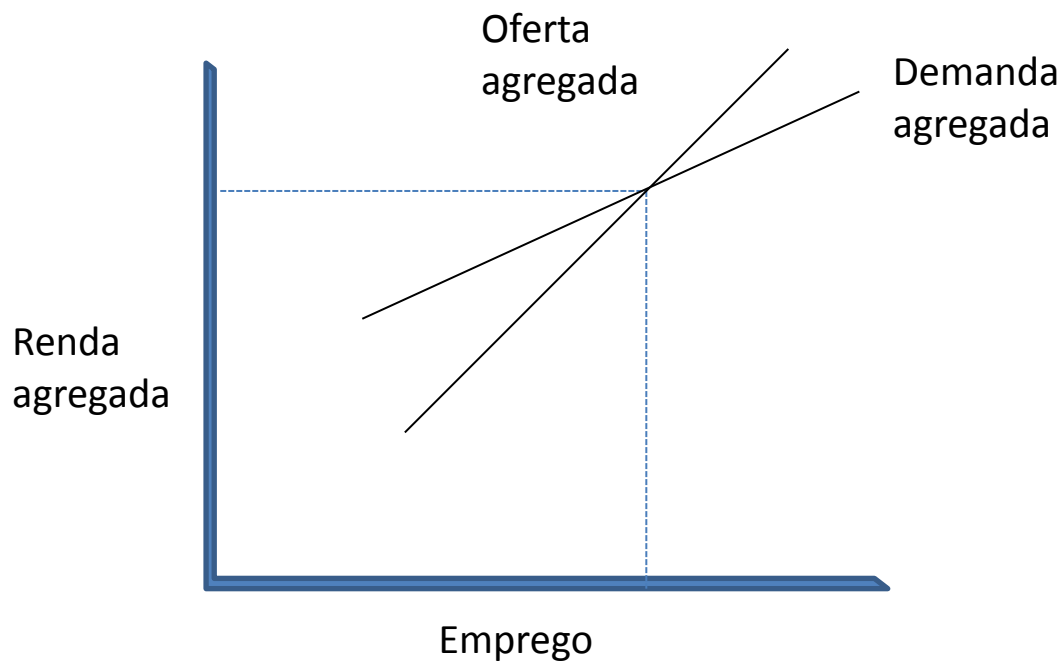
A crise de 1929

- ✓ Em 1932 os EUA chegou a ter 15 milhões de desempregados, o que tornava as hipóteses de desemprego friccional ou involuntário improváveis.

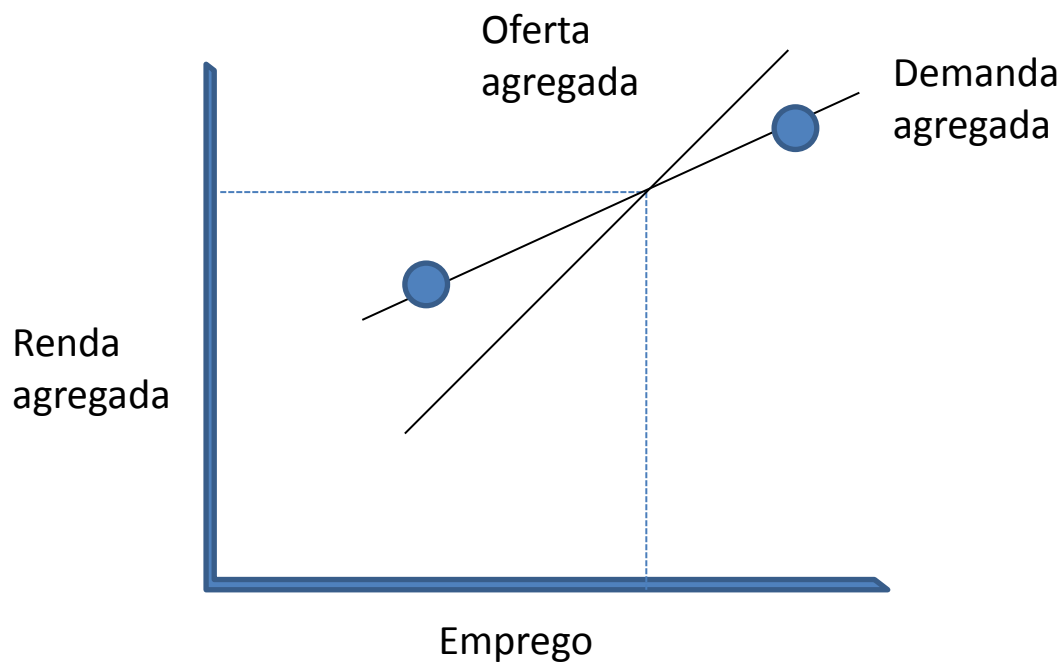
O princípio da demanda agregada

- ✓ O ponto de partida para compreender a análise de Keynes é o da demanda agregada.
- ✓ Demanda agregada = é a procura total do sistema econômico, ou seja, demanda por parte de todos agentes produtivos, originada pelo rendimento dos mesmos.
- ✓ A demanda agregada resulta da quantidade e preço de fatores empregados.
- ✓ Aumenta ou diminui de acordo com a quantidade de fatores empregados.
- ✓ Ou seja, mais fatores empregados (pessoas, recursos, máquinas) geram mais renda, o que possibilita uma maior demanda agregada.

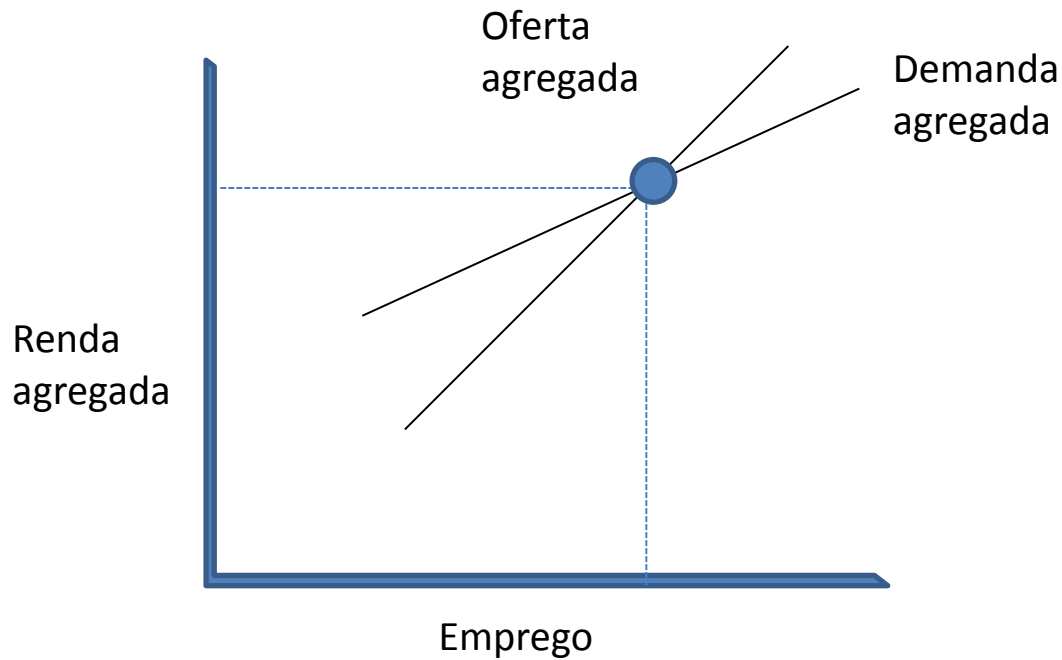
Demanda e oferta agregada



- ✓ Há pontos em que a renda agregada supera o mínimo necessário para induzir a produção por parte dos empresários (ponto A).
- ✓ Há pontos em que a renda agregada fica abaixo do mínimo necessário para induzir a produção por parte dos empresário (ponto B)

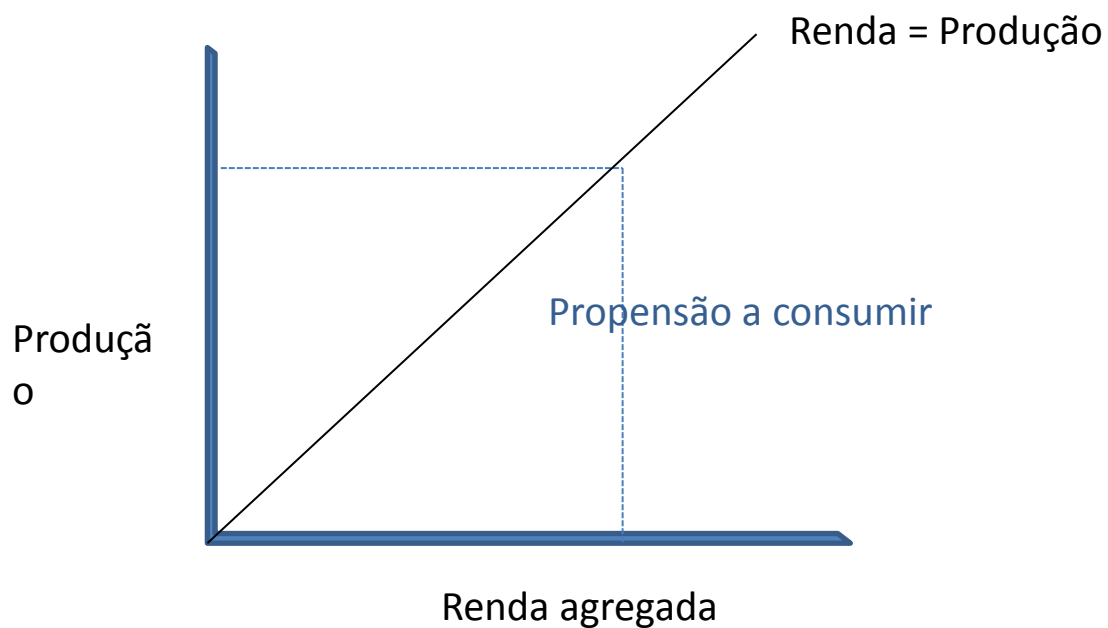


- ✓ Há um ponto em que os empresários conseguem produzir exatamente o nível de produção suficiente que possibilita um lucro máximo.
- ✓ Mas não há nenhum motivo para supor que esse ponto seja facilmente alcançável, e que represente o pleno emprego.



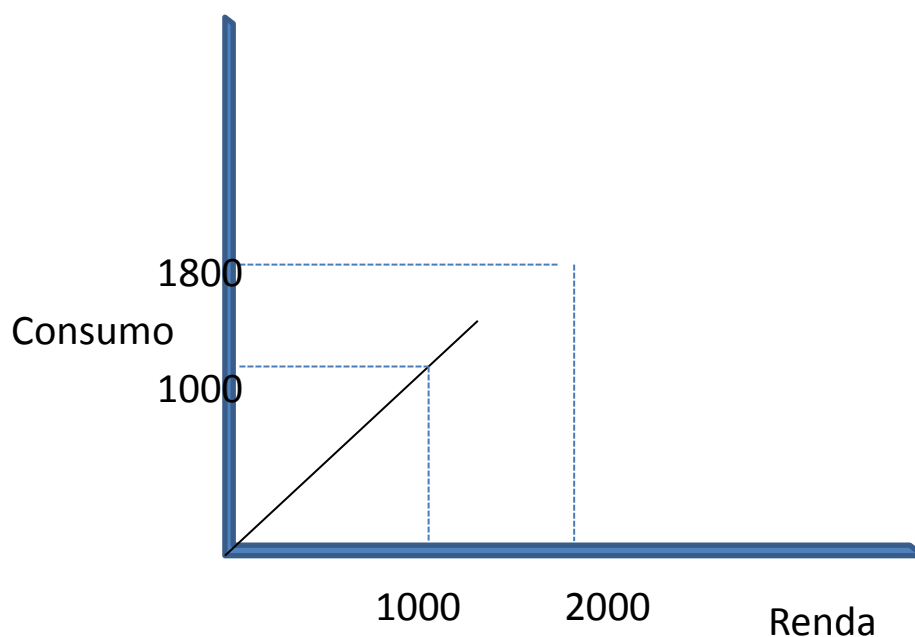
Propensão marginal a consumir

- ✓ A produção (emprego de fatores) gera renda, que gera consumo da própria produção.
- ✓ Mas os consumidores não consomem toda a renda disponível.
- ✓ Isso pode causar insuficiência de demanda.



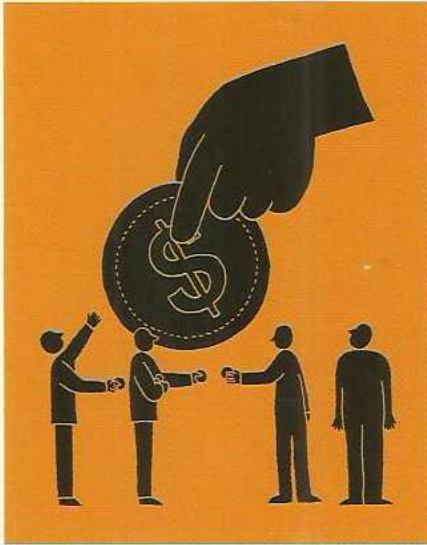
Propensão a consumir

- ✓ A propensão a consumir mostra as quantidades de consumo para cada quantidade de rendimento.
- ✓ Ao passo que a renda cresce, o consumo cresce em termos absolutos, mas parte da renda total vira poupança.
- ✓ Se a propensão a consumir fosse sempre 100%, o pleno emprego estaria garantido.



Características da propensão a consumir

- ✓ Características:
 - Estável.
 - Depende de fatores culturais.
 - Pode ser afetada por questões tributárias, distribuição de renda, entre outros.
- ✓ Multiplicador de investimento
 - Dada a propensão marginal a consumir, há um fator de multiplicação na renda.
 - Cada renda adicional gera um nível de gasto, que por sua vez gera outra renda e outro gasto, e assim por diante.
 - $\text{Propensão} = \Delta C / \Delta Y$ $\text{Propensão} = 90 / 100 = 0,9$
- ✓ $\text{Multiplicador} = 1 / 1 - (\Delta C / \Delta Y)$
 - $= 1 / 1 - (90 / 100) = 10$
 - Nesse caso, cada renda adicional será multiplicada por 10.



GASTOS PÚBLICOS FAZEM A ECONOMIA CRESCER MAIS DO QUE O VALOR GASTO

O MULTIPLICADOR KEYNESIANO

EM CONTEXTO

FOCO

Macroeconomia

PRINCIPAL PENSADOR

John Maynard Keynes
(1883-1946)

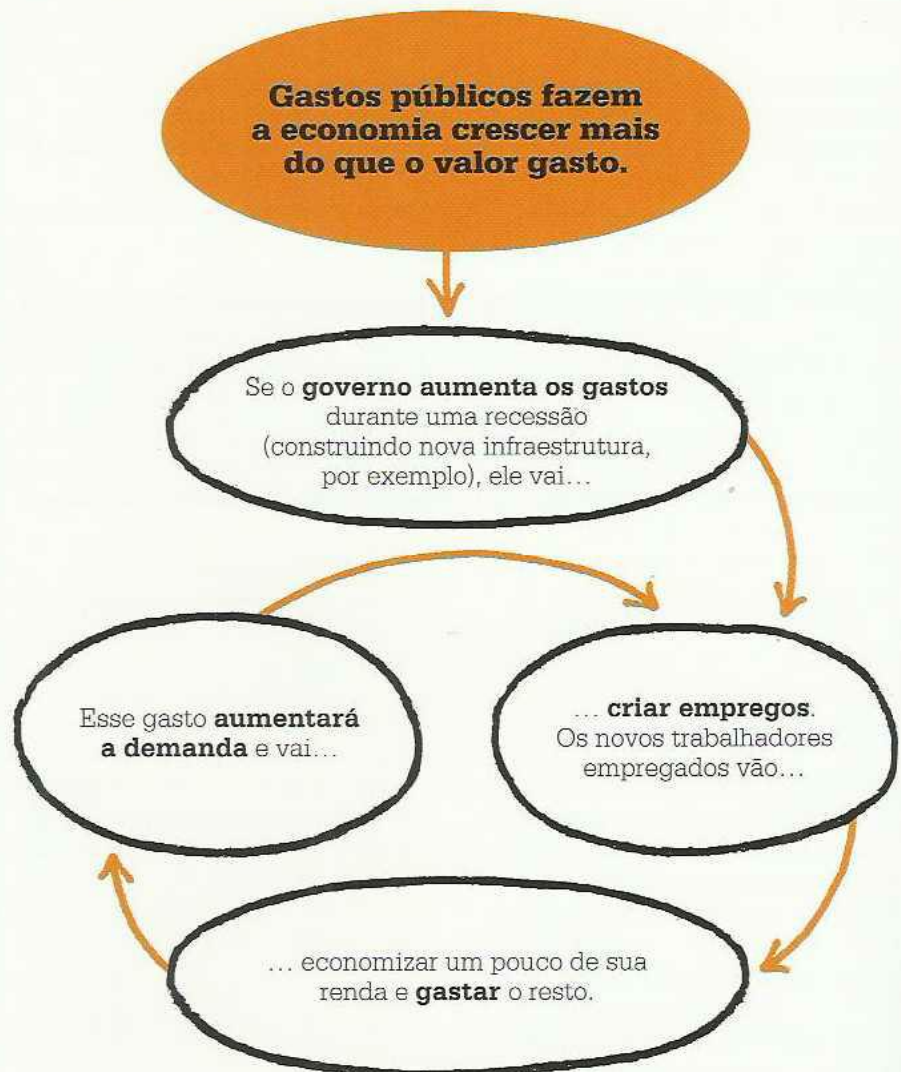
ANTES

1931 O economista britânico Richard Kahn formula uma teoria explícita sobre os efeitos multiplicadores dos gastos públicos sugeridos por John Maynard Keynes.

DEPOIS

1971 O economista polonês Michal Kalecki elabora a noção do multiplicador.

1974 O economista americano Robert Barro reacende a ideia da "equivalência ricardiana" (de que as pessoas mudam de comportamento para se ajustar às mudanças no orçamento do governo). Isso implica que não existem efeitos multiplicadores provenientes dos gastos públicos.



Veja também: O fluxo circular 40-45 ■ Abundância no mercado 74-75 ■ Empréstimo e dívida 76-77 ■ Depressões e desemprego 154-61

A macroeconomia tenta explicar o funcionamento da economia inteira. Em 1758, o economista francês François Quesnay (p. 45) demonstrou que os grandes gastos feitos por quem está no topo da pirâmide econômica – os proprietários de terra – eram multiplicados por quem recebia o dinheiro e o gastava.

No século XX, o economista britânico John Maynard Keynes analisou especificamente por que os preços e a mão de obra não reverterem para o equilíbrio, ou níveis naturais, nas depressões. A economia clássica – a escola de pensamento dominante do século XVIII ao XX – diz que isso deveria ocorrer naturalmente com o funcionamento normal do livre mercado. Keynes concluiu que a forma mais rápida de ajudar uma economia a se recuperar seria incentivar a demanda com gastos públicos no curto prazo.

A ideia-chave aqui era a do multiplicador, debatido por Keynes e outros, sobretudo Richard Kahn, e depois elaborada matematicamente por John Hicks. Propõe que, se o governo investe em projetos grandes (como construção de uma ferrovia) durante a recessão, o emprego cresce mais do que o número de trabalhadores empregados diretamente. A renda nacional sobe mais do que a quantia gasta pelo governo.

Isso porque os trabalhadores nos projetos do governo gastam parte de sua renda em coisas feitas por outras pessoas ao seu redor, e esse gasto cria mais empregos. Esses trabalhadores novos gastam parte de sua renda, criando ainda mais empregos. Esse processo continua, mas o efeito se reduzirá em cada rodada de gastos, pois



Grandes projetos de infraestrutura, como a barragem das Três Gargantas, na China, criam milhares de empregos. Os salários depois voltam para a economia, criando nova rodada de gastos.

cada vez uma parte da renda extra será poupada ou gasta em produtos estrangeiros. A estimativa-padrão é de que cada \$1 de gasto público deve criar um aumento na renda de \$1,40 com esses efeitos secundários.

Em 1936, o economista britânico John Hicks criou um modelo matemático baseado no multiplicador keynesiano, chamado modelo ISLM (investimento, poupança, demanda de liquidez e oferta de moeda). Ele seria usado para prever como as mudanças nos gastos públicos ou a tributação impactariam no nível de emprego por meio do multiplicador. No pós-guerra, ele se tornou o instrumento-padrão para explicar o funcionamento da economia.

Alguns economistas criticaram o preceito do multiplicador keynesiano, dizendo que os governos financiariam gastos com tributação ou dívida. Os impostos tirariam dinheiro da economia, criando efeito oposto ao desejado, e a dívida causaria inflação, reduzindo o poder aquisitivo daqueles salários vitais. ■

John Hicks

Filho de jornalista, John Hicks nasceu em 1904 em Warwick, Inglaterra. Frequentou escolas particulares e se formou em filosofia, política e economia na Universidade de Oxford, todas com bolsas de estudos matemáticas. Em 1923, passou a lecionar na London School of Economics ao lado de Friedrich Hayek e Ursula Webb, eminente economista britânica que se casaria com ele em 1935. Hicks lecionou depois nas universidades de Cambridge, Manchester e Oxford. O humanismo está no centro de sua obra. Ele e a mulher viajaram muito após a Segunda Guerra Mundial, como conselheiros financeiros de muitos países que acabavam de tornar-se independentes. Hicks ganhou o título de cavaleiro em 1964 e o Prêmio Nobel em 1972. Morreu em 1989.

Obras-chave

1937 *O Sr. Keynes e os clássicos*

1939 *Valor e capital*

1965 *Capital e crescimento*



Além do emprego primário criado pelos gastos em obras públicas, deve haver um emprego indireto adicional.

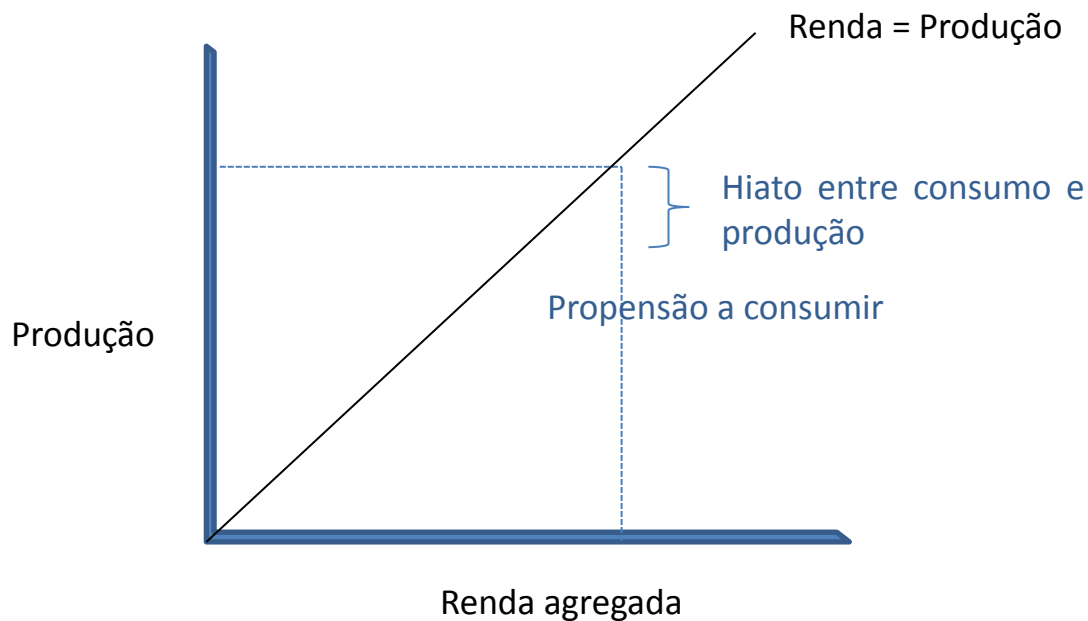
Don Patinkin

Economista americano (1922-95)



Hiato entre consumo e produção

- A diferença entre o consumo total e a produção deve ser preenchida por algum gasto.
- A procura global e a oferta global só estarão num ponto de pleno emprego quando os investimentos (que também geram renda) forem o suficiente para cobrir a diferença entre a demanda agregada e a oferta agregada.



Investimentos

- ✓ O investimento é uma variável complexa e instável, ao contrário do consumo.
- ✓ A decisão empresarial de investir nasce da expectativa por lucros.
- ✓ A rentabilidade esperada dos investimentos é denominada por Keynes como eficácia marginal do capital.

Eficácia marginal do capital

- ✓ Um empreendimento que necessita investimento de R\$ 100 mil rende R\$ 10 mil líquidos por ano.
- ✓ A eficácia marginal desse capital é de 10%.
- ✓ A taxa de juros na economia é de 9%. Vale a pena empreender esse projeto?

Os juros

- ✓ O que são?
 - O preço do dinheiro.
- ✓ Como qualquer preço, é determinado pela demanda e oferta.
- ✓ A demanda por dinheiro é o que Keynes denomina preferência pela liquidez.
- ✓ A oferta é a quantidade de dinheiro disponível na economia.

Preferência pela liquidez

- ✓ As pessoas podem desejar manter o dinheiro líquido por algumas razões:
 - Transação.
 - Precaução.
 - Especulação.

Oferta de moeda

- ✓ Aumenta a oferta de acordo com a disposição dos bancos em conceder empréstimo.
- ✓ O Banco Central também possui ferramentas para expandi-la ou retrai-la.

1) Operações de mercado aberto

- Compra e venda de títulos públicos do governo federal.
- Existe um calendário anual de leilões, com datas programadas para .

O Tesouro Nacional informa a programação da administração da Dívida Pública Mobiliária Federal interna referente ao ano de 201

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
Segunda-Feira					
Terça-feira				1	
Quarta-Feira	1 Confraternização Universal			2	
Quinta-Feira	2			3 Venda LTN e NTN-F	1 Dia do Trabalho
Sexta-Feira	3			4	2
Sábado	4	1	1	5	3
Domingo	5	2	2	6	4
Segunda-Feira	6	3	3 Carnaval	7	5
Terça-Feira	7	4	4 Carnaval	8 Venda e Resgate NTN-B	6 Venda e Resgate NTN-B
Quarta-Feira	8	5	5	9 Troca NTN-B	7 Troca NTN-B
Quinta-Feira	9 Venda LTN e NTN-F	6 Venda LTN e NTN-F	6 Venda LTN e NTN-F	10 Venda LTN e LFT	8 Venda LTN e LFT

- Nesses leilões o Tesouro Nacional oferece títulos públicos por um preço mínimo,
- As instituições financeiras fazem suas ofertas de maneira competitiva.
- Nos leilões de venda o BACEN lança novos títulos públicos e retira dinheiro do

mercado.

- Nos leilões de compra o BACEN recompra antecipadamente títulos públicos e injeta dinheiro no mercado
- Há também leilões de troca, nos quais títulos antigos podem ser trocados por títulos novos.
- Além de manejar a quantidade de dinheiro no mercado, os leilões servem para alterar o perfil da dívida, diminuindo ou aumentando a quantidade de títulos, mudando os indexadores, alongando ou encurtando o perfil da dívida, entre outras características.
- Os leilões são operados por 14 dealers, os quais são as maiores instituições

financeiras do mercado. Instituições menores podem participar por meio dos dealers.

Título	Vencimento	Taxa(a.a.)		Preço Unitário Dia	
		Compra	Venda	Compra	Venda
Indexados ao IPCA					
NTNB Principal 150519	15/05/2019	6,59%	-	R\$ 1.701,38	-
NTNB 150820	15/08/2020	6,59%	-	R\$ 2.375,04	-
NTNB Principal 150824	15/08/2024	6,85%	-	R\$ 1.186,96	-
NTNB 150535	15/05/2035	6,88%	-	R\$ 2.188,22	-
NTNB Principal 150535	15/05/2035	6,98%	-	R\$ 568,94	-
NTNB 150850	15/08/2050	6,96%	-	R\$ 2.155,09	-
Prefixados					
LTN 010117	01/01/2017	12,83%	-	R\$ 706,26	-
LTN 010118	01/01/2018	13,06%	-	R\$ 621,93	-
NTNF 010125	01/01/2025	13,32%	-	R\$ 832,33	-
Indexados à Taxa Selic					
LFT 070317	07/03/2017	-0,02%	-	R\$ 5.964,89	-

Atualizado em: 10-02-2014 14:18:10

2) Depósitos compulsórios

- O BACEN determina que parte dos recursos captados pelas IFs fiquem compulsoriamente em seu poder.
- Quanto maior o nível compulsório, menos dinheiro em circulação no mercado, e vice-versa.
- Os níveis em março de 2014 eram de:
 - 44% sobre depósitos à vista a partir de R\$ 44 milhões, sem remuneração.
 - 20% sobre depósitos a prazo a partir de R\$ 30 milhões, remunerados pela taxa SELIC.
 - 20% sobre depósitos de poupança, remunerados conforme regra da poupança (Se a meta da taxa Selic for maior ou igual a 8,5% a.a.:TR acrescida de 6,17% a.a. se a meta da taxa Selic for menor que 8,5% a.a.:TR acrescida de 70% da meta Selic a.a).

3) Operações de Redesconto

- O BACEN oferece cobertura momentânea para IFs com falta de caixa.

- Atualmente o redesconto intradia não tem custo, o que é uma facilidade de liquidez.
- Prazos maiores que um dia tem custo de Selic Over + 6%, tornando essa uma forma de financiamento extremamente cara.

Resumo dos efeitos dos instrumentos do BACEN sobre a liquidez do mercado

	Aumenta taxa	Diminui taxa
Títulos públicos	↓	↑
Compulsórios	↓	↑
Redesconto	↓	↑

✓ BACEN, a dívida e a economia

- Os títulos públicos são operados pelo BACEN em nome do Tesouro Nacional.
- Em última análise, a utilização dos recursos e o gasto com juros é do Governo Federal.
- Existem duas medidas importantes da dívida pública:
 - Resultado primário = Receita de impostos – Despesas não financeiras
 - Resultado nominal = Receita de impostos – Despesas não financeiras + Despesas financeiras
- Assim como no caso de uma PF, podemos concluir que resultado primário e nominal positivo são bons, significa que se ganha mais do que se gasta.
- Mas gastos públicos, como obras, contratação de pessoas e programas sociais, estimulam a economia, tendo efeito até mesmo eleitoral.
- O BACEN, portanto, está numa encruzilhada de diversos interesses:
 - Crescimento econômico
 - Controle inflacionário
 - Dívida pública
- Pode aumentar a dívida para acelerar o crescimento econômico, mas isso deve acelerar a inflação no curto e médio prazo, e comprometer as finanças públicas no longo prazo.
- Pode reduzir a dívida e controlar as finanças públicas, garantindo estabilidade de preços, mas dependerá da ação individual dos agentes econômicos para que haja crescimento da produção.

Poupança e investimento

- ✓ $Y = C + I$
- ✓ $S = Y - C$ ou $Y = C + S$
- ✓ Então: $S = I$

- ✓ Os clássicos acreditavam que cada poupança gerava uma quantidade igual de investimento.
- ✓ O que regularia essa igualdade era a taxa de juros.
- ✓ Se isso fosse verdade, cada ato de não gastar geraria um investimento proporcional.
- ✓ Keynes revoluciona ao acrescentar nessa igualdade a questão da renda e das expectativas dos agentes.
- ✓ É o nível de renda e a expectativa quanto ao futuro que determina a poupança.
- ✓ “Uma relutância em gastar assume um significado social diferente..., não como um fator que induz a aumentar o investimento, porém como um fator que tende a originar o desemprego”.
- ✓ Há um lapso de tempo em que a decisão da poupança reduz a demanda efetiva sem gerar o valor equivalente em investimentos.

Determinação do nível de emprego

- ✓ Uma elevada propensão a consumir é favorável ao emprego, e os remédios contra o desemprego seriam o aumento do consumo e dos investimentos.

Amostra do receituário keynesiano

- ✓ Trechos de Keynes:
 - Quando existe desemprego involuntário, a desutilidade marginal do trabalho é, necessariamente, menor que a utilidade do produto marginal. Na realidade, pode ser muito menor, pois certa quantidade de trabalho, para um homem que esteve muito tempo desempregado, em vez de desutilidade, pode ter utilidade positiva. Admitindo isto, o raciocínio anterior demonstra como os gastos “inúteis” provenientes de empréstimos podem, apesar disso, enriquecer no fim de contas a comunidade.
 - A construção de pirâmides, os terremotos e até as guerras podem contribuir para aumentar a riqueza, se a educação dos nossos estadistas nos princípios da economia clássica for um empecilho a uma solução melhor.

O que Keynes faria em 2014?

Artigo, Valor Econômico, por John Wasik

O que muita gente desconhece sobre o economista John Maynard Keynes é que ele foi um investidor profissional, e não apenas um pensador que debruçou-se sobre grandes questões econômicas. Embora Keynes não tenha previsto o crash de 1929 e tenha perdido quase todo seu capital em três ocasiões distintas, ganhou dinheiro durante alguns dos anos mais difíceis.

Então, como é que o pai da economia keynesiana, falecido em 1946, teria agido em 2014? Ele provavelmente não teria sido influenciado pela recente queda no mercado - o índice S&P 500 perdeu 3% até 24 de janeiro. No início de 1930, Keynes logo descartou o consenso generalizado com base em análises de fundamentos econômicos, passando, em vez disso, a focar o valor intrínseco das companhias. A estratégia influenciou megainvestidores como Warren Buffett, George Soros e John Bogle.

Quando as ações tomavam uma surra, Keynes comprava. Ao fazer pesquisas para meu recente livro "Keynes's Way to Wealth", descobri que Keynes ganhou dinheiro em 12 dos 18 anos entre 1928 e 1945, um período que compreende o crash de 1929, a Grande Depressão e a Segunda Guerra. No todo, o retorno anualizado da carteira "Chest" em Cambridge, um portfólio do qual ele foi gestor, chegou a 13% entre 1928 e 1945, em comparação com 0,11% negativo para o mercado britânico no período.

Como Keynes conseguiu esse desempenho? Conheça algumas estratégias que ele desenvolveu:

1. Ignore o ruído - Keynes considerava as informações diárias de preços como: "uma influência inteiramente excessiva, e até mesmo absurda, sobre o mercado". A menos que você seja capaz de superar os programas robóticos que compram e vendem ações em alta frequência, você não deve operar no mercado com base nas variações de preços no curto prazo. Pense em horizontes anuais e pratique política de investimentos de longo prazo.
2. Seja "do contra" - Isso significa comprar ações não badaladas, e não dos glamourosos titãs da tecnologia, como Google e Apple. Keynes comprou ações de companhias fora dos holofotes, nos setores de navegação, ferroviário e minerador nos anos 1930. Elas mais tarde se recuperaram e registraram lucros enormes. Hoje, os sapos que poderão virar príncipes estão nos setores imobiliário, de energia e de geração - todas com os piores retornos no S&P 500 no ano passado.
3. Prefira ações a títulos para superar a inflação - Keynes abandonou a "dieta" tradicional dos gestores de carteira institucionais - títulos e ações - e passou a "digerir" ações em 1920 e 1930. Além de proporcionar um retorno de 30% no ano passado, as ações ordinárias valorizaram, em média, 10% entre 1926 e 2013. Os "ultraseguros" títulos do Tesouro dos EUA renderam, em média, apenas 3,5% e perderam para a inflação no ano passado.
4. Commodities podem ser perigosamente voláteis - Keynes manteve-se fortemente exposto a contratos futuros de commodities na década de 1920, mas foi esmagado no crash de 1929. Commodities são uma proteção confiável contra a inflação que não acompanham o movimento das ações; mas, em caso de catástrofe no mercado, as commodities acompanham as ações. Quando a demanda mundial por mercadorias como petróleo, metais e produtos agrícolas despencou, como ocorreu na década de 1930 e em 2008, é bom ter mantido distância desses mercados.
5. Dividendos são desejáveis - Algumas das empresas mais valiosas do mundo não são glamourosas, mas vêm

pagando dividendos estáveis há décadas. Vale a pena investir nelas porque intensificam o retorno total acumulado, especialmente se você reinvestir os dividendos em mais ações. Keynes buscou pagadoras de dividendos nos anos 1930, quando as ações de muitas dessas empresas estavam sendo rejeitadas. Atualmente, você sequer precisa comprar ações individuais: compre e mantenha participações em um fundo listado em bolsa (ETF), como o SPDR S&P Dividend, que investe em empresas sólidas, como AT&T, Consolidated Edison e Clorox. O fundo ganhou 30% no ano passado, proporciona um rendimento de 2% e cobra uma taxa de administração de 0,35% ao ano pela gestão de uma carteira de empresas que vêm incrementando regularmente os seus dividendos.

6. Pare de suar - Quando Keynes parou de tentar identificar os momentos certos para assumir e/ou vender posições no mercado, ele passou a ter mais êxito. Suas melhores carteiras incluíam empresas com sólidas perspectivas de longo prazo, que foram compradas a preços de banana e envolviam empresas em todo o mundo. Ele comprava mais ações quando ficavam mais baratas, ignorando o grau de interesse do mercado. Keynes aprendeu que abandonar previsões "macro" era vantajoso, ele se deu bem ao privilegiar um enfoque baseado nos valores intrínsecos das empresas ou em que medida poderiam ampliar seus ganhos no futuro com base nos modelos de gestão e de negócios.

A lição keynesiana é investir de olho num horizonte mais distante, manter-se fiel ao plano de investimentos e evitar se distrair. Aproveite oportunidades de compra - mesmo quando o ânimo da manada parecer depressivo.

Questionário

- 1) Esquematize a alocação de recursos em situação de pleno emprego segundo os clássicos.
- 2) Resuma a visão de Keynes sobre os clássicos.
- 3) Relacione a crise com o momento do surgimento da teoria keynesiana.
- 4) Explique porque, ao contrário do que previam os clássicos, a economia pode ficar fora da situação de pleno emprego, utilizando os conceitos de demanda e oferta agregada, eficácia marginal do capital e propensão a consumir.
- 5) Explique a relação da demanda e oferta agregada com a taxa de juros, e como ela é importante para determinar o nível de renda da economia. Comente a preferência pela liquidez.
- 6) Explique o funcionamento do multiplicador keynesiano.
- 7) Considerando todos aspectos vistos, como começa a se desenvolver o receituário keynesiano?

1) Avalie as seguintes afirmativas sobre Keynes em relação aos clássicos:

I) Keynes cita que, segundo os clássicos, organização e planejamento econômico por parte dos produtores e trabalhadores é uma forma de redução do desemprego friccional.

II) Seu ponto básico, o da demanda efetiva, refutava todos os principais elementos da economia clássica seja qual for o ambiente de análise, incluindo longo prazo e uma hipotética economia de total livre competição e flexibilidade de preços.

III) É verdadeiro dizer que segundo os clássicos “A utilidade do salário é igual à desutilidade marginal desse mesmo volume de emprego”, ou seja, o salário real é exatamente o suficiente para motivar o emprego por parte do empregado.

Estão corretas as afirmativas:

- A) I.
- B) II.
- C) III
- D) I e II
- E) I e III

2) Ainda sobre Keynes em sua relação com o pensamento clássico:

- I. Segundo análise de Keynes, é verdadeiro dizer que conforme os clássicos “O salário é igual ao produto marginal do trabalho”, ou seja, o salário é igual ao valor em produção que se perderia com uma unidade a menos de trabalho.
- II. Keynes cita que, segundo os clássicos, o aumento da desutilidade (custo) marginal do trabalho é uma forma de redução do desemprego, situação similar ao aumento da vontade da população em trabalhar, mesmo que por salários menores.
- III. Keynes aponta a lei de Say como um dos pilares da econômica clássica, segundo a qual a oferta cria sua própria demanda.

Estão corretas as afirmativas:

- A) I e III.
- B) I e II.
- C) II e III
- D) I, II e III.
- E) Nenhuma alternativa.

3) Sobre a construção da teoria keynesiana de determinação do emprego é INCORRETO afirmar:

- A) Há um ponto de equilíbrio entre oferta e demanda, o qual, segundo Keynes, não é facilmente atingido e não tende a constituir pleno emprego.

- B) Tem como um de seus pontos base a demanda agregada, que representa a demanda total por parte de todos agentes econômicos de um país.
- C) Tanto a disposição dos empresários em produzir (curva de oferta) quanto a disposição dos agentes em demandar (curva de demanda) possuem uma relação positiva com a renda agregada da economia.
- D) A curva de demanda possui uma inclinação menor que a curva de oferta. O significado econômico disso é que para níveis de renda maior a propensão marginal a consumir tende a deixar a demanda efetiva abaixo da oferta agregada.
- E) Todas estão corretas.

4) Sobre os conceitos definidos por Keynes é INCORRETO afirmar:

- a) O investimento é visto por Keynes como um elemento instável, complexo e ligado diretamente às expectativas de lucro.
- b) A propensão marginal a consumir representa o percentual de uma unidade de renda adicional que é transformada em consumo pelas famílias.
- c) A propensão marginal a consumir é definida por Keynes como um elemento estável no longo e curto prazo, guardando pouca ou nenhuma relação com questões tributárias ou culturais.
- d) O multiplicador de Keynes deriva da propensão marginal a consumir, demonstrando o efeito agregado ao longo do tempo de um acréscimo de investimento e conseqüente aumento de rendas e consumos.
- e) Uma propensão marginal igual a 1 pode representar um cenário em que inexistente superprodução, dado que toda renda gerada é convertida em consumo.

Gabarito

- 1) E
- 2) D
- 3) E
- 4) C

Grandes economistas do século XX

- ✓ Textos “Grandes economistas”

Pós-Keynes

- ✓ As grandes descobertas e reviravoltas das leis econômicas acabaram com a Teoria Geral do Emprego, do Juros e da Moeda, de Keynes.
- ✓ Restava, no entanto, espaço para desenvolvimento de:
 - Postulados de menor amplitude, mas igual importância.
 - Organização de idéias em escolas de pensamento.

Paul Samuelson (1915-2009)

- ✓ Norte-americano.
- ✓ Professor do MIT (Massachusetts Institute of Technology).
- ✓ Prêmio Nobel de economia em 1970 (primeiro americano)
- ✓ Autor do livro Economics, que serviria de manual de estudo para uma imensa legião de estudantes de economia durante o século XX.
- ✓ Marca um novo tipo de economista: o acadêmico.
- ✓ Neo-keynesiano, grande propulsor da síntese neoclássica de Hicks, que demonstra de forma didática e gráfica os efeitos de políticas econômicas sobre o nível de emprego no curto prazo, conforme os postulados keynesianos.
- ✓ O último economista generalista.
- ✓ Líder na revolução matemática pela qual passou a economia desde a década de 40.

174 LIBERALISMO ECONÔMICO

EM CONTEXTO

FOCO

Sociedade e a economia

PRINCIPAL PENSADOR

Friedrich Hayek (1899-1992)

ANTES

1908 O economista italiano Enrico Barone mostra que o planejamento central pode substituir o livre mercado se conseguir calcular os preços.

1920 Ludwig von Mises refuta o argumento de Barone.

1936-37 Oskar Lange contesta posição de Von Mises.

DEPOIS

Anos 1970 Defesa de Hayek do livre mercado é mais aceita.

1991 O historiador americano Francis Fukuyama diz que capitalismo de livre mercado vence alternativas possíveis.

Final dos anos 2000 Críticas ao socorro do governo aos bancos geram novo interesse nas ideias de Hayek.



A corrente econômica dominante sempre teve críticos. Seu foco em fórmulas matemáticas e suas suposições às vezes amplas levaram economistas a contestar tanto seus métodos quanto a falta de evidência empírica. Muitos desses críticos são da esquerda política, para os quais a linha dominante dá apoio evidente a um livre mercado injusto.

Linha minoritária, a Escola Austríaca afirmou bem o contrário. Defensora ferrenha do livre mercado, mas crítica da corrente dominante, ela conseguiu um lugar único na

disciplina. O mais destacado desses radicais era o economista austro-britânico Friedrich Hayek. Ele disputa com John Maynard Keynes (p. 161) o título de mais influente economista do século XX e fez uma série de contribuições ao ideário político e econômico. Elas abrangiam economia, direito, teoria política e neurociência. Seus textos tinham um conjunto de princípios coerentes, bem argumentados, que ele considerava estar na tradição do liberalismo clássico: apoio aos mercados livres, apoio à propriedade privada e profundo ceticismo com a

capacidade dos governos de moldar a sociedade.

Criação de ditaduras

A declaração mais lembrada de Hayek apareceu em *O caminho da servidão*. Na época, havia um entusiasmo crescente pela intervenção do governo e o planejamento central. Hayek disse que todas as tentativas de impor uma ordem coletiva na sociedade estão fadadas ao fracasso. Afirmou que levariam, inevitavelmente, ao totalitarismo do fascismo ou ao comunismo stalinista. Como qualquer planejamento atua obrigatoriamente

Veja também: Direitos de propriedade 20-21 ■ O homem econômico 52-53 ■ Equilíbrio econômico 118-23 ■ Planejamento central 142-47 ■ O multiplicador keynesiano 164-65 ■ Escassez nas economias planificadas 232-33

contra a “ordem espontânea” do mercado, ele só pode ocorrer com certo grau de força ou coerção. Quanto mais esse governo faz planos e os imponha, mais coerção é necessária. Como os governos não são bem informados sobre os detalhes do funcionamento do mercado, o planejamento está destinado a fracassar por completo em suas metas e ao mesmo tempo tornar-se cada vez mais coercivo para compensar as falhas. Nesse ponto, a sociedade cairia num Estado totalitário, em que a liberdade seria extinta, por mais moderadas que fossem as metas iniciais dos planejadores.

Os economistas da esquerda disseram que a economia planificada não só era possível como era mais eficiente que o mercado livre. Seu primeiro adversário significativo, em 1920, foi outro membro da Escola Austríaca, Ludwig von Mises (p. 147), que disse que o socialismo – aí no sentido de planejamento central – não é viável economicamente. Não dá meios racionais de precificação dos produtos, pois depende do *diktat* (comando inquestionável) de um planejador ou comitê central para realizar as decisões de distribuição, que num mercado livre são executadas por centenas de milhares de pessoas. A quantidade de informação necessária para avaliar a escassez e o excedente de um mercado e fixar os preços corretamente é tão grande que a tentativa está fadada ao fracasso. O socialismo, escreveu Von Mises, é a

O Estado totalitário da Coreia do Norte sofre escassez e fome frequentes. Economistas da Escola Austríaca dizem que isso ocorre porque o planejamento central ignora os mercados.

“abolição da economia racional”. Só um mercado livre, com propriedade privada, pode propiciar a base das decisões de preço descentralizadas que uma economia complexa exige.

Defesa do socialismo

O economista polonês Oskar Lange, porém, discordou de Von Mises. Ele respondeu à altura às afirmações de Von Mises num artigo de 1936, *On the economic theory of socialism*, usando uma elaboração da teoria do equilíbrio geral. Essa teoria, que só foi aperfeiçoada depois da Segunda Guerra Mundial, é uma representação matemática de uma economia de mercado resumida ao essencial. Todas as imperfeições dos mercados foram retiradas, e todos os participantes do mercado têm informação plena e atuam apenas em interesse próprio. Com base nisso, disse Lange, um comitê de planejamento central poderia fixar o conjunto inicial de preços na economia e depois permitir que todos na sociedade

“

Quanto mais o Estado “planeja”, mais difícil se torna o planejamento para o indivíduo.

Friedrich Hayek

”

negociassem livremente, ajustando sua procura e sua oferta pautando-se pelos preços dados. O comitê de planejamento depois ajustaria os preços de acordo com a procura e a oferta. O resultado, declarou ele, seria eficaz. O planejamento poderia também reduzir as desigualdades de renda e restringir a tendência do mercado ao pensamento de curto prazo. »



176 LIBERALISMO ECONÔMICO

Lange usou as suposições comuns da microeconomia (de que a oferta e a procura determinam o preço) e as pôs de ponta-cabeça. Sua obra embasaria a economia de bem-estar, que analisa como os mercados livres podem atingir metas sociais desejáveis.

A Escola Austríaca

Contudo, Hayek e seus colegas apresentaram uma versão bem diversa das virtudes do mercado livre. Eles não presumiram que os mercados não tivessem imperfeições ou que as pessoas fossem bem informadas. Ao contrário, disseram, pelo fato de as pessoas e as empresas serem mal informadas e a sociedade, imperfeita, o mecanismo de mercado é a melhor maneira de distribuir os produtos. Essa visão tornou-se um preceito importante da Escola Austríaca.

Em situação de ignorância permanente, afirmou Hayek, o mercado é o melhor meio existente

não para dar informação, mas para adquiri-la. Cada indivíduo e cada empresa sabem melhor de sua situação: têm produtos e serviços que as pessoas querem, podem planejar para o futuro e veem os preços que são relevantes para elas. A informação é específica e dispersa entre todos na sociedade. Os preços se movem em reação às ações de indivíduos e empresas e portanto refletem a quantidade total de informação disponível para toda a sociedade.

Hayek sustentou que essa “ordem espontânea” é a melhor forma de organizar a complexa economia moderna, já que o conhecimento sobre a sociedade nunca é perfeito. As tentativas de impor restrições coletivas a essa ordem representam um retorno às ordens instintivas, primitivas, da sociedade – e o mercado livre deve ser defendido contra isso.

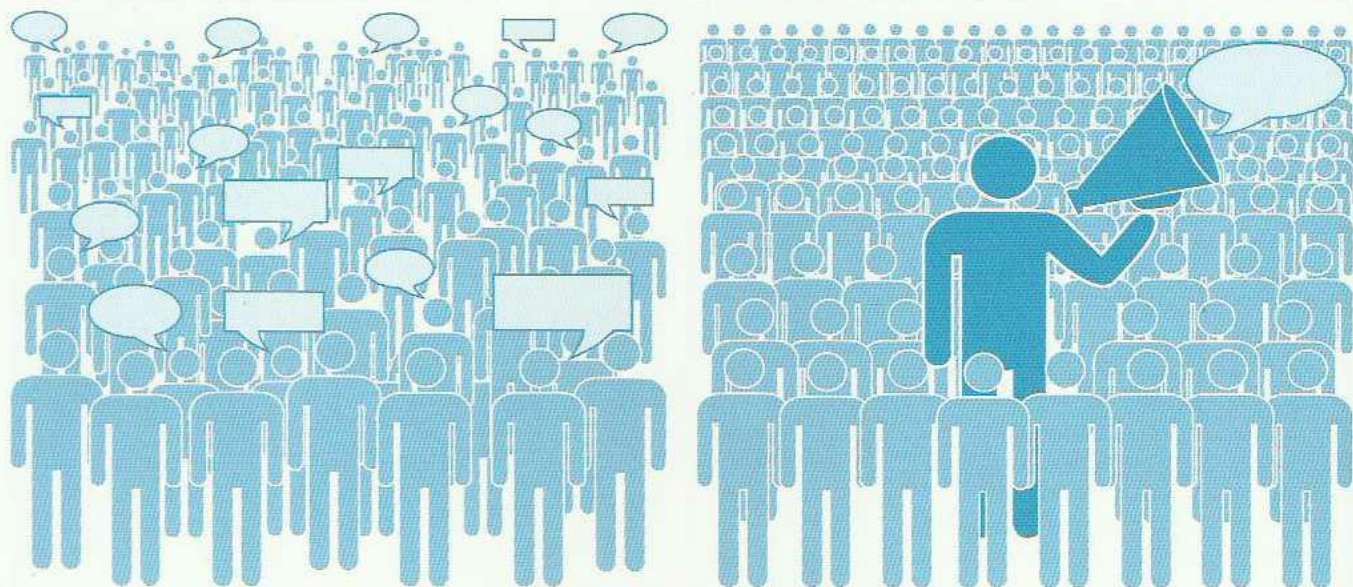
Tirania coletiva

A ideia de uma ordem espontânea

passou a dominar o pensamento de Hayek, e seus textos voltaram-se cada vez mais para questões políticas. Estas foram mais bem apresentadas em *The constitution of liberty* (1962), que afirma que o governo só deveria agir para manter o funcionamento espontâneo do mercado, no que seja possível. A propriedade privada e os contratos são sagrados, e a sociedade livre deve seguir regras que se aplique a todos – ao próprio Estado inclusive. Além disso, se necessário, o Estado pode agir contra forças coletivistas que ameacem solapar o primado da lei. Hayek era totalmente a favor da democracia, mas crítico de sua inclinação, em certos casos, para a “tiranía democrática do coletivo”.

Nasce o neoliberalismo

Após a Segunda Guerra Mundial, a necessária reconstrução dos países levou a um consenso keynesiano, que propunha uma intervenção maior do governo na economia. Ao mesmo tempo, Hayek e outros da Escola



O trânsito livre de informações entre vendedores individuais (esquerda) resulta na fixação de preços corretos dos produtos, de acordo com Hayek. As economias de planejamento central, por outro lado, impõem a visão de uma pessoa ou comitê (direita), restringindo a liberdade individual de se comunicar e a capacidade das empresas de fazer comércio.



Leilões são mercados livres

onde os preços sobem pela troca direta e rápida de informação localizada entre compradores e vendedores.

Austríacos formaram a Sociedade Mont Perelin, que atuava como influência orientadora dos grupos de especialistas do livre mercado que surgiram durante o colapso do consenso keynesiano nos anos 1970. Um novo enfoque parecido da política econômica floresceu na América do Sul, mas foi sua adoção pelo governo de Margaret Thatcher, no Reino Unido, e pelo de Ronald Reagan, nos EUA, que o tornaram significativo no mundo. Era o neoliberalismo, que seguia de perto as ideias da outrora difamada Escola Austríaca.

Os setores estatais foram privatizados, e os governos reduziram sua intervenção no funcionamento do mercado. A União Soviética desmoronou, dando novo ímpeto ao aparente triunfo dos temas hayekianos na política. Por todo o mundo, mesmo as parcelas antes categoricamente opostas aos mercados livres acreditaram que não havia alternativa viável, até mesmo o Partido Trabalhista britânico, que fora o alvo direto do *Caminho da servidão* de Hayek. Os economistas

dominantes, fortes defensores do pensamento do livre mercado, como Milton Friedman, tornaram-se influentes. Em 2000, um “novo consenso” prevaleceu na macroeconomia, enfatizando o papel restrito do Estado.

Nova relevância

Apesar do aparente triunfo dos temas austríacos na economia e do Prêmio Nobel de Hayek em 1974, a teoria e os métodos distintos da Escola Austríaca continuaram em grande parte marginalizados. Todavia, o colapso do sistema financeiro mundial em 2007-08 e o subsequente resgate de bancos provocaram um interesse renovado em suas doutrinas. A Free Banking School de economia tomou a frente no ataque ao socorro aos bancos, afirmando que representa uma interferência injustificada no mercado. A Free Banking School, que propõe o fim do monopólio do governo na oferta de moeda, inspirou-se num ensaio de 1976 de Hayek, *Denationalization of money*, e suas ideias ganharam terreno. Os programas keynesianos de gastos públicos aumentados receberam crítica similar. Com a economia dominante em frequente estado de agitação, a Escola Austríaca deve exercer nova influência. ■



Friedrich Hayek

Friedrich August von Hayek nasceu em Viena, Áustria, numa família de intelectuais. Aos 23 anos, recebeu doutorado em direito e política, além de passar um ano no Exército italiano durante a Primeira Guerra Mundial. De início atraído pelo socialismo, ele assistiu aos seminários de Ludwig von Mises em Viena e com o apoio deste fundou o Instituto Austríaco de Pesquisa de Ciclos Econômicos. Em 1923, viajou a Nova York por um ano, e a precisão das notícias de jornais americanos sobre a guerra, comparados com os da Áustria, causou sua profunda desconfiança nos governos.

Em 1931, Hayek mudou-se para Londres para lecionar na London School of Economics e se envolveu em debate público de dois anos com John Maynard Keynes. Cidadão britânico em 1938, trocou Londres pela Universidade de Chicago em 1950. Morreu aos 93 anos em Freiburg, Alemanha, em 1992.

Obras-chave

- 1944 *O caminho da servidão*
- 1948 *Individualism and economic order*
- 1988 *The fatal conceit*

Friederich Hayek (1899 – 1992)

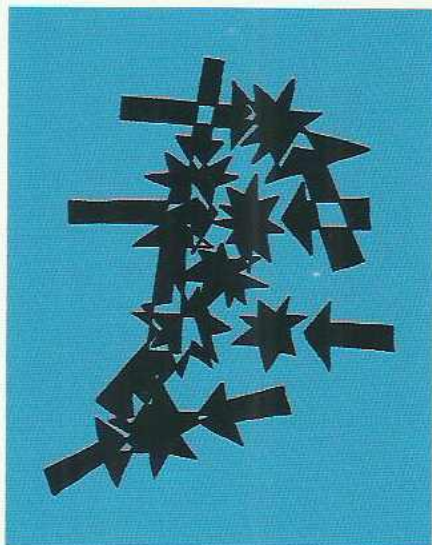
- ✓ Nobel de Economia em 1992
- ✓ Austríaco.
- ✓ Professor na London School of Economics.
- ✓ Contribuiu para diversos campos: psicologia, direito, economia
- ✓ Pensador liberal, um dos principais representantes da escola Austríaca.

“Afirmo que o socialismo constitui uma ameaça para o bem-estar presente e futuro da raça humana, no sentido de que nem o socialismo nem qualquer outro substituto da ordem de mercado que conhecemos poderão sustentar a atual população mundial”

- ✓ Livro “O caminho da servidão”
- ✓ Qualquer forma de coletivismo é incapaz de ser mais eficiente que o processo de alocação de recursos de livre mercado.
- ✓ Nesse sentido, formas de coletivismo como o socialismo são menos eficientes que o capitalismo sob uma democracia liberal.
- ✓ Essa seria a única forma de alcançar progresso econômico e dos direitos civis.

- ✓ Sobre ter recebido o Nobel tardiamente:

“Na economia as coisas são assim mesmo: quando eu era novo, o liberalismo era velho; agora que eu estou velho, o liberalismo é que voltou a ser novo”



O CAPITALISMO DESTRÓI O VELHO E CRIA O NOVO

DESTRUIÇÃO CRIATIVA

EM CONTEXTO

FOCO

Sistemas econômicos

PRINCIPAL PENSADOR

Joseph Schumpeter

(1883-1950)

ANTES

1867 Karl Marx afirma que o capitalismo avança com crises, destruindo repetidamente uma série de forças produtivas.

1913 O economista alemão Werner Sombart diz que a destruição abre caminho para a criação, como a escassez de lenha levou ao uso do carvão.

DEPOIS

1995 O economista americano Clayton M. Christensen diferencia inovação de ruptura e inovação de sustentação.

2001 O economistas americanos Richard Foster e Sarah Kaplan afirmam que mesmo as empresas mais sensacionais não conseguem ganhar dos mercados de capital indefinidamente.



Quando vem a recessão e as empresas e os empregos começam a sumir, costuma surgir o clamor pela intervenção do governo para atacar esses efeitos. O economista austríaco Joseph Schumpeter, que escrevia em meio à Grande Depressão dos anos 1930, discordou. Insistiu que as recessões são o modo de o capitalismo avançar, largando o ineficiente e abrindo

caminho ao novo crescimento, num processo chamado por Karl Marx (p. 105) de "destruição criativa".

Schumpeter achava que os empreendedores estão no coração do progresso capitalista. Se Adam Smith (p. 61) via o lucro sair dos rendimentos do capital e Marx da exploração do trabalho, Schumpeter disse que o lucro vem da inovação, que não provém do capital nem do trabalho. Ele via o empreendedor

Veja também: Economia de livre mercado 54-61 ■ Crescimento e retração 78-79 ■ Economia marxista 100-05 ■ Saltos tecnológicos 313

como uma nova classe de gente, um “arrivista” fora da classe capitalista ou trabalhadora, que inova, criando produtos e formas de produção em condições incertas.

A resposta criativa do empreendedor à mudança econômica o faz destacar-se dos donos de empresas existentes, que só dão “respostas adaptativas” a mudanças econômicas menores. Forçados a levar suas inovações ao mercado, os empreendedores correm riscos e inevitavelmente enfrentam resistência. Perturbam a velha ordem e abrem novas oportunidades de lucro. Para Schumpeter, a inovação cria mercados com mais eficiência que a “mão invisível” de Smith ou a concorrência do livre mercado.

Rompendo barreiras

Schumpeter disse que, embora um novo mercado possa crescer depois da inovação, outros logo a imitam e passam a sugar os lucros do inovador original. Com o tempo, o mercado começa a estagnar. As recessões são um meio vital para as coisas voltarem a progredir, tirando o que é morto, ainda que o processo seja doloroso. Nos últimos anos, os estrategistas de negócios, como o



O **iPhone, da Apple**, foi apresentado pelo empresário visionário americano Steve Jobs. Ele “virou o jogo”, forçando os concorrentes a lançar produtos que conseguissem fazer frente a ele.



Novos produtos e novos métodos competem com os velhos [...] não nos mesmos termos, mas com uma vantagem decisiva que pode significar a morte dos últimos.

Joseph Schumpeter



economista americano Clayton M. Christensen, têm diferenciado dois tipos de inovação. As inovações “de sustentação” mantêm um sistema em curso e quase sempre são melhorias tecnológicas. Por outro lado, as inovações “de ruptura” abalam o mercado e realmente provocam movimentação, alterando-o pela inovação de produtos. Por exemplo, embora a Apple não tenha inventado a tecnologia dos toca-músicas digitais, ela aliou um produto de belo projeto (iPod) a um programa de download de músicas (iTunes) para fornecer um novo acesso à música.

Marx achava que a destruição criativa dava ao capitalismo enorme energia, mas também crises explosivas que o destruiriam. Schumpeter concordou, mas afirmou que ele se destruiria devido ao seu sucesso, não ao fracasso. O austríaco considerava os monopólios o motor de inovação, mas disse que estes estavam fadados a crescer e se tornar empresas supergrandes, cuja burocracia enfim sufocaria o espírito empreendedor que lhe dera vida. ■



Joseph Schumpeter

Nascido em 1883 na Morávia, então situada no Império Austro-Húngaro, Joseph Schumpeter era filho de um alemão proprietário de fábrica. O pai morreu quando ele tinha quatro anos, e Schumpeter mudou-se com a mãe para Viena. Lá ela se casou com um general aristocrata vienense, que ajudou a lançar o brilhante jovem economista numa carreira agitada em que se tornou professor de economia, ministro de Finanças da Áustria e presidente do Biedermann Bank.

Depois que o banco faliu em 1924 e a Áustria e a Alemanha sucumbiram ao nazismo, Schumpeter mudou-se para os EUA. Foi professor visitante na Universidade de Harvard, onde conquistou um pequeno séquito de admiradores. Schumpeter morreu em 1950, aos 66 anos.

Obras-chave

- 1939 *Ciclos econômicos*
- 1942 *Capitalismo, socialismo e democracia*
- 1954 *História da análise econômica*
- 1961 *A teoria do desenvolvimento econômico*

Joseph Schumpeter (1883 - 1950)

- ✓ Austríaco, radicado nos EUA.
- ✓ Professor em Harvard.
- ✓ Difícil enquadramento em escolas de pensamento.
- ✓ Abordou assuntos como desenvolvimento econômico, ciclos econômicos, capitalismo, socialismo e democracia.

- ✓ Alertou sobre o perigo da teoria Keynesiana, segundo ele aplicável para países em recessão, e não uma fórmula eterna de política econômica.

- ✓ O pensador exalta as inovações tecnológicas como elemento fundamental do capitalismo.
- ✓ Essas inovações poderiam vir de 5 maneiras:
 - Novo bem.
 - Novo método de produção.
 - Novo mercado.
 - Nova fonte de matérias-primas.
 - Nova organização econômica.
- ✓ Destaca o papel do crédito e no processo de inovação.
- ✓ Também realça a importância da intuição no processo de empreendedorismo.

- ✓ Cunhou o conceito de destruição criativa.
- ✓ Novas tecnologias destroem o antigo, ao passo que criam o novo.
- ✓ Isso significa desestruturar mercados, eliminar postos de trabalho, mas repô-los de uma forma nova, muitas vezes mais eficiente em termos econômicos.

- ✓ "Alguma forma socialista de sociedade emergirá inevitavelmente de uma igualmente inevitável decomposição da sociedade capitalista".
- ✓ "A ordem capitalista tende à autodestruição e o centralismo socialista é (...) aparentemente, o provável herdeiro"

Kenneth Galbraith (1908-2006)

- ✓ Canadense.
- ✓ Professor em Harvard.
- ✓ Enquadrado nas escolas Institucionalista (de Veblen) e Keynesiana
- ✓ Análise do poder político e econômico das grandes corporações e da tecnoestrutura.
- ✓ Conceito de "Efeito de dependência" = os hábitos de consumo do capitalismo são gerados por ações das grandes corporações, e não o contrário.

198 POLÍTICA MONETARISTA

EM CONTEXTO

FOCO

Política econômica

PRINCIPAL PENSADOR

Milton Friedman

(1912-2006)

ANTES

1911 Irving Fisher formaliza a teoria quantitativa da moeda, que propõe que os preços têm relação direta com o volume da oferta de moeda.

1936 John Maynard Keynes questiona a eficácia de políticas para controlar a oferta de moeda.

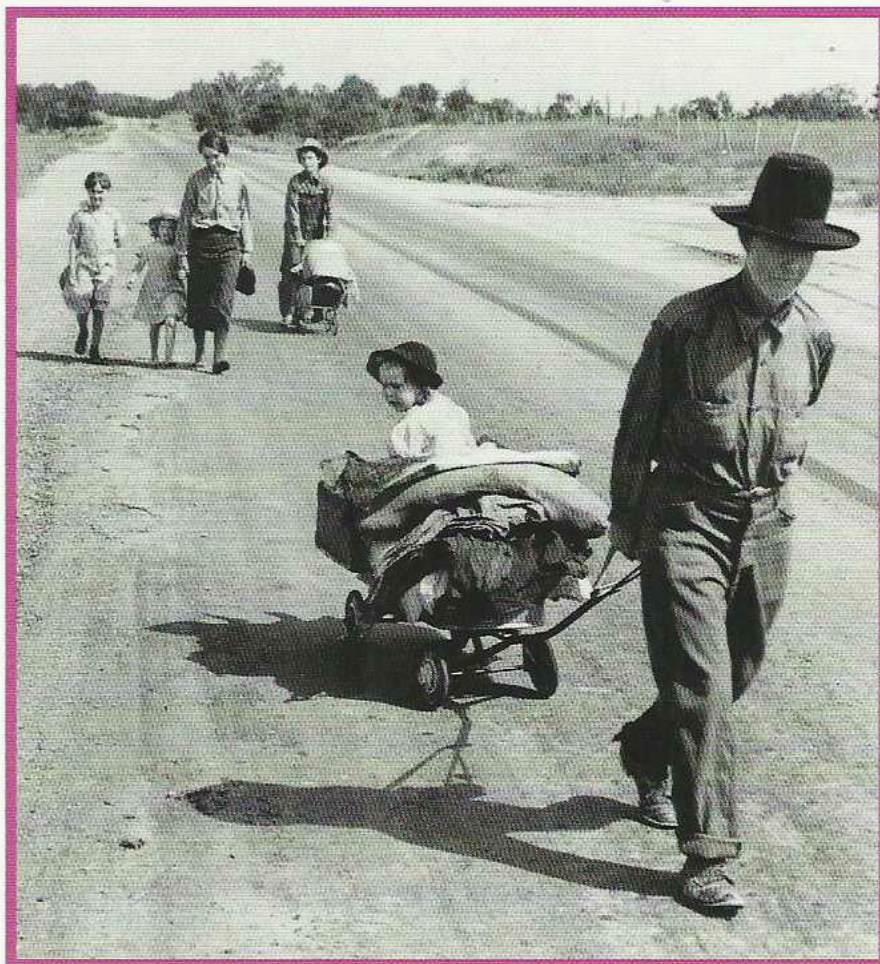
DEPOIS

Anos 1970 Robert Lucas elabora modelos que supõem "expectativas racionais".

Anos 1970-80 Muitos países adotam metas de crescimento monetário, pelas quais os governos tentam controlar o crescimento do volume da oferta de moeda a fim de manter baixa a inflação.

John Maynard Keynes (p. 161) escreveu nos anos 1930 que as políticas de controle da oferta de moeda eram quase sempre ineficazes. Ele acreditava que a alteração das taxas de juro ou da oferta de moeda não afetava a economia de modo previsível. Os governos acertariam mais se usassem uma política fiscal – mudando a composição de gastos públicos e tributação – para obter proteção contra o desemprego e a inflação. Em 1945, as opiniões de Keynes eram amplamente aceitas.

Todavia, a partir dos anos 1950, o economista americano Milton



Friedman começou a contestá-lo com a ideia de que "a moeda é importante". Para Friedman, a moeda afeta a produção em curto prazo, e os preços, apenas em longo prazo. Ele afirmou que a política monetária tem um papel valioso na condução da economia – ideia hoje conhecida como monetarismo.

Em 1963, Friedman publicou com sua colega Anna Schwartz *A monetary history of the United States, 1867-1960*. Eles analisaram o papel da moeda nos ciclos econômicos e descobriram que as flutuações no crescimento monetário precediam as flutuações no crescimento da produção. Atribuíram a Grande Depressão de 1929-33, em particular, à

A Grande Depressão fez milhões de americanos migrar para o Oeste em busca de trabalho no campo. Milton Friedman pôs a culpa na redução da oferta de moeda do Federal Reserve.

incompetência do Federal Reserve – o Banco Central dos EUA –, que permitira ou fizera o volume da moeda cair mais de um terço.

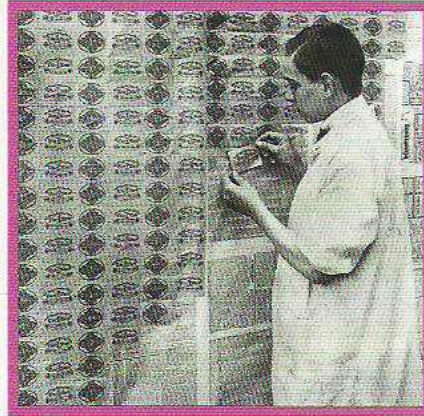
Teoria do consumo

A defesa de Keynes de gastos públicos nas baixas econômicas baseou-se em parte em suas ideias sobre o consumo. Segundo ele, quando a renda pessoal aumenta, o consumo também aumenta, mas não na mesma proporção. Numa baixa, as pessoas guardam dinheiro,

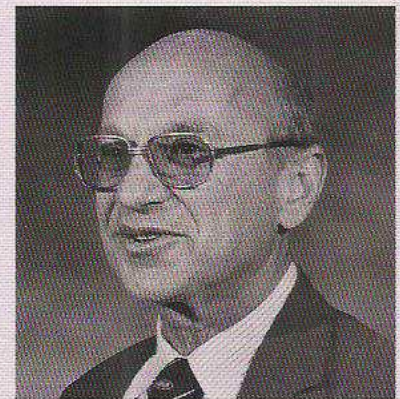
Veja também: O multiplicador keynesiano 164-65 ■ Inflação e desemprego 202-03 ■ Poupar para gastar 204-05 ■ Expectativas racionais 244-47

o que prolonga a queda. Em tal situação, se o governo investe, as rendas aumentam, com efeitos grandes e previsíveis sobre o consumo, restituindo o pleno emprego na economia.

Em 1957, Friedman publicou *A theory of the consumption function*, obra importante que começou a contestar a ortodoxia keynesiana. Friedman disse que as pessoas diferenciam "renda permanente" – seus ganhos estáveis por muito tempo, que elas se sentem seguras de gastar – e "renda transitória" – que é menos perene, pode ser positiva ou negativa e não afeta seu consumo. As pessoas com renda »



Homem cola dinheiro na parede durante a hiperinflação alemã de 1923. Friedman achou que a intervenção do Estado para reduzir o desemprego levou inevitavelmente à alta inflação.

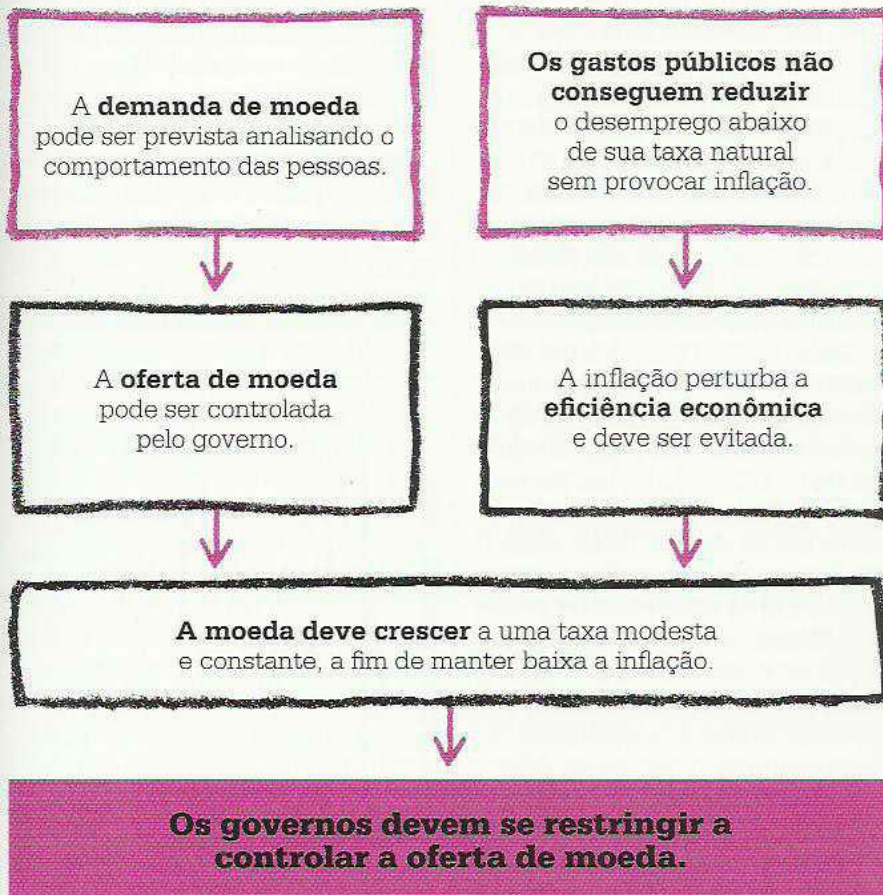


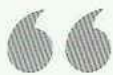
Milton Friedman

Nascido em 1912 no Brooklyn, Nova York, Milton Friedman era filho de imigrantes húngaros. Teve os melhores professores de economia dos EUA – na graduação na Rutgers, Nova Jersey; no mestrado em Chicago e no doutorado na Columbia, em Nova York. Em Chicago, conheceu a estudante de economia Rose Director. Casaram em 1938 e colaboraram por toda a vida. De 1935 a 1946, ele trabalhou como estatístico e economista em Nova York e Washington. De 1946 a 1976, lecionou na Universidade de Chicago, quando se destacou. Sua fama aumentou com a série de TV e livro dos anos 1980 *Liberdade de escolher*. Foi assessor dos presidentes americanos Richard Nixon e Ronald Reagan. Morreu em 2006.

Obras-chave

- 1957 *A theory of the consumption function*
- 1963 *A monetary history of the United States, 1867-1960* (com Anna Schwartz)
- 1967 *The role of monetary policy*, discurso presidencial na American Economic Association





Inflação é tributação sem legislação.

Milton Friedman



alta têm renda transitória positiva e consomem apenas uma porção da renda total; aquelas com renda mais baixa têm renda transitória negativa e consomem mais que a sua renda. Porém, caso se somem todas as rendas, as transitórias positivas e negativas anulam-se mutuamente em boa parte. A teoria de Friedman parecia coincidir bem com as evidências. Numa amostra da população, o consumo não cresceu muito com a renda. Mas, ao ser medido ao longo do tempo tendo por base a população inteira (para que os efeitos da renda transitória fossem anulados), o consumo cresceu com a renda. Friedman concluiu que o modelo de consumo de Keynes estava errado. Os gastos públicos teriam função de renda transitória e simplesmente “dispersariam” os gastos privados. Não ocorreriam baixas sem fim causadas por consumo inadequado.

Teoria quantitativa da moeda

Friedman quis mostrar que a política monetária funcionava: uma mudança na quantidade de moeda na economia provoca um efeito previsível na renda total. Keynes dissera que essa relação é instável, porque as pessoas guardavam dinheiro por motivos diferentes –

alguns eram o que ele chamou de “especulativos” e difíceis de identificar. Para provar que a teoria quantitativa estava certa, Friedman precisava provar que a demanda de moeda era estável. Ele tinha de apresentar uma teoria verificável sobre a demanda de moeda.

Em 1956, Friedman publicou *The quantity theory of money: a restatement*. Ele considerava a moeda como um bem, uma “morada temporária do poder aquisitivo”. A demanda do mercado por um produto depende do orçamento geral das pessoas e de seu preço relativo diante de produtos concorrentes, assim como do gosto do comprador. Para Friedman, a demanda de moeda sofria influência de certos fatores. Primeiro, ela aumentaria com o nível geral de preços, pois a moeda é necessária por seu poder de comprar bens reais. Também seria influenciada pela riqueza “real” das pessoas ou sua renda permanente e pelos rendimentos de dinheiro, títulos, ações e bens duráveis. Por fim, a demanda de moeda teria a influência dos “gostos”, que neste contexto significam fatores como incerteza econômica, que leva as pessoas a guardar dinheiro.

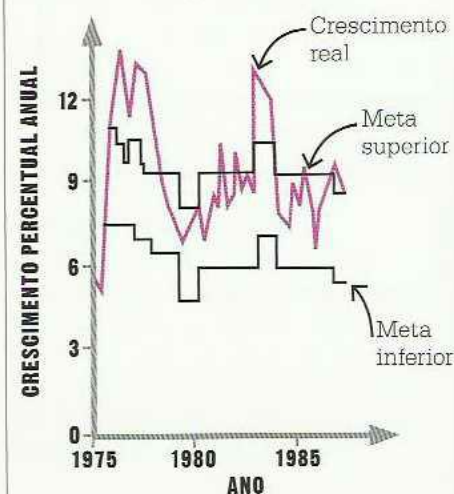
Dado um nível bem definido de procura de moeda, os consumidores não exigiriam uma oferta extra de moeda; eles já teriam o dinheiro de que precisavam. Assim, gastariam qualquer dinheiro extra. Como os preços não se ajustam de imediato no curto prazo, não haveria produção maior. Mas, no longo prazo, os preços se ajustariam, e o único efeito da moeda extra seriam preços maiores. O enfoque de Friedman pode então ser visto como uma retomada da teoria quantitativa da moeda, uma fórmula que diz $MV = PT$, em que “M” é a oferta de moeda e “V” representa a velocidade de circulação do dinheiro. “P” é o nível de preços,

que, multiplicado por “T” (número de transações), resulta no valor total das transações. Em suma, essa equação diz que, se V e T são constantes, uma oferta de moeda maior implica um nível de preços maior. No longo prazo, a moeda não tem efeitos “reais” na economia.

Desemprego natural

A palavra “monetarismo” foi usada primeiro em 1968, ano em que Friedman apresentou uma nova interpretação da curva de Phillips (p. 203), referente à suposta relação estável entre inflação e desemprego, que permitiria aos governos escolher entre menos inflação com mais desemprego ou mais inflação com menos desemprego. Friedman desmentiu que existisse essa oposição, a não ser no curtíssimo prazo. Ele disse que existe uma única “taxa natural” de desemprego, que consiste em trabalhadores desempregados temporariamente enquanto procuram emprego. Na prática, a economia tem pleno emprego quando o desemprego está

De 1975 a 1999, o governo americano fixou metas anuais de crescimento da oferta de moeda. Contudo, ela cresceu constantemente mais do que o limite superior da meta governamental.





Em 1973, o Chile tornou-se o primeiro país a aplicar políticas monetaristas. Sob o regime do ditador Augusto Pinochet, foi realizado um programa radical de cortes e privatizações.

em seu índice natural. Se os governos gastam para que o desemprego fique abaixo de sua faixa natural, aumentando a inflação, os assalariados inflacionarão ainda mais suas exigências salariais. Duas coisas podem acontecer aí: o desemprego retornar à taxa natural com o novo índice de inflação mais alto; o governo tentar manter o baixo índice de desemprego, mas à custa de uma inflação acelerada.

A conclusão era clara: é fútil os governos tentarem estabilizar o emprego com política fiscal. O aumento da oferta de moeda também só acarreta preços mais altos. No longo prazo, a curva de Phillips é uma linha vertical reta no índice natural de desemprego.

O hiato de tempo entre as mudanças monetárias e as mudanças na produção costuma ser de poucos trimestres. A movimentação dos preços pode levar de um a dois anos ou mais para ocorrer. Esses hiatos são consideravelmente variáveis. Por isso Friedman aconselhou os governos a não tentar usar a política monetária para manipular os mercados diretamente, pois é fácil interpretar errado o que acontece na economia. Eles deveriam seguir uma

regra simples: garantir que a moeda tenha aumentos constantes de 2% a 5% (conforme a definição de moeda escolhida) anuais.

A nova escola de macroeconomia clássica, liderada pelos economistas americanos Robert Lucas e Thomas Sargent, apresentou uma revisão desse argumento baseada nas expectativas racionais da política econômica futura. O modelo de Friedman tratava as expectativas como se elas apenas se adaptassem a erros passados. Lucas e Sargent disseram que as expectativas das pessoas são previdentes. Como as pessoas veem o que o governo planeja, qualquer tentativa deste de reduzir o desemprego abaixo da taxa natural levará imediatamente a uma inflação mais alta. Ou seja, a curva de Phillips é vertical também no curto prazo – os governos não têm nem mesmo o poder de reduzir o desemprego.

Monetarismo na prática

Não demorou muito para que as advertências de Friedman se mostrassem corretas. Nos anos 1970, o suposto conflito da curva de Phillips caiu por terra, pois a inflação e o desemprego aumentaram juntos – fenômeno chamado estagflação. Os governos passaram a instituir metas de crescimento da oferta de moeda no planejamento. Alemanha, Japão, EUA, Reino Unido e Suíça adotaram metas monetárias nos anos 1970. Todavia, viu-se que era difícil controlar o aumento monetário. Um problema era que tipo de moeda visar. A maioria dos bancos centrais visava uma forma mais ampla de moeda, que incluía depósitos bancários a prazo fixo (que não podem ser retirados dentro de um certo período). Porém, era difícil controlá-la. A atenção voltou-se então para a base monetária restrita, ou seja, cédulas, moedas e reservas do

banco central. Isso era mais fácil de controlar, mas parecia não ter uma relação estável com a chamada moeda ampliada.

Os experimentos monetaristas fracassaram em grande parte, mas o impacto do monetarismo foi significativo. Passou de uma prescrição política sobre a oferta de moeda para um programa voltado para a redução do envolvimento do governo em todos os aspectos da economia. Hoje, poucos discordariam de que “a moeda importa”. A política monetária recebe tanta atenção quanto a política fiscal e em geral serve para controlar a inflação. Mas a forma mais pura de monetarismo e as consequências de sua política dependem de suposições controversas: de que existe uma demanda de moeda previsível e a oferta de moeda pode ser controlada facilmente pelas autoridades. Nos anos 1990, os países se afastaram das metas monetárias. Muitos começaram a usar a taxa de câmbio para controlar a inflação ou atrelar a política de taxa de juros à tendência da inflação. ■



Ronald Reagan, dos EUA, e Margaret Thatcher, da Grã-Bretanha, eram aliados conservadores próximos. Ambos aplicaram políticas monetaristas rígidas durante sua gestão.

Milton Friedman (1912 - 2006)

- ✓ Norte-americano.
- ✓ Nobel em 1976.
- ✓ Professor na Universidade de Chicago.
- ✓ Maior representante do liberalismo moderno.
- ✓ Seu principal trabalho foi "A história monetária dos EUA, 1867 – 1960"
- ✓ Monetarista.
- ✓ Grande influência sobre a política econômica aplicada por Pinochet no Chile durante a década de 1970.

"Existe uma relação íntima entre economia e política; somente determinadas combinações de organizações econômicas e políticas são possíveis; e, em particular, uma sociedade socialista não pode também ser democrática, no sentido de garantir a liberdade individual."

- ✓ Observação de que comportamentos prejudiciais de preços e depressões estão historicamente associados a políticas monetárias mal executadas.
- ✓ Inflação generalizada é sempre um fenômeno monetário, e não um sinal de que o sistema de preços de livre mercado não funciona.
- ✓ Uso de política monetária persistente para aumento do nível de emprego somente causará inflação, na medida em que os meios de pagamento crescem a um ritmo superior à capacidade produtiva.
- ✓ Ver entrevista de Friedman.

NÃO DÁ PARA ENGANAR O POVO

EXPECTATIVAS RACIONAIS



EM CONTEXTO

FOCO

Macroeconomia

PRINCIPAIS PENSADORES

John Muth (1930-2005)

Robert Lucas (1937-)

ANTES

1939 O economista britânico John Hicks analisa o modo como as expectativas sobre o futuro mudam.

1956 O economista americano Philip Cagan usa "expectativas adaptativas" para explicar previsões baseadas no passado.

DEPOIS

1985 O economista americano Gregory Mankiw contribui para o surgimento da economia "neokeynesiana", que usa modelos que incorporam as expectativas racionais sobre o futuro das pessoas em seus cálculos.

O aumento da intervenção e dos gastos do governo após a Segunda Guerra Mundial propiciou uma nova maneira significativa para os economistas pensarem sobre a economia inteira. Eles acreditavam em particular que o governo pudesse estimular a economia usando políticas monetárias e fiscais (impostos e gastos) para obter uma produção permanentemente mais alta e desemprego mais baixo.

As primeiras críticas a esses modelos keynesianos tinham um exame detido da ideia de "expectativas". As expectativas importam porque o que as pessoas acham que vai acontecer afeta seu

Veja também: O homem econômico 52-53 ■ Empréstimo e dívida 76-77 ■ O multiplicador keynesiano 164-65 ■ Política monetarista 196-201 ■ Economia comportamental 266-69 ■ Mercados eficientes 272 ■ Bancos centrais independentes 276-77



Um pai transmite seu conhecimento de mecânica ao filho. No futuro, o filho tomará decisões econômicas, como que carro comprar, baseado em parte nesse conhecimento.

uma política monetária ou fiscal (de fato) enganando o povo.

Porém, isso só é assim no curto prazo: quando as expectativas se ajustam, as pessoas percebem que seu salário real não aumentou, e a economia retoma o nível de emprego mais baixo original.

Expectativas racionais

Esse modo de moldar expectativas era simples, mas falho. Se as pessoas só olhassem para o passado ao fazer previsões, é bem provável que elas sempre estivessem erradas. Os choques inesperados na economia, fazendo-a se desviar (mesmo temporariamente) de uma rota anterior, se tornariam erros permanentes nas previsões. Mas, se as pessoas cometessem erros de previsão persistentes, elas perderiam constantemente para o mercado – o que não parece retratar o comportamento individual.

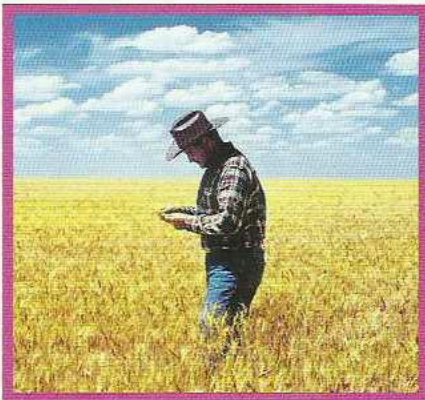
Foi a insatisfação com a teoria das expectativas adaptativas que levou o importante economista americano John Muth à teoria das “expectativas racionais”, em 1961. No centro dessa teoria encontra-se uma ideia bastante simples. Se os »

comportamento no presente. De início, achou-se que as expectativas fossem “adaptativas”. Isso quer dizer que as pessoas criam expectativas sobre o futuro baseadas apenas no que já aconteceu – se o acontecimento A levou ao acontecimento B, o mesmo ocorrerá de novo. Em cada caso, os indivíduos se ajustam no hiato entre o que esperavam acontecer e o resultado real.

Reconheceu-se que a necessidade de levar em conta as expectativas na teoria econômica enfraquecia o resultado das políticas keynesianas (pp. 154-61), com as quais os governos aumentam os gastos para aumentar a demanda. Essas políticas presumem que, se os

salários aumentam em decorrência de um incentivo do governo à economia, ocorrerá um aumento na atividade econômica real das pessoas – elas trabalharão mais. Na realidade, o aumento da demanda também implica o aumento de preços, de modo que em termos reais os salários não aumentaram. As pessoas são levadas temporariamente a pensar que o salário monetário maior reflete um aumento no salário real, porque elas levam um tempo para perceber que os preços também subiram – sua expectativa quanto a preços futuros ajusta-se lentamente. Desse modo, o governo consegue aumentar a produção da economia por meio de

246 EXPECTATIVAS RACIONAIS



Agricultor australiano inspeciona sua lavoura. Os agricultores não decidem o que plantar com base só no que aconteceu. Eles ponderam fatores como clima e níveis de demanda.

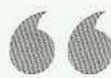
compradores são racionais, eles não adivinham os preços futuros com base nos anteriores. Ao contrário, tentarão prever os preços baseados na informação disponível e usando criticamente um modelo correto da economia. Farão previsões abalizadas, sem seguir cegamente o comportamento passado – e isso porque, se não criarem expectativas racionalmente, serão punidos pelo mercado e perderão dinheiro.

Usamos expectativas racionais o tempo todo. Os agricultores, por exemplo, tomam decisões sobre o que plantar com base nos preços obtidos antes, nas condições atuais e nas probabilidades futuras. Eles não supõem que, se plantarem a mesma quantidade do mesmo produto de cinco anos antes, este terá o mesmo preço de mercado – nem os vendedores de produtos agrícolas. A punição do mercado obriga as pessoas a ter comportamento racional, e, com o tempo, suas expectativas podem ser consideradas tão boas quanto o melhor modelo econômico existente. A teoria das expectativas racionais é aparentemente simples, mas tem consequências assombrosas. De

acordo com as expectativas adaptativas, a intervenção do governo pode funcionar por um tempo, porque pegaria as pessoas de surpresa. Elas não conseguiriam prever políticas futuras, de modo que um aumento inesperado nos gastos agiria como um choque “positivo” na economia, com efeitos reais em curto prazo. Mesmo esses efeitos temporários são impossíveis, segundo a teoria das expectativas racionais, pois as previsões pessoais de aumentos de preço ajustam-se de imediato.

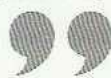
Antecipando os fatos

Em 1975, dois economistas americanos, Thomas Sargent e Neil Wallace, disseram que, se as expectativas são racionais, os indivíduos não só passam a esperar uma intervenção do governo, mas adaptam seu comportamento de tal maneira que aquela política seria ineficaz. Pressupondo expectativas racionais, as pessoas saberiam que o governo teve um motivo para gerar choques, como a tentativa de manter baixo o desemprego. Elas ajustariam suas expectativas de acordo. Por exemplo, entenderiam



É muito surpreendente que as expectativas não tenham sido consideradas antes como modelos dinâmicos racionais, uma vez que se pressupõe a racionalidade em todos os outros aspectos do comportamento empresarial.

John Muth



que o fato de o governo usar uma política monetária (como baixar as taxas de juro) para manter o nível de emprego implica inflação mais alta. Por conseguinte, as pessoas alteram suas expectativas quanto ao aumento de salário e de preços. Em vez de se sentirem mais ricas, a expectativa de inflação anula os efeitos das taxas de juro mais baixas propostas pelo governo. Assim, a política monetária torna-se totalmente ineficaz, porque sempre será levada em conta, e o comportamento alterado das pessoas a anulará.

Os responsáveis pelas políticas já acreditaram que existisse uma oposição entre desemprego e inflação – que os governos pudessem incentivar a economia e obter um nível de emprego mais alto no longo prazo com inflação mais alta (pp. 202-03). Segundo a teoria das expectativas racionais, essa oposição se desvanece. O desemprego é determinado pela capacidade produtiva da economia: a produtividade e a capacidade tecnológica das empresas e a eficiência de seus mercados. Os responsáveis pelas políticas não conseguem incentivar a economia além desse nível de emprego.

A crítica de Lucas

O economista americano Robert Lucas ressaltou que, se as expectativas individuais se ajustam conforme a política oficial, quer dizer que toda a estrutura da economia – os conjuntos de relações entre diferentes famílias, empresas e o governo – se altera com mudanças na política. Em decorrência, nem sempre os efeitos da política são os almejados. Isso passou a ser conhecido como a “crítica de Lucas”, que teve força suficiente para convencer a maioria dos economistas de que são falhas as tentativas de moldar uma economia

inteira mexendo em suas relações estruturais, como fazem os modelos keynesianos. Ao contrário, os modelos devem focar as preferências sub-reptícias mais profundas das pessoas e os recursos e as tecnologias que orientam o comportamento individual. Lucas sugeriu um novo enfoque “neoclássico” da macroeconomia, propiciando um retorno parcial ao mundo pré-keynesiano. Os modelos posteriores de “ciclos econômicos reais” afirmaram que as mudanças no emprego são determinadas por alterações em fatores de mão de obra “reais”, como aumento na produtividade ou mudanças nas preferências pessoais por lazer e não por trabalho. O elemento crítico tanto dos ciclos econômicos reais quanto dos modelos neoclássicos é que eles espelham a macroeconomia no efeito do comportamento racional dos indivíduos.

Embora na realidade as pessoas nem sempre tenham expectativas racionais, a pressuposição de que elas as têm ajuda os economistas a elaborar modelos que atuam como guias úteis do funcionamento da economia. As expectativas racionais



Os benefícios da inflação derivam do uso da política expansionista para levar os agentes econômicos a se comportar de um modo preferível na sociedade, muito embora seu comportamento não seja em interesse próprio.

Robert Hall

Economista americano (1943-)



têm sido criticadas por economistas comportamentais, que trabalham com modelos mais realistas do ponto de vista psicológico. ■

Os corretores nos mercados

financeiros formam expectativas racionais em parte com base nas ações dos colegas no trabalho. Quem não nota os sinais é punido pelo mercado.



John Muth

Nascido em 1930, o americano John Muth cresceu no Meio Oeste dos EUA e estudou engenharia industrial na Universidade de Washington de Saint Louis e economia matemática na Carnegie Tech de Pittsburgh. Nos anos 1950, a Carnegie tinha uma ótima faculdade, onde Muth estudou para fazer doutorado – ela contou com os futuros ganhadores do Nobel Franco Modigliani, John Nash, Herb Simon e depois Robert Lucas.

O primeiro ensaio de Muth sobre expectativas racionais saiu em 1961 e foi pouco notado na época. Tímido e modesto, Muth não conseguiu publicar um artigo posterior sobre o tema e foi trabalhar em outras áreas, escrevendo uma obra fundamental sobre gestão de operações e inteligência artificial. Pesquisadores de economia, como Lucas e Simon, ampliaram a obra de Muth sobre expectativas racionais e ganharam bons prêmios, mas Muth continuou sem ser reconhecido pelo mundo. Lecionou na Indiana e na Bloomington, universidades que não eram das sete principais e não tinham status, mas lhe permitiram satisfazer sua grande curiosidade intelectual. Ele é considerado pai da “revolução das expectativas racionais”. Muth morreu em 2005.

Obras-chave

1960 *Optimal properties of exponentially weighted forecasts*

1961 *Rational expectations and the theory of price movements*

1966 *Forecasting models*

Robert Lucas (1937 -)

- ✓ Norte-americano.
- ✓ Professor na Universidade de Chicago.
- ✓ Nobel em 1995.
- ✓ "Poucos economistas terão a honra de serem identificados como criadores de uma "escola". Esse é o destino de Lucas: ser definitivamente associado à criação da nova economia clássica." Delfim Neto.

- ✓ Expectativas racionais = os agentes econômicos não ignoram as possíveis mudanças na economia, pelo contrário, eles preveem e agem antecipadamente.
- ✓ Dessa forma, políticas econômicas podem ter um resultado diverso do planejado, possivelmente até uma neutralização.
 - Exemplo1: inflação inercial.
 - Exemplo2: Banco Central dando sinais de que desvalorizará o câmbio pode ter como resultado uma desvalorização excessiva em curtíssimo prazo.



PODE HAVER FOME NAS GRANDES SAFRAS

TEORIA DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS

EM CONTEXTO

FOCO

Crescimento e desenvolvimento

PRINCIPAL PENSADOR

Amartya Sen (1933-)

ANTES

1798 Thomas Malthus conclui em *Ensaio sobre o princípio da população* que crescimento da população causará fome e morte.

Anos 1960 A visão comum é que a fome se deve à queda da disponibilidade de alimentos.

DEPOIS

2001 O economista britânico Stephen Devereux diz que a teoria dos direitos fundamentais ignora causas políticas da fome.

2009 O acadêmico norueguês Dan Banik publica *Starvation and India's democracy*, dizendo que fome e subnutrição podem continuar ocorrendo, apesar de vigorar uma democracia.

As famílias **trocam seu trabalho por dinheiro**, com o qual compram comida para sobreviver.



Se ocorre uma **mudança no preço** do seu trabalho ou da comida...



... se os salários ficam muitos baixos para comprar uma quantidade mínima de comida que a família necessita...



... a família **passa fome**, mesmo que seja produzida uma quantidade suficiente de comida.



Pode haver fome nas grandes safras.

O indiano Amartya Sen cresceu durante a grande fome de Bengala de 1943. Ele tinha apenas nove anos quando chegou à sua escola um homem que não comia havia 40 dias. Antes desse encontro, Sen não sabia do sofrimento em sua região. Ninguém em sua família e nas famílias dos amigos foi atingido. Mesmo com tão pouca idade, Sen ficou chocado com o sofrimento causado pelo sistema de classes. Quase 40 anos depois, a lembrança da fome de Bengala fez Sen pesquisar e escrever em 1981 sobre o tema em *Poverty and famines: an essay on entitlement and deprivation*. Ele concluiu que, ao contrário da crença popular, a fome não é causada por escassez de comida. Safras ruins, estiagem ou redução na importação de alimentos são fatores que contribuem, mas um fator mais importante é a distribuição da comida.

Direitos fundamentais

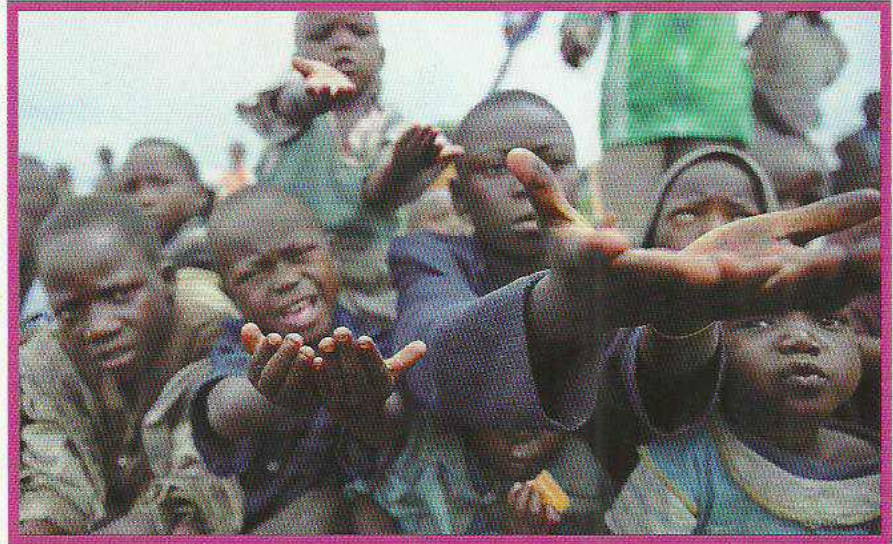
Uma escassez absoluta de alimentos é muito rara. É bem mais comum a comida não ser fornecida a quem mais precisa dela. Sen chamou o conjunto de bens e serviços a que os indivíduos têm acesso de seus "direitos fundamentais". A fome é um exemplo

Veja também: Mercados e moralidade 22-23 ■ Demografia e economia 68-69 ■ Oferta e procura 108-13 ■ O problema da pobreza 140-41 ■ Economia desenvolvimentista 188-93

Fomes como a do Congo em 2008 são causadas por falhas econômicas, segundo Amartya Sen. Ele afirmou que não se sabe da ocorrência de fome em uma democracia funcional.

de falha nos direitos fundamentais, e direitos fundamentais dependem de muito mais do que a quantidade de alimento produzida. Numa economia moderna fundada na troca, a maioria das pessoas não produz o próprio alimento: elas trocam um produto (seu trabalho) por outro produto (dinheiro), que é então trocado de novo por comida. O fato de uma família ter ou não comida suficiente depende do que ela consegue permutar conforme o preço da comida. A fome ocorre quando os direitos fundamentais das famílias (os bens a que elas têm acesso, não a quantidade em geral disponível) estão aquém da quantidade mínima necessária à sobrevivência. Isso pode acontecer quando o preço dos alimentos sobe ou os salários caem.

Sen analisou a fome de Bengala de 1943 e fomes mais recentes na África e na Ásia para coletar provas

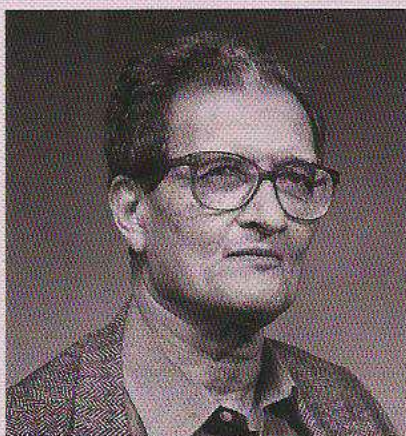


empíricas que confirmassem sua tese. Ele descobriu que em Bengala a produção total de alimentos, embora mais baixa que no ano anterior ao início da fome, havia sido mais alta que nos anos sem fome. Sen concluiu que a principal causa da fome era que o salário dos lavradores não acompanhava o preço crescente dos alimentos em Calcutá, em decorrência da inflação. A Índia, então governada pelos

britânicos, passava por alto crescimento, pois o governo britânico injetara dinheiro em meio ao esforço de guerra. Isso fez diminuir a capacidade dos trabalhadores de comprar comida, e eles passaram fome.

Sen afirmou que particularmente os países democráticos devem ser capazes de evitar as piores fomes. Seu enfoque pioneiro provocou uma reviravolta nas crenças e nas reflexões sobre a fome. ■

Amartya Sen



Amartya Sen nasceu em Santiniketan, Bengala Ocidental, Índia, em 1933. Seu pai era professor de química, mas Sen preferiu economia e se formou na Universidade de Calcutá, em 1953. No mesmo ano, obteve outra graduação pela Universidade de Cambridge, Reino Unido. Aos 23 anos, Sen tornou-se o mais jovem diretor de economia da Universidade Jadavpur, Calcutá. Uma bolsa-prêmio permitiu-lhe diversificar os estudos com filosofia. Sen estudou em universidades de Calcutá e Délhi, na Índia; MIT, Stanford, Berkeley e Cornell, nos EUA; e Oxford e

Cambridge, no Reino Unido. Em 1988, ganhou o Prêmio Nobel de economia. Mudou-se para a Universidade Harvard, EUA, em 2004, onde leciona economia e filosofia. Sen casou-se duas vezes e tem quatro filhos.

Obras-chave

1970 *Collective choice and social welfare*

1981 *Poverty and famines: an essay on entitlement and deprivation*

1999 *Desenvolvimento como liberdade*

Amartya Sen (1933 -)

- ✓ Indiano.
- ✓ Nobel em 1998.
- ✓ Em uma fase extremamente técnica da ciência econômica, resgatou o debate sobre ciência positiva e ciência normativa.
- ✓ Fazendo uso de um estilo questionador e filosófico, reforçou na pauta da ciência econômica o conceito de desenvolvimento amplo, incluindo saúde, educação, liberdade e cultura.
- ✓ Foi um dos criadores do IDH (índice de desenvolvimento humano), usado globalmente até hoje.

Questionário

- 1) Grande mudança vemos na “personalidade” do novo economista a partir de Samuelson?
- 2) De que forma o pensamento de Hayek se aproxima dos postulados clássicos e neoclássicos ?
- 3) Leia sobre o conceito de destruição criativa de Schumpeter e descreva 2 exemplos reais, um em que a inovação é claramente benéfica a todos e outra em que alguns grupos são beneficiados em detrimento de outros.
- 4) Compreenda e descreva a concepção das expectativas racionais de Robert Lucas.
- 5) Leia e faça um resumo sucinto do texto sobre Friedman e Galbraith.

1) Relacione os economistas abaixo com suas principais ideias ou contribuições para a ciência:

(a) Revelou um novo aspecto que revolucionou a maneira de analisar o impacto econômico de políticas monetárias.	(1) Milton Friedman
(b) Definiu o capitalismo como um processo de constante renovação.	(2) Robert Lucas
(c) Keynesiano, marcou um novo tipo de economista, o acadêmico; mas suas pesquisas, de cunho matemático, o fazem pertencer a um estilo antigo, o dos generalistas.	(3) Paul Samuelson
(d) Além de sua notória contribuição para o campo da política monetária, abordou também a íntima conexão entre liberdade individual e econômica.	(4) Joseph Schumpeter
(e) Dissertou sobre a incapacidade dos sistemas de coletivismo superarem a eficiência econômica do capitalismo.	(5) Friederich Hayek
(f) Dissertou sobre a importância das instituições, entre elas as grandes corporações, na determinação do modo de vida moderno.	(6) Kenneth Galbraith

- A) a, e, f, d, c, b.
- B) d, a, c, b, e, f.
- C) d, e, a, f, b, c.
- D) d, e, f, a, b, c.
- E) b, a, d, f, e, c.

Gabarito

1) B

Escolas do pensamento macroeconômico

- ✓ Texto “escolas macroeconômicas”

Escolas macroeconômicas

- ✓ Há uma competição acirrada por diferentes escolas (vertentes) para encontrar as melhores explicações e fórmulas do crescimento e desenvolvimento econômico.
- ✓ Todas essas escolas derivam das teorias estudadas até agora.

Economia clássica

- ✓ Pensamentos que vão desde Adam Smith até o momento da publicação de Keynes sobre a demanda efetiva.
- ✓ Fazem parte muitos postulados e autores, entre eles Ricardo, Malthus, Marx.
- ✓ Primeiro pilar:
 - Teoria da produção e emprego = a economia está sempre em pleno emprego = situação na qual todos os fatores de produção estão sendo usados eficientemente = representa a maior quantidade de trabalho que poderia estar empregado e qualquer tempo, sendo o desemprego restante meramente friccional.
 - Forças do mercado sempre mantêm a produção e o emprego em equilíbrio, desde que haja livre competição entre produtores e livre mobilidade de fatores entre setores. Dessa forma, fatores recebem por sua produtividade, produtos são comprados por sua utilidade. Esse equilíbrio pode ser perturbado, por exemplo, por rigidez no mercado de trabalho: um empresário não consegue substituir trabalhadores por máquinas por questões contratuais.
- ✓ Segundo pilar
 - Lei de Say = a oferta cria sua própria demanda.
- ✓ Terceiro pilar
 - Teoria quantitativa da moeda = o dinheiro é neutro, no sentido de que variáveis reais (emprego, renda, produção) estão separadas de variáveis nominais (nível de preço).
 - Um aumento na oferta de moeda, por exemplo, causa aumento do nível de preços e diminuição da taxa de juros nominal.
 - O aumento no nível de preços faz com que os salários reais diminuam, aumentando os lucros das empresas.
 - Com maiores lucros há maior busca por trabalhadores e os salários reais retornam ao seu ponto de origem.
 - A taxa de juros real retorna de forma análoga.

Economia clássica - receituário

- ✓ Governo deve assegurar a livre competição (proibir monopólios e sindicatos que impeçam a flexibilidade de preços).
- ✓ Assegurar a força das leis.
- ✓ Assegurar a propriedade privada.

Economia keynesiana

- ✓ Formado sob a tradição clássica, Keynes encontrou inconsistências na teoria.
- ✓ A demanda efetiva, conceito cunhado por Keynes, põe em xeque a Lei de Say.
- ✓ Consumidores e empresas não simplesmente consomem tudo o que é produzido.
- ✓ Firms produzem de acordo com a lucratividade esperada, a qual é extremamente volátil e incerta.
- ✓ Consumidores consomem de acordo com a renda disponível e sua propensão marginal a consumir.

Economia keynesiana - Receituário

- ✓ A economia pode e deve ser auxiliada por políticas governamentais estabilizadoras, que reponham nos eixos as expectativas dos agentes econômicos.
- ✓ Essa políticas são as monetária e fiscal.

Monetaristas

- ✓ Tem como principal representante Milton Friedman.
- ✓ Populares desde 1950.
- ✓ Acreditam que o dinheiro (oferta de moeda) é essencial na determinação do nível de renda e emprego.
- ✓ TQM (teoria quantitativa da moeda)
 - Acreditam que os Keynesianos superestimam a capacidade da política monetária em determinar o nível de renda e emprego.
 - Existe um hiato grande e incerto entre a aplicação de políticas monetárias e seus efeitos na economia real.

Monetaristas - Receituário

- ✓ Uma boa política monetária seria uma que não prejudicasse a economia. Que mantivesse a oferta de moeda num ritmo de crescimento compatível com o crescimento da capacidade produtiva, assegurando a estabilidade de preços no longo prazo.
- ✓ Políticas monetárias claras e previsíveis evitam a maior causa de inflação: falsas expectativas.
- ✓ As melhores políticas para reduzir a taxa natural de desemprego estão fora do escopo da política monetária. São elas: aumentar a flexibilidade de preços e mobilidade de fatores, aumentar o incentivo ao trabalho via redução de impostos, benefícios sociais e seguro desemprego, entre outros.

Novo clássicos

- ✓ Expectativas racionais
 - Incorporam a expectativas racionais de Robert Lucas para afirmar a neutralidade da política monetária.
 - Se autoridades monetárias anunciam aumento da oferta de moeda (redução de juros), firmas e trabalhadores negociarão novos contratos com preços e salários ajustados, aumentando o nível de preços e cancelando um possível efeito positivo sobre o nível de renda e emprego.
 - Se o aumento da oferta de moeda não é anunciado, no curto prazo (meses) as taxas de juros caem, o lucro esperado sobe e há aumento da renda e do emprego. No entanto, com o aumento no nível de preços, trabalhadores e firmas renegociam contratos e preços, retornando ao equilíbrio original no longo prazo (+ ou - 1 ano).

Novo clássicos - Receituário

- ✓ Guarda similaridades com os monetaristas.
- ✓ Banco Central independente capaz de manter uma política monetária comprometida com o crescimento da oferta de moeda compatível com o crescimento da capacidade produtiva.

Nekeynesianos

- ✓ Os mercados não retomam equilíbrio instantaneamente devido à rigidez de preços no curto prazo. Por esse razão, uma política monetária expansiva pode afetar variáveis reais da economia, como o nível de emprego.
- ✓ A economia sofre a todos instantes choques de demanda e oferta, que são agravados pela rigidez nos preços.
- ✓ Imperfeições do mercado (como monopólios) causam perturbações e oscilações na produção, os

chamados ciclos econômicos.

- ✓ O dinheiro não é neutro.

Keynesianos - Receituário

- ✓ Um banco central independente, capaz de utilizar políticas monetárias para combater crises.
- ✓ Políticas para reduzir o tempo de desemprego (treinamento, recrutamento de desempregados).
- ✓ Políticas para reduzir o poder de sindicatos.
- ✓ Políticas para aumentar qualidade de informações no mercado de trabalho, facilitando a busca por trabalhadores.

Conclusões - pontos de consenso

- ✓ Competição é benéfica.
- ✓ Assegurar as regras do jogo é fundamental (direitos de propriedade e força dos contratos)
- ✓ Independência do Banco Central, contudo com objetivos distintos.

Conclusões - discordâncias

- ✓ Clássicos, monetaristas e novo clássicos acreditam na estabilidade do equilíbrio de mercado por causa da flexibilidade de preços.
- ✓ Keynesianos e neokeynesianos acreditam que o mercado retorna lentamente ao equilíbrio dada a rigidez de preços na economia.

Quem está em voga?

- ✓ Academicamente, em âmbito internacional, os novo clássicos dominam.
- ✓ Na política econômica prática, no entanto, a metodologia neokeynesiana tem sido predominante nos EUA.
- ✓ Casos recentes de práticas neokeynesianas:
 - Pacote de estímulo à saída da crise em 2008 superou U\$ 1 trilhão
 - Taxa de juros era de 5.25 em de setembro de 2007 e caiu para menos de 0% em termos reais.
 - Governo comprou bilhões em créditos podres.

Consenso de Washington

- ✓ Conjunto de políticas econômicas que se tornou receituário básico de organismos internacionais durante a década de 90.
- ✓ FMI, Banco Mundial.
- ✓ *“O mínimo denominador comum de recomendações de políticas econômicas que estavam sendo cogitadas pelas instituições financeiras baseadas em Washington D.C. e que deveriam ser aplicadas nos países da América Latina, tais como eram suas economias em 1989.”*

Receituário de Washington

1. Disciplina fiscal visando eliminar o déficit público;
2. Mudança das prioridades em relação às despesas públicas, eliminando subsídios e aumentando gastos com saúde e educação;
3. Reforma tributária, aumentando os impostos se isto for inevitável, mas “a base tributária deveria ser ampla;
4. As taxas de juros deveriam ser determinadas pelo mercado e positivas;
5. A taxa de câmbio deveria ser também determinada pelo mercado, garantindo-se ao mesmo tempo que fosse competitiva;
6. O comércio deveria ser liberalizado e orientado para o exterior (não se atribui prioridade à liberalização dos fluxos de capitais);
7. Os investimentos diretos não deveriam sofrer restrições;
8. As empresas públicas deveriam ser privatizadas;
9. As atividades econômicas deveriam ser desreguladas;
10. O direito de propriedade deve ser tornado mais seguro.

Consenso de Beijing

1. Promoção das economias de forma que a propriedade estatal continue sendo dominante;
2. Promoção de câmbio competitivo, com mudanças graduais para evitar choques e controle cambial para evitar a especulação;
3. Políticas de promoção das exportações (Export-led growth) com proteção da indústria local e dos setores estratégicos do país;
4. Reformas de mercado, mas com controle das instituições políticas e culturais;
5. Centralização das decisões políticas e das estratégias de projeção nacional.

Questionário

- 1) Compreenda e descreva os 3 pilares da economia clássica.
- 2) Descreva o receituário da economia clássica relacionando-o com os 3 pilares.
- 3) Qual é a principal contestação de Keynes à economia clássica? Descreva em detalhes.
- 4) O que Keynes diz sobre o papel da moeda?
- 5) Como o receituário de Keynes se distingue do clássico?
- 6) Qual é a inovação dos monetaristas em relação a Keynes?
- 7) Descreva o receituário dos monetaristas.
- 8) Qual é a inovação dos novo clássicos em relação aos monetaristas?
- 9) Como o receituário dos novo clássicos se distingue do dos monetaristas?
- 10) Relacione o Consenso de Washington e seu receituário às contribuições ideológicas dos monetaristas e novo clássicos.
- 11) Na sua opinião, o Consenso de Washington foi bem sucedido na América Latina? Se sim ou não, o que poderia ter levado a um resultado mais eficiente? O Consenso de Beijing conserta os pontos equivocados do Consenso de Washington?

1) Avalie as seguintes afirmativas sobre os pilares da economia clássica, de acordo com a aula e bibliografia respectivas:

- I) A teoria da produção e emprego nos termos clássicos define que, em situação normal de competição e flexibilidade de preços e fatores, haverá eficiência na alocação de recursos e pleno emprego, sendo o desemprego observado meramente voluntário ou friccional.
- II) A lei de Say define que toda demanda cria sua própria oferta.
- III) A teoria quantitativa da moeda define a neutralidade da moeda, a qual pode ser ilustrada pela incapacidade de uma expansão de oferta monetária causar um aumento permanente da renda e do emprego.

Estão corretas as afirmativas:

- A) I e III.
- B) I e II.
- C) II e III
- D) I, II e III.
- E) Nenhuma alternativa.

2) Avalie as seguintes afirmativas sobre o receituário da economia clássica, de acordo com a aula e bibliografia respectivas:

- I) A eficiência do mercado elimina a necessidade de ação direta do governo na esfera econômica, embora algum nível de supervisão ainda seja necessário no sentido de evitar que monopólios e sindicatos que impeçam a flexibilidade de preços.
- II) A supervisão do governo é necessária por ser ele o agente capaz de assegurar a ordem do mercado, as leis, a propriedade privada.
- III) A grande depressão de 1929 colocava em dúvida a idéia de pleno emprego, dada a indisponibilidade de emprego até mesmo para faixas salariais extremamente baixas.

Estão corretas as afirmativas:

- A) I e III.
- B) I e II.
- C) II e III

- D) I, II e III.
- E) Nenhuma alternativa.

3) Sobre as vertentes keynesiana e neo-keynesiana, de acordo com a aula e bibliografia respectivas, é INCORRETO afirmar:

- A) Keynes contesta os princípios da Lei de Say e da neutralidade da moeda, demonstrando a capacidade das políticas econômicas agirem sobre o nível de emprego.
- B) Keynes contesta os princípios da Lei de Say e da neutralidade da moeda, defendendo, entre outras situações, que a expansão na oferta de moeda pode aumentar o nível de emprego via redução dos juros e diminuição da lucratividade esperada.
- C) Os neo-keynesianos ressuscitam a não-neutralidade da moeda, demonstrando que, devido à rigidez de preços no curto prazo, variáveis reais como renda e emprego podem ser afetadas por políticas monetárias
- D) Entre o receituário neo-keynesiano está a defesa de medidas para reduzir o tempo de desemprego friccional, garantir a rigidez de preços e melhorar o nível de informação e negociação entre fatores no mercado de trabalho.
- E) Os neo-keynesianos apontam a incidência constante de choques de demanda e oferta na economia, agravados pela rigidez de preços.

4) Sobre as vertentes monetaristas e novo-clássicos, de acordo com a aula e bibliografia respectivas, é correto afirmar:

- A) Os monetaristas contestam o menosprezo de Keynes em relação à capacidade das políticas monetárias.
- B) Tanto monetaristas quanto novo clássicos, embora com visões distintas sobre os efeitos da expansão ou retração monetária na economia, concordam em recomendar uma política que vise à estabilidade de preços no longo prazo.
- C) Os monetaristas colocam em seu receituário o aumento da flexibilidade de preços, aumento do incentivo ao trabalho, redução de benefícios sociais, juntamente com uma política monetária expansiva que estimule o emprego.
- D) Os novo-clássicos rejeitam a inovação de Robert Lucas sobre as expectativas racionais.
- E) Os novo-clássicos concordam com um Banco Central independente objetivando o aumento constante do nível de emprego.

5) Sobre o consenso de Washington e de Beijing, considere as seguintes linhas de seus receituários.

- I) As atividades econômicas deveriam ser desreguladas.
- II) As taxas de juros deveriam ser determinadas pelo mercado.
- III) Disciplina fiscal visando eliminar o déficit público.
- IV) Centralização das decisões políticas e das estratégias de projeção nacional.

Marque a alternativa correta:

- A)** A afirmativa I faz parte do consenso de Beijing, indicando o liberalismo adotado na China.
- B)** A afirmativa II faz parte do consenso de Beijing, indicando um viés liberal em consonância com uma política monetária neutra, defendida pelos monetaristas mas contestada pelos novo-clássicos.
- C)** A afirmativa III faz parte do consenso de Washington, reforçando o potencial do receituário Keynesiano via aumento de gastos públicos.
- D)** A afirmativa IV faz parte do consenso de Beijing, indicando a necessidade de planejamento central da economia, inclusive no que toca as políticas monetárias e fiscal.
- E)** Todas alternativas estão corretas.

Gabarito

- 1) A
- 2) D
- 3) B
- 4) C
- 5) D

O PAPEL DO ECONOMISTA

- ✓ Livro Carlos Lessa, Conceito de Política Econômica
 - ✓ Livro Amartya Sen, Sobre ética e economia
- ✓ Artigo Olavo de Carvalho, Crise da universidade ou eclipse da consciência?

Qual é o papel do economista?

- ✓ O economista surgiu como um apêndice do poder estatal.
- ✓ Surgiu para explicar o funcionamento econômico sob o capitalismo
- ✓ Qual é seu papel?
 - Ser um mero analista técnico, que explica os fenômenos econômicos conforme o poder político ou empresarial requisita.
 - Exemplo: por que ocorre a inflação?
 - Exemplo: produzir em grande escala causa benefícios ou prejuízos?
 - Ser um mero operador, que executa as ações determinadas pelas instituições que o contratam?
 - Exemplo: controlar a inflação.
 - Exemplo: tornar a empresa mais produtiva.
 - Ser um ousado pensador, que analisa e propõe os objetivos a serem perseguidos?
 - Exemplo: propor políticas públicas diferentes das perseguidas pelo poder vigente.

A universidade e o economista

✓ Definição da American Economic Association:

- “Indivíduos com o diploma de graduação em ciências econômicas prossegue em uma ampla variedade de carreiras: Governo, Academia, Negócios, Indústria, Organizações internacionais, Organizações de pesquisa (...)”.

✓ Ambiente de formação do economista

- Economistas são profissionais com certificação universitária.
- É necessário observar a relação entre universidade e sociedade.
- As universidades são a base da ciência econômica.
- Originalmente, universidades surgiram como clubes de aficionados pela verdade e ciência.
- Mas hoje, além do esforço em manter a busca pela verdade, as universidades estão conectadas ao funcionamento do sistema como um todo, o que inclui:
 - Formar profissionais para o sistema capitalista.
 - Justificar cientificamente a existência do sistema.

Trecho de Olavo de Carvalho

A universidade não apenas não surgiu para atender a qualquer necessidade do *establishment*, como foi a interferência cada vez maior dos poderes externos que provocou, entre os séculos XIV e XVII, as sucessivas mudanças mais ou menos traumáticas que afastaram o ambiente universitário do centro da vida intelectual.

Essas crises manifestaram-se a partir do momento em que a população universitária, crescendo muito, se revelou um depósito potencial de apoio político que passou a ser disputado entre a Igreja e os poderes civis: de um lado, o Sacro Império, de outro, os Estados nacionais nascentes. Esta disputa fez com que novas concepções de ensino se implantassem de fora para dentro, de cima para baixo, sufocando a criatividade que tinha sua raiz na iniciativa espontânea da *discere turba volens* – os homens desejosos de aprender.

(...) as novas monarquias não apenas fundaram universidades oficiais, de cuja direção a massa dos estudantes estava alijada quase que por hipótese, mas também foram forçando para fazer das já existentes instrumentos para a expressão culta de valores e crenças nacionais, até o ponto em que se perdeu por completo um dos valores essenciais da idéia original de universidade: o internacionalismo. Junto com ele perde-se também o sentido do conhecimento como finalidade, adotando-se em seu lugar o ponto de vista (hoje aceito como verdade de evangelho) de que a universidade deve “servir” a algum fim prático: ao progresso social, à indústria, à identidade nacional, à manutenção ou à alteração do *status quo*, e mil e um outros interesses em disputa.

- ✓ A ciência econômica existe neste laboratório universitário.
- ✓ Os primeiros economistas desta ciência, que eram filósofos generalistas, gradualmente são substituídos por docentes técnicos especializados. (de Adam Smith a Robert Lucas).
- ✓ É difícil separar a ciência econômica da universidade da função imposta pelo mesmo: organizar e expressar os valores e crenças dos agentes que manejam o sistema.
- ✓ Um grande desafio se impõe ao economista na busca pela verdade:
 - Transgredir a influência do sistema sobre sua profissão.

Trecho de Olavo de Carvalho

O século XIX trará, por toda parte, a constituição formal e definitiva das universidades européias como organismos oficiais, partes integrantes da burocracia estatal, submetidas a regulamentos bastante uniformes para instaurar, desde cima, um arremedo do antigo internacionalismo.

Num primeiro instante, a injeção de dinheiro público permite a instalação de imensas bibliotecas e laboratórios, o empreendimento de viagens de investigação que os eruditos já não sonhavam desde o tempo em que Alexandre subsidiava Aristóteles, e tudo concorre para uma efervescência geral da qual resulta uma floração de idéias, algumas realmente valiosas, outras infectadas de uma espécie de provincianismo temporal que se torna inevitável sempre que uma época, iludida por seus sucessos, encontra deleite em imaginar-se o auge e coroamento dos tempos.

Data daí a formação de uma espécie de “consenso científico” dominante, que, do alto de sua autoridade acadêmica, julga implacavelmente as idéias e os homens, separando os eleitos e os reprovados._

E não é nem de longe uma coincidência que as idéias que, geradas entre esse tempo e o início do século XX, vieram a influenciar mais profundamente o curso dos tempos, fossem quase todas produtos de intelectuais autônomos, extra-universitários, às vezes marginais e réprobos, de Joseph de Maistre a Karl Marx e Tocqueville, de Darwin a Freud, de Kierkegaard ao próprio Nietzsche, o qual, embora fosse do ponto de vista empregatício um membro da casta ensinante, jamais produziu um único trabalho acadêmico e só escrevia fora dos cânones universitários. Também não é de estranhar que, prosseguindo a tendência inaugurada no século XIX, o debate público de idéias seja aí dominado por escritores independentes, Hugo, Zola, Péguy, Maurras, Mathew Arnold, cujo prestígio os acadêmicos se limitam a parasitar humildemente. Novamente, a ambição de mandar vem junto com a incapacidade de compreender.

Ao mesmo tempo, o desejo mesmo de integrar-se na *praxis* coletiva faz com que as universidades, decaindo intelectualmente, encontrem uma nova função para justificar sua existência: a preparação de técnicos para preencher as vagas na indústria, no comércio e na administração pública. Tornam-se meras escolas profissionais, para substituir o aprendizado tradicional nas corporações de ofícios que o advento do capitalismo moderno havia destruído. Aos poucos, a população universitária se hierarquiza em estratos: em baixo, uma vasta multidão de estudantes prodigiosamente incultos, voltados à aquisição de técnicas profissionais para subir (ou não naufragar) na vida econômica; em cima, uma elite que despreza essa massa de classe média e se sente acuada dentro da própria casa.

É no século XX que a estatização produz seu efeito fatal: a completa politização das universidades, tornadas servas atentas e obrigadas das modas ideológicas do momento, sempre prontas a produzir bibliotecas inteiras para legitimar as doutrinas extravagantes de caudilhos, ditadores, utopistas, agitadores de rua e loucos no sentido estrito do termo.

Trecho de Olavo de Carvalho

Não é preciso dizer o que representou para a classe dos professores, economicamente, socialmente, politicamente, mentalmente, sua transformação de intelectuais autônomos (*free lancers*, diríamos hoje) em funcionários eclesiais e estatais, incumbidos *ex professo* de falar em nome de uma autoridade, de um consenso estabelecido, de uma ortodoxia dominante. Não é fantástico que essa gente toda, trocando a liberdade pela segurança, jamais confessasse haver vendido a primogenitura por um prato de lentilhas, mas antes continuasse a exaltar idealisticamente a própria liberdade de pensamento como se ela ainda fosse uma realidade, passando mais tarde a culpar pelas inevitáveis restrições decorrentes do negócio tão-somente o comprador? Data daí, sem dúvida, o nascimento do espírito de pomposa hipocrisia, de dogmatismo travestido de liberdade científica, que viria a se tornar, nos últimos dois séculos, a marca inconfundível da casta acadêmica em todo o mundo.

O economista e o interesse geral

- ✓ Embora a ciência não se resuma à macroeconomia e políticas econômicas, muito se toca nesse tema, sobretudo em história do pensamento econômico.
- ✓ Perceba que em todos os momentos e todas as áreas da economia, há uma linha comum:
 - A busca pelo bem, pela eficiência.
 - Do país.
 - Da empresa.
 - Do indivíduo.
 - Esse “bem” assume diferentes nomes ao longo da história:
 - Aristóteles referia-se a interesse geral.
 - Os utilitaristas à utilidade.
 - Buda ao não sofrimento.
 - São Tomás de Aquino à felicidade.

Economia normativa (ética) VS economia positiva (engenharia)

- ✓ Amartya Sen descreve duas naturezas na ciência econômica:
 - Normativa: preocupa-se em questionar o que devemos buscar como objetivos econômicos.
 - Positiva: preocupa-se em explicar os fenômenos econômicos.
- ✓ A ciência econômica surgiu normativa e transformou-se em positiva.

Trecho de Amartya Sen

"Eu gostaria de afirmar que as questões profundas suscitadas pela concepção de motivação e realização social relacionada à ética precisam encontrar um lugar de importância na economia moderna, mas ao mesmo tempo é impossível negar que a abordagem da engenharia também tem muito a oferecer à economia (...) É difícil não notar a aversão às análises normativas profundas e o descaso pela influência das considerações éticas sobre a caracterização do comportamento humano real".

O economista e o poder

- ✓ Ao gradualmente abrir mão de sua análise normativa, o economista torna-se um agente cada vez mais absorvido pelo ambiente.
- ✓ Modernamente sua função é:
 - Apologética: fornecer a sustentação filosófica do sistema.
 - Explicar o funcionamento do capitalismo.

- Trecho de Lessa (citando Meynau):
 - Como todos os especialistas, o economia contribui direta ou indiretamente à formação das ideologias [...] Por outra parte, cabe observar sem originalidade que as autoridades de todos os níveis tendem a dirigir-se aos especialistas que professam uma ideologia análoga a sua, e por conseguinte, favorável aos projetos previstos. De tal maneira que em muitos casos resulta concretamente difícil separar uma opinião sobre meios e de uma apreciação sobre fins.
 - Ou seja, o economista aceita os fins escolhidos pelo sistema, e cria uma teoria para justificar os meios que o sistema utiliza para buscar aqueles fins.
 - Trecho de Lessa (citando Smithies):
 - A economia sempre esteve relacionada com a política. A maior parte dos economistas atuaram movidos pelo desejo de promover o que consideraram uma melhoria social (...) Smith, Ricardo, Mill e Keynes pertencem ao grupo de economistas com fortes motivações políticas.
- Operatória: operar e/ou instruir a utilização de instrumentos econômicos
- Consiste em sua função técnica.
 - Alguns argumentarão que a neutralidade do economista na definição dos fins é importante para que ele cumpra bem os objetivos da política econômica.
 - Trecho de Lessa (citando Barre):
 - O economista não tem que pronunciar-se sobre estes objetivos. Deve assumir como dados e pode, então, com tanta objetividade e diferença, como se tratasse de outra matéria, formar juízos de concordância ou não concordância entre um fim e uma instituição, e de conveniência ou inconveniência entre este fim e os meios a empregar.
 - Trecho de Lessa (citando Snow):
 - Nós produzimos as ferramentas, aqui nos detemos. A vocês, o resto do mundo, os políticas, corresponde dizer como se utilizarão essas ferramentas. Podem usá-las para fins considerados maus pela maior parte de nós. Sendo assim, o lamentamos. Porém, como cientistas, isto não de nossa alçada.

Rediscutindo o bem

- ✓ O que é esse bem que tanto falamos?
- ✓ Para iniciar essa longa discussão, podemos nos perguntar:
 - O que é bem para um ser humano?

- Utilidade? Quanto mais utilidades tivermos mais felizes e bem estaremos?
- Ou somos seres mais complexos do que isso?
- São Tomás de Aquino, considerado Doutor da Igreja Católica, diz que não é possível a felicidade verdadeira e duradoura vir de qualquer bem criado pelo homem: riqueza material, prazer, glória, honra, poder, bens corpóreos. Pois todos são circunstanciais e temporários. A felicidade não pode ser obtida em vida. O que podemos é observar nossa imperfeita condição humana e contemplar a verdade divina, preparando-se assim para o Reino dos Céus, onde aí sim encontraremos a felicidade, que acalma todos os desejos.
- Buda não se refere à felicidade, mas sim ao não sofrimento, que também viria do cessar dos desejos. O budismo ensina que tal condição é atingível em vida.
- Mesmo Adam Smith, criador do conceito de mão-invisível, diria posteriormente que o homem não pode abrir mão de seus valores morais, mostrando que a riqueza material não garante a felicidade e não resume a vida humana.
- Há espaço para discutirmos quais devem ser os fins sociais?
- Se aceitamos que não e nos preocupamos em operar o sistema (tecnicamente) e deixamos a definição dos fins para o resto do mundo, não estamos apenas propagandeando a ideologia existente? Ou seja, de qualquer forma o economista tem participação nos rumos sociais e econômicos.

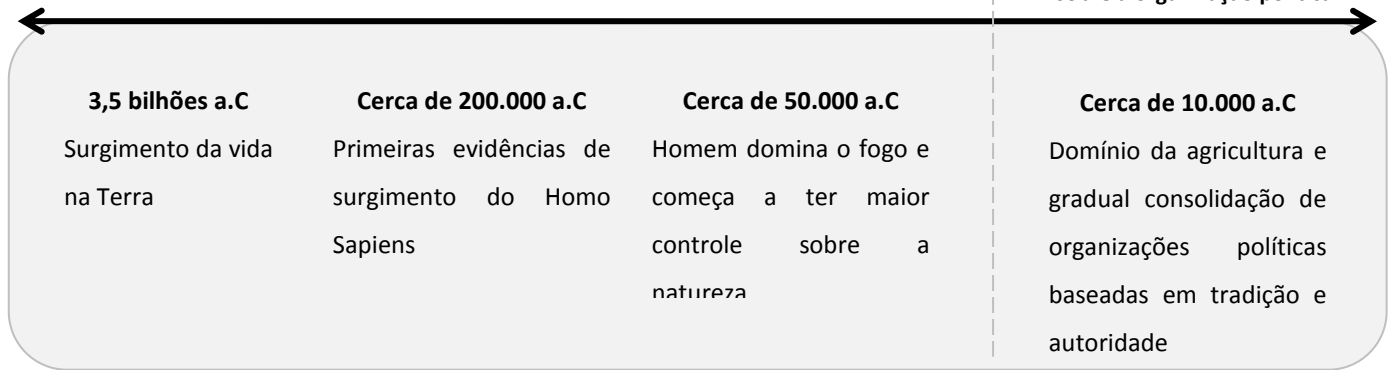
FUTURO DA CIÊNCIA E ABORDAGENS ALTERNATIVAS

- ✓ Artigo Bresser Pereira
- ✓ Artigos Estarlin
- ✓ Livro Spiritual Economics

Perspectiva ampla da história do pensamento econômico

Surgem pensamentos embrionários sobre a organização política

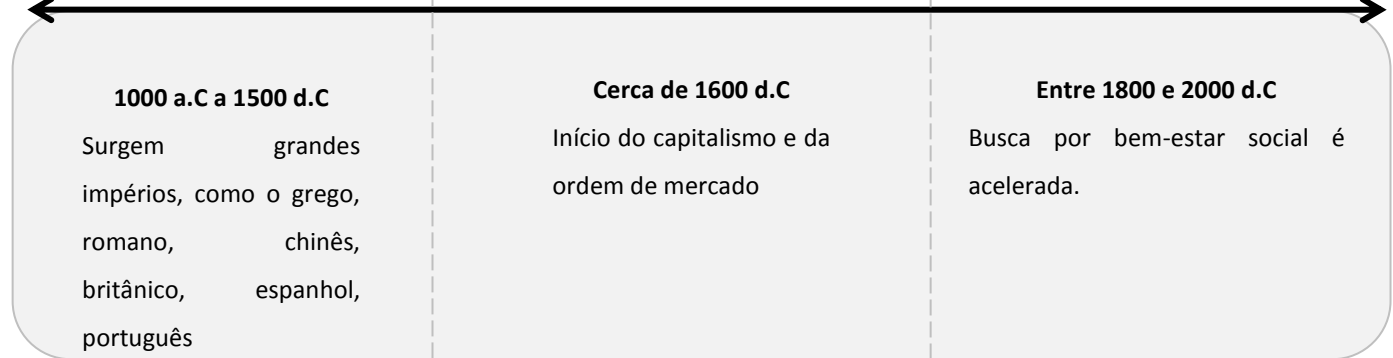
Ausência de pensamento amplo e sistemático sobre a economia



Pensamento político evolui junto com o surgimento de impérios

Surge a figura do economista ou filósofo da economia para explicar o capitalismo

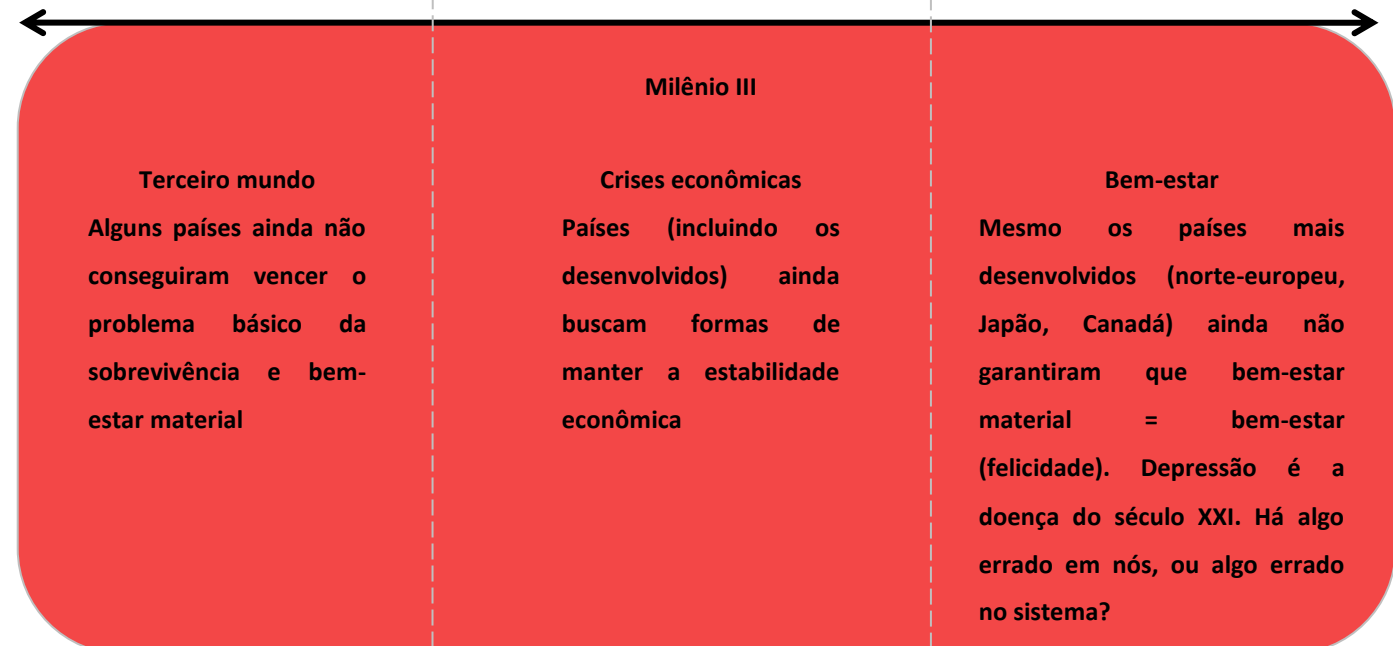
Desenvolvimento econômico e bem-estar tornam-se objetivos predominantes



Pensamentos sobre Desenvolvimento econômico

Macroeconomia

Abordagens alternativas como Economia Espiritual



Estabilidade e ciclos econômicos

- ✓ Há um grande esforço na ciência econômica em desvendar em detalhes as causas e efeitos dos ciclos econômicos.
- ✓ Como visto nas aulas anteriores, política fiscal, monetária, cambial e os mais diversos instrumentos econômicos são estudados a fundo para que se possibilite um modelo econômico capaz de gerar crescimento com turbulências mais suaves.
- ✓ O acordo de Basileia III é um exemplo prático de aplicação de sofisticados estudos econômicos para garantir um sistema financeiro sólido e estável, que impeça o surgimento de grandes crises financeiras.
 - O acordo inclui níveis de capital mínimos para as Instituições Financeiras, precavendo-se de eventuais liquidações.
 - Inclui também colchões de capital contra-cíclicos, que as IFs devem acumular em momentos de bonança.

Finanças corporativas e investimentos

- ✓ A economia segue seus estudos tradicionais sobre produtividade, economia industrial, organização econômica, microeconomia.
- ✓ O estudo do mundo dos investimentos ganha cada vez mais espaço, também na tentativa de compreensão dos movimentos do mercado e construção de estratégias de investimentos bem sucedidas.

Desenvolvimento econômico

- ✓ Definição, segundo Bresser Pereira:
 - O desenvolvimento econômico é um fenômeno histórico que passa a ocorrer nos países ou Estados-nação que realizam sua revolução capitalista; é o processo de sistemática acumulação de capital e de incorporação do progresso técnico ao trabalho e ao capital que leva ao aumento sustentado da produtividade ou da renda por habitante e, em consequência, dos salários e dos padrões de consumo de uma determinada sociedade. Uma vez iniciado, o desenvolvimento econômico tende a ser relativamente automático ou autossustentado na medida em que no sistema capitalista os mecanismos de mercado envolvem incentivos para o continuado aumento do estoque de capital e de conhecimentos técnicos. Isto não significa, porém, que as taxas de desenvolvimento serão iguais para todos: pelo contrário, variarão substancialmente dependendo da capacidade das nações de utilizarem seus respectivos Estados para formular estratégias nacionais de desenvolvimento que lhes permitam serem bem sucedidas na competição global. No longo prazo, o desenvolvimento econômico dificilmente regride, porque a acumulação de capital e o

progresso técnico em uma economia tecnologicamente dinâmica e competitiva, como é a capitalista, passam a ser uma condição de sobrevivência das empresas, mas as taxas de crescimento econômico são tão díspares que a sorte econômica dos Estados-nação está longe de estar assegurada, e a decadência relativa, como aquela que ocorreu em todo o século vinte na Argentina, ou que vem acontecendo no Brasil desde 1980, é sempre uma possibilidade.

- O capitalismo, por ser um sistema coordenado pelo mercado, baseia-se em competição global entre empresas e, conseqüentemente, países.
- O desenvolvimento econômico é em algum nível resultado do sucesso ou insucesso nessa competição global.
- Como o desenvolvimento econômico em parte é resultado de crescimento da produção, não haverá desenvolvimento econômico sólido se as taxas de crescimento de um país forem muito baixas em relação à média de outros países.
- Desenvolvimento econômico é também aumento do capital humano:
 - Educação.
 - Saúde.
 - Competência técnica.
 - Tecnologia.

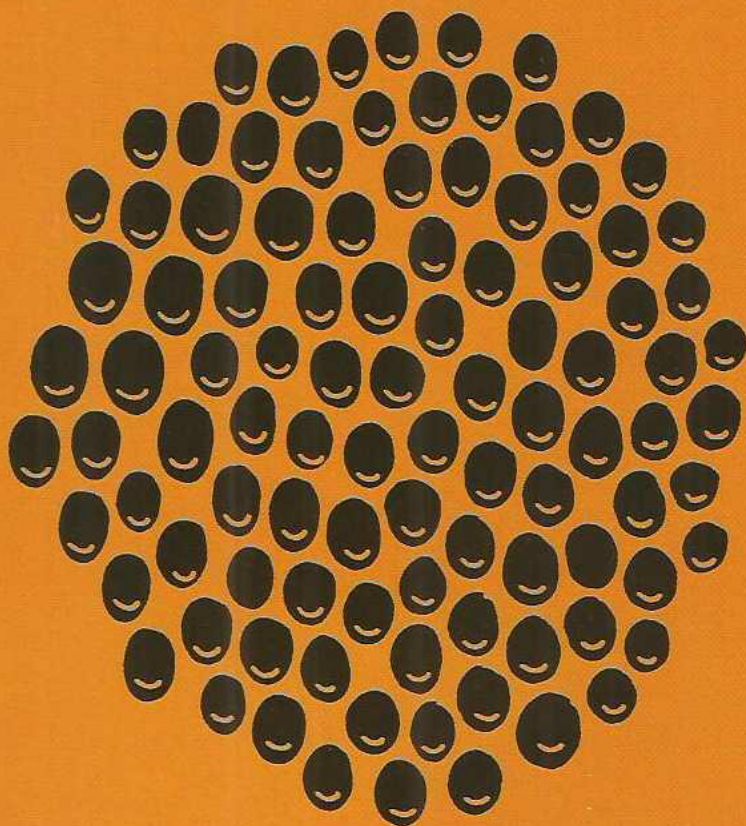
Felicidade interna bruta

- ✓ Ao longo do século XX, alguns ramos da ciência econômica se preocuparam em observar a relação entre riqueza material e felicidade.
- ✓ O economista Richard Easterlin foi um dos pioneiros nessa questão:
 - Conforme seu próprio relato:
 - Cada um de nós tem apenas uma quantia fixa de tempo para vida em família, atividades saudáveis e trabalho. Será que distribuimos nosso tempo da maneira que maximiza a nossa satisfação? A resposta, creio eu, é que não, por uma razão que já foi sugerida. Nós decidimos como usar nosso tempo baseados em uma "ilusão do dinheiro", a crença de que mais dinheiro nos fará mais felizes, deixando de prever que em se tratando de condições materiais, a norma interna em que nosso parâmetro de bem-estar se baseia depende não apenas da nossa renda, mas da renda de outros também. Por causa da ilusão de dinheiro, nós alocamos uma quantidade excessiva de tempo para objetivos monetários, e diminuímos os fins não pecuniários, como vida em família e saúde.
- ✓ Easterlin desenvolveu a tese de que o baby boom dos EUA pós segunda guerra mundial esteve ligado ao sentimento de bem estar da população em idade fértil.

- ✓ Posteriormente, desenvolveu o que ficou conhecido como a Hipótese de Easterlin, no qual demonstra que a relação entre felicidade e dinheiro existe até certo ponto, enquanto o dinheiro serve para necessidades mais básicas.
- ✓ Depois desse ponto, a relação entre dinheiro e felicidade se estabelece na comparação entre indivíduos, ou seja: sente-se mais feliz aquele que percebe ter uma renda maior que as pessoas de seu convívio (colegas, vizinhos, amigos).
 - Japão quintuplicou seu PIB per capita entre 1958 e 1987, mas não houve mudança significativa na sensação individual de bem-estar.
 - Crescimento material causa crescimento das ambições. Assim, o que muda é o parâmetro, mas o nível de satisfação permanece estável.
 - Easterlin aponta relações diretas entre (1) saúde e felicidade; (2) casamento e felicidade; (3) dissolução de casamento e infelicidade.

A META É MAXIMIZAR A FELICIDADE, NÃO A RENDA

A ECONOMIA DA FELICIDADE



EM CONTEXTO

FOCO

Sociedade e economia

PRINCIPAL PENSADOR

Richard Easterlin (1926-)

ANTES

1861 John Stuart Mill afirma que a ação moral é a que maximiza a felicidade total.

1932 Simon Kuznets publica a primeira contabilidade da renda nacional dos EUA baseado apenas em variáveis econômicas comuns.

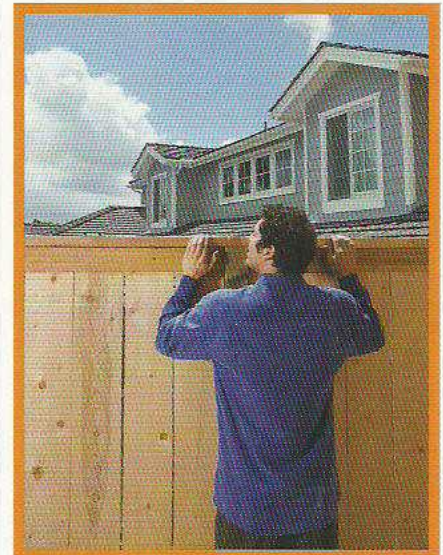
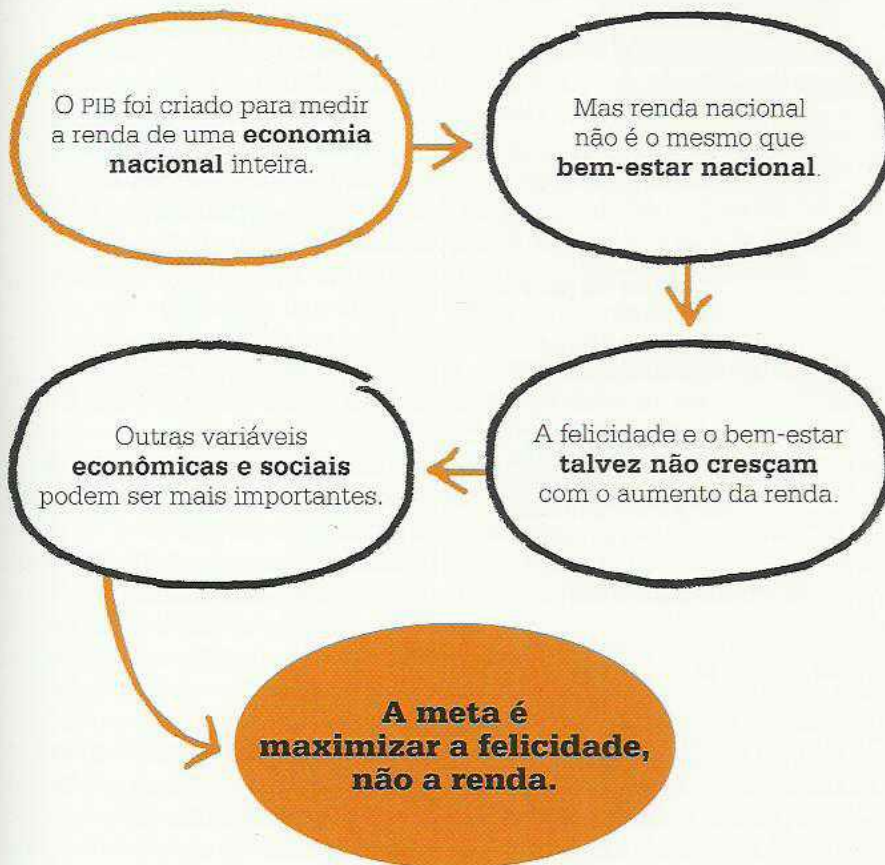
DEPOIS

1997 O economista britânico Andrew Oswald diz que falta de emprego é a razão principal da infelicidade.

2005 O economista britânico Richard Layard publica *Felicidade: lições de uma nova ciência*, reavaliando o debate sobre a relação entre felicidade e renda.

As primeiras contas nacionais modernas foram criadas nos EUA nos anos 1930 pelo economista russo-americano Simon Kuznets. Seu trabalho pioneiro levou depois à criação das contas nacionais no Reino Unido, na Alemanha e em outros países desenvolvidos. Essas contas abrangiam a soma de todas as transações da economia durante um ano para chegar ao resultado da renda nacional, que ficou conhecido como produto interno bruto (PIB). Economistas antigos, como o francês François Quesnay, haviam tentado obter medidas semelhantes, mas fracassaram devido ao tamanho aparente da tarefa. Ela só se tornou possível com avanços na estatística,

Veja também: O cálculo da riqueza 36-37 ■ Eficiência e justiça 130-31 ■ Consumo conspicuo 136 ■ Mercados e resultados sociais 210-13 ■ Economia comportamental 266-69 ■ Gênero e economia 310-11



Inveja é uma causa de infelicidade. O fato de seus vizinhos terem mais que você ou não pode ser um fator mais importante para o seu bem-estar do que quanto você tem.

primordial, usada para mostrar que o país ia bem. Muitos acreditaram, ainda que não se tenha comprovado, que mesmo onde o PIB não condizia com o bem-estar ambos se moviam na mesma direção.

Em 1974, o economista americano Richard Easterlin fez uma contestação direta ao conceito de PIB e renda nacional. Ele analisou pesquisas sobre felicidade em 19 países relativas às três décadas anteriores e afirmou que a ligação entre PIB e bem-estar não era tão forte quanto se pensava. Easterlin descobriu que a felicidade declarada aumentava com a renda, como era de esperar. Mas, para quem ganhava acima do nível de subsistência, a variação na felicidade em países diversos não se alterava muito, apesar das grandes diferenças na renda nacional. O povo dos países »

nas técnicas de pesquisa e nos estudos de toda a economia.

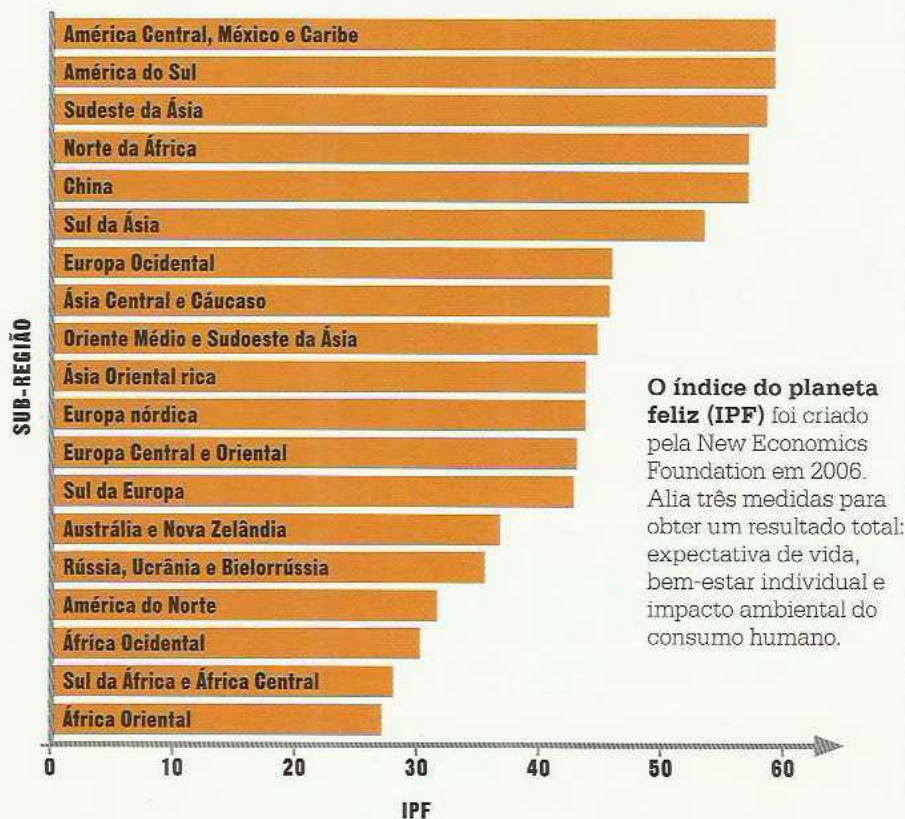
Cálculos demais

Desde sua primeira aparição, os números do PIB exerceram atração quase irresistível sobre políticos, jornalistas e economistas. De modo simples, pareciam mostrar um resumo de todos os fatos mais importantes da economia. Um PIB crescente significa mais empregos e salários mais altos, enquanto um PIB em queda implica desemprego e incerteza. Após a Segunda Guerra Mundial, os debates sobre política econômica logo se tornaram pouco mais que uma série de discussões sobre a melhor maneira de aumentar

o PIB. Buscaram-se outras políticas, mas todas tinham o mesmo objetivo.

Contudo, isso ignorou questões significativas. O PIB é apenas um número, e talvez não o mais importante. Não existe uma ligação obrigatória entre o PIB e o bem-estar social real, como assinalou o próprio Kuznets em palestra no Congresso dos EUA. Um PIB crescente pode ser distribuído muito desigualmente, de modo que poucas pessoas têm muito dinheiro, e muitas têm bem pouco. Outros fatores que fazem as pessoas felizes, como relações de família ou com amigos, simplesmente não estão registrados nessa escala. Entretanto, o PIB tornou-se a estatística econômica

218 A ECONOMIA DA FELICIDADE



ricos não era necessariamente o mais feliz.

Com o passar do tempo, o retrato pareceu ainda mais peculiar. Nos EUA houve aumentos contínuos e comparativamente rápidos do PIB no período desde 1946, mas o grau de felicidade declarada nas pesquisas não parecia acompanhá-los – na verdade, declinou nos anos 1960. Parece que o dinheiro realmente não comprava a felicidade.

Os resultados das pesquisas de Easterlin ficaram conhecidos como paradoxo de Easterlin. Eles desencadearam novas pesquisas sobre a relação entre economia e bem-estar, que haviam ficado dormentes desde o final do século

Um festival de primavera no Butão é comemorado com dança. Em 1972, o rei decretou que seu governo instituiria políticas que maximizassem a “felicidade interna bruta”.

XIX. Os pesquisadores tentaram avaliar como as decisões de indivíduos, empresas e governo impactam a sensação das pessoas sobre si mesmas e a sociedade.

Outra explicação veio com o conceito de “rotina hedonista”, proposto em 1971 pelos psicólogos americanos Phillip Brickman e Donald Campbell. Eles disseram que as pessoas se adaptam muito rápido a seus níveis correntes de bem-estar, mantendo-o apesar dos acontecimentos, bons ou ruins. Quando a renda aumenta, elas logo se adaptam ao novo nível de segurança material, encarando-o como normal e, portanto, sem ser mais felizes do que antes. Uma versão radical dessa teoria seria concluir que, além das rendas de subsistência, todo desenvolvimento econômico é em essência irrelevante para o bem-estar, pois a felicidade das pessoas é determinada por algo bem diferente, como caráter ou amizades.

Por outro lado, os pesquisadores expuseram a importância do status e das comparações com outras pessoas. Por exemplo, se ninguém tem carro em uma sociedade, não ter carro faz pouca diferença. Mas, assim que algumas pessoas compram carro, as que não têm um podem sentir isso como perda de status. “Igualar-se aos vizinhos”





Os assuntos econômicos só importam quando fazem as pessoas mais felizes.

Andrew Oswald
Economista britânico (1953-)



significa que, quando a economia cresce, a nova riqueza tem impacto positivo limitado sobre a felicidade declarada. Todos acabam numa corrida febril, tentando freneticamente ultrapassar os outros. Quanto mais desigual a sociedade, pior isso se torna.

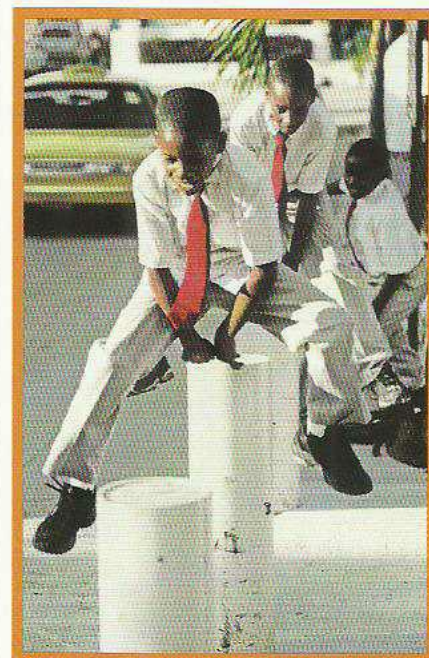
A contestação do paradoxo

À medida que cresceu o interesse pelo paradoxo de Easterlin nos anos 2000, ele começou a ser contestado. Com dados de um grupo maior de países, os economistas americanos Betsey Stevenson e Justin Wolfers

afirmaram em 2008 que a felicidade aumenta com a renda em países diferentes e que um salário crescente também provoca bem-estar maior.

Em geral, os pesquisadores descobriram que, se renda mais alta não se traduz facilmente em um grau maior de felicidade, perder renda tem um efeito bastante negativo no bem-estar. Sobretudo demissão e desemprego afetam duramente o bem-estar, assim como doença grave e novas deficiências.

Em outras palavras, existe uma relação entre PIB e renda nacional, mas não é simples. À medida que dados melhores ficaram disponíveis, a noção de felicidade e bem-estar como metas passíveis de política governamental ganhou adeptos. Por sua vez, isso causou a lenta remoção do PIB como variável econômica crítica de interesse. O argumento é simples: se as variáveis econômicas amplamente divulgadas não captam aspectos importantes da vida econômica e social, basear-se nelas implicaria políticas ruins. Se as políticas se baseassem em “indicadores de felicidade” e não só no PIB, novas prioridades surgiriam. Entre elas poderiam estar medidas



O povo das Bahamas teve pontuação bem alta em satisfação com o índice de vida, concebido pelo psicólogo britânico Adrian White para medir as sensações de bem-estar.

para estimular um equilíbrio melhor entre vida pessoal e trabalho. O desemprego poderia ser considerado mais custoso e se poderiam tomar medidas mais fortes para reduzi-lo. Já estão em uso indicadores mais amplos de bem-estar, especialmente em debates sobre países em desenvolvimento: por exemplo, o índice de desenvolvimento humano (IDH) associa renda à expectativa de vida e educação. Já se disse que a atenção concentrada no crescimento do PIB ajudou a ocultar os problemas criados pelo crescimento das dívidas antes da crise financeira de 2008. Se existissem indicadores mais amplos, mais sintonizados com a percepção do bem-estar e mais próximos dos interesses reais das pessoas, o indicador de um PIB crescente não teria sido motivo para comemoração. ■

Medindo a felicidade

Em 2007, o presidente francês Nicolas Sarkozy pediu aos economistas Joseph Stiglitz, Amartya Sen e Jean-Paul Fitoussi que investigassem uma medida do progresso social e econômico e vissem como adotar medidas mais amplas de bem-estar. O relatório deles, publicado em 2009, diz que é necessário mudar o foco das políticas econômicas de medidas de produção econômica (como o PIB) para medidas de bem-estar e

sustentabilidade. O relatório destacou em particular o fato de que o hiato entre os indicadores econômicos comuns e o bem-estar divulgado parece estar aumentando.

Segundo eles, um sistema alternativo de mensuração deveria, obrigatoriamente, usar uma série diferente de indicadores, como saúde e impacto ambiental dos estilos de vida, em vez de tentar resumir tudo a um simples número.

Exemplo de abordagem alternativa – Economia espiritual dos Vedas

- ✓ Teoria desenvolvida por Dhanesvara Das.
- ✓ Afinal qual é o problema econômico?
 - Desperdício de gasto público?
 - Oligopólio de bancos?
 - Improdutividade?
 - Escassez de recursos?
- ✓ Veja que sempre pensamos em economia como algo material: problemas que tem causa material (recursos ou dinheiro mal administrado) e que devem ser resolvidos materialmente (melhor administrar os recursos, ou dinheiro).
- ✓ A economia é um sistema de pensamento criado pelo homem. Ela existe a partir da existência prévia da consciência, observação e teorização. Essa ciência econômica trabalha em sua análise com todos os problemas humanos.
 - Ganância.
 - Corrupção.
 - Individualismo.
 - Materialismo.
- ✓ O método atual de “economia = dinheiro” é somente um entre tantos possíveis.
- ✓ A economia espiritual defende que a felicidade ou bem-estar humano não é possível somente com pleno conforto material.
- ✓ Esse seria justamente o problema da economia tradicional, pois mesmo depois de contornarmos o problema da sobrevivência, seguimos tratando a vida humana como uma dimensão unicamente material (ter mais bens, ter acesso a luxo, etc).
- ✓ Perceber nossa dimensão espiritual significará transformar o histórico comportamento econômico:
 - Transformaremos uma economia baseada em ter, receber e conquistar bens materiais como alimentos, carros e apartamentos...
 - em uma economia baseada em dar, proporcionar, trocar bens não materiais, como afeto, compaixão e atenção.
- ✓ Defende-se, inclusive, que os problemas tradicionais de articulação econômica, como crises financeiras e distribuição de renda ficarão mais facilmente contornáveis quando percebermos nossa mais importante dimensão: a espiritual.

Entrevista com Amit Goswami

Revista Planeta, Dezembro de 2007, por Inês Castilho

Goswami nasceu na Índia, filho de um guru hinduísta, e em 1964 doutorou-se em física nuclear pela Universidade de Calcutá. Mudou-se então para os Estados Unidos, onde trabalhou como pesquisador e professor titular de física quântica no Instituto de Física Teórica na Universidade do Oregon, durante 32 anos. Ele conta que foi materialista dos 14 aos 45 anos de idade, quando uma crise levou-o à meditação, e ele

começou a tentar conciliar a ciência ocidental com a noção oriental de consciência.

Aposentado da universidade, Goswami dedica-se a dar palestras e vem regularmente ao Brasil desde 1996, a convite da Universidade da Paz (Unipaz), de Brasília. Desta vez, ele falaria sobre economia espiritual. Economia espiritual? Uma porção de perguntas se sucedeu na minha mente. Por que um físico decide trabalhar com economia? Será possível controlar a voracidade humana por dinheiro e poder? Em entrevista em São Paulo, Goswami respondeu a essas e outras perguntas.

O que significa economia espiritual?

A teoria clássica do capitalismo só considera a dimensão física da realidade, e prevê um capitalismo sempre em expansão - o que não é sustentável. O problema é que não somos apenas matéria. Somos também o que sentimos, o que pensamos, e ainda os arquétipos de amor, beleza, justiça, existentes no nível sutil do nosso ser. O economista Adam Smith, criador do capitalismo moderno, ignorou essas coisas, pois não eram mensuráveis. É por conta dessa falha que temos esses ciclos de recessão e expansão econômica, que não podemos sustentar.

Quando introduzimos na equação econômica o nível sutil da pessoa humana - as energias vitais, o processamento de significados mentais e o nível supramental, no qual estão os valores arquetípicos -, percebemos que ela se fecha. Nos tempos de recessão, podemos investir mais no setor sutil da economia, e quando ela acaba voltamos ao consumo de bens materiais.

O desejo de consumir será menor, pois se estamos bem equilibrados na dimensão sutil, se sentimos amor, precisamos menos de bens materiais. A demanda não será tão alta, o que torna possível poupar os recursos ambientais. Estou propondo que as empresas produzam energias sutis ativamente, de forma orquestrada. Isso trará uma grande transformação no modo como os negócios são feitos.

As empresas teriam, então, uma produtividade não-material?

O conceito de produtividade não-material é a base da economia espiritual. Já produzimos aspectos não-materiais de nós mesmos - por exemplo, uma peça de teatro é um empreendimento que produz significado. Quando assistimos a uma peça de Shakespeare, ganhamos insight sobre nós mesmos. Ela nos dá significado, nos lembra de quem somos. Mas até agora só olhamos para uma companhia de teatro pelo que ela produz em dinheiro, e não como um negócio que produz significado. E apenas por isso consideramos esse tipo de negócio como não muito lucrativo.

O que estou sugerindo é: em vez de concentrar-se apenas na produção material, os negócios devem considerar a produção ativa de energias sutis nos domínios vital, mental e até mesmo supramental. E que prestem contas disso, fazendo com que seus balanços reflitam a produção do setor material e a produção no setor sutil. Assim como, hoje, o meio ambiente é considerado um ativo econômico, proponho que amor, gentileza, bem-estar e criatividade sejam também considerados bens de uma nova economia.

Como fazer com que isso valha no ambiente de trabalho do dia-a-dia?

Algumas empresas já reconhecem que as pessoas ficam mais criativas quando têm mais tempo de lazer. É importante que elas reconheçam a necessidade desse tempo, um tempo para ser, e proporcionem o ócio criativo a seus empregados. Gosto de usar o conceito de ócio criativo.

A criatividade dos seus empregados aumentará, assim como a produção de energias sutis. No ócio

criativo, nos tornamos menos separados, menos fragmentados e, nesse estado de consciência una, nosso coração se abre, nossa capacidade de expressão aumenta, geramos energia positiva.

O significado mental pode ser medido falando com as pessoas e observando seu comportamento. No início, será preciso que alguém de fora faça isso, pois as pessoas podem fingir, por medo. Mas, uma vez que a cultura mude, esse fingimento acaba.

Economia solidária, consumo consciente, comércio justo são sinais de uma economia espiritual nascente? E o que o senhor acha do Nobel da Paz concedido em 2006 a Mohammad Yunus pelo Banco do Povo, em Bangladesh, que durante 30 anos vem oferecendo microcrédito particularmente às mulheres?

Essa microeconomia está fazendo milagres em pequenas vilas de Bangladesh, e se encaixa perfeitamente no que estou tentando dizer. Basta investir um pouquinho de dinheiro para dar segurança e dignidade à pessoa. O que dá dignidade não é o aquecimento central ou o automóvel, mas a possibilidade de ganhar o suficiente para permitir o processamento dos aspectos superiores do ser - significado, sentimento, arquétipos.

A falta de segurança básica é o que leva as pessoas ao desespero, assim como nos desesperamos quando o corpo físico fica doente. O corpo físico é importante, e a medicina alopática pode curá-lo. Mas depois precisamos curar os níveis superiores, e isso a medicina alopática não pode fazer. O mesmo vale para a economia e as pessoas que vivem nessa economia.

O senhor acha que o ser humano pode controlar a cobiça por dinheiro e poder? Como essas idéias podem florescer?

A escravidão às emoções negativas só pode acabar se adotarmos práticas espirituais, como a meditação, a ioga, a oração. Os mestres espirituais vêm nos dizendo isso há tempos, mas não as praticamos - essa é a armadilha. Sugiro que nos aproximemos de pessoas sábias e cheias de vitalidade. Por causa da não-localidade e da interconectividade das nossas consciências (características que permitem à consciência agir a distância e ligar-se a tudo, respectivamente - N. da R.), já comprovadas pela física quântica, a proximidade dessas pessoas nos dará energia positiva, automaticamente.

Essa é uma forma maravilhosa de equilibrar as energias negativas geradas pelos nossos circuitos cerebrais. Outra coisa é nos mantermos longe de estímulos negativos, como filmes e programas de tevê violentos. A combinação entre manter-se longe de estímulos violentos e aproximar-se de energias positivas - que podemos captar também na natureza - vai nos ajudar.

O que levou o senhor, um físico, a estudar economia?

Houve uma progressão no meu trabalho. Primeiro, desenvolvi a solução do paradoxo da medição quântica, o que me levou à psicologia. Então, me interessei pelo estudo da criatividade, que considero física quântica aplicada à mente. Depois, minha atenção se dirigiu à busca de uma explicação sobre a reencarnação e o que acontece depois da morte. Então, me interessei pela cura física, e mostrei que podemos construir uma medicina muito mais integral se incluirmos no modelo terapêutico os corpos sutis e o conceito de causalidade descendente.

Faltava aplicar o novo paradigma a ciências mais "duras", como a biologia, e me debrucei num livro sobre evolução biológica, que será lançado em um ou dois anos. A evolução biológica começa a ser entendida

agora de modo análogo à evolução da consciência - ambas acontecem em saltos quânticos - e isso explica as falhas na evolução dos fósseis que o darwinismo não consegue explicar. Só depois disso decidi aplicar a nova ciência às ciências sociais. Minha atenção se voltou ao capitalismo porque nele a abordagem da economia é mais científica.

A ciência está passando por uma mudança radical de paradigma. Em vez de pensar na matéria como base da existência, sabemos atualmente que a base de tudo é a consciência - e é isso que leva à causação descendente. Quando introduzimos essa ciência no ambiente econômico, surge uma nova economia que podemos chamar de economia espiritual. Ela contribui muito mais para o bem-estar espiritual dos empregados, o que afeta inclusive o produto e, portanto, o cliente. Prevejo um papel mais importante para a espiritualidade no mundo dos negócios, no futuro.

A filosofia da causação

Na teoria de sistemas, cunhou-se a expressão "causação ascendente" em referência a fenômenos nos quais, num sistema qualquer, um nível mais baixo produz certos eventos em um nível mais alto. Exemplo: quebre sua perna e esse fato provavelmente acarretará efeitos emocionais e psicológicos. O inverso - "causação descendente" - é quando um nível mais elevado tem um efeito causal ou influencia um nível mais baixo. Exemplo: a somatização de doenças - quando, através dos pensamentos e das emoções, nossa mente influencia o corpo físico e pode provocar a doença ou a cura.

No campo da medicina, a tendência mais atual é considerar que a maior parte das doenças não se origina de um simples nível isolado. Como diz o cientista e filósofo contemporâneo Ken Wilber em seu livro *A Doença e a Cura*, "o que quer que aconteça em um nível ou dimensão do ser afeta todos os outros níveis em maior ou menor grau. A composição emocional, mental e espiritual de uma pessoa com certeza pode influenciar na doença física e na sua cura, do mesmo modo que a doença física pode repercutir fortemente nos níveis superiores. A pergunta, então, é: quanta causação descendente nossa mente - nossos pensamentos e emoções - tem na doença física? A resposta parece ser muito mais do que se pensava anteriormente, mas muito menos do que os adeptos da New Age acreditam."

Economia budista

- ✓ Refere-se a uma filosofia já existente em sociedades budistas.
- ✓ Descrita pelo economista E.F. Schumacher, que trabalhou como consultor do governo de Myanmar.
- ✓ O budismo tem como um de seus motes um vida equilibrada, exemplificada como o caminho do meio, que equilibra o material e o espiritual.
- ✓ O trabalho, no budismo, tem como função mais do que a simples produção de quantidades.
- ✓ É uma chance para que o trabalhador:
 - desenvolva suas habilidades humanas;
 - que aprenda a desapegar-se de seu egoísmo pelo convívio com colegas e metas conjuntas;
 - beneficiar a sociedade produzindo bens e serviços úteis.






- ✓ A própria mecanização, ocorre em dois tipos diferentes:
 - A que potencializa o homem.
 - A que escraviza o homem.

Doutrina social da Igreja

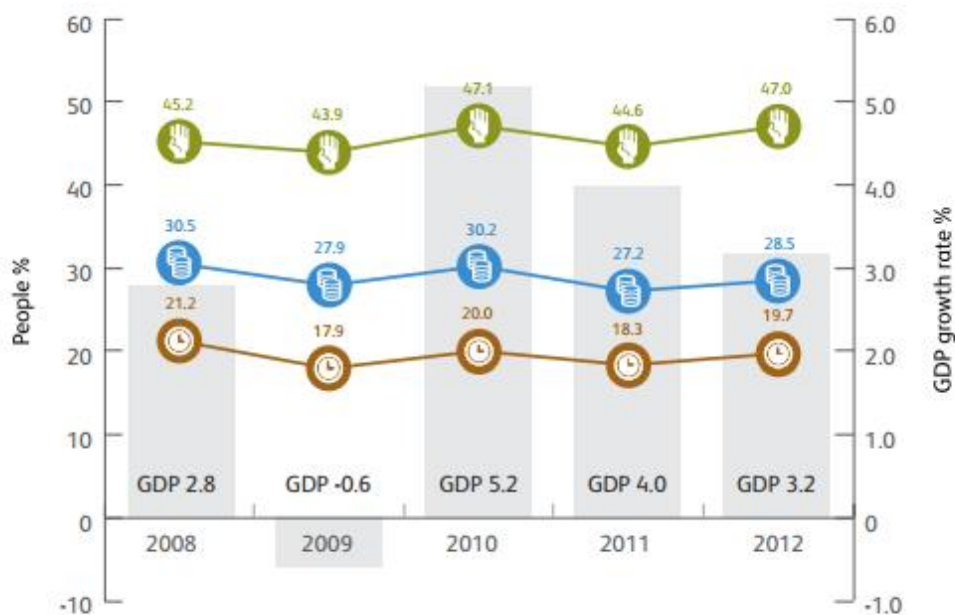
- ✓ A forma de conduzir a vida material, tanto pessoalmente quanto politicamente, também é abordada na Doutrina Social da Igreja.
- ✓ A Igreja Católica historicamente descreve diretrizes que considera adequadas para a organização política e econômica, sem a participação direta da Igreja na política.
- ✓ Em termos gerais, propõe-se um planejamento político, econômico e social responsável e harmonioso, consciente de seus deveres humanos e baseado em compaixão e caridade.
- ✓ O homem é co-criador por sua capacidade de administrar e utilizar os recursos existentes, mas esses devem ser colocados a serviço dos demais.

Caridade em números

Ranking de países em caridade

	 World Giving Index ranking	 World Giving Index score (%)	 Helping a stranger score (%)	 Donating money score (%)	 Volunteering time score (%)
United States of America	1	61	77	62	45
Canada	2	58	64	68	42
Myanmar	2	58	46	85	43
New Zealand	2	58	67	67	40
Ireland	5	57	64	70	37
United Kingdom	6	57	65	76	29
Australia	7	55	64	67	34
Netherlands	8	54	57	69	37
Qatar	9	51	73	60	19
Sri Lanka	10	48	54	45	46
Norway	11	48	53	56	35
Malta	12	47	46	72	24
Switzerland	12	47	54	56	32
State of Libya	14	46	72	29	37
Austria	15	45	56	52	28
Philippines	16	45	60	31	43
Hong Kong	17	44	55	63	15
Iceland	17	44	45	63	25
Indonesia	17	44	40	63	30
Nigeria	20	44	66	30	36

Variações dos índices de caridade



Em azul = doar dinheiro
Em verde = ajudar um estranho
Em marrom = voluntariado

Leitura:

- ✓ Em 2012 o crescimento do PIB (GDP) caiu de 4% para 3,2%.
- ✓ Pessoas que ajudam estranhos sumiu de 44,6% para 47%.
- ✓ Pessoas doando dinheiro subiu de 27,2% para 28,5%.
- ✓ Pessoas voluntariando subiu de 18,3% para 19,7%

Com foco empresarial, grupo de bilionários redefine a filantropia nos EUA

Matéria, O Globo, 15/01/2011, por Fernanda Godoy

A filantropia, uma instituição tão antiga e importante nos Estados Unidos como o próprio país, está se salvando da crise econômica com doações de bilionários e com a inovação trazida por uma nova geração ligada à tecnologia da informação. Quando Mark Zuckerberg tornou-se, no fim do ano passado, o 57º empresário a integrar o Giving Pledge - o grupo de bilionários liderado por Bill Gates e Warren Buffett que se compromete a doar metade de sua fortuna para causas nobres - a renovação ganhou uma cara.

No novo mundo da filantropia, a palavra doação é substituída por investimento; o talento para os negócios e as ferramentas tecnológicas são usados para maximizar os efeitos desse investimento. Bradford Smith, presidente do Foundation Center, que congrega 550 fundações e é a mais importante fonte de informações do setor, diz que a entrada de uma geração de empreendedores, e o uso cada vez mais disseminado de instrumentos de mapeamento, de aferição de impacto, e ferramentas interativas estão modificando o panorama da filantropia.

- Hoje há uma ênfase muito grande em avaliação de impacto, existem maneiras mais eficientes para estudar quem está dando dinheiro para que e onde. E o exemplo de pessoas como Bill Gates e Warren Buffett é muito importante, eles usam seu carisma para motivar outros bilionários a doarem - diz Smith.

Tal análise é corroborada por Doug White, diretor acadêmico do Heyman Center, instituição de estudos de filantropia da New York University (NYU).

- O mundo da filantropia está mudando rapidamente com a tecnologia, com a chegada de uma nova geração, de pessoas jovens que querem ver resultados mais rapidamente, e com a influência dos grandes doadores.

O casal Bill e Melinda Gates já doou US\$ 28 bilhões. No grupo inicial do Giving Pledge estavam também o prefeito de Nova York, Michael Bloomberg, e o cineasta George Lucas. No mundo das celebridades, a caridade está em alta. A apresentadora de TV Oprah Winfrey, que acaba de lançar seu canal de TV a cabo, OWN, distribuiu US\$ 40 milhões em 2010.

Nem todas as novas caras estarão no Giving Pledge, que tem a meta de convencer as 400 maiores fortunas dos EUA a assumirem esse compromisso moral, que resultaria em US\$ 600 bilhões direcionados à filantropia. Muitas vezes, o que conta é a criatividade. Entre as iniciativas mais interessantes, destaca-se o

Jumo, uma rede social para causas do bem (sociais, ambientais, de direitos humanos), lançada em novembro por Chris Hughes, de 26 anos, cofundador do Facebook.

A plataforma, para a qual o usuário utiliza sua senha de acesso do Facebook, é um espaço online que conecta quem quer doar com um mundo de organizações não-governamentais. Hughes foi o diretor de comunicação para mídias sociais da campanha presidencial de Barack Obama, em 2008, fator estratégico na vitória do democrata.

- Fiquei pensando em como usar os talentos que eu tinha desenvolvido para mudanças sociais. Um modelo seria trabalhar numa organização; outro seria abrir uma firma de consultoria para ajudar o máximo de instituições. Mas não faria sentido ajudar algumas centenas, quando há milhões de ONGs pelo mundo afora que podem ser ajudadas. Jumo é uma plataforma que pode ajudar milhares ou até dezenas de milhares de instituições.

Assim como Zuckerberg e Hughes, toda uma geração da área de tecnologia da informação está mergulhando na filantropia, e ressuscitando na Califórnia a tradição dos giving circles (círculos da doação), que tiveram uma explosão de crescimento nos últimos dez anos. São grupos com grande participação de jovens adultos que se reúnem não apenas para assinar cheques de doação, mas para buscar soluções inovadoras para problemas como educação e habitação, e treinar uma nova geração de líderes comunitários.

Nessa filantropia engajada, que se autodefine como hands-on (mão na massa), o importante é sentir que se está fazendo a diferença para a comunidade. Pesquisas mostram que o motivo número um citado pelos participantes é "encontrar um novo sentido para a vida".

SIMULADO G2

1) ~~Considere as seguintes sentenças sobre o surgimento do capitalismo segundo Heilbroner e as características do sistema capitalista segundo Hobsbawm.~~

- ~~I — Heilbroner fala sobre o crescimento da produção material, a qual segundo Hobsbawm tem a característica de, no sistema capitalista, ser orientada para o mercado.~~
- ~~II — A descentralização do poder narrada por Heilbroner remete ao fortalecimento dos Estados Nacionais, ou seja, países cada vez mais fragmentados em “Estados”, grandes feudos.~~
- ~~III — A própria produção de mercadorias orientada para o mercado, uma característica capitalista apontada por Hobsbawm, possui relação direta com a busca pelo lucro, algo gradualmente liberado pela mudança de espírito religioso narrada por Heilbroner.~~

Estão corretas as sentenças:

- ~~a) I.~~
~~b) II.~~
~~c) III.~~
~~d) I e II.~~
~~e) I e III.~~

2) Sobre a teoria das vantagens comparativas de David Ricardo, um marco teórico da economia e uma comprovação irrefutável de que o comércio internacional pode em muitos casos ser benéfico às economias nacionais, considere as seguintes sentenças:

- I - Vantagem absoluta ocorre quando um país é mais produtivo que outro na produção de um bem.
- II - Vantagem comparativa ocorre quando o país X não é mais produtivo que o país Y na produção de um bem, mas pelo fato do país Y ser ainda mais produtivo em outro bem, o país X pode se especializar mesmo no produto em que possui produtividade menor que o país Y.
- III - O comércio internacional não é mutuamente benéfico quando um país é mais produtivo que outro em todos os produtos, situação na qual ele deve produzir todos os bens de que necessita.
- IV - Embora consistente ao observar os benefícios de curto prazo do comércio, a teoria possui fragilidades, como a dependência de longo prazo criada em países produtores de bens primários.

Estão corretas as sentenças:

- a) I, II e IV.
b) II, III e IV.
c) I, II e III.
d) III e IV.
e) Todas.

3) Assinale a alternativa que contém elemento (s) da análise econômica de Karl Marx:

- a) O fetichismo da mercadoria explana, entre outros pontos, como as relações de trabalho entre indivíduos se estabelecem como uma relação entre objetos e não como uma relação social (entre pessoas).
- B) Uma característica necessária para que se forme o sistema capitalista é um grau de especialização suficiente para que o produtor se envolva somente na produção de determinado produto, sem se preocupar com a produção de outros necessários a sua subsistência;
- C) Foi o capitalismo e condições históricas que produziram a divisão entre proprietários e homens desprovidos de bens, e não a natureza.
- D) A acumulação primitiva, ou tomada dos meios de produção por uma elite produtiva, foi um movimento político e social que inicialmente prejudicou a população rural expulsa das terras comuns.
- E) Todas as alternativas estão corretas.

4) Sobre a relação de valores e trabalho apontada por Karl Marx é correto afirmar:

- a) O valor de troca expresso em unidades monetárias é uma característica própria do sistema capitalista.
- b) O trabalho útil é o que gera o valor de uso, ou utilidade.
- c) O trabalho abstrato é o que gera valor de troca
- d) O uso universal do dinheiro como instrumento para mensurar o valor de mercadorias e trocá-las com base nesse valor diferencia uma economia monetária de uma economia de trocas por escambo.
- e) Todas alternativas estão corretas.

5) Sobre crescimento e desenvolvimento econômico é correto afirmar:

- A) O modelo endógeno defende que a tecnologia e conhecimento têm o efeito de multiplicar a produtividade, possibilitando crescimento do PIB per capita, desde que não haja aumento expressivo dos investimentos.
- B) O modelo malthusiano demonstra a situação histórica de crescimento acelerado do PIB per capita com baixo desenvolvimento econômico.
- C) O modelo exógeno descreve os investimentos como elemento fundamental para o crescimento do PIB per capita.
- D) Segundo o modelo exógeno, para que o PIB per capita se mantenha no mínimo inalterado, é necessário que os investimentos sejam bem superiores ao crescimento populacional e que reponham o capital (máquinas, estrutura) depreciado.
- E) Todas alternativas estão incorretas.

6) Considere as seguintes afirmativas a respeito dos fisiocratas:

- I. Os fisiocratas postulavam a necessidade de regras econômicas que seguissem a lei natural, algo que pode-se ligar a ainda forte influência religiosa da época.
- II. Os fisiocratas dividiam as classes sociais em proprietários de terra, agricultores e produtores de manufaturas.
- III. A baixa lucratividade industrial é um possível fator que induziu os fisiocratas ao erro de pressupor que a indústria era estéril.

Estão corretas as afirmativas:

- A) I.
- B) II e III.
- C) III.
- D) Todas estão corretas.
- E) Todas estão incorretas.

7) É correto afirmar sobre a Era do Capital:

- a) Foi um período que deu continuidade a uma fase de crescimento ininterrupta do século XIX, já iniciada com a revolução industrial de 1780.
- b) Representou um crescimento tímido se comparado à Revolução Industrial
- c) Teve como causa uma série de acontecimentos, entre eles capital barato e desenvolvimento do mercado bancário, aspectos que podem ser diretamente associados ao próprio nome “Era do Capital”.
- d) Não esteve associado a um período de liberalização do comércio.
- e) Foi um período de expansão econômico estritamente no mercado interno inglês.

8) É correto afirmar sobre os neoclássicos e a economia do bem-estar:

- a) O nome bem-estar pode ser derivado da crença de seus postulantes, que acreditavam que a livre interação das forças de oferta e demanda conduziria à melhor alocação de recursos possíveis numa economia.
- b) O economia do bem-estar considerava alguns pressupostos, entre eles a necessidade de um pequeno grupo de produtores dominando a economia, numa forma de oligopólio.

- c) Um dos pressupostos para que a economia atinja um ponto ótimo de alocação de recursos é que haja a barreira à entrada de empresas nos setores produtivos.
- d) Modernamente se apontam possíveis falhas apresentadas pelo livre mercado, entre elas as externalidades e a inexistência de bens públicos, os quais segundo alguns pensadores indicam a necessidade de intervenção estatal.
- e) Os neoclássicos abordam conceitos como a maximização de utilidade pelo consumidor e a maximização dos lucros pelo produtor, estando o primeiro sujeito à lei dos rendimentos decrescentes e o segundo à lei da utilidade marginal decrescente.

9) Sobre a evolução histórica do PIB per capita pelo mundo é correto afirmar:

- A) Permanece estagnado nas regiões com pequeno crescimento populacional.
- B) O investimento em capital humano se revelou historicamente o grande propulsor do aumento do PIB per capita, juntamente com a aceleração do ritmo de crescimento populacional.
- C) Houve uma mudança comportamental das famílias após o século XVIII que permitiu o aumento da produtividade humana, algo diretamente conectado à preocupação pessoal com qualidade de vida e redução do ritmo de crescimento populacional.
- D) O aumento do PIB per capita ocorreu exclusivamente em países com acelerado crescimento das taxas de natalidade.
- E) A mudança comportamental das famílias após o século XVIII pode ser vista como tendo raízes macroeconômicas, no sentido de que foi sempre o governo que ditou os investimentos em capital humano e taxas de natalidade.

10) Relacione os economistas abaixo com suas principais idéias ou contribuições para a ciência:

(a) Revelou um novo aspecto que revolucionou a maneira de analisar o impacto econômico de políticas monetárias.	(1) Milton Friedman
(b) Definiu o capitalismo como um processo de constante renovação.	(2) Robert Lucas
(c) Keynesiano, marcou um novo tipo de economista, o acadêmico; mas suas pesquisas, de cunho matemático, o fazem pertencer a um estilo antigo, o dos generalistas.	(3) Paul Samuelson
(d) Além de sua notória contribuição para o campo da política monetária, abordou também a íntima conexão entre liberdade individual e econômica.	(4) Joseph Schumpeter
(e) Dissertou sobre a incapacidade dos sistemas de coletivismo superarem a eficiência econômica do capitalismo.	(5) Friederich Hayek
(f) Dissertou sobre a importância das instituições, entre elas as grandes corporações, na determinação do modo de vida moderno.	(6) Kenneth Galbraith

- A) d, a, c, b, e, f.
- B) d, e, a, f, b, c.
- C) d, e, f, a, b, c.
- D) b, a, d, f, e, c.
- E) a, e, f, d, c, b.

11) Considere as seguintes sentenças sobre a Grande Depressão, conforme analisado em sala de aula e respectiva bibliografia:

I - As causas da Grande Depressão são discutidas até hoje, havendo um consenso entre teóricos de que o descompasso entre economia mundial e o EUA, estando o segundo num ritmo mais lento, teria contribuído para a quebra da bolsa de New York em 1929.

II - A grande depressão ocorreu após a superação da Inglaterra pelos EUA, da primeira guerra mundial e de uma recuperação econômica em nível mundial, tendo esta última ocorrido de forma bem nivelada entre países, sobretudo EUA e Europa.

III - O isolamento da União Soviética e sua invulnerabilidade durante a crise lançaram a certeza de que os fortes mecanismos de seguridade social aplicados nos EUA desde o início do século eram falíveis.

IV - Embora a crise tenha se propagado fortemente no setor bancário e financeiro, o setor produtivo também sofreu duramente com a redução do nível de produção e emprego.

Estão corretas as sentenças:

- A) I, III e IV.
- B) II, III e IV.
- C) II e III.
- D) IV.
- E) III.

12) Considere as seguintes afirmativas sobre a teoria econômica de Keynes:

- i. Tanto a disposição dos empresários em produzir (curva de oferta) quanto a disposição dos agentes em demandar (curva de demanda) estão relacionadas com a renda agregada da economia.
- ii. Uma propensão marginal igual a 1, dado seu baixo valor, pode representar um cenário de desemprego constante.
- iii. A teoria keynesiana obteve enorme sucesso acadêmico e político, tendo o tema da grande depressão propulsado sua aceitação.

- A) I.
- B) II.
- C) III.
- D) I e III.
- E) Todas estão incorretas.

13) Considere as seguintes afirmativas sobre a economia clássica e seu receituário:

- I) A teoria da produção e emprego nos termos clássicos define que, em situação normal de competição e flexibilidade de preços e fatores, haverá eficiência na alocação de recursos e pleno emprego, sendo o desemprego observado meramente voluntário.
- II) A eficiência do mercado, segundo clássicos como Adam Smith, não elimina a necessidade de ação ou supervisão do governo, apenas a detém em setores de vital importância em que a iniciativa privada não deseja atuar.
- III) A lei de Say, de acordo com a famosa definição de que a oferta cria sua própria demanda, define as crises de superprodução como não factíveis no sistema capitalista.

- A) I.
- B) II.
- C) III.
- D) Todas estão corretas.
- E) Todas estão incorretas.

14) Sobre as vertentes keynesiana e neo-keynesiana, de acordo com a aula e bibliografia respectivas, é INCORRETO afirmar:

- A) Keynes contesta os princípios da Lei de Say e da neutralidade da moeda, demonstrando a capacidade das políticas econômicas agirem sobre o nível de emprego.
- B) Keynes contesta os princípios da Lei de Say e da neutralidade da moeda, defendendo, entre outras situações, que a expansão na oferta de moeda pode aumentar o nível de emprego via redução dos juros e diminuição da lucratividade esperada.
- C) Os neo-keynesianos ressuscitam a não-neutralidade da moeda, demonstrando que, devido à rigidez de preços no curto prazo, variáveis reais como renda e emprego podem ser afetadas por políticas monetárias.

- D) Entre o receituário neo-keynesiano está a defesa de medidas para reduzir o tempo de desemprego friccional, garantir a rigidez de preços e melhorar o nível de informação e negociação entre fatores no mercado de trabalho.
- E) Os neo-keynesianos apontam a incidência constante de choques de demanda e oferta na economia, normalmente agravados pela rigidez de preços.

15) Sobre as vertentes monetaristas e novo-clássicos, de acordo com a aula e bibliografia respectivas, é correto afirmar:

- A) Os monetaristas contestam o menosprezo de Keynes em relação à capacidade das políticas monetárias.
- B) Tanto monetaristas quanto novo clássicos, embora com visões distintas sobre os efeitos da expansão ou retração monetária na economia, concordam em receitar uma política que vise à estabilidade de preços no longo prazo.
- C) Os monetaristas colocam em seu receituário o aumento da flexibilidade de preços, aumento do incentivo ao trabalho, redução de benefícios sociais, juntamente com uma política monetária expansiva que estimule o emprego.
- D) Os novo-clássicos rejeitam a inovação de Robert Lucas sobre as expectativas racionais.
- E) Os novo-clássicos concordam com um Banco Central independente objetivando o aumento constante do nível de emprego.

Gabarito

1) E

2) A

3) E

4) E

5) C

6) B

7) C

8) A

9) C

10) A

11) D

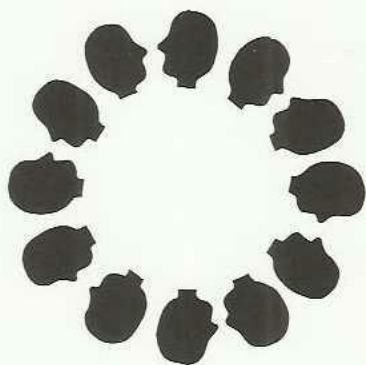
12) D

13) E

14) B

15) B

GUIA DE ECONOMISTAS



Este livro examina algumas das mais importantes ideias do pensamento econômico, dos primórdios à evolução da economia política e ao tema amplo que hoje conhecemos. Assim, aborda inevitavelmente as ideias e as conquistas de grandes economistas, como Adam Smith, John Maynard Keynes e Friedrich Hayek. Todavia, sem dúvida existem muitos outros economistas que deram contribuições importantes, em geral em mais de uma área de estudo, os quais merecem mais que uma menção passageira. Todos os pensadores enfocados nas páginas a seguir participaram da ascensão da economia a tema vital na sociedade industrial moderna, dando sentido à complexidade e ampliando nossa compreensão da atividade econômica no mundo atual.

JEAN-BAPTISTE COLBERT

1619-1683

Embora nascido em família de comerciantes de Rheims, França, Jean-Baptiste Colbert preferiu a carreira política ao comércio. Ascendeu e tornou-se ministro das Finanças de Luís XIV em 1665 e adotou medidas para dar um fim à corrupção política. Reformou o sistema fiscal, instituiu políticas para estimular a indústria francesa, incentivou o comércio exterior e melhorou a infraestrutura francesa.

Veja também: A carga tributária 64-65

PIERRE DE BOISGUILBERT

1646-1714

Aristocrata francês, Pierre Le Pesant, Sieur de Boisguilbert, seguiu a carreira de direito. Foi magistrado e juiz e em 1690 tornou-se *bailie* – representante do rei a cargo da administração e da justiça na cidade de Rouen, posto que deteve até morrer, em 1714. Ao ver o efeito do imposto na economia

local, opôs-se ao sistema tributário instituído por Colbert. Acredita que a produção e o comércio geravam riqueza e propôs uma reforma fiscal para fomentar um comércio livre.

Veja também: A carga tributária 64-65

YAMAGATA BANTO

1748-1821

Um dos mais respeitados eruditos de Osaka, Japão, Yamagata Banto era também um cambista. Ao lado de outros da Escola Kaitokudo de Osaka, ele adotou ideias ocidentais de racionalismo nas instituições japonesas, ajudando a terminar a sociedade feudal do país, que até então se baseara em ideias de Confúcio. *Yume no shiro* ("Em vez de sonhos"), livro de vários volumes de Banto, criticou o velho sistema, que para ele era dominado pela "era dos deuses", e propôs um enfoque racional e científico da estrutura social, política e econômica do Japão moderno, fundado na indústria e no comércio.

Veja também: Vantagem comparativa 80-85

HENRI DE SAINT-SIMON

1760-1825

Claude Henri de Rouvroy nasceu em família nobre em Paris, França, mas rejeitou o título de conde por defender uma forma de socialismo. Suas ideias tiveram influência da nova sociedade criada nos EUA após a Revolução Americana. Ele dizia que a pobreza podia ser erradicada com a cooperação e a inovação tecnológica e que o ensino acabaria com a ganância que fazia as pessoas buscar privilégios sociais e explorar as outras. Sua obra influenciou pensadores socialistas do século XIX, especialmente Karl Marx (p. 105).

Veja também: Economia Marxista 100-05

FRIEDRICH LIST

1789-1846

Friedrich List começou a carreira como servidor público em sua cidade natal de Reutlingen, Alemanha, e logo ascendeu a cargos altos. Contudo, em 1822 foi preso

por sua opinião sobre as reformas e fugiu para a França e a Inglaterra. Emigrou para os EUA e tornou-se cônsul desse país em Hamburgo e depois em Leipzig. Em 1843, fundou um jornal para divulgar sua visão de um "Sistema Nacional", cuja aliança aduaneira uniria toda a Alemanha. Saúde fraca e problemas financeiros atormentaram seus últimos anos, e ele se suicidou em 1846.

Veja também: Vantagem comparativa 80-85

JOSEPH BERTRAND

1822-1900

Filho de escritor de ciência popular francês, Joseph Bertrand mostrou aptidão pela matemática desde cedo. Em 1856, tornou-se professor na Escola Politécnica de Paris. Fez nome nos campos da teoria dos números e da probabilidade e se opôs à teoria dos oligopólios, de seu compatriota Antoine Augustin Cournot (p. 91), propondo em seu lugar um modelo alternativo de concorrência de preços.

Veja também: Efeitos da concorrência limitada 90-91

CARL MENGER

1840-1921

Um dos fundadores da Escola Austríaca de economistas, Carl Menger nasceu na Galícia, hoje na Polônia. Em *Princípios de economia política* (1871), ele delineou sua teoria da marginalidade (o valor dos produtos vem do valor de cada unidade adicional), que se tornou crucial para o pensamento da Escola Austríaca. Enquanto professor de economia da Universidade de Viena, ele escreveu *Método das ciências sociais*, que marcou a

cisão final da Escola Histórica Alemã, baseada nos ideais românticos do século XIX.

Veja também: Liberalismo econômico 172-77

LUJO BRENTANO

1844-1931

Nascido na Baviera, Alemanha, Lujo Brentano doutorou-se em direito e economia. Em 1868, fez uma viagem à Grã-Bretanha com o estatístico Ernst Engel (p. 125) para estudar o sindicalismo, e suas ideias foram influenciadas por essa experiência. Membro da Escola Histórica Alemã, Brentano ainda assim contestou muitas de suas teorias, defendendo reforma social, direitos humanos e responsabilidade do Estado pelo bem-estar público. Sua influência é mais evidente na formação das economias de mercado social.

Veja também: Economia social de mercado 222-23

EUGEN VON BÖHM-BAWERK

1851-1914

Membro fundador da Escola Austríaca de economistas, Eugen von Böhm-Bawerk nasceu em Brünn, Áustria (hoje na República Tcheca). Estudou direito na Universidade de Viena e teve carreira acadêmica e política de sucesso, sendo duas vezes ministro das Finanças nos anos 1890, quando pôs em prática suas ideias de orçamento frugal equilibrado. Suas críticas à economia marxista e às teorias de juros e capital tiveram grande influência, especialmente em seus alunos Joseph Schumpeter (p. 149) e Ludwig von Mises (p. 147).

Veja também: Planejamento central 142-47

FRIEDRICH VON WIESER

1851-1926

Friedrich von Wieser nasceu em Viena. Como seu cunhado Eugen von Böhm-Bawerk, ele estudou direito, mas o trocou por economia depois de ler a obra de Carl Menger. Trabalhou alguns anos como servidor público e em 1903 sucedeu a Menger como professor em Viena. Sua primeira grande contribuição foi na teoria do valor, influenciado por Léon Walras (p. 120) e Vilfredo Pareto (p. 131). Atribui-se a ele o termo "utilidade marginal" (satisfação obtida com cada unidade adicional). Depois, voltou-se para a aplicação da teoria econômica à sociologia, criando a importante teoria da economia social e a ideia de custo de oportunidade.

Veja também: Custo de oportunidade 133

THORSTEIN VEBLEN

1857-1929

Famoso como dissidente entre os economistas americanos, Thorstein Veblen era filho de imigrantes noruegueses que viviam num sítio em Minnesota. Seu ambiente incomum deu-lhe a visão de um estrangeiro da sociedade dos EUA, o que o fez rejeitar a sabedoria convencional de seus professores. Ele criou um enfoque institucional que aliou a sociologia e a economia. Em 1899, publicou *A teoria da classe ociosa*, que lançou a ideia do "consumo conspícuo" e criticou a ineficiência e a corrupção do sistema capitalista e sua classe empresarial "parasita".

Veja também: Consumo conspícuo 136

ARTHUR PIGOU

1877-1959

Nascido em Ryde, ilha de Wight, Arthur Pigou estudou história na Universidade de Cambridge, Reino Unido, onde se interessou por economia e conheceu Alfred Marshall (p. 110). Graduado, Pigou lecionou em Cambridge até o início da Primeira Guerra Mundial, na cadeira de economia política de Marshall desde 1908. É mais famoso pelo “imposto pigouviano”, criado para compensar externalidades (custos ou benefícios involuntários).

Veja também: Custos externos 137

NIKOLAI DMITRIYEVICH KONDRAPIEV

1892-1938

Criado perto de Kostroma, Rússia, e de família camponesa, Nikolai Kondratiev estudou economia na Universidade de São Petersburgo e trabalhou para o governo. Quando o czar Nicolau II foi deposto em 1917, Kondratiev era do Partido Socialista Revolucionário e tornou-se ministro de Abastecimento. Um mês depois, o governo provisório foi derrubado e Kondratiev voltou à vida acadêmica. Criou a teoria dos ciclos de 50 a 60 anos nas economias capitalistas, as ditas “ondas de Kondratiev”. Em 1930, suas ideias caíram em descrédito. Ele foi preso e executado oito anos depois.

Veja também: Crescimento e retração 78-79

RAGNAR FRISCH

1895-1973

Nascido em Christiania, Noruega, Ragnar Frisch foi pioneiro no uso da

matemática e da estatística na economia. Cunhou os termos econometria, microeconomia e macroeconomia. De início foi ourives, pois pretendia participar da empresa da família, mas estudou economia e matemática na França e na Inglaterra. Em 1932, fundou o Instituto de Economia de Oslo e em 1969 tornou-se o primeiro ganhador do Nobel de Ciências Econômicas com seu colega Jan Tinbergen.

Veja também: Testando teorias econômicas 170

PAUL ROSENSTEIN-RODAN

1902-1985

De família polonesa judaica na Cracóvia governada pela Áustria, Rosenstein-Rodan começou como membro da Escola Austríaca de economistas. Em 1930, fugiu do antissemitismo em sua pátria para Londres, onde lecionou na London School of Economics. Nos anos 1940, interessou-se por economia desenvolvimentista e propôs o que se chamaria de teoria do “grande impulso”. Após a Segunda Guerra Mundial, mudou-se para os EUA, trabalhou para o Banco Mundial e foi conselheiro dos governos da Índia, da Itália, do Chile e da Venezuela.

Veja também: Economia desenvolvimentista 188-93

JAN TINBERGEN

1903-1994

Coganhador do primeiro Nobel de Ciências Econômicas com Ragnar Frisch em 1969, o teórico holandês Jan Tinbergen primeiro estudou matemática e física e então passou a aplicar princípios científicos à teoria econômica. Assim, lançou as

fundações do novo campo da econometria. Foi professor universitário e consultor da Liga das Nações e do Departamento Central de Estatísticas holandes, onde, em 1936, elaborou um novo modelo macroeconômico nacional, adotado por outros governos.

Veja também: Testando teorias econômicas 170

RICHARD KAHN

1905-1989

Richard Ferdinand Kahn nasceu de pais alemães em Londres e graduou-se em física na Universidade de Cambridge, Reino Unido, antes de adotar a economia, obtendo diploma de primeira classe em um ano sob a coordenação de John Maynard Keynes (p. 161). Aos 25 anos fez nome com um artigo explicando o multiplicador, peça básica da economia keynesiana. Economista prático, aconselhou o governo britânico na Segunda Guerra Mundial até voltar para a Universidade de Cambridge, onde lecionou até se aposentar, em 1972.

Veja também: O multiplicador keynesiano 164-65

RAGNAR NURKSE

1907-1959

Nascido em Käru, Estônia (então no Império Russo), Ragnar Nurkse estudou direito e economia na Universidade de Tartu. Continuou os estudos na Escócia e em Viena. Em 1934, Nurkse passou a trabalhar como analista financeiro da Liga das Nações, o que influenciou seu interesse pela economia mundial e desenvolvimentista. Após a Segunda Guerra Mundial, mudou-se para os EUA e lecionou nas universidades de

Columbia e Princeton. Criou com Paul Rosenstein-Rodan (p. 336) o campo da economia desenvolvimentista e defendeu a teoria do “grande impulso”.
Veja também: Economia desenvolvimentista 188-93

JOHN KENNETH GALBRAITH 1908-2006

Nascido em Ontário, Canadá, John Kenneth Galbraith estudou economia em seu país e nos EUA. Lecionou na Universidade de Cambridge, Reino Unido, onde recebeu grande influência de John Maynard Keynes (p. 161). Na Segunda Guerra Mundial, foi subchefe da Agência de Supervisão de Preços do governo dos EUA, mas sua defesa do controle permanente de preços o fez demitir-se em 1943. Trabalhou como jornalista, acadêmico e consultor econômico do presidente John F. Kennedy e tornou-se autor popular em 1958 com o livro *A sociedade afluente*.
Veja também: Consumo conspicuo 136

GEORGE STIGLER 1911-1991

Bastante influenciado por Frank Knight (p. 163), seu coordenador de doutorado na Universidade de Chicago, EUA, George Stigler seria um membro destacado da Escola de Chicago de economistas, trabalhando com seu amigo e contemporâneo Milton Friedman (p. 199). Conhecido por sua pesquisa da história do pensamento econômico, também trabalhou com a teoria da escolha pública (análise do comportamento do governo) e foi um dos primeiros a investigar o campo da economia da informação.

Ganhou o Prêmio Nobel em 1982.
Veja também: Busca e ajuste 304-05

JAMES TOBIN 1918-2002

James Tobin nasceu em Illinois, EUA, e hoje tem fama pelo chamado “imposto Tobin”, que ele criou para desencorajar a especulação em transações cambiais. Tobin é mais conhecido dos economistas como defensor da economia keynesiana e por sua obra acadêmica sobre investimento e política fiscal. Cursou a Universidade Harvard, EUA, em 1935, onde conheceu John Maynard Keynes. Em 1950, passou a lecionar em Yale, onde ficou pelo resto da vida. Como consultor do governo Kennedy, ajudou a dar forma à política econômica americana nos anos 1960. Em 1981, ganhou o Prêmio Nobel.
Veja também: Depressões e desemprego 154-61 • O multiplicador keynesiano 164-65

ALFRED CHANDLER 1918-2007

Nascido em Guyencourt, EUA, Alfred Chandler formou-se na Universidade Harvard, EUA, em 1940. Depois de servir na Marinha na Segunda Guerra Mundial, escreveu sua tese de doutorado sobre estruturas de gestão, baseado em documentos deixados para ele por seu avô, o analista financeiro Henry Varnum Poor. A partir dos anos 1960, centrou-se em estratégia gerencial e organização de grandes empresas. Escreveu vários livros, e o de 1977, *The visible hand*, ganhou o Prêmio Pulitzer. O livro considera a ascensão de empresas de grande

escala como “segunda revolução industrial”.
Veja também: Economias de escala 132

ROBERT LUCAS 1937-

Um dos mais influentes economistas da Escola de Chicago, Robert Lucas é também um dos fundadores da macroeconomia neoclássica. Estudou na Universidade de Chicago, EUA, onde leciona desde 1974. Ele derrubou as ideias keynesianas e sua pesquisa sobre expectativas racionais (a ideia de que, se as pessoas tomam decisões racionais e abalizadas, seus atos podem alterar o curso pretendido de uma política do governo) influiu na política monetária dos anos 1980.
Veja também: Expectativas racionais 244-47

EUGENE FAMA 1939-

Ítalo-americano de terceira geração, Eugene Fama foi o primeiro de sua família a ir para a universidade. De início estudou francês, mas se fascinou por economia. Ganhou uma bolsa para estudar para o doutorado na Universidade de Chicago, onde leciona desde então. É mais famoso por criar a hipótese da eficiência do mercado, que diz que em qualquer mercado com muitos comerciantes bem informados o preço reflete toda a informação disponível. É também conhecido por demonstrar a correlação entre eficiência e equilíbrio de mercado.
Veja também: Mercados eficientes 272

KENNETH BINMORE

1940-

Acadêmico britânico, Kenneth Binmore é matemático, economista e teórico de jogos. Sua obra é pioneira por aliar a economia tradicional a técnicas matemáticas e ao uso de experimentos. Ele elaborou teorias de comportamento de pechincha e no campo da teoria evolutiva dos jogos.

Veja também: Concorrência e cooperação 273

PETER DIAMOND

1940-

O economista americano Peter Diamond formou-se em matemática na Universidade Yale, EUA, e depois estudou economia no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), onde lecionou na maior parte de sua carreira. Mais famoso pela pesquisa de seguro social, foi consultor em seguridade social do governo. Seu trabalho posterior sobre a teoria da busca e do ajuste no mercado de trabalho o fez dividir o Prêmio Nobel de 2010 com Mortensen e Christopher Pissarides (p. 339).

Veja também: Busca e ajuste 304-05

MICHAEL TODARO

1942-

O economista americano Michael Todaro formou-se na Faculdade Haverford, Pensilvânia, EUA, e passou um ano na África com seu mentor, professor Philip Bell, o que lhe deu uma paixão pela economia desenvolvimentista. Sua tese de doutorado de 1967 foi a base da teoria da migração nos países em

desenvolvimento e lançou o que seria conhecido por paradoxo de Todaro. Ele trabalhou para a Fundação Rockefeller na África e o Population Council de Nova York antes de assumir uma cátedra na Universidade de Nova York.

Veja também: Economia desenvolvimentista 188-93

ROBERT AXELROD

1943-

Economista americano e cientista político, Robert Axelrod lecionou na maior parte de sua carreira na Universidade de Michigan, onde entrou em 1974. É mais conhecido por sua contribuição para as teorias de cooperação e complexidade.

A investigação do “dilema do prisioneiro” em seu livro *A evolução da cooperação* (1984) mostrou que uma estratégia “olho por olho” pode gerar comportamento cooperativo em situações hostis e amistosas. Axelrod foi consultor da ONU, do Banco Mundial e do Departamento da Defesa dos EUA na promoção da cooperação entre os países.

Veja também: Concorrência e cooperação 273

MICHAEL SPENCE

1943-

Nascido em Nova Jersey, Michael Spence, cujo pai trabalhava em Ottawa na Segunda Guerra Mundial, foi criado no Canadá. Estudou filosofia na Universidade de Princeton, EUA, mas a trocou por economia em seu doutorado na Universidade Harvard. Lecionou na maior parte da carreira em Harvard e Stanford. Sua obra centra-se sobretudo na economia da informação (como a informação

influi na economia) e na ideia de “sinalizar” informação de maneira indireta (por exemplo, uma pessoa “sinalizar” sua capacidade para certo emprego com suas qualificações acadêmicas). Em 2001, ganhou o Prêmio Nobel com George Akerlof (p. 275) e Joseph Stiglitz por sua obra sobre informação assimétrica (desigual) nos mercados.

Veja também: Incerteza no mercado 274-75

JOSEPH STIGLITZ

1943-

Um dos mais influentes (e quase sempre polêmicos) economistas de sua geração, Joseph Stiglitz nasceu em Indiana, EUA, em família que, segundo ele, “gostava de debater questões políticas”. Foi professor de diversas universidades prestigiosas dos EUA e do Reino Unido, consultor dos presidentes americanos Clinton e Obama e economista-chefe do Banco Mundial. Fez nome nos anos 1970 por seu trabalho com economia da informação (como a informação influi na economia), pelo qual dividiu o Nobel de 2001. Nos anos 1990, criticou o consenso de Washington (p. 329), aplicado sobretudo a países em desenvolvimento.

Veja também: Incentivos e salários 302

ALICE AMSDEN

1943-2012

Tida como economista “destemida”, Alice Amsden concentrou-se em desenvolvimento e industrialização de economias emergentes. Formada na Universidade Cornell, EUA, estudou para seu doutorado na London School of Economics e depois trabalhou no Banco Mundial

e na Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), detendo também altos postos acadêmicos. Em 2009, foi designada para uma gestão de três anos na ONU. É lembrada sobretudo por sua contestação das ideias tradicionais da globalização, em livros como *A ascensão do "resto"* (2001).

Veja também: Os Tigres Asiáticos 282-87

ROBERT BARRO

1944-

O economista americano Robert Barro estudou física de início, mas a trocou por economia no doutorado. Estudou em muitas universidades dos EUA e é diretor honorário da Academia de Economia da China na Universidade Central de Pequim. Barro foi figura destacada na formação da macroeconomia neoclássica e passou a ser notado em 1974, com suas teorias sobre os efeitos do empréstimo atual e da tributação futura. Seu último trabalho enfocou a influência da cultura na economia política.

Veja também: Empréstimo e dívida 76-77

CHRISTOPHER PISSARIDES

1948-

Nascido na vila greco-cipriota de Agros, Christopher Pissarides formou-se em economia na Universidade de Essex, Reino Unido. Doutorou-se pela London School of Economics em 1973, da qual faz parte desde 1976. Sua contribuição mais significativa foi nos campos da teoria da busca e do ajuste no mercado de trabalho e do desemprego. Nos anos 1990,

elaborou um modelo de criação e liquidação de empregos com Dale Mortensen. Ambos, ao lado de Peter Diamond, ganharam o Nobel de 2010 por sua análise de mercados.

Veja também: Busca e ajuste 304-05

PAUL KRUGMAN

1953-

Ganhador do Prêmio Nobel em 2008 por sua análise de modelos de comércio, o economista americano Paul Krugman é conhecido por sua obra pioneira de comércio e finanças internacionais e pela análise de crises cambiais e de políticas fiscais. Lecionou em muitas universidades e trabalhou como consultor econômico do governo Reagan nos anos 1980, mas é considerado de tendência esquerdista. Nos anos 1990, desenvolveu um enfoque da análise do comércio internacional que é hoje tida como nova teoria comercial.

Veja também: Comércio e geografia 312

DANI RODRIK

1957-

Nascido em Istambul, Turquia, Dani Rodrik mudou-se para os EUA para se graduar. Hoje professor de economia política internacional na Universidade Harvard, centra-se nas áreas da economia internacional e desenvolvimentista. Foi consultor de organizações internacionais, entre elas o Centro de Pesquisas de Política Econômica, o Centro de Desenvolvimento Mundial e o Instituto de Economia Internacional.

Veja também: Integração de mercados 226-31 ■ Resistência a mudanças 328-29

HA-JOON CHANG

1963-

Nascido na Coreia do Sul, Ha-Joon Chang é destacado crítico da linha econômica dominante. Graduou-se pela Universidade Nacional de Seul e se mudou para o Reino Unido para se doutorar pela Universidade de Cambridge, onde prossegue sua pesquisa. Chang atuou como consultor de diversas agências da ONU, do Banco Mundial, do Banco de Desenvolvimento da Ásia e de agências nacionais e ONGs. Critica as políticas de desenvolvimento tradicionais do Banco Mundial e em seu livro *23 things they don't tell you about capitalism* (2010) ajudou a popularizar aspectos da economia alternativa.

Veja também: Os Tigres Asiáticos 282-87

RENAUD GAUCHER

1976-

Formado em psicologia, história, geografia, economia e também finanças, o pensador francês Renaud Gaucher procura integrar elementos das ciências sociais ao pensamento econômico para obter um enfoque mais holístico. Ele investiga a psicologia do dinheiro e a economia comportamental do ponto de vista da psicologia positiva (aquela que se concentra nos aspectos positivos do ser humano), com ênfase na "economia da felicidade", seguindo os passos da pesquisa de economistas como o americano Richard Easterlin e levando em conta seu lugar nas políticas de desenvolvimento e mudança climática.

Veja também: A economia da felicidade 216-19

Querido aluno,

Encerramos hoje o conteúdo previsto para o curso, e com isso a construção de mais um degrau de tantos que fazem parte de sua vida profissional, acadêmica e pessoal.

Foi um prazer para mim, como professor, conduzi-los durante esse semestre. Tanto neste momento como nos que estão por vir, saiba que poderá sempre contar comigo como professor, conselheiro e amigo, para quaisquer dúvidas ou necessidades que tenha.

Desejo que possa levar o conhecimento econômico adiante, lembrando sempre que teu sucesso profissional e pessoal é resultado direto de tua dedicação.

Um grande abraço,

Prof. Wilson.

“Dê-me 6 horas para cortar uma árvore e eu passarei as primeiras 4 horas afiando o machado”. Abraham Lincoln

“Um investimento em conhecimento sempre paga os melhores juros”. Benjamin Franklin